

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DAS ARTES - PPGCA

FAÇO FAXINA
bases contraontológicas para um começo de conversa
sobre uma experiência epidérmica imunda

MILLENA LÍZIA

EM DIÁSPORA

~~2016-2018~~
~~2015-2018~~
~~2013-2018~~
~~2010-2018~~
~~1986-2018~~
~~1888-2018~~
1500—
1492-

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DAS ARTES - PPGCA
Linha de Pesquisa: Estudos dos Processos Artísticos –EPA

FAÇO FAXINA
bases contraontológicas para um começo de conversa
sobre uma experiência epidérmica imunda

Proponente: Millena Lúzia
Orientador: Prof Dr Jorge Luiz Rocha Vasconcellos
Orientadora: Prof^a Dr^a Maria de Fátima Lima Santos

EM DIÁSPORA

~~2016-2018~~
~~2015-2018~~
~~2013-2018~~
~~2010-2018~~
~~1986-2018~~
~~1888-2018~~
1500—
1492-

MILLENA LÍZIA

FAÇO FAXINA
bases contraontológicas para um começo de conversa
sobre uma experiência epidérmica imunda

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra, ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense. Linha de Pesquisa: Estudos dos Processos Artísticos.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge Luiz Rocha Vasconcellos UFF/RJ (Orientador)

Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Lima Santos CEFET/RJ – UFRJ/RJ (Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Angela Aparecida Donini UNIRIO/RJ

Prof. Dr. Ricardo Roclaw Basbaum UERJ/RJ – UFF/RJ

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

P142f Paiva, Millena Lizia Martins Monteiro Coelho de
FAÇO FAXINA : bases contraontológicas para um começo de
conversa sobre uma experiência epidérmica imunda / Millena
Lizia Martins Monteiro Coelho de Paiva ; Jorge Luiz Rocha
Vasconcellos, orientador ; Maria de Fátima Lima Santos,
coorientador. Niterói, 2018.
408 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGCA.2018.m.12046056701>

1. Mulheres negras. 2. Experiência epidérmica. 3. Arte
contemporânea ancestral. 4. Experiência vivida. 5.
Produção intelectual. I. Vasconcellos, Jorge Luiz Rocha,
orientador. II. Lima Santos, Maria de Fátima, coorientador.
III. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. IV. Título.

CDD -

Para aquel_s que partilham das urgências da vida em cada gesto da existência, pois entendem bem de suas fragilidades e das potências que brotam daí. Dos maiores saberes. Das maiores riquezas. Das maiores aventuras. Das maiores responsabilidades. Dos maiores desafios. Coisa miúda. Todo um mundo.

LICENÇA/AGRADECIMENTO/BENÇA

Antes de agradecer é preciso pedir licença, pois essa história não é minha. É preciso pedir licença para as forças femininas. É preciso pedir licença para as ancestrais pra tocar essa história e pisar nesse terreno de tanta dor, mas também de tanta resistência e criatividade. E é preciso, igualmente, pedir licença pra toda uma história de luta das mulheres negras que se faz hoje. Essa história não é minha, mas me aciona, me revira, me põe em movimento, me atravessa, possibilita zonas de reconhecimentos, de reconexão, estabelece em mim minimamente um chão, uma pele com o mundo. Entre tantos afogamentos, essa história me permite tantos encontros profundos de afagamentos. Possibilita, então, que esse esboço de um eu, esse risco instintivo que se faz pela busca da integridade da vida, pese menos, se dilua e deixe se navegar mais. Faz com que essa gota encontre um mar – muito pouco tranquilo, vale dizer – mas há mar. E, talvez, eu peça licença já agradecendo às muitas realizadoras dessa história e pedindo bença. Assim sendo, Mojubá!

Não sei ao certo se é justo de minha parte assinar a capa dessa escrita sozinha, visto que ela convoca pra si um deslocar entre muitos saberes, que partem de tempos, territórios e de corpos diversos. Portanto, aquelas acusações falaciosas, que tentam nos desarticular, de um essencialismo nas discussões dissidentes não colam aqui mesmo. Até porque acredito na proposição lançada pela Patricia Hill Collins sobre como a organização de mulheres negras deve ser lida: como uma coletividade heterogênea. Talvez esse momento do agradecimento seja esse o de reconhecer, justamente, as redes coletivas e afetivas que nos formam e a impossibilidade de construir qualquer gesto sozinho nessa vida. Somos somas. Somos trocas. O desafio é desvincular as trocas das explorações.

Talvez temendo deixar passar alguns nomes que me foram importantes nessa caminhada peço licença, nesse momento, pra agradecer às redes coletivas e seus integrantes que acabaram por influenciar a composição desse trabalho (ao mesmo tempo que me compuseram): à Educação Pública e àquel_s, independente do papel desempenhado, comprometid_s pela transformação que esse campo possibilita; ao Afroresistências; ao Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul; ao Ayó – Encontro Negro de Contação de História; ao Centro Cultural Pequena África, essa grande casa;

às Rodas de Conversas Com Artistas Negrxs no CCPA; aos encontros no Corpo Pá; aos encontros no curso de Biopolítica-Necropolítica na UFRJ e dos Feminismos Negros no CEFET; aos encontros em Elekô e Fé... menina; ao Coletivo Mulheres de Pedra e parceiras; às Carimbeiras; à Gastación; aos encontros do laboratório Existência é Resistência;

À minha família que viveu tão intensamente essa pesquisa comigo.

Obrigada mãe, pai e irmão pelas parcerias e por todo amor.

Obrigada sobrinho por me encher de alegria.

Obrigada ti_s por me acolherem tantas vezes.

Obrigada vovós! <3 [Coração]

Obrigada Maria, Aline, Ana, Berenice, Bruno, Carolina, João, Eduardo, Lis, Juca, Thais, Gabrielle, Elô, Rafa, Paula, Cássia, Ingrid, Ingra, Vinícius, Sandra, Marcos, Dai, Ethel, Carol, Diana, Tatiana, Mariana, Verônica, Elmir, Renata, Nyimpini, Jandir, Lívia, Erika, Marielen, Samuel, Raquel, Andiará, Cláudio, Senzy, Giseli, Wagner, Ítala, Cristiane, Anani, Felipe, Ismael, Michelle, Ana, Vinícius, Henrique, Hulk, Isa, Roberta, Amanda, Ana, Simone, Pedro, Guilherme, Nathalia, Thiago, Dani, Flavia, Ricardo, Dora, Audre, Glória, Nina, Anita, Mariah, Conceição, Lyz, Lima, Paul, Renato, Creuza, Suzane, Rosana, Daniela, Carol, Carol, Lélia, Wilton, Stuart, Frantz, Fernando, Francisco, Arthur, Coco, Guillermo, Soujourner, Djamila, Grada, María, Patrícia, Édouard, Jéssica, Amina, Angela, Chico, Jota, Fred, Camila, Creuza, Suzane, Makota, Lucas, Beatriz, Erykah, John, Marielle, Daniela, Teresa, Dandara, Cidinha, Paula, Ângela, Aqualtune, Elza, Bruna, Raul, Beatriz, Ruth, Luisa, Lúcia, Zezé, Sueli, Marina, Pitter, Stella, Denise, Achille, Aimé, Carlos, Arthur, Max, Antônio, Sônia, Safira, Michelle, Tamir, Renata, Jurema, Joyce, Marcilene, Matheusa, Flavia, Cíntia, Giovana, Kelly, Juliana, Lorena, Tavia, Gabe, Priscila, Camila, Leila, Monique, Gabriela, Sérgio, Eleonora, Roberta, Erika, Luana, Claudia, Rosália, Liliana, Delma, Júlia e, dependendo, Você.

Ao Jorge Vasconcellos por imprimir camadas de desafios nessa caminhada.

À Fátima Lima pelo acolhimento e pelos encontros que possibilitaram os aprofundamentos nas discussões.

À Celina Rodrigues/Mãe Celina pelas muitas orientações, nesse trabalho inclusive, e por toda sabedoria transmitida com tanta intensidade.

Ao amor, ao companheirismo, à amizade.

À vida.

Essa dádiva.

Essa herança.

Os agradecimentos não se encerram aqui, mas se fazem ainda no desenrolar do corpo dessa escrita.

Aliás,

Essa dissertação é também um agradecimento.

SUMÁRIO

Capítulo 1 Sem título	
Impressão de um ex-texto digital por jatos de tinta preta sobre papel A4 branco. (Desvalide a frase anterior caso você esteja lendo a versão em PDF).....	10
Capítulo 1 Fundação	
1.1 Dos escritos que fundam essa escrita.....	13
1.1.1 PARÊNTESE (Demais textos que me pareceram valer a pena aproximar do discurso anterior)..	134
1.1.1.1 Dos escritos de faxina em outras grafias após um longo parêntese.....	151
1.1.1.1.1 Texto	
Corpo	
Tecido.....	152
1.1.1.1.1.1 Conjunto de registros fotográficos e videográficos.....	155
1.1.1.1.1.1.1 Conjunto de objetos em resina armazenando os registros-resíduos coletados nas faxinas em habitações (em projeto)	
Proporções fiéis à memória.....	157
1.1.1.1.1.1.1.1 “Um caminhando sem tesouras!”/ “Tenta pensar em desgeometrizando essas plantas”/ “<3”/(“Tenta pensar em desgeometrizando essas plantas”) “É um desafio”	
Proporções fiéis a quase ao avesso das memórias que tentei pensar.....	165
Capítulo 1 Agora podemos recomeçar	
1.1 Dos abjetivos da pesquisa.....	02
1.1.1 Dez de dezembro de dois mil e dezessete.....	05
1.1.1.1 Já nem lembro onde e quando começou	
Na estranha trama de nossas entranhas.....	08
Capítulo 1 Podemos recomeçar?	
Das escutas e escritas possíveis nesse período	
Fiquemos juntas.....	56
Capítulo 1 <i>Dá licença, ê... Dá licença.../Dá licença eu... Dá licença.../Às donas da casa, peço licença pra jogar.../Às donas da casa, peço licença pra jogar...</i>	
Capítulo 1 Tessitura <=> Textura	
Tecer, fazer tecido	
Fazer ter sido	
Ser sutura.....	80/81
Capítulo 1	
.....	237

Capítulo 1. Sem título.

Impressão de um ex-texto digital por jatos de tinta preta sobre papel A4 branco.

(Desvalide a frase anterior caso você esteja lendo a versão em PDF.)

Você acha que a leitura desse trabalho começou?
Essa leitura começa antes de você abrir essas páginas.

Caminha?

Mar-

ia

Caminho

X

~~E-U~~ caminho

~~M-u-n-d-O~~ moinho

Cor

pÓ

Moído .

Ruído .

Cas minas

Cais minhas

M a r e i a

1.1 Dos escritos que fundam essa escrita

FAÇO FAXINA

Este é um anúncio de faxina. Este anúncio é um programa estético. Este anúncio é uma pesquisa acadêmica. Este anúncio é um anúncio.

Durante o período de um ano, de agosto de 2016 até julho de 2017, me disponho a realizar uma série de 12 faxinas em 12 diferentes HABITAÇÕES, distribuídas numa sequência de uma faxina por mês. Não sou artista profissional.

Proponho limpar sua casa como limpo a minha. Tenho experiência no fazer, pois não faço uso do serviço de uma empregada doméstica, diarista, faxineira ou outra denominação semelhante. Não sou faxineira profissional.

Esse trabalho envolve um custo para a/o contratante, que terá como referência os valores de faxina praticados na região em que a/o mesma/o habita, assim como os custos de transporte da contratada. O contrato aqui implicado possui um caráter triplo: é ao mesmo tempo um documento de aquisição de uma proposta estética, de participação de uma pesquisa acadêmica e também de contratação de um serviço, o de faxina.

A agenda para o mês de agosto, para a faxina 1/12, está aberta. Peço gentilmente às/laos interessadas/os que preencham o formulário a seguir:
<https://docs.google.com/forms/d/10m1-Hr5AOnzowdhFCxte2exKuBWPt5bnCYPRlVp0XZ0/vi ewform>
(talvez a operação de copiar e colar o link será necessária)

Atenciosamente,
Millena LÍzia
faxineira-artista-pesquisadora.

 **Millena LÍzia**
1 de julho de 2016 · 🌐

FAÇO FAXINA!!!
(1/12)
Este é um anúncio de faxina. Este anúncio é um programa estético. Este anúncio é uma pesquisa acadêmica. Este anúncio é um anúncio. Durante o período de um ano, de agosto de 2016 até julho de 2017, me disponho a realizar uma série de 12 faxinas em 12 diferentes HABITAÇÕES, distribuídas numa sequência de uma faxina por mês. Não sou artista profissional. Proponho limpar sua cas... [Ver mais](#)

 Marcar foto  Adicionar local  Editar

 Curtir  Comentar  Compartilhar

  Aline Besouro, Beat Do Mato e outras 59 pessoas

30 compartilhamentos 4 comentários

 **Luisa Ritter** curiosa!  1

 Curtir · Responder · 1 a

  Millena LÍzia respondeu · 3 Respostas

 **Jaque Vasconcellos** Se vier a SP te quero!

 Curtir · Responder · 1 a

  Millena LÍzia respondeu · 1 resposta



SUAS PÁGINAS

-  Centro Cultural Pequeno
-  As Garimberas
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 

Ative o teste-pago para ver quem está disponível.

FAÇO FAXINA

Este é um anúncio de faxina. Este anúncio é um programa estético. Este anúncio é uma pesquisa acadêmica. Este anúncio é um anúncio.

Durante o período de um ano, de agosto de 2016 até julho de 2017, me disponho a realizar uma série de 12 faxinas em 12 diferentes HABITAÇÕES, distribuídas numa sequência de uma faxina por mês. Não sou artista profissional.

Proponho limpar sua casa como limpo a minha. Tenho experiência no fazer, pois não faço uso do serviço de uma empregada doméstica, diarista, faxineira ou outra denominação semelhante. Não sou faxineira profissional.

Esse trabalho envolve um custo para a/o contratante, que terá como referência os valores de faxina praticados na região em que a/o mesma/o habita, assim como os custos de transporte da contratada. O contrato aqui implicado possui um caráter triplo: é ao mesmo tempo um documento de aquisição de uma proposta estética, de participação de uma pesquisa acadêmica e também de contratação de um serviço, o de faxina.

A agenda para o mês de agosto, para a faxina 1/12, está aberta. Peço gentilmente às/aos interessadas/os que preencham o formulário a seguir:

<https://docs.google.com/forms/d/10m1-Hr5AOnzowdhFCxte2exKuBWP5bnCYPRIVPoXZo/vi_{ew}form>

(talvez a operação de copiar e colar o link será necessária)

Atenciosamente,

Millena Lízia
faxineira-artista-pesquisadora.

FAÇO FAXINA 1/12

Durante o período de um ano, de agosto de 2016 até julho de 2017, me disponho a realizar uma série de 12 faxinas em 12 diferentes HABITAÇÕES, distribuídas numa sequência de uma faxina por mês. Não sou artista profissional. Proponho limpar sua casa como limpo a minha. Tenho experiência no fazer, pois não faço uso do serviço de uma empregada doméstica, diarista, faxineira ou outra denominação semelhante. Não sou faxineira profissional. Esse trabalho envolve um custo para a/o contratante, que terá como referência os valores de faxina praticados na região em que a/o mesma/o habita, assim como os custos de transporte da contratada. O contrato aqui implicado possui um caráter triplo: é ao mesmo tempo um documento de aquisição de uma proposta estética, de participação de uma pesquisa acadêmica e também de contratação de um serviço, o de faxina.

Este formulário deve ser preenchido por aquelas/es interessadas/os em participar da seleção para o Faço Faxina 1/12, referente ao mês de Agosto de 2016.

Os tópicos a seguir foram inspirados, adaptados ou postos na íntegra de dicas em páginas da internet de como entrevistar uma empregada doméstica e/ou diarista.

Millena Lízia,
faxineira-artista-pesquisadora.

Para mais informações sobre a proponente consulte:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4230030E3>

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100000327459107>

millalizia@gmail.com

Nome:

Your answer

Endereço completo:

Your answer

Número de telefone, seu endereço de email e sua página do facebook:

Your answer

Como você se descreveria?

Your answer

Como você descreveria sua casa?

Your answer

Você divide a casa com mais alguém? Se sim, com quem?

Your answer

É casada/o? Se sim, há quanto tempo e o que faz o/a marido/esposa, ou seja, no que ele/ela trabalha?

Your answer

Quantos filhos você tem e com quem ficam enquanto você trabalha? Se eles ficarem doentes, quem os leva ao médico ou você fica em casa com eles?

Your answer

Você e sua família são religiosos? Se sim, que religião praticam?

Como concilia o trabalho com compromissos pessoais (seja para ir ao médico, dentista ou doença)? Como coordena esses eventos na sua agenda?

Your answer

Você já fez (ou faz) uso do serviço de uma faxineira, diarista ou empregada doméstica, independentemente de registro?

Your answer

Qual sua relação com os cuidados da sua casa e com as pessoas que cumprem essa tarefa?

Your answer

Você teria o contato de alguma faxineira, diarista ou empregada doméstica que pudesse me passar referências suas como patroa/patrão?

Your answer

Lembra de ser elogiada/elogiado por uma empregada doméstica por alguma coisa em especial? Poderia citar algum exemplo?

Your answer

Você possui boa aparência? E o restante de sua família?

Your answer

Já teve algum problema com a justiça de qualquer ordem? E algum familiar seu?

Your answer

Já moveu ação trabalhista contra alguma ex-funcionária? Em caso positivo, por qual motivo?

Your answer

Você fala alto?

Your answer

Que tipo de música você gosta?

Your answer

O que te motivou a se inscrever como patroa/ão-candidata/o dessa faxina?

Your answer

SUBMIT

Never submit passwords through Google Forms.

This content is neither created nor endorsed by Google. [Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)

Responses cannot be edited

FAÇO FAXINA 1/12

Durante o período de um ano, de agosto de 2016 até julho de 2017, me disponho a realizar uma série de 12 faxinas em 12 diferentes HABITAÇÕES, distribuídas numa sequência de uma faxina por mês. Não sou artista profissional. Proponho limpar sua casa como limpo a minha. Tenho experiência no fazer, pois não faço uso do serviço de uma empregada doméstica, diarista, faxineira ou outra denominação semelhante. Não sou faxineira profissional. Esse trabalho envolve um custo para a/o contratante, que terá como referência os valores de faxina praticados na região em que a/o mesma/o habita, assim como os custos de transporte da contratada. O contrato aqui implicado possui um caráter triplo: é ao mesmo tempo um documento de aquisição de uma proposta estética, de participação de uma pesquisa acadêmica e também de contratação de um serviço, o de faxina.

Este formulário deve ser preenchido por aquelas/es interessadas/os em participar da seleção para o Faço Faxina 1/12, referente ao mês de Agosto de 2016.

Os tópicos a seguir foram inspirados, adaptados ou postos na íntegra de dicas em páginas da internet de como entrevistar uma empregada doméstica e/ou diarista.

Millena Lízia,
faxineira-artista-pesquisadora.

Para mais informações sobre a proponente consulte:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4230030E3>
<https://www.facebook.com/profile.php?id=100000327459107>
millalizia@gmail.com

Nome:

A M R de F

Endereço completo:

Estimada Avenida 5000, 10000-000 Campo Grande - Rio.

Número de telefone, seu endereço de email e sua página do facebook:

21 97212 3004 | anamaria@igmail.com | <https://www.facebook.com/anamaria01/>

Como você se descreveria?

Sou uma mulher de tipo bem comum: branca, de estatura baixa, nem magra nem gorda. Tem dias e noites que me acho bonita. Sou mãe do tipo S: solteira, sozinha e solo. Sou muito amorosa com crianças, jovens e mulheres, e pouco paciente com homens. Não sou muito "família" e me dou bem com todes da minhas duas famílias de sangue. Sou leal. Feminista, latinoamericanista, comunista, criada no cristianismo à brasileira, recentemente convertida.

Como você descreveria sua casa?

Minha casa é um refúgio. Melhor lugar do mundo. Na verdade, moro num apartamento de dois quartos, simples, com varanda, à beira do rio Cabuçu. Algumas paredes da sala foram pintadas de verde, a meu pedido. Tem apenas um banheiro. Uma copa cozinha que eu amo. Fiação elétrica merecendo uma manutenção.

Você divide a casa com mais alguém? Se sim, com quem?

No momento, não. Meu filho tem um quarto aqui, mas vem pouco.

É casada/o? Se sim, há quanto tempo e o que faz o/a marido/esposa, ou seja, no que ele/ela trabalha?

Sou solteira.

Quantos filhos você tem e com quem ficam enquanto você trabalha? Se eles ficarem doentes, quem os leva ao médico ou você fica em casa com eles?

Meu filho tem 19 anos e mora em Paraty, Rio.

Você e sua família são religiosos? Se sim, que religião praticam?

Minha família é cristã à brasileira, predominantemente católica, hoje. Recentemente me converti ao candomblé jeje.

Como concilia o trabalho com compromissos pessoais (seja para ir ao médico, dentista ou doença)? Como coordena esses eventos na sua agenda?

Minha agenda é caótica, sigo as transições lunares.

Você já fez (ou faz) uso do serviço de uma faxineira, diarista ou empregada doméstica, independentemente de registro?

Moro aqui a um ano e meio. Fiz uso uma só vez. Mundinha, veio quebrar um galho pq não era diarista, profissionalmente.

Qual sua relação com os cuidados da sua casa e com as pessoas que cumprem essa tarefa?

Eu adoro cuidar da casa. No momento, e, na maior parte da vida, eu fiz praticamente tudo sozinha. Inclusive quando estive casada.

Você teria o contato de alguma faxineira, diarista ou empregada doméstica que pudesse me passar referências suas como patroa/patrão?

Se eu achar o telefone da Mundinha (Raimunda) no caos que é minha agenda, posso até passar, noutro momento.

Lembra de ser elogiada/elogiado por uma empregada doméstica por alguma coisa em especial? Poderia citar algum exemplo?

Elas geralmente me acham gentil só pelo fato de eu cozinhar pra quem trabalha na minha casa e também por não as tratar mal.

Você possui boa aparência? E o restante de sua família?

Sim, tenho uma aparência agradável para os padrões sociais vigentes e minha família, também os tem.

Já teve algum problema com a justiça de qualquer ordem? E algum familiar seu?

Não.

Já moveu ação trabalhista contra alguma ex-funcionária? Em caso positivo, por qual motivo?

Não.

Você fala alto?

Quando brigo.

Que tipo de música você gosta?

Cancioneiro popular, ponto de macumba, samba, forró, reggae, música negra de todas as partes do mundo.

O que te motivou a se inscrever como patroa/ão-candidata/o dessa faxina?

Sua proposta provocou sentimentos muito confusos. Também porque minhas janelas estão imundas e eu não as limparei sozinha.

Submitted 7/1/16, 12:59 PM

Responses cannot be edited

FAÇO FAXINA 1/12

Durante o período de um ano, de agosto de 2016 até julho de 2017, me disponho a realizar uma série de 12 faxinas em 12 diferentes HABITAÇÕES, distribuídas numa sequência de uma faxina por mês. Não sou artista profissional. Proponho limpar sua casa como limpo a minha. Tenho experiência no fazer, pois não faço uso do serviço de uma empregada doméstica, diarista, faxineira ou outra denominação semelhante. Não sou faxineira profissional. Esse trabalho envolve um custo para a/o contratante, que terá como referência os valores de faxina praticados na região em que a/o mesma/o habita, assim como os custos de transporte da contratada. O contrato aqui implicado possui um caráter triplo: é ao mesmo tempo um documento de aquisição de uma proposta estética, de participação de uma pesquisa acadêmica e também de contratação de um serviço, o de faxina.

Este formulário deve ser preenchido por aquelas/es interessadas/os em participar da seleção para o Faço Faxina 1/12, referente ao mês de Agosto de 2016.

Os tópicos a seguir foram inspirados, adaptados ou postos na íntegra de dicas em páginas da internet de como entrevistar uma empregada doméstica e/ou diarista.

Millena Lízia,
faxineira-artista-pesquisadora.

Para mais informações sobre a propositora consulte:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4230030E3>
<https://www.facebook.com/profile.php?id=100000327459107>
millalizia@gmail.com

Nome:

B..... X.....

Endereço completo:

Rua Conselheiro Narves 182 # 701 Copacabana 20091-0701

Número de telefone, seu endereço de email e sua página do facebook:

.....

Como você se descreveria?

simpática, alegre, boa amiga

Como você descreveria sua casa?

simples, alegre, perto da pedra, passarinhos vêm até a janela e cantam, sala, 3 quartos, 3 banheiros, cozinha, área de serviço.

Você divide a casa com mais alguém? Se sim, com quem?

Sim. Meu marido, que estará viajando em agosto.

É casada/o? Se sim, há quanto tempo e o que faz o/a marido/esposa, ou seja, no que ele/ela trabalha?

Junto com fé, casado é, né? Há 30 anos. Ambos aposentados, trabalhamos um pouco em casa.

Quantos filhos você tem e com quem ficam enquanto você trabalha? Se eles ficarem doentes, quem os leva ao médico ou você fica em casa com eles?

Não temos filhos.

Você e sua família são religiosos? Se sim, que religião praticam?

De formação católica, prática mínima e rara.

Como concilia o trabalho com compromissos pessoais (seja para ir ao médico, dentista ou doença)? Como coordena esses eventos na sua agenda?

Minha agenda é flexível, bem organizada e de fácil coordenação.

Você já fez (ou faz) uso do serviço de uma faxineira, diarista ou empregada doméstica, independentemente de registro?

Duas vezes por semana uso o serviço de antiga diarista. Sem registro, que a ela nem a mim interessa.

Qual sua relação com os cuidados da sua casa e com as pessoas que cumprem essa tarefa?

Delego quase tudo e supervisiono. Ajudo se necessário. Há mútua confiança, parceria, amizade, respeito também nos assuntos pessoais e familiares.

Você teria o contato de alguma faxineira, diarista ou empregada doméstica que pudesse me passar referências suas como patroa/patrão?

Sim. Mas, preciso pedir permissão a ela, Sônia.

Lembra de ser elogiada/elogiado por uma empregada doméstica por alguma coisa em especial? Poderia citar algum exemplo?

As pessoas que têm me prestado serviços domésticos ao longo da vida são poucas, permanecem por longos anos nossos vínculos de trabalho e de amizade. Trocamos elogios pela construção mútua de laços com calma, alegria, solidariedade. Pela beleza, elegância... Sem falsa modéstia.

Você possui boa aparência? E o restante de sua família?

Sim. Também.

Já teve algum problema com a justiça de qualquer ordem? E algum familiar seu?

Nunca. Nem eu, nem meu marido. Nem qualquer familiar, até onde eu saiba.

Já moveu ação trabalhista contra alguma ex-funcionária? Em caso positivo, por qual motivo?

Nunca.

Você fala alto?

Talvez às vezes.

Que tipo de música você gosta?

Vários. Em geral, popular, folclórica, clássica. Do Brasil e de outros países.

O que te motivou a se inscrever como patroa/ão-candidata/o dessa faxina?

A proponente, a proposta, a pesquisa, a performance

Submitted 7/1/16, 5:44 PM

Número de telefone, seu endereço de email e sua página do facebook:

.....

Como você se descreveria?

gosta de organização mas nem sempre dá conta

Como você descreveria sua casa?

pequena

Você divide a casa com mais alguém? Se sim, com quem?

não

É casada/o? Se sim, há quanto tempo e o que faz o/a marido/esposa, ou seja, no que ele/ela trabalha?

não

Quantos filhos você tem e com quem ficam enquanto você trabalha? Se eles ficarem doentes, quem os leva ao médico ou você fica em casa com eles?

não

Você e sua família são religiosos? Se sim, que religião praticam?

não

Como concilia o trabalho com compromissos pessoais (seja para ir ao médico, dentista ou doença)? Como coordena esses eventos na sua agenda?

geralmente, consigo conciliar

Você já fez (ou faz) uso do serviço de uma faxineira, diarista ou empregada doméstica, independentemente de registro?

nesta residência atual, não

Qual sua relação com os cuidados da sua casa e com as pessoas que cumprem essa tarefa?

eu mesma cuido e quando consigo deixar tudo limpo e organizado estimo e me orgulho do trabalho

Você teria o contato de alguma faxineira, diarista ou empregada doméstica que pudesse me passar referências suas como patroa/patrão?

sim

Lembra de ser elogiada/elogiado por uma empregada doméstica por alguma coisa em especial? Poderia citar algum exemplo?

sim, me comunico bem e respeito o trabalhador

Você possui boa aparência? E o restante de sua família?

sim

Já teve algum problema com a justiça de qualquer ordem? E algum familiar seu?

não

Já moveu ação trabalhista contra alguma ex-funcionária? Em caso positivo, por qual motivo?

não

Você fala alto?

não

Que tipo de música você gosta?

rock, jazz, clássico...

O que te motivou a se inscrever como patroa/ão-candidata/o dessa faxina?

primeiramente achei curiosos, mas caso ajude alguém também me ajudaria

Submitted 7/2/16, 11:05 AM

Responses cannot be edited

FAÇO FAXINA 1/12

Durante o período de um ano, de agosto de 2016 até julho de 2017, me disponho a realizar uma série de 12 faxinas em 12 diferentes HABITAÇÕES, distribuídas numa sequência de uma faxina por mês. Não sou artista profissional. Proponho limpar sua casa como limpo a minha. Tenho experiência no fazer, pois não faço uso do serviço de uma empregada doméstica, diarista, faxineira ou outra denominação semelhante. Não sou faxineira profissional. Esse trabalho envolve um custo para a/o contratante, que terá como referência os valores de faxina praticados na região em que a/o mesma/o habita, assim como os custos de transporte da contratada. O contrato aqui implicado possui um caráter triplo: é ao mesmo tempo um documento de aquisição de uma proposta estética, de participação de uma pesquisa acadêmica e também de contratação de um serviço, o de faxina.

Este formulário deve ser preenchido por aquelas/es interessadas/os em participar da seleção para o Faço Faxina 1/12, referente ao mês de Agosto de 2016.

Os tópicos a seguir foram inspirados, adaptados ou postos na íntegra de dicas em páginas da internet de como entrevistar uma empregada doméstica e/ou diarista.

Millena Lízia,
faxineira-artista-pesquisadora.

Para mais informações sobre a proponente consulte:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4230030E3>
<https://www.facebook.com/profile.php?id=100000327459107>
millalizia@gmail.com

Nome:

B

Endereço completo:

Rua ... - Méier - RJ/RJ

Número de telefone, seu endereço de email e sua página do facebook:

.....

Como você se descreveria?

Gentil e ocupado.

Como você descreveria sua casa?

Uma casa feliz, mas que funciona. Precisa ser constantemente organizada pois tenho 4 cachorros brincalhões e 2 gatos.

Você divide a casa com mais alguém? Se sim, com quem?

Sim, Gustavo. E mais os 4 cachorros e 2 gatos

É casada/o? Se sim, há quanto tempo e o que faz o/a marido/esposa, ou seja, no que ele/ela trabalha?

Sim. 7 anos em Agosto. Professor de Inglês.

Quantos filhos você tem e com quem ficam enquanto você trabalha? Se eles ficarem doentes, quem os leva ao médico ou você fica em casa com eles?

Não temos filhos.

Você e sua família são religiosos? Se sim, que religião praticam?

Não.

Como concilia o trabalho com compromissos pessoais (seja para ir ao médico, dentista ou doença)? Como coordena esses eventos na sua agenda?

Eu trabalho muitas horas por dia, portanto para ir ao médico, dentista eu preciso me ausentar do serviço.


Você já fez (ou faz) uso do serviço de uma faxineira, diarista ou empregada doméstica, independentemente de registro?

Sim.

Qual sua relação com os cuidados da sua casa e com as pessoas que cumprem essa tarefa?

Uma relação de respeito mútuo.

Você teria o contato de alguma faxineira, diarista ou empregada doméstica que pudesse me passar referências suas como patroa/patrão?

1-Laudi (ATUAL) -  Ester (ANTERIOR)-
<https://www.facebook.com/ester.1111111111>

Lembra de ser elogiada/elogiado por uma empregada doméstica por alguma coisa em especial? Poderia citar algum exemplo?

Sim. Quem trabalha comigo diz que eu não exploro (???) Isso se dá porque quando a pessoa vem para arrumar a minha casa, ela só vem para esse propósito, e não para passar roupa ou fazer comida. Ou uma coisa, ou outra. E falam que eu opino pouco e as deixo trabalhar.

Você possui boa aparência? E o restante de sua família?

Creio que sim.

Já teve algum problema com a justiça de qualquer ordem? E algum familiar seu?

Não.

Já moveu ação trabalhista contra alguma ex-funcionária? Em caso positivo, por qual motivo?

Não.

Você fala alto?

Não.

Que tipo de música você gosta?

Rock, MPB

O que te motivou a se inscrever como patroa/ão-candidata/o dessa faxina?

Gosto de trabalhos que o artista entra no universo do outro, seja por identificação, seja por tentativa de identificação.

Submitted 7/3/16, 11:08 AM

Responses cannot be edited

FAÇO FAXINA 1/12

Durante o período de um ano, de agosto de 2016 até julho de 2017, me disponho a realizar uma série de 12 faxinas em 12 diferentes HABITAÇÕES, distribuídas numa sequência de uma faxina por mês. Não sou artista profissional. Proponho limpar sua casa como limpo a minha. Tenho experiência no fazer, pois não faço uso do serviço de uma empregada doméstica, diarista, faxineira ou outra denominação semelhante. Não sou faxineira profissional. Esse trabalho envolve um custo para a/o contratante, que terá como referência os valores de faxina praticados na região em que a/o mesma/o habita, assim como os custos de transporte da contratada. O contrato aqui implicado possui um caráter triplo: é ao mesmo tempo um documento de aquisição de uma proposta estética, de participação de uma pesquisa acadêmica e também de contratação de um serviço, o de faxina.

Este formulário deve ser preenchido por aquelas/es interessadas/os em participar da seleção para o Faço Faxina 1/12, referente ao mês de Agosto de 2016.

Os tópicos a seguir foram inspirados, adaptados ou postos na íntegra de dicas em páginas da internet de como entrevistar uma empregada doméstica e/ou diarista.

Millena Lízia,
faxineira-artista-pesquisadora.

Para mais informações sobre a propositora consulte:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4230030E3>
<https://www.facebook.com/profile.php?id=100000327459107>
millalizia@gmail.com

Nome:

C..... de P.....

Endereço completo:

..... Catumbi (ponto referencia: prezunicda rua itapiru)

Número de telefone, seu endereço de email e sua página do facebook:

.....@gmail.com (msm endereço face)

Como você se descreveria?

Cuidadora, multipolar, questionadora, resistência, com dores físicas crônicas.

Como você descreveria sua casa?

um lugar de encontro, com seus discos, livros, rede, antiguidades. pequenina e aconchegante. dois quartos sala cozinha. lá fora, area e banheiro. plantinhas. Vista pro morro com seu mato. meu templo.

Você divide a casa com mais alguém? Se sim, com quem?

sim, com uma amiga

É casada/o? Se sim, há quanto tempo e o que faz o/a marido/esposa, ou seja, no que ele/ela trabalha?

nao

Quantos filhos você tem e com quem ficam enquanto você trabalha? Se eles ficarem doentes, quem os leva ao médico ou você fica em casa com eles?

tenho uma filha que nao vive comigo.

Você e sua família são religiosos? Se sim, que religião praticam?

tenho minha fé, em construção. muito ligada a natureza.

Como concilia o trabalho com compromissos pessoais (seja para ir ao médico, dentista ou doença)? Como coordena esses eventos na sua agenda?

meu trabalho é freelancer, consigo organizar bem com os compromissos.

Você já fez (ou faz) uso do serviço de uma faxineira, diarista ou empregada doméstica, independentemente de registro?

nao

Qual sua relação com os cuidados da sua casa e com as pessoas que cumprem essa tarefa?

Tenho uma relação de amor e ódio com serviços domésticos.

Você teria o contato de alguma faxineira, diarista ou empregada doméstica que pudesse me passar referências suas como patroa/patrão?

nao tenho diarista

Lembra de ser elogiada/elogiado por uma empregada doméstica por alguma coisa em especial? Poderia citar algum exemplo?

nao tenho empregada

Você possui boa aparência? E o restante de sua família?

???

Já teve algum problema com a justiça de qualquer ordem? E algum familiar seu?

sim

Já moveu ação trabalhista contra alguma ex-funcionária? Em caso positivo, por qual motivo?

nao

Você fala alto?

nao

Que tipo de música você gosta?

brasilidades, trip hop, post rock, latinidades, africanidades, bjork, ney matogrosso, ao infinito e além

O que te motivou a se inscrever como patroa/ão-candidata/o dessa faxina?

Fiquei instigada pela proposta, me tomou e fiquei com desejo de partilhar dessa construção.

Submitted 7/4/16, 4:02 PM

Responses cannot be edited

FAÇO FAXINA 2/12

Durante o período de um ano, de agosto de 2016 até julho de 2017, me disponho a realizar uma série de 12 faxinas em 12 diferentes HABITAÇÕES, distribuídas numa sequência de uma faxina por mês. Não sou artista profissional. Proponho limpar sua casa como limpo a minha. Tenho experiência no fazer, pois não faço uso do serviço de uma empregada doméstica, diarista, faxineira ou outra denominação semelhante. Não sou faxineira profissional. Esse trabalho envolve um custo para a/o contratante, que terá como referência os valores de faxina praticados na região em que a/o mesma/o habita, assim como os custos de transporte da contratada. O contrato aqui implicado possui um caráter triplo: é ao mesmo tempo um documento de aquisição de uma proposta estética, de participação de uma pesquisa acadêmica e também de contratação de um serviço, o de faxina.

Este formulário deve ser preenchido por aquelas/es interessadas/os em participar da seleção para o Faço Faxina 2/12, referente ao mês de Setembro de 2016.

Os tópicos a seguir foram inspirados, adaptados ou postos na íntegra de dicas em páginas da internet de como entrevistar uma empregada doméstica e/ou diarista.

Millena Lízia,
faxineira-artista-pesquisadora.

Para mais informações sobre a proponente consulte:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4230030E3>

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100000327459107>

millalizia@gmail.com

Nome:

J P M

Endereço completo:

Rua General Ribeiro da Costa

Número de telefone, seu endereço de email e sua página do facebook:

011-3333-3333, XXXXXXXXXXXX@gmail.com, XXXXXXXXXXXX

Como você se descreveria?

Um guri querido e inteligente

Como você descreveria sua casa?

Pequena, bonita e bem cuidada

Você divide a casa com mais alguém? Se sim, com quem?

Com um gato chamado Bernardo, mas agora ele está passando férias na casa da tia Alice

É casada/o? Se sim, há quanto tempo e o que faz o/a marido/esposa, ou seja, no que ele/ela trabalha?

Meu namorado é neurologista, mas não moramos juntos

Quantos filhos você tem e com quem ficam enquanto você trabalha? Se eles ficarem doentes, quem os leva ao médico ou você fica em casa com eles?

Não tenho filhos

Você e sua família são religiosos? Se sim, que religião praticam?

Não somos religiosos, nem eu nem Bernardo.

Como concilia o trabalho com compromissos pessoais (seja para ir ao médico, dentista ou doença)? Como coordena esses eventos na sua agenda?

Meu trabalho tem horários que mudam de acordo com o projeto

Você já fez (ou faz) uso do serviço de uma faxineira, diarista ou empregada doméstica, independentemente de registro?

Sim

Qual sua relação com os cuidados da sua casa e com as pessoas que cumprem essa tarefa?

Me considero bastante asseado. Gosto muito de ter a casa arrumada e limpa.

Você teria o contato de alguma faxineira, diarista ou empregada doméstica que pudesse me passar referências suas como patroa/patrão?

Sim! Silvânia

Lembra de ser elogiada/elogiado por uma empregada doméstica por alguma coisa em especial? Poderia citar algum exemplo?

.....

Você possui boa aparência? E o restante de sua família?

Acho que sim

.....

Já teve algum problema com a justiça de qualquer ordem? E algum familiar seu?

Não

.....

Já moveu ação trabalhista contra alguma ex-funcionária? Em caso positivo, por qual motivo?

Não

.....

Você fala alto?

Posso falar alto e baixo

.....

Que tipo de música você gosta?

Jazz e samba

.....

O que te motivou a se inscrever como patroa/ão-candidata/o dessa faxina?

Fiquei curioso pelo fato de ser um trabalho artístico e por ser indicado por amigos que admiram

Submitted 8/3/16, 11:39 PM

Responses cannot be edited

FAÇO FAXINA 5/12

Durante o período de um ano, de agosto de 2016 até julho de 2017, me disponho a realizar uma série de 12 faxinas em 12 diferentes HABITAÇÕES, distribuídas numa sequência de uma faxina por mês. Não sou artista profissional. Proponho limpar sua casa como limpo a minha. Tenho experiência no fazer, pois não faço uso do serviço de uma empregada doméstica, diarista, faxineira ou outra denominação semelhante. Não sou faxineira profissional. Esse trabalho envolve um custo para a/o contratante, que terá como referência os valores de faxina praticados na região em que a/o mesma/o habita, assim como os custos de transporte da contratada. O contrato aqui implicado possui um caráter triplo: é ao mesmo tempo um documento de aquisição de uma proposta estética, de participação de uma pesquisa acadêmica e também de contratação de um serviço, o de faxina.

Este formulário deve ser preenchido por aquelas/es interessadas/os em participar da seleção para o Faço Faxina 5/12, referente ao mês de Dezembro de 2016.

Os tópicos a seguir foram inspirados, adaptados ou postos na íntegra de dicas em páginas da internet de como entrevistar uma empregada doméstica e/ou diarista.

Millena Lízia,
faxineira-artista-pesquisadora.

Para mais informações sobre a proponente consulte:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4230030E3>

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100000327459107>

millalizia@gmail.com

Nome:

E B

Endereço completo:

..... Riachuelo - RJ

Número de telefone, seu endereço de email e sua página do facebook:

.....@gmail.com

Como você se descreveria?

branco, homem , hétero, privilegiado

Como você descreveria sua casa?

grande

Você divide a casa com mais alguém? Se sim, com quem?

sim, atualmente com Lis, bebê Juca. e amigo Robson

É casada/o? Se sim, há quanto tempo e o que faz o/a marido/esposa, ou seja, no que ele/ela trabalha?

sim, 3 anos, tatuadora

Quantos filhos você tem e com quem ficam enquanto você trabalha? Se eles ficarem doentes, quem os leva ao médico ou você fica em casa com eles?

1, eu e lis revezamos nos cuidados com juca.

Você e sua família são religiosos? Se sim, que religião praticam?

não, ateus praticantes

Como concilia o trabalho com compromissos pessoais (seja para ir ao médico, dentista ou doença)? Como coordena esses eventos na sua agenda?

combinando com minha companheira

Você já fez (ou faz) uso do serviço de uma faxineira, diarista ou empregada doméstica, independentemente de registro?

sim

Qual sua relação com os cuidados da sua casa e com as pessoas que cumprem essa tarefa?

quando morava com meus pais tivemos a mesma empregada desde que eu tinha 1 ano. a Néia. e criamos uma relação de mãe e filho.

Você teria o contato de alguma faxineira, diarista ou empregada doméstica que pudesse me passar referências suas como patroa/patrão?

Néia.

Lembra de ser elogiada/elogiado por uma empregada doméstica por alguma coisa em especial? Poderia citar algum exemplo?

não

Você possui boa aparência? E o restante de sua família?

pra mim sim, pra minha mãe não.

Já teve algum problema com a justiça de qualquer ordem? E algum familiar seu?

não.

Já moveu ação trabalhista contra alguma ex-funcionária? Em caso positivo, por qual motivo?

não.

Você fala alto?

não

Que tipo de música você gosta?

rap, rocknroll, reggae, psicodelia, hardcore, ragga

O que te motivou a se inscrever como patroa/ão-candidata/o dessa faxina?

necessidade, vontade.

Submitted 12/7/16, 11:55 AM

Responses cannot be edited

FAÇO FAXINA 7/12

Durante o período de um ano, de agosto de 2016 até julho de 2017, me disponho a realizar uma série de 12 faxinas em 12 diferentes HABITAÇÕES, distribuídas numa sequência de uma faxina por mês. Não sou artista profissional. Proponho limpar sua casa como limpo a minha. Tenho experiência no fazer, pois não faço uso do serviço de uma empregada doméstica, diarista, faxineira ou outra denominação semelhante. Não sou faxineira profissional. Esse trabalho envolve um custo para a/o contratante, que terá como referência os valores de faxina praticados na região em que a/o mesma/o habita, assim como os custos de transporte da contratada. O contrato aqui implicado possui um caráter triplo: é ao mesmo tempo um documento de aquisição de uma proposta estética, de participação de uma pesquisa acadêmica e também de contratação de um serviço, o de faxina.

Este formulário deve ser preenchido por aquelas/es interessadas/os em participar da seleção para o Faço Faxina 7/12, referente ao mês de Fevereiro de 2017.

Os tópicos a seguir foram inspirados, adaptados ou postos na íntegra de dicas em páginas da internet de como entrevistar uma empregada doméstica e/ou diarista.

Millena Lízia,
faxineira-artista-pesquisadora.

Para mais informações sobre a proponente consulte:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4230030E3>

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100000327459107>

millalizia@gmail.com

Nome:

T R P

Endereço completo:

Rua Candido Mendes

Número de telefone, seu endereço de email e sua página do facebook:

XXXXXXXXXXXX@gmail.com. XXXXXXXXXX

Como você se descreveria?

Sonhadora, inquieta e criativa

Como você descreveria sua casa?

Aconchegante, Acolhedora e Ancestral

Você divide a casa com mais alguém? Se sim, com quem?

não

É casada/o? Se sim, há quanto tempo e o que faz o/a marido/esposa, ou seja, no que ele/ela trabalha?

não

Quantos filhos você tem e com quem ficam enquanto você trabalha? Se eles ficarem doentes, quem os leva ao médico ou você fica em casa com eles?

não tenho filhos

Você e sua família são religiosos? Se sim, que religião praticam?

sim, meu pai. umbanda

Como concilia o trabalho com compromissos pessoais (seja para ir ao médico, dentista ou doença)? Como coordena esses eventos na sua agenda?

Trabalho em horários flexíveis

Você já fez (ou faz) uso do serviço de uma faxineira, diarista ou empregada doméstica, independentemente de registro?

sim

Qual sua relação com os cuidados da sua casa e com as pessoas que cumprem essa tarefa?

Atualmente eu quem cuido da casa

Você teria o contato de alguma faxineira, diarista ou empregada doméstica que pudesse me passar referências suas como patroa/patrão?

não sou patroa

Lembra de ser elogiada/elogiado por uma empregada doméstica por alguma coisa em especial? Poderia citar algum exemplo?

Você possui boa aparência? E o restante de sua família?

acredito que sim

Já teve algum problema com a justiça de qualquer ordem? E algum familiar seu?

não

Já moveu ação trabalhista contra alguma ex-funcionária? Em caso positivo, por qual motivo?

não

Você fala alto?

não

Que tipo de música você gosta?

sou eclética

O que te motivou a se inscrever como patroa/ão-candidata/o dessa faxina?

A ética estética da faxina

Submitted 2/23/17, 10:32 PM

Responses cannot be edited

FAÇO FAXINA 9/12

Durante o período de um ano, de agosto de 2016 até julho de 2017, me disponho a realizar uma série de 12 faxinas em 12 diferentes HABITAÇÕES, distribuídas numa sequência de uma faxina por mês. Não sou artista profissional. Proponho limpar sua casa como limpo a minha. Tenho experiência no fazer, pois não faço uso do serviço de uma empregada doméstica, diarista, faxineira ou outra denominação semelhante. Não sou faxineira profissional. Esse trabalho envolve um custo para a/o contratante, que terá como referência os valores de faxina praticados na região em que a/o mesma/o habita, assim como os custos de transporte da contratada. O contrato aqui implicado possui um caráter triplo: é ao mesmo tempo um documento de aquisição de uma proposta estética, de participação de uma pesquisa acadêmica e também de contratação de um serviço, o de faxina.

Este formulário deve ser preenchido por aquelas/es interessadas/os em participar da seleção para o Faço Faxina 9/12, referente ao mês de Abril de 2017.

Os tópicos a seguir foram inspirados, adaptados ou postos na íntegra de dicas em páginas da internet de como entrevistar uma empregada doméstica e/ou diarista.

Millena Lízia,
faxineira-artista-pesquisadora.

Para mais informações sobre a proponente consulte:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4230030E3>

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100000327459107>

millalizia@gmail.com

Nome:

L: _____ T: _____

Endereço completo:

_____- Santa Teresa

Número de telefone, seu endereço de email e sua página do facebook:

#####@gmail.com

Como você se descreveria?

sou uma mulher de 35 anos, mae de um guri de 5, arquiteta, ativista, artista em construção

Como você descreveria sua casa?

nossa morada eh nosso ninho, refugio, extensão de nossas praticas e escolhas.

Você divide a casa com mais alguém? Se sim, com quem?

com meu filho e 2 gatos

É casada/o? Se sim, há quanto tempo e o que faz o/a marido/esposa, ou seja, no que ele/ela trabalha?

nao. sou a responsável por tudo aqui

Quantos filhos você tem e com quem ficam enquanto você trabalha? Se eles ficarem doentes, quem os leva ao médico ou você fica em casa com eles?

tenho um filho. divido os cuidados com o pai. ele fica metade da semana com ele, metade comigo. os avos ajudam se for preciso.

Você e sua família são religiosos? Se sim, que religião praticam?

sou bem conectada com minha espiritualidade mas sem religiao

Como concilia o trabalho com compromissos pessoais (seja para ir ao médico, dentista ou doença)? Como coordena esses eventos na sua agenda?

sou autonoma

Você já fez (ou faz) uso do serviço de uma faxineira, diarista ou empregada doméstica, independentemente de registro?

ha 2 anos, desde que chegamos nesse ape, cuidamos da casa sozinhos. essa e uma decisao politica e de autoconhecimento

Qual sua relação com os cuidados da sua casa e com as pessoas que cumprem essa tarefa?

estou tentando manter uma rotina mais regular pois esses cuidados as vezes ficam de lado quando o trabalho consome muito

Você teria o contato de alguma faxineira, diarista ou empregada doméstica que pudesse me passar referências suas como patroa/patrão?

nao tenho. quando morei com o pai do meu filho e antes com outro namorado contratavamos diaristas. elas continuaram trabalhando com eles. eu perdi mesmo o contato. mas se precisar posso buscar com eles.

Lembra de ser elogiada/elogiado por uma empregada doméstica por alguma coisa em especial? Poderia citar algum exemplo?

a vanusa que hoje cuida da minha avo foi minha baba na infancia. temos uma relacao de muito afeto e respeito. ela acha incrivel eu tentar dar conta da casa e peitar os comentarios da familia.

Você possui boa aparência? E o restante de sua família?

sim. acho a familia bonita sim

Já teve algum problema com a justiça de qualquer ordem? E algum familiar seu?

eu nunca tive. que eu saiba apenas meu tio por nao pagar devidamente a pensao aos filhos.

Já moveu ação trabalhista contra alguma ex-funcionária? Em caso positivo, por qual motivo?

nao

Você fala alto?

as vezes. mas nao gosto.

Que tipo de música você gosta?

ih! tanta coisa! tava ouvindo aqui ninna simone e billie holliday. gosto muito de tim maia racional, do ultimo disco da ava rocha, fela kuti, cartola, elza soares... tanta coisa...

O que te motivou a se inscrever como patroa/ão-candidata/o dessa faxina?

conhecer vc e sua pesquisa! trocar sobre o assunto mesmo. autonomia e justica social foram as primeiras questoes que me moveram a cuidar daqui mas tantas outras coisas vieram com essa experiencia!

Submitted 4/11/17, 12:13 AM

Responses cannot be edited

FAÇO FAXINA 10/12

Durante o período de um ano, de agosto de 2016 até julho de 2017, me disponho a realizar uma série de 12 faxinas em 12 diferentes HABITAÇÕES, distribuídas numa sequência de uma faxina por mês. Não sou artista profissional. Proponho limpar sua casa como limpo a minha. Tenho experiência no fazer, pois não faço uso do serviço de uma empregada doméstica, diarista, faxineira ou outra denominação semelhante. Não sou faxineira profissional. Esse trabalho envolve um custo para a/o contratante, que terá como referência os valores de faxina praticados na região em que a/o mesma/o habita, assim como os custos de transporte da contratada. O contrato aqui implicado possui um caráter triplo: é ao mesmo tempo um documento de aquisição de uma proposta estética, de participação de uma pesquisa acadêmica e também de contratação de um serviço, o de faxina.

Este formulário deve ser preenchido por aquelas/es interessadas/os em participar da seleção para o Faço Faxina 10/12, referente ao mês de Maio de 2017.

Os tópicos a seguir foram inspirados, adaptados ou postos na íntegra de dicas em páginas da internet de como entrevistar uma empregada doméstica e/ou diarista.

Millena Lízia,
faxineira-artista-pesquisadora.

Para mais informações sobre a proponente consulte:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4230030E3>
<https://www.facebook.com/profile.php?id=100000327459107>
millalizia@gmail.com

Nome:

f _____ n _____

Endereço completo:

_____ centro

Número de telefone, seu endereço de email e sua página do facebook:

.....@gmail.com / https://www.facebook.com/.....

Como você se descreveria?

em construção (ou des)

Como você descreveria sua casa?

normal

Você divide a casa com mais alguém? Se sim, com quem?

sim, minha irmã

É casada/o? Se sim, há quanto tempo e o que faz o/a marido/esposa, ou seja, no que ele/ela trabalha?

não

Quantos filhos você tem e com quem ficam enquanto você trabalha? Se eles ficarem doentes, quem os leva ao médico ou você fica em casa com eles?

no kids thnx

Você e sua família são religiosos? Se sim, que religião praticam?

não

Como concilia o trabalho com compromissos pessoais (seja para ir ao médico, dentista ou doença)? Como coordena esses eventos na sua agenda?

marcando antes / depois do trabalho.

Você já fez (ou faz) uso do serviço de uma faxineira, diarista ou empregada doméstica, independentemente de registro?

sim, 2 vezes

Qual sua relação com os cuidados da sua casa e com as pessoas que cumprem essa tarefa?

eu mesma limpo

Você teria o contato de alguma faxineira, diarista ou empregada doméstica que pudesse me passar referências suas como patroa/patrão?

no meu trabalho tem uma diarista: Claudete - [REDACTED]. ela trabalha para meu patrão, não pra mim. mas eu que combino com ela as faxinas no meu trabalho

Lembra de ser elogiada/elogiado por uma empregada doméstica por alguma coisa em especial? Poderia citar algum exemplo?

não

Você possui boa aparência? E o restante de sua família?

depende de quem olha

Já teve algum problema com a justiça de qualquer ordem? E algum familiar seu?

eu pessoalmente não. tenho um primo traficante (mora no interior)

Já moveu ação trabalhista contra alguma ex-funcionária? Em caso positivo, por qual motivo?

não

Você fala alto?

não

Que tipo de música você gosta?

rock, mpb, regional, lullaby, cafona, carimbó, clássica, guitarrada, experimental, maracatu, noise, silêncio

O que te motivou a se inscrever como patroa/ão-candidata/o dessa faxina?

tenho algumas questões com relação a subordinar / terceirizar a limpeza da sua própria sujeira. achei interessante a pesquisa apesar de não saber direito do que se trata

Submitted 5/2/17, 11:09 PM

Contrato de Prestação de Serviço de Faxina
Contrato de Aquisição de Serviço Estético
Contrato de Participação de Pesquisa Acadêmica

FAÇO FAXINA (1/12)

Partes:

B. X., Brasileira, Casada com J. M. F. de S., Aposentada, portadora da Cédula de Identidade n° e inscrita no CPF n°, domiciliada e residente do apartamento da Rua Constante Ramos, n°, no Bairro de Copacabana da Cidade do Rio de Janeiro, neste ato denominada **CONTRATANTE**.

De outro lado, denominada **FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA**, Millena Lízia, Brasileira, Solteira, portadora da Cédula de Identidade n° 20.835.518-0 e inscrita no CPF n° 120.460.567-01, domiciliada e residente do apartamento 124 A, n° 336 (conhecido como FAVELÃO), no Bairro das Laranjeiras da Cidade do Rio de Janeiro.

Têm entre as mesmas, de maneira justa e acordada, o presente **CONTRATO PARTICULAR DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE FAXINA/CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇO ESTÉTICO/CONTRATO DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA**, ficando desde já aceito, pelas cláusulas abaixo descritas.

1. Do Objeto do Contrato

O presente instrumento contratual, de caráter triplo, tem como OBJETO por parte da CONTRATADA-PROPOSITORA 1) a prestação do serviço doméstico de faxina; 2) a investigação estética de seu corpo no ambiente doméstico privado alheio a partir da ação que se propõe a realizar e 3) a investigação acadêmica da experiência no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Parágrafo Único: O Objeto descrito no contrato, referente ao FAÇO FAXINA (1/12), será realizado em uma única ocasião, no domicílio da CONTRATANTE, no dia 11 de Agosto de 2016.

2. Do Valor

O Valor acordado entra as partes será de R\$ 170,00 (valor expresso do dia a ser pago) pela diária, a ser efetuada em dinheiro, após a realização do serviço.

Parágrafo Primeiro: Os encargos com o pagamento das obrigações previdenciárias não serão pagos pela CONTRATANTE, por não constituir obrigação trabalhista, sendo que por mera liberalidade serão fornecidos vales-transporte pelo dia efetivamente trabalhado.

Parágrafo Segundo: A FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA desde já concorda que, havendo negligência, imprudência e imperícia no trato com as coisas que possui contato na residência poderá ser responsabilizada pelo pagamento das despesas que causar.

Parágrafo Terceiro: A CONTRATANTE está ciente que a CONTRATADA-PROPOSITORA não possui experiência profissional no serviço doméstico.

3. Do Registro

A CONTRATADA-PROPOSITORA compreende como registro do FAÇO FAXINA (1/12) os documentos textuais gerados para sua realização; as fotografias que a CONTRATANTE será solicitada a realizar se assim desejar, a partir do equipamento fotográfico oferecido pela CONTRATADA-PROPOSITORA; os resíduos do ambiente coletados pelo aspirador de pó que a CONTRATADA-PROPOSITORA fará uso e nas memórias das partes envolvidas.

Parágrafo Único: Os registros materiais ficarão sob tutela da CONTRATADA-PROPOSITORA, sendo que a mesma se responsabilizará em dar os devidos créditos aos materiais produzidos ou co-produzidos pela CONTRATANTE.

4. Das Disposições Finais

O presente contrato passa a vigorar entre as partes a partir da assinatura deste. Demais itens poderão ser lançados nesse documento durante a realização do Faço Faxina se a CONTRATANTE e a CONTRATADA-PROPOSITORA concordarem com seu teor. Por estarem de pleno acordo, as partes assinam o presente contrato em duas vias de igual teor.

Sankofa

Alentejo

Poeira não se limpa, pó se agita

Rio de Janeiro, 11 de Agosto de 2016.


B. X (CONTRATANTE)


Millena Lizia (FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA)

Contrato de Prestação de Serviço de Faxina
Contrato de Aquisição de Serviço Estético
Contrato de Participação de Pesquisa Acadêmica

FAÇO FAXINA (2/12)

Partes:

B [redacted] F [redacted] da S [redacted], Brasileiro, Casado com G [redacted] M [redacted] C [redacted], Professor, portador da Cédula de Identidade n° [redacted] e inscrito no CPF n° [redacted], domiciliado e residente do apartamento [redacted] da Rua Getúlio, n° [redacted], no Bairro do Méier da Cidade do Rio de Janeiro, neste ato denominado **CONTRATANTE**.

De outro lado, denominada **FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA**, Millena Lízia, Brasileira, Solteira, portadora da Cédula de Identidade n° 20.835.518-0 e inscrita no CPF n° 120.460.567-01, domiciliada e residente do apartamento 124 A, n° 336 (conhecido como FAVELÃO), no Bairro das Laranjeiras da Cidade do Rio de Janeiro.

Têm entre xs mesmxs, de maneira justa e acordada, o presente **CONTRATO PARTICULAR DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE FAXINA/CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇO ESTÉTICO/CONTRATO DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA**, ficando desde já aceito, pelas cláusulas abaixo descritas.

1. Do Objeto do Contrato

O presente instrumento contratual, de caráter triplo, tem como OBJETO por parte da CONTRATADA-PROPOSITORA 1) a prestação do serviço doméstico de faxina; 2) a investigação estética de seu corpo no ambiente doméstico privado alheio a partir da ação que se propõe a realizar e 3) a investigação acadêmica da experiência no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Parágrafo Único: O Objeto descrito no contrato, referente ao FAÇO FAXINA (2/12), será realizado em uma única ocasião, no domicílio do CONTRATANTE, no dia 25 de Setembro de 2016.

2. Do Valor

O Valor monetário acordado entre as partes será de R\$ 120,00 pela diária, a ser efetuada em dinheiro após a realização do serviço.

Parágrafo Primeiro: Os encargos com o pagamento das obrigações previdenciárias não serão pagos pelo CONTRATANTE, por não constituir obrigação trabalhista, sendo que por mera liberalidade serão fornecidos vales-transporte pelo dia efetivamente trabalhado.

Parágrafo Segundo: A FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA desde já concorda que, havendo negligência, imprudência e imperícia no trato com as coisas que possui contato na residência poderá ser responsabilizada pelo pagamento das despesas que causar.

Parágrafo Terceiro: O CONTRATANTE está ciente que a CONTRATADA-PROPOSITORA não possui experiência profissional no serviço doméstico.

Parágrafo Quarto: Valores que não estão na ordem do monetário estão por se construir. Não cabendo de antemão, portanto, a definição dos mesmos nesse documento.

3. Do Registro

A CONTRATADA-PROPOSITORA compreende como registro do FAÇO FAXINA (2/12) os documentos textuais gerados para sua realização; as fotografias que o CONTRATANTE será solicitado a realizar se assim desejar, a partir do equipamento fotográfico oferecido pela CONTRATADA-PROPOSITORA; os resíduos do ambiente coletados pelo aspirador de pó que a CONTRATADA-PROPOSITORA fará uso e nas memórias das partes envolvidas.

Parágrafo Primeiro: Os registros materiais ficarão sob tutela da CONTRATADA-PROPOSITORA, sendo que a mesma se responsabilizará em dar os devidos créditos aos materiais produzidos ou co-produzidos pelo CONTRATANTE.

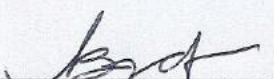
Parágrafo Segundo: Desde já fica autorizado pelo CONTRATANTE o uso dos registros materiais do FAÇO FAXINA (2/12) pela CONTRATADA-PROPOSITORA.

4. Das Disposições Finais

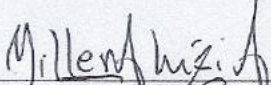
O presente contrato passa a vigorar entre as partes a partir da assinatura deste. Demais itens poderão ser lançados nesse documento durante a realização do Faço Faxina se o CONTRATANTE e a CONTRATADA-PROPOSITORA concordarem com seu teor. Por estarem de pleno acordo, as partes assinam o presente contrato em duas vias de igual teor.

Registro aqui x5 demais moradores não humanos:
Chicão, Baiana, Mabel, Noel, Jumo e Oscar

Rio de Janeiro, 25 de Setembro de 2016.



B. F. da S. (CONTRATANTE)



Millena Lizia (FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA)

Contrato de Prestação de Serviço de Faxina
Contrato de Aquisição de Serviço Estético
Contrato de Participação de Pesquisa Acadêmica

FAÇO FAXINA (3/12)

Partes:

C. P. C. de P., Brasileira, Solteira, Companheira de habitação da Naná – que passa mais tempo na casa do namorado –, Freelancer, portadora da Cédula de Identidade n°, domiciliada e residente do sobrado da Rua Navarro, n°, no Bairro do Catumbi da Cidade do Rio de Janeiro, neste ato denominada **CONTRATANTE**.

De outro lado, denominada **FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA**, Millena Lízia, Brasileira, Solteira, portadora da Cédula de Identidade n° 20.835.518-0 e inscrita no CPF n° 120.460.567-01, domiciliada e residente do apartamento 124 A, n° 336 (conhecido como FAVELÃO), no Bairro das Laranjeiras da Cidade do Rio de Janeiro.

Têm entre as mesmas, de maneira justa e acordada, o presente **CONTRATO PARTICULAR DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE FAXINA/CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇO ESTÉTICO/CONTRATO DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA**, ficando desde já aceito, pelas cláusulas abaixo descritas.

1. Do Objeto do Contrato

O presente instrumento contratual, de caráter triplo, tem como OBJETO por parte da CONTRATADA-PROPOSITORA 1) a prestação do serviço doméstico de faxina; 2) a investigação estética de seu corpo no ambiente doméstico privado alheio a partir da ação que se propõe a realizar e 3) a investigação acadêmica da experiência no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Parágrafo Único: O Objeto descrito no contrato, referente ao FAÇO FAXINA (3/12), será realizado em uma única ocasião, no domicílio da CONTRATANTE, no dia 25 de Outubro de 2016.

2. Do Valor

O Valor monetário acordado entre as partes será de RS 100,00 pela diária, a ser efetuada em dinheiro após a realização do serviço.

Parágrafo Primeiro: Os encargos com o pagamento das obrigações previdenciárias não serão pagos pela CONTRATANTE, por não constituir obrigação trabalhista, sendo que por mera liberalidade serão fornecidos vales-transporte pelo dia efetivamente trabalhado.

Parágrafo Segundo: A FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA desde já concorda que, havendo negligência, imprudência e imperícia no trato com as coisas que possui contato na residência poderá ser responsabilizada pelo pagamento das despesas que causar.

Parágrafo Terceiro: A CONTRATANTE está ciente que a CONTRATADA-PROPOSITORA não possui experiência profissional no serviço doméstico.

Parágrafo Quarto: Valores que não estão na ordem do monetário estão por se construir. Não cabendo de antemão, portanto, a definição dos mesmos nesse documento.

3. Do Registro

A CONTRATADA-PROPOSITORA compreende como registro do FAÇO FAXINA (3/12) os documentos textuais gerados para sua realização; as fotografias que a CONTRATANTE será solicitada a realizar se assim desejar, a partir do equipamento fotográfico oferecido pela CONTRATADA-PROPOSITORA; os resíduos do ambiente coletados pelo aspirador de pó que a CONTRATADA-PROPOSITORA fará uso e nas memórias das partes envolvidas.

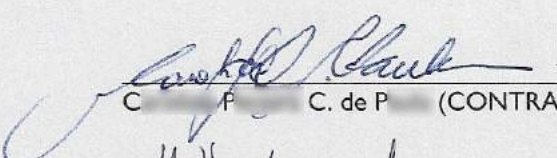
Parágrafo Primeiro: Os registros materiais ficarão sob tutela da CONTRATADA-PROPOSITORA, sendo que a mesma se responsabilizará em dar os devidos créditos aos materiais produzidos ou co-produzidos pela CONTRATANTE.

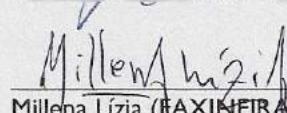
Parágrafo Segundo: Desde já fica autorizada pela CONTRATANTE o uso dos registros materiais do FAÇO FAXINA (3/12) pela CONTRATADA-PROPOSITORA.

4. Das Disposições Finais

O presente contrato passa a vigorar entre as partes a partir da assinatura deste. Demais itens poderão ser lançados nesse documento durante a realização do Faço Faxina se a CONTRATANTE e a CONTRATADA-PROPOSITORA concordarem com seu teor. Por estarem de pleno acordo, as partes assinam o presente contrato em duas vias de igual teor.

Rio de Janeiro, 25 de Outubro de 2016.


C. de P. (CONTRATANTE)


Millena Lizia (FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA)

Contrato de Prestação de Serviço de Faxina
Contrato de Aquisição de Serviço Estético
Contrato de Participação de Pesquisa Acadêmica

FAÇO FAXINA (4/12)

Partes:

J. P. S. e M., Brasileiro, Solteiro, Artista, portador da Cédula de Identidade nº _____, domiciliado e residente do apartamento _____ da Rua General Ribeiro da Costa, nº _____, no Bairro do Leme da Cidade do Rio de Janeiro, neste ato denominado **CONTRATANTE**.

De outro lado, denominada **FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA**, Millena Lúzia, Brasileira, Solteira, portadora da Cédula de Identidade nº 20.835.518-0 e inscrita no CPF nº 120.460.567-01, domiciliada e residente do apartamento 124 A, nº 336 (conhecido como FAVELÃO), no Bairro das Laranjeiras da Cidade do Rio de Janeiro.

Têm entre si, de maneira justa e acordada, o presente **CONTRATO PARTICULAR DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE FAXINA/CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇO ESTÉTICO/CONTRATO DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA**, ficando desde já aceito, pelas cláusulas abaixo descritas.

1. Do Objeto do Contrato

O presente instrumento contratual, de caráter triplo, tem como OBJETO por parte da CONTRATADA-PROPOSITORA 1) a prestação do serviço doméstico de faxina; 2) a investigação estética de seu corpo no ambiente doméstico privado alheio a partir da ação que se propõe a realizar e 3) a investigação acadêmica da experiência no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Parágrafo Único: O Objeto descrito no contrato, referente ao FAÇO FAXINA (4/12), será realizado em uma única ocasião, no domicílio da CONTRATANTE, no dia 28 de Novembro de 2016.

2. Do Valor

O Valor monetário acordado entre as partes será de R\$ 100,00 pela diária, a ser efetuada em dinheiro após a realização do serviço.

Parágrafo Primeiro: Os encargos com o pagamento das obrigações previdenciárias não serão pagos pelo CONTRATANTE, por não constituir obrigação trabalhista, sendo que por mera liberalidade serão fornecidos vales-transporte pelo dia efetivamente trabalhado.

Parágrafo Segundo: A FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA desde já concorda que, havendo negligência, imprudência e imperícia no trato com as coisas que possui contato na residência poderá ser responsabilizada pelo pagamento das despesas que causar.

Parágrafo Terceiro: O CONTRATANTE está ciente que a CONTRATADA-PROPOSITORA não possui experiência profissional no serviço doméstico.

Parágrafo Quarto: Valores que não estão na ordem do monetário estão por se construir. Não cabendo de antemão, portanto, a definição dos mesmos nesse documento.

3. Do Registro

A CONTRATADA-PROPOSITORA compreende como registro do FAÇO FAXINA (4/12) os documentos textuais gerados para sua realização; as fotografias que o CONTRATANTE será solicitado a realizar se assim desejar, a partir do equipamento fotográfico oferecido pela CONTRATADA-PROPOSITORA; os resíduos do ambiente coletados pelo aspirador de pó que a CONTRATADA-PROPOSITORA fará uso e nas memórias das partes envolvidas.


Parágrafo Primeiro: Os registros materiais ficarão sob tutela da CONTRATADA-PROPOSITORA, sendo que a mesma se responsabilizará em dar os devidos créditos aos materiais produzidos ou co-produzidos pelo CONTRATANTE.

Parágrafo Segundo: Desde já fica autorizado pelo CONTRATANTE o uso dos registros materiais do FAÇO FAXINA (4/12) pela CONTRATADA-PROPOSITORA.

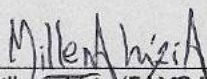
4. Das Disposições Finais

O presente contrato passa a vigorar entre as partes a partir da assinatura deste. Demais itens poderão ser lançados nesse documento durante a realização do Faço Faxina se o CONTRATANTE e a CONTRATADA-PROPOSITORA concordarem com seu teor. Por estarem de pleno acordo, as partes assinam o presente contrato em duas vias de igual teor.

Rio de Janeiro, 28 de Novembro de 2016.



J P S e M (CONTRATANTE)



Milena Lizia (FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA)

Contrato de Prestação de Serviço de Faxina
Contrato de Aquisição de Serviço Estético
Contrato de Participação de Pesquisa Acadêmica

FAÇO FAXINA (5/12)

Partes:

L M P, Brasileira, Solteira, Tatuadora, portadora da Cédula de Identidade nº [REDACTED] domiciliada e residente com Eduardo [REDACTED], bebê Juca e amigo Robson do imóvel [REDACTED] da Rua Vitor Meireles (predinho ZN), no Bairro do Riachuelo da Cidade do Rio de Janeiro, neste ato denominado **CONTRATANTE**.

De outro lado, denominada **FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA**, Millena Lízia, Brasileira, Solteira, portadora da Cédula de Identidade nº 20.835.518-0 e inscrita no CPF nº 120.460.567-01, domiciliada e residente do apartamento 124 A, nº 336 (conhecido como FAVELÃO), no Bairro das Laranjeiras da Cidade do Rio de Janeiro.

Têm entre as mesmas, de maneira justa e acordada, o presente **CONTRATO PARTICULAR DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE FAXINA/CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇO ESTÉTICO/CONTRATO DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA**, ficando desde já aceito, pelas cláusulas abaixo descritas.

1. Do Objeto do Contrato

O presente instrumento contratual, de caráter triplo, tem como OBJETO por parte da CONTRATADA-PROPOSITORA 1) a prestação do serviço doméstico de faxina; 2) a investigação estética de seu corpo no ambiente doméstico privado alheio a partir da ação que se propõe a realizar e 3) a investigação acadêmica da experiência no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Parágrafo Único: O Objeto descrito no contrato, referente ao FAÇO FAXINA (5/12), será realizado em uma única ocasião, no domicílio da CONTRATANTE, no dia 27 de Dezembro de 2016.

2. Do Valor

O Valor monetário acordado entre as partes será de R\$ 150,00 pela diária, a ser efetuada por meio de trocas de serviço com a CONTRATANTE após a realização da faxina.

Parágrafo Primeiro: Os encargos com o pagamento das obrigações previdenciárias não serão pagos pela CONTRATANTE, por não constituir obrigação trabalhista, sendo que por mera liberalidade serão fornecidos vales-transporte pelo dia efetivamente trabalhado.

Parágrafo Segundo: A FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA desde já concorda que, havendo negligência, imprudência e imperícia no trato com as coisas que possui contato na residência poderá ser responsabilizada pelo pagamento das despesas que causar.

Parágrafo Terceiro: A CONTRATANTE está ciente que a CONTRATADA-PROPOSITORA não possui experiência profissional no serviço doméstico.

Parágrafo Quarto: Valores que não estão na ordem do monetário estão por se construir. Não cabendo de antemão, portanto, a definição dos mesmos nesse documento.

3. Do Registro

A CONTRATADA-PROPOSITORA compreende como registro do FAÇO FAXINA (5/12) os documentos textuais gerados para sua realização; as fotografias que a CONTRATANTE será solicitada a realizar se assim desejar, a partir do equipamento fotográfico oferecido pela CONTRATADA-PROPOSITORA; os resíduos do ambiente coletados pelo aspirador de pó que a CONTRATADA-PROPOSITORA fará uso e nas memórias das partes envolvidas.

Parágrafo Primeiro: Os registros materiais ficarão sob tutela da CONTRATADA-PROPOSITORA, sendo que a mesma se responsabilizará em dar os devidos créditos aos materiais produzidos ou co-produzidos pela CONTRATANTE.

Parágrafo Segundo: Desde já fica autorizada pela CONTRATANTE o uso dos registros materiais do FAÇO FAXINA (5/12) pela CONTRATADA-PROPOSITORA.

4. Das Disposições Finais

O presente contrato passa a vigorar entre as partes a partir da assinatura deste. Demais itens poderão ser lançados nesse documento durante a realização do Faço Faxina se a CONTRATANTE e a CONTRATADA-PROPOSITORA concordarem com seu teor. Por estarem de pleno acordo, as partes assinam o presente contrato em duas vias de igual teor.

Rio de Janeiro, 27 de Dezembro de 2016.

L M P (CONTRATANTE)



Millena Lizia (FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA)

Contrato de Prestação de Serviço de Faxina
Contrato de Aquisição de Serviço Estético
Contrato de Participação de Pesquisa Acadêmica

FAÇO FAXINA (6/12)

Partes:

_____, _____, _____,
_____, _____, portador da Cédula de Identidade nº _____,
residente d _____ da Rua _____, nº _____, no Bairro _____
da Cidade do Rio de Janeiro, neste ato denominad_ **CONTRATANTE**.

De outro lado, denominada **FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA**, Millena Lízia, Brasileira, Solteira, portadora da Cédula de Identidade nº 20.835.518-0 e inscrita no CPF nº 120.460.567-01, domiciliada e residente do apartamento 124 A, nº 336 (conhecido como FAVELÃO), no Bairro das Laranjeiras da Cidade do Rio de Janeiro.

Têm entre _s mesm_s, de maneira justa e acordada, o presente **CONTRATO PARTICULAR DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE FAXINA/CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇO ESTÉTICO/CONTRATO DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA**, ficando desde já aceito, pelas cláusulas abaixo descritas.

1. Do Objeto do Contrato

O presente instrumento contratual, de caráter triplo, tem como OBJETO por parte da CONTRATADA-PROPOSITORA 1) a prestação do serviço doméstico de faxina; 2) a investigação estética de seu corpo no ambiente doméstico privado alheio a partir da ação que se propõe a realizar e 3) a investigação acadêmica da experiência no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Parágrafo Único: O Objeto descrito no contrato, referente ao FAÇO FAXINA (6/12), será realizado em uma única ocasião, no domicílio d_ **CONTRATANTE**, no dia __ de _____ de 2017.

2. Do Valor

O Valor monetário acordado entre as partes será de RS __,00 pela diária, a ser efetuada em dinheiro após a realização do serviço.

Parágrafo Primeiro: Os encargos com o pagamento das obrigações previdenciárias não serão pagos pel_ **CONTRATANTE**, por não constituir obrigação trabalhista, sendo que por mera liberalidade serão fornecidos vales-transporte pelo dia efetivamente trabalhado.

Parágrafo Segundo: A FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA desde já concorda que, havendo negligência, imprudência e imperícia no trato com as coisas que possui contato na residência poderá ser responsabilizada pelo pagamento das despesas que causar.

Parágrafo Terceiro: _ CONTRATANTE está ciente que a CONTRATADA-PROPOSITORA não possui experiência profissional no serviço doméstico.

Parágrafo Quarto: Valores que não estão na ordem do monetário estão por se construir. Não cabendo de antemão, portanto, a definição dos mesmos nesse documento.

3. Do Registro

A CONTRATADA-PROPOSITORA compreende como registro do FAÇO FAXINA (6/12) os documentos textuais gerados para sua realização; as fotografias que _ CONTRATANTE será solicitad_ a realizar se assim desejar, a partir do equipamento fotográfico oferecido pela CONTRATADA-PROPOSITORA; os resíduos do ambiente coletados pelo aspirador de pó que a CONTRATADA-PROPOSITORA fará uso e nas memórias das partes envolvidas.

Parágrafo Primeiro: Os registros materiais ficarão sob tutela da CONTRATADA-PROPOSITORA, sendo que a mesma se responsabilizará em dar os devidos créditos aos materiais produzidos ou co-produzidos pel_ CONTRATANTE.

Parágrafo Segundo: Desde já fica autorizada pel_ CONTRATANTE o uso dos registros materiais do FAÇO FAXINA (6/12) pela CONTRATADA-PROPOSITORA.

4. Das Disposições Finais

O presente contrato passa a vigorar entre as partes a partir da assinatura deste. Demais itens poderão ser lançados nesse documento durante a realização do Faço Faxina se _ CONTRATANTE e a CONTRATADA-PROPOSITORA concordarem com seu teor. Por estarem de pleno acordo, as partes assinam o presente contrato em duas vias de igual teor.

Rio de Janeiro, __ de _____ de 2017.

(CONTRATANTE)

Millena Lízia (FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA)

Contrato de Prestação de Serviço de Faxina
Contrato de Aquisição de Serviço Estético
Contrato de Participação de Pesquisa Acadêmica

FAÇO FAXINA (7/12)

Partes:

_____, _____, _____,
_____, _____, portador da Cédula de Identidade nº _____,
residente d _____ da Rua _____, nº _____, no Bairro _____
da Cidade do Rio de Janeiro, neste ato denominad_ **CONTRATANTE**.

De outro lado, denominada **FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA**, Millena Lúzia, Brasileira, Solteira, portadora da Cédula de Identidade nº 20.835.518-0 e inscrita no CPF nº 120.460.567-01, domiciliada e residente do apartamento 124 A, nº 336 (conhecido como FAVELÃO), no Bairro das Laranjeiras da Cidade do Rio de Janeiro.

Têm entre _s mesm_s, de maneira justa e acordada, o presente **CONTRATO PARTICULAR DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE FAXINA/CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇO ESTÉTICO/CONTRATO DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA**, ficando desde já aceito, pelas cláusulas abaixo descritas.

1. Do Objeto do Contrato

O presente instrumento contratual, de caráter triplo, tem como OBJETO por parte da CONTRATADA-PROPOSITORA 1) a prestação do serviço doméstico de faxina; 2) a investigação estética de seu corpo no ambiente doméstico privado alheio a partir da ação que se propõe a realizar e 3) a investigação acadêmica da experiência no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Parágrafo Único: O Objeto descrito no contrato, referente ao FAÇO FAXINA (7/12), será realizado em uma única ocasião, no domicílio d_ **CONTRATANTE**, no dia ___ de _____ de 2017.

2. Do Valor

O Valor monetário acordado entre as partes será de RS ____,00 pela diária, a ser efetuada em dinheiro após a realização do serviço.

Parágrafo Primeiro: Os encargos com o pagamento das obrigações previdenciárias não serão pagos pel_ **CONTRATANTE**, por não constituir obrigação trabalhista, sendo que por mera liberalidade serão fornecidos vales-transporte pelo dia efetivamente trabalhado.

Parágrafo Segundo: A FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA desde já concorda que, havendo negligência, imprudência e imperícia no trato com as coisas que possui contato na residência poderá ser responsabilizada pelo pagamento das despesas que causar.

Parágrafo Terceiro: _ CONTRATANTE está ciente que a CONTRATADA-PROPOSITORA não possui experiência profissional no serviço doméstico.

Parágrafo Quarto: Valores que não estão na ordem do monetário estão por se construir. Não cabendo de antemão, portanto, a definição dos mesmos nesse documento.

3. Do Registro

A CONTRATADA-PROPOSITORA compreende como registro do FAÇO FAXINA (7/12) os documentos textuais gerados para sua realização; as fotografias que _ CONTRATANTE será solicitad_ a realizar se assim desejar, a partir do equipamento fotográfico oferecido pela CONTRATADA-PROPOSITORA; os resíduos do ambiente coletados pelo aspirador de pó que a CONTRATADA-PROPOSITORA fará uso e nas memórias das partes envolvidas.

Parágrafo Primeiro: Os registros materiais ficarão sob tutela da CONTRATADA-PROPOSITORA, sendo que a mesma se responsabilizará em dar os devidos créditos aos materiais produzidos ou co-produzidos pel_ CONTRATANTE.

Parágrafo Segundo: Desde já fica autorizada pel_ CONTRATANTE o uso dos registros materiais do FAÇO FAXINA (7/12) pela CONTRATADA-PROPOSITORA.

4. Das Disposições Finais

O presente contrato passa a vigorar entre as partes a partir da assinatura deste. Demais itens poderão ser lançados nesse documento durante a realização do Faço Faxina se _ CONTRATANTE e a CONTRATADA-PROPOSITORA concordarem com seu teor. Por estarem de pleno acordo, as partes assinam o presente contrato em duas vias de igual teor.

Rio de Janeiro, ___ de _____ de 2017.

(CONTRATANTE)

Millena Lízia (FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA)

Contrato de Prestação de Serviço de Faxina
Contrato de Aquisição de Serviço Estético
Contrato de Participação de Pesquisa Acadêmica

FAÇO FAXINA (8/12)

Partes:

T. R. P., Brasileira, Solteira, Turismóloga, portadora da Cédula de Identidade n° , domiciliada e residente do imóvel da Rua Cândido Mendes, n° , no Bairro da Glória da Cidade do Rio de Janeiro, neste ato denominado **CONTRATANTE**.

De outro lado, denominada **FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA**, Millena Lízia, Brasileira, Solteira, portadora da Cédula de Identidade n° 20.835.518-0 e inscrita no CPF n° 120.460.567-01, domiciliada e residente do apartamento 124 A, n° 336 (conhecido como FAVELÃO), no Bairro das Laranjeiras da Cidade do Rio de Janeiro.

Têm entre as mesmas, de maneira justa e acordada, o presente **CONTRATO PARTICULAR DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE FAXINA/CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇO ESTÉTICO/CONTRATO DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA**, ficando desde já aceito, pelas cláusulas abaixo descritas.

1. Do Objeto do Contrato

O presente instrumento contratual, de caráter triplo, tem como OBJETO por parte da CONTRATADA-PROPOSITORA 1) a prestação do serviço doméstico de faxina; 2) a investigação estética de seu corpo no ambiente doméstico privado alheio a partir da ação que se propõe a realizar e 3) a investigação acadêmica da experiência no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Parágrafo Único: O Objeto descrito no contrato, referente ao FAÇO FAXINA (8/12), será realizado em uma única ocasião, no domicílio da CONTRATANTE, no dia 03 de Abril de 2017.

2. Do Valor

O Valor monetário acordado entre as partes será de R\$ 100,00 pela diária, a ser efetuada por meio de trocas de serviço com a CONTRATANTE após a realização da faxina.

Parágrafo Primeiro: Os encargos com o pagamento das obrigações previdenciárias não serão pagos pela CONTRATANTE, por não constituir obrigação trabalhista, sendo que por mera liberalidade serão fornecidos vales-transporte pelo dia efetivamente trabalhado.

Parágrafo Segundo: A FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA desde já concorda que, havendo negligência, imprudência e imperícia no trato com as coisas que possui contato na residência poderá ser responsabilizada pelo pagamento das despesas que causar.

Parágrafo Terceiro: A CONTRATANTE está ciente que a CONTRATADA-PROPOSITORA não possui experiência profissional no serviço doméstico.

Parágrafo Quarto: Valores que não estão na ordem do monetário estão por se construir. Não cabendo de antemão, portanto, a definição dos mesmos nesse documento.

3. Do Registro

A CONTRATADA-PROPOSITORA compreende como registro do FAÇO FAXINA (8/12) os documentos textuais gerados para sua realização; as fotografias que a CONTRATANTE será solicitada a realizar se assim desejar, a partir do equipamento fotográfico oferecido pela CONTRATADA-PROPOSITORA; os resíduos do ambiente coletados pelo aspirador de pó que a CONTRATADA-PROPOSITORA fará uso e nas memórias das partes envolvidas.

Parágrafo Primeiro: Os registros materiais ficarão sob tutela da CONTRATADA-PROPOSITORA, sendo que a mesma se responsabilizará em dar os devidos créditos aos materiais produzidos ou co-produzidos pela CONTRATANTE.

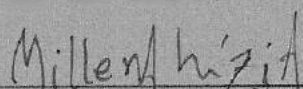
Parágrafo Segundo: Desde já fica autorizada pela CONTRATANTE o uso dos registros materiais do FAÇO FAXINA (8/12) pela CONTRATADA-PROPOSITORA.

4. Das Disposições Finais

O presente contrato passa a vigorar entre as partes a partir da assinatura deste. Demais itens poderão ser lançados nesse documento durante a realização do Faço Faxina se a CONTRATANTE e a CONTRATADA-PROPOSITORA concordarem com seu teor. Por estarem de pleno acordo, as partes assinam o presente contrato em duas vias de igual teor.

Rio de Janeiro, 03 de Abril de 2017.

T R P (CONTRATANTE)



Millena Lizia (FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA)

Contrato de Prestação de Serviço de Faxina
Contrato de Aquisição de Serviço Estético
Contrato de Participação de Pesquisa Acadêmica

FAÇO FAXINA (9/12)

Partes:

_____, _____, _____,
portador da Cédula de Identidade nº _____,
residente d _____ da Rua _____, nº _____, no Bairro _____
da Cidade do Rio de Janeiro, neste ato denominad **CONTRATANTE**.

De outro lado, denominada **FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA**, Millena Lízia, Brasileira, Solteira, portadora da Cédula de Identidade nº 20.835.518-0 e inscrita no CPF nº 120.460.567-01, domiciliada e residente do apartamento 124 A, nº 336 (conhecido como FAVELÃO), no Bairro das Laranjeiras da Cidade do Rio de Janeiro.

Têm entre s mesms, de maneira justa e acordada, o presente **CONTRATO PARTICULAR DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE FAXINA/CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇO ESTÉTICO/CONTRATO DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA**, ficando desde já aceito, pelas cláusulas abaixo descritas.

1. Do Objeto do Contrato

O presente instrumento contratual, de caráter triplo, tem como OBJETO por parte da CONTRATADA-PROPOSITORA 1) a prestação do serviço doméstico de faxina; 2) a investigação estética de seu corpo no ambiente doméstico privado alheio a partir da ação que se propõe a realizar e 3) a investigação acadêmica da experiência no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Parágrafo Único: O Objeto descrito no contrato, referente ao FAÇO FAXINA (9/12), será realizado em uma única ocasião, no domicílio d_ **CONTRATANTE**, no dia ___ de _____ de 2017.

2. Do Valor

O Valor monetário acordado entre as partes será de RS _____,00 pela diária, a ser efetuada em dinheiro após a realização do serviço.

Parágrafo Primeiro: Os encargos com o pagamento das obrigações previdenciárias não serão pagos pel_ **CONTRATANTE**, por não constituir obrigação trabalhista, sendo que por mera liberalidade serão fornecidos vales-transporte pelo dia efetivamente trabalhado.

Parágrafo Segundo: A FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA desde já concorda que, havendo negligência, imprudência e imperícia no trato com as coisas que possui contato na residência poderá ser responsabilizada pelo pagamento das despesas que causar.

Parágrafo Terceiro: _ CONTRATANTE está ciente que a CONTRATADA-PROPOSITORA não possui experiência profissional no serviço doméstico.

Parágrafo Quarto: Valores que não estão na ordem do monetário estão por se construir. Não cabendo de antemão, portanto, a definição dos mesmos nesse documento.

3. Do Registro

A CONTRATADA-PROPOSITORA compreende como registro do FAÇO FAXINA (9/12) os documentos textuais gerados para sua realização; as fotografias que _ CONTRATANTE será solicitad_ a realizar se assim desejar, a partir do equipamento fotográfico oferecido pela CONTRATADA-PROPOSITORA; os resíduos do ambiente coletados pelo aspirador de pó que a CONTRATADA-PROPOSITORA fará uso e nas memórias das partes envolvidas.

Parágrafo Primeiro: Os registros materiais ficarão sob tutela da CONTRATADA-PROPOSITORA, sendo que a mesma se responsabilizará em dar os devidos créditos aos materiais produzidos ou co-produzidos pel_ CONTRATANTE.

Parágrafo Segundo: Desde já fica autorizada pel_ CONTRATANTE o uso dos registros materiais do FAÇO FAXINA (9/12) pela CONTRATADA-PROPOSITORA.

4. Das Disposições Finais

O presente contrato passa a vigorar entre as partes a partir da assinatura deste. Demais itens poderão ser lançados nesse documento durante a realização do Faço Faxina se _ CONTRATANTE e a CONTRATADA-PROPOSITORA concordarem com seu teor. Por estarem de pleno acordo, as partes assinam o presente contrato em duas vias de igual teor.

Rio de Janeiro, ___ de _____ de 2017.

(CONTRATANTE)

Millena Lízia (FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA)

Contrato de Prestação de Serviço de Faxina
Contrato de Aquisição de Serviço Estético
Contrato de Participação de Pesquisa Acadêmica

FAÇO FAXINA (10/12)

Partes:

_____, _____, portador da Cédula de Identidade nº _____, residente d _____ da Rua _____, nº _____, no Bairro _____ da Cidade do Rio de Janeiro, neste ato denominad **CONTRATANTE**.

De outro lado, denominada **FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA**, Millena Lúzia, Brasileira, Solteira, portadora da Cédula de Identidade nº 20.835.518-0 e inscrita no CPF nº 120.460.567-01, domiciliada e residente do apartamento 124 A, nº 336 (conhecido como FAVELÃO), no Bairro das Laranjeiras da Cidade do Rio de Janeiro.

Têm entre s mesm s, de maneira justa e acordada, o presente **CONTRATO PARTICULAR DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE FAXINA/CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇO ESTÉTICO/CONTRATO DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA**, ficando desde já aceito, pelas cláusulas abaixo descritas.

1. Do Objeto do Contrato

O presente instrumento contratual, de caráter triplo, tem como OBJETO por parte da CONTRATADA-PROPOSITORA 1) a prestação do serviço doméstico de faxina; 2) a investigação estética de seu corpo no ambiente doméstico privado alheio a partir da ação que se propõe a realizar e 3) a investigação acadêmica da experiência no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Parágrafo Único: O Objeto descrito no contrato, referente ao FAÇO FAXINA (10/12), será realizado em uma única ocasião, no domicílio d _____ CONTRATANTE, no dia _____ de _____ de 2017.

2. Do Valor

O Valor monetário acordado entre as partes será de R\$ _____,00 pela diária, a ser efetuada em dinheiro após a realização do serviço.

Parágrafo Primeiro: Os encargos com o pagamento das obrigações previdenciárias não serão pagos pel _____ CONTRATANTE, por não constituir obrigação trabalhista, sendo que por mera liberalidade serão fornecidos vales-transporte pelo dia efetivamente trabalhado.

Parágrafo Segundo: A FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA desde já concorda que, havendo negligência, imprudência e imperícia no trato com as coisas que possui contato na residência poderá ser responsabilizada pelo pagamento das despesas que causar.

Parágrafo Terceiro: _ CONTRATANTE está ciente que a CONTRATADA-PROPOSITORA não possui experiência profissional no serviço doméstico.

Parágrafo Quarto: Valores que não estão na ordem do monetário estão por se construir. Não cabendo de antemão, portanto, a definição dos mesmos nesse documento.

3. Do Registro

A CONTRATADA-PROPOSITORA compreende como registro do FAÇO FAXINA (10/12) os documentos textuais gerados para sua realização; as fotografias que _ CONTRATANTE será solicitad_ a realizar se assim desejar, a partir do equipamento fotográfico oferecido pela CONTRATADA-PROPOSITORA; os resíduos do ambiente coletados pelo aspirador de pó que a CONTRATADA-PROPOSITORA fará uso e nas memórias das partes envolvidas.

Parágrafo Primeiro: Os registros materiais ficarão sob tutela da CONTRATADA-PROPOSITORA, sendo que a mesma se responsabilizará em dar os devidos créditos aos materiais produzidos ou co-produzidos pel_ CONTRATANTE.

Parágrafo Segundo: Desde já fica autorizada pel_ CONTRATANTE o uso dos registros materiais do FAÇO FAXINA (10/12) pela CONTRATADA-PROPOSITORA.

4. Das Disposições Finais

O presente contrato passa a vigorar entre as partes a partir da assinatura deste. Demais itens poderão ser lançados nesse documento durante a realização do Faço Faxina se _ CONTRATANTE e a CONTRATADA-PROPOSITORA concordarem com seu teor. Por estarem de pleno acordo, as partes assinam o presente contrato em duas vias de igual teor.

Rio de Janeiro, ___ de _____ de 2017.

(CONTRATANTE)

Millena Lízia (FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA)

Contrato de Prestação de Serviço de Faxina
Contrato de Aquisição de Serviço Estético
Contrato de Participação de Pesquisa Acadêmica

FAÇO FAXINA (11/12)

Partes:

_____,
_____, portador da Cédula de Identidade nº _____,
residente d _____ da Rua _____, nº _____, no Bairro _____
da Cidade do Rio de Janeiro, neste ato denominad **CONTRATANTE**.

De outro lado, denominada **FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA**, Millena Lúzia, Brasileira, Solteira, portadora da Cédula de Identidade nº 20.835.518-0 e inscrita no CPF nº 120.460.567-01, domiciliada e residente do apartamento 124 A, nº 336 (conhecido como FAVELÃO), no Bairro das Laranjeiras da Cidade do Rio de Janeiro.

Têm entre s mesm s, de maneira justa e acordada, o presente **CONTRATO PARTICULAR DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE FAXINA/CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇO ESTÉTICO/CONTRATO DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA**, ficando desde já aceito, pelas cláusulas abaixo descritas.

1. Do Objeto do Contrato

O presente instrumento contratual, de caráter triplo, tem como OBJETO por parte da CONTRATADA-PROPOSITORA 1) a prestação do serviço doméstico de faxina; 2) a investigação estética de seu corpo no ambiente doméstico privado alheio a partir da ação que se propõe a realizar e 3) a investigação acadêmica da experiência no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Parágrafo Único: O Objeto descrito no contrato, referente ao FAÇO FAXINA (11/12), será realizado em uma única ocasião, no domicílio d **CONTRATANTE**, no dia ___ de _____ de 2017.

2. Do Valor

O Valor monetário acordado entre as partes será de RS _____,00 pela diária, a ser efetuada em dinheiro após a realização do serviço.

Parágrafo Primeiro: Os encargos com o pagamento das obrigações previdenciárias não serão pagos pel **CONTRATANTE**, por não constituir obrigação trabalhista, sendo que por mera liberalidade serão fornecidos vales-transporte pelo dia efetivamente trabalhado.

Parágrafo Segundo: A FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA desde já concorda que, havendo negligência, imprudência e imperícia no trato com as coisas que possui contato na residência poderá ser responsabilizada pelo pagamento das despesas que causar.

Parágrafo Terceiro: _ CONTRATANTE está ciente que a CONTRATADA-PROPOSITORA não possui experiência profissional no serviço doméstico.

Parágrafo Quarto: Valores que não estão na ordem do monetário estão por se construir. Não cabendo de antemão, portanto, a definição dos mesmos nesse documento.

3. Do Registro

A CONTRATADA-PROPOSITORA compreende como registro do FAÇO FAXINA (11/12) os documentos textuais gerados para sua realização; as fotografias que _ CONTRATANTE será solicitada a realizar se assim desejar, a partir do equipamento fotográfico oferecido pela CONTRATADA-PROPOSITORA; os resíduos do ambiente coletados pelo aspirador de pó que a CONTRATADA-PROPOSITORA fará uso e nas memórias das partes envolvidas.

Parágrafo Primeiro: Os registros materiais ficarão sob tutela da CONTRATADA-PROPOSITORA, sendo que a mesma se responsabilizará em dar os devidos créditos aos materiais produzidos ou co-produzidos pelo _ CONTRATANTE.

Parágrafo Segundo: Desde já fica autorizada pelo _ CONTRATANTE o uso dos registros materiais do FAÇO FAXINA (10/12) pela CONTRATADA-PROPOSITORA.

4. Das Disposições Finais

O presente contrato passa a vigorar entre as partes a partir da assinatura deste. Demais itens poderão ser lançados nesse documento durante a realização do Faço Faxina se _ CONTRATANTE e a CONTRATADA-PROPOSITORA concordarem com seu teor. Por estarem de pleno acordo, as partes assinam o presente contrato em duas vias de igual teor.

Rio de Janeiro, ___ de _____ de 2017.

(CONTRATANTE)

Millena Lizia (FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA)

Contrato de Prestação de Serviço de Faxina
Contrato de Aquisição de Serviço Estético
Contrato de Participação de Pesquisa Acadêmica

FAÇO FAXINA (12/12)

Partes:

_____, portador da Cédula de Identidade n° _____
residente d _____ da Rua _____, n° _____, no Bairro _____
da Cidade do Rio de Janeiro, neste ato denominado **CONTRATANTE**.

De outro lado, denominada **FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA**, Milena Lixa, Brasileira, Solteira, portadora da Cédula de Identidade n° 20.835.518-0 e inscrita no CPF n° 120.460.567-01, domiciliada e residente do apartamento 124 A, n° 336 (conhecido como FAVELÃO), no Bairro das Laranjeiras da Cidade do Rio de Janeiro.

Tém entre s mesm s, de maneira justa e acordada, o presente **CONTRATO PARTICULAR DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE FAXINA/CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇO ESTÉTICO/CONTRATO DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA**, ficando desde já aceito, pelas cláusulas abaixo descritas:

1. Do Objeto do Contrato

O presente instrumento contratual, de caráter triplo, tem como OBJETO por parte da CONTRATADA-PROPOSITORA 1) a prestação do serviço doméstico de faxina; 2) a investigação estética de seu corpo no ambiente doméstico privado alhelo a partir da ação que se propõe a realizar e 3) a investigação acadêmica da experiência no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Parágrafo Único: O Objeto descrito no contrato, referente ao FAÇO FAXINA (12/12), será realizado em uma única ocasião, no domicílio d _____ CONTRATANTE, no dia _____ de _____ de 2017.

2. Do Valor

O Valor monetário acordado entre as partes será de R\$ _____,00 pela diária, a ser efetuada em dinheiro após a realização do serviço.

Parágrafo Primeiro: Os encargos com o pagamento das obrigações previdenciárias não serão pagos pel _____ CONTRATANTE, por não constituir obrigação trabalhista, sendo que por mera liberalidade serão fornecidos vales-transporte pelo dia efetivamente trabalhado.

Parágrafo Segundo: A FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA desde já concorda que, havendo negligência, imprudência e imperícia no trato com as coisas que possui contato na residência poderá ser responsabilizada pelo pagamento das despesas que causar.

Parágrafo Terceiro: _ CONTRATANTE está ciente que a CONTRATADA-PROPOSITORA não possui experiência profissional no serviço doméstico.

Parágrafo Quarto: Valores que não estão na ordem do monetário estão por se construir. Não cabendo de atenção, portanto, a definição dos mesmos nesse documento.

3. Do Registro

A CONTRATADA-PROPOSITORA compreende como registro do FAÇO FAXINA (12/12) os documentos textuais gerados para sua realização; as fotografias que _ CONTRATANTE será solicitad_ a realizar se assim desejar, a partir do equipamento fotográfico oferecido pela CONTRATADA-PROPOSITORA; os resíduos do ambiente coletados pelo aspirador de pó que a CONTRATADA-PROPOSITORA fará uso e nas memórias das partes envolvidas.

Parágrafo Primeiro: Os registros materiais ficarão sob tutela da CONTRATADA-PROPOSITORA, sendo que a mesma se responsabilizará em dar os devidos créditos aos materiais produzidos ou co-produzidos pel_ CONTRATANTE.

Parágrafo Segundo: Desde já fica autorizada pel_ CONTRATANTE o uso dos registros materiais do FAÇO FAXINA (12/12) pela CONTRATADA-PROPOSITORA.

4. Das Disposições Finais

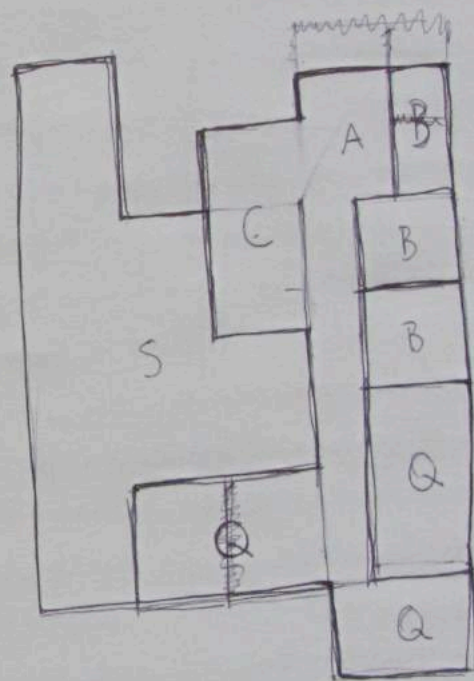
O presente contrato passa a vigorar entre as partes a partir da assinatura deste. Demais itens poderão ser lançados nesse documento durante a realização do Faço Faxina se _ CONTRATANTE e a CONTRATADA-PROPOSITORA concordarem com seu teor. Por estarem de pleno acordo, as partes assinam o presente contrato em duas vias de igual teor.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2017.

(CONTRATANTE)

Milena Lizia (FAXINEIRA-ARTISTA-PESQUISADORA)

Quinta-feira, 11 de agosto de 2016 - Faço FAXINA 1/12
Rua Constante Ramos, Copacabana, Com B X



Anuncio meu nome e para onde vou para o porteiro. Ele telefona para o apartamento indicado e logo após o contato ele me indica que elevador devo pegar.

Visto preto. O dia de ontem foi frio e resolvi calçar botas. Levo duas bolsas - uma vermelha e uma outra com um tom tomoso. Nessa última, o cabo do aspirador ficava pendente pra fora. Tive sua parada pela polícia ou outro fardado que pudesse imaginar naquela cabo pra fora da bolsa algum tipo de ameaça. Um policial prostativo, vendo que eu tentava me encontrar no mapa do metrô, me indicou o caminho. Depois de apertar a campainha e aguardar na porta por alguns instantes, ~~se~~ escuto um Eba! antes que a porta seja aberta. Em seguida sou recebida por B, uma senhora jovem que veste renda ~~es-~~ta e tem mais ou menos na altura do seu pescoço uma rosa vermelha. Eu e B já nos conhecíamos de outras ocasiões, mas nunca tínhamos chegado a estabelecer uma relação mais próxima. Ela me disse que não sabia como ~~+~~ chegaria ali vestida e que fez questão de pedir para o porteiro que eu fosse encaminhada para o elevador social. Entendo que a primeira coisa que devo fazer é a assinatura do contrato. Começamos a conversar tanto que a leitura se estendeu um bocado. B parecia

empolgada com tudo e não sei se chegou a fazer uma leitura completa do documento. Resolvemos não assiná-lo naquele momento, mas concordamos em realizar a experiência. Comento que a casa já estava bem ~~arrumada~~ conversamos sobre os contratos, e como talvez para tudo, ^{para} todas as relações, sempre haja um contrato. Tentar transmitir aqui a experiência, às 22:37, depois de ter chegado ~~em~~ um pouco antes das 10 da manhã e ter saído às 19h e um tanto cansativo. Mas algo me diz que fazer isso, e nesse momento, é importantíssimo para mim. Comento que a casa já estava bem ~~arrumada~~ e questiono que trabalho de faxina eu teria. A B e seu marido (que estava viajando), o Z, ~~contratam~~ de forma informal, por um interesse das duas partes - pelo que a B me informou, o serviço de dia e noite da Sonia. Parece que a Sonia ficou um tanto instigada com minha proposta. Eu disse que adorava que ela estivesse lá também. Está como sem água no apartamento, por conta de alguma obra na maradia vizinha. Pergunto o que ela gostaria que eu fizesse e ela me diz que eu poderia começar arrumando o quanto ao lado da sala. Tinha algumas camisas cobrindo alguns eletrodomésticos justamente por conta da poeira da obra. Além do aspirador de pó eu também levava comigo minha câmera fotográfica.

Dessa B que, se ela se sentisse à vontade, que ela que
teria a responsabilidade pelas fotografias da nossa experiência.
Em algum momento chego a comentar que na noite anterior
tive o cuidado de esvaziar tanto os resíduos do aspirador quanto
da câmera fotográfica. Havia ali pra mim uma proximidade
intensa nas duas ações. Ela recorda que venho nessa de criar
pontes entre os resíduos do mundo e os tecnológicos já há
algum tempo. B já acompanhou parte do desenvolvi-
mento da minha pesquisa quando fomos colegas de um
curso da Bianca e do Bernardo, sobre performance e
registros, justamente. Digo pra ela que gosto de começar
a limpeza da minha casa de cima para baixo, tirando
primeiro o pó do que fica pelo alto pra depois sim aspirar o
chão. Ela diz que esse é um jeito esperto. Conversamos sobre
física, sobre a gravidade, sobre os fluxos, as alavancas. Essa
situação de tá no lugar da pessoa que faz a limpeza da casa
cria uma proximidade com cada objeto ali presente.
Muitas das vezes os objetos eram motivos de conversas.

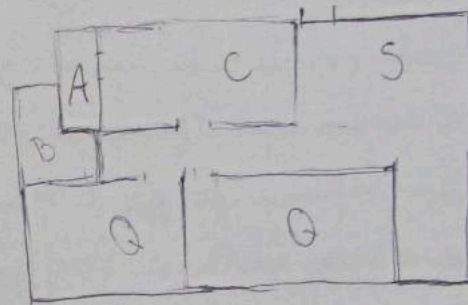
B, entre suas muitas facetas, conta histórias. Seus
objetos, os objetos ali presentes, faziam o mesmo. Conversamos
sobre morte, vida, arte, ciência, família, infância, poesia,
história, palavra, literatura, ensino, como abrir janela com
cartão de crédito, como botar os bancos no lugar para evita-
r acidentes, sobre o que é limpeza pra um não limpeza
pro outro, sobre sexo, racismo, trabalho e suas opressões,

consumismo, de escola como prisão, comunismo, anarquis-
mo, aventuras, fantasmas, loucura, lucidez, sobre
mover com a mão no peito, auto-conhecimento e escu-
ta, falamos e ouvimos, tudo fala lava, tudo ouvia.
Sem muito fôlego pra continuar aqui agora, infelizmente,
mas pode ser interessante e talvez voltar aqui pra construir
melhor nosso encontro. Algumas coisas gostaria de registrar
já: 1) a palavra Sankofa, surgida na conversa por conta
do trabalho de metal da luminária do corredor - vindo
da loja de um dos irmãos falecidos da B; 2) a fala
"poeira não se tira, só se espalha", sendo essa a fala da mãe
da B e 3) uma fala de um tio, se não me engano,
sobre que não há mais ~~modo~~ nenhuma história a se
escrever, que tudo já teria escrito, o que falta é fazer
a história.

Fago Faxina 1/12.

Domingo, 25 de Setembro de 2016 - Faço Faxima 2/12

Rua Getúlio, , Méier. Com B F da S,
G M e , Clécio, Baiama, Mabel, Noel,
Lino e Oscar



Dessa vez escrevo menos cansada, pelo que me lembro. Estou num apartamento no Meier convidada - contratada pelo B. Até então não nos conhecíamos - o que me causou uma certa ansiedade. Acho que não terá muito como - tenho a sensação que todas as ações vão me gerar uma certa ansiedade porque cada uma é uma, com suas especificidades e dinâmicas. B divide o apartamento ^{de 2 quartos} com seu companheiro G e mais quatro cachorros e dois gatos - todos adotados. Confesso que a quantidade de habitantes desde o formulário do B chamou minha atenção, me parecia um desafio um ambiente desse. Mas talvez o que mais tenha me interessado, ou talvez não tenha sido o principal - vai saber -, era estar no lar, na intimidade, de um casal homoafetivo.

Quem me recebe às 10h da manhã é o B e os gatos. O gato preto se comeu fleum no sofá de couro escuro e só quando ele deu uma miada depois que ali sentei que pude constatar-lo naquele ambiente. Nos apresentamos. B parece primeiramente (Fora Temer!) interessado do que se trata minha proposta. Converso um pouco, apresento o contrato e meus outros dois instrumentos de registro:

a câmera fotográfica e o aspirador de pó. O primeiro para ele e o segundo para mim. Os gatos me adotaram. B também fala de sua rotina com aquelas que prestam serviço doméstico em sua casa. Diz que as deixa bem à vontade e que uma mesma família, as irmãs de uma mesma família, vem trabalhando com a família deles (desde quando morava com os pais) já há algum tempo. Comento como essa coisa de trabalho doméstico envolve um risco para os dois lados e que talvez seja essa a origem da fidelização de trabalho entre as famílias. B me fala que ele sabe cuidar de sua casa e, em algum momento, ele até me diz que achava que conseguiria dar conta do espaço sem o trabalho de uma faxineira, mas em sua atual situação (e de seu companheiro), com inúmeros trabalhos como professor em diferentes escolas, me parece improvável a regularidade dese fazer por ele. Ele atua como ~~pro~~ director e professor de duas outras escolas. Conversamos muito sobre a política golpista atual e sobre a ameaça de

parte de algumas disciplinas do currículo escolar,
inclusive a de arte - em que ele atua como professor.
B está indignado e eu também. Antes de irmos
pro cozinha tomamos um café, não sei exatamente
em que momento, acho que quando B fala
das irmãs da mesma família que trabalha para
eles, ele elabora a fala de uma tal maneira que
cria em mim certo estranhamento. Fala que "teve a
fulano ali", ou "teve a ciclona também" - infelizmente
já não recordo mais os nomes. Desde o primeiro mo-
mento que apresento a proposta insiro o tema do
racismo e o sexismo no trabalho doméstico. Em
algum momento B me fala que essas mulheres
que trabalham ali são brancas. Depois fico sabendo
que são nordestinas, quase no final da minha estada
ali pelo G, seu companheiro. Começo a lavar a
louça do dia anterior enquanto B faz o café. O
peço que continuamos é sobre a questão política
do país. Acho que um pouco antes ele tinha me

apresentado os cachorros que estavam no quarto com o
G. Os quatro saem de lá super alvoroçados. O som
das patinhas todas no piso chamam minha atenção.
Quando eles se aproximam eles pulam em mim
e em alguns momentos até me abraçam com
suas garrinhas. B tira os jornais na pia da
cozinha com as mechas e os xixis dos cachorros.
Limpa o chão e fora parte dele com 2 folhas
de jornal limpa de mechas mas possivelmente
com outras sujeiras. Continuo limpando parte da
cozinha enquanto estamos ali. B me mostra
onde ficam os materiais de limpeza e retorno pro
sala para tocar de lá a limpeza dessa vez. Por
um bom tempo dividimos o mesmo cômodo, tro-
cando ideias e impressões do que se passa em
nossa sociedade. Chegamos a conversar sobre o
embargamento. Ele diz que vem de uma famí-
lia misturizada, mas que ele é lido com branco.
Conta uma história, que não sabe se foi romancada
ou não sobre uma ^{uma criança negra na ocasião,} atriz que em seu primeiro dia

de aula teria sido convidada para trabalhar na casa
de alguma família. Não cheguei a entender se essa
criança teria tido o acesso a uma aula em um útero
da vida. ~~Falamos~~ Falei pra ele do embrangu-
cimento da minha família também. Berontes me
conversa o quadro a Redenção de Lam e como
o ato está implicado nesse processo. Por volta de
uma hora o G. ^{me}acorda. Me apresento como
sendo a faxineira do dia. Eles nem. O papo
com o G. continua sobre a situação política do
país. Contudo, acho que com o G. a gente deixa
de falar um pouquinho também da política macro
do país e talvez ~~enfalamos~~ a partir da entrada
deles começamos a falar das opressões que nossos
corpos sofrem. Em algum momento estou comen-
do um sanduiche que levei. Logo depois eles pedem
um rango por telefone. Quando chega eles me
oferecem, mas eu tinha comido o sanduiche
há pouco e acabo por dispensar e oferecer parte do
do comido que levei (um tabule com carne)

para complementar a refeição. Digo que depois
poderei ter a contribuição do rango deles
no meu almoço também. Nesse momento acho
que começo a ficar ^{mais} só na limpeza - em um
dos quartos e no banheiro. Desses espaços ouço as
crianças brincando no quarto de casal de videogame
pelo que parece. A sensação que me passou é que
estava sendo divertido. Por um momento penso que
todo homem deveria casar, ou pelo menos viver,
com outro homem. ^{Talvez eu esteja sendo pouco concubosa.} Acho que relevo um papo
sobre o Cavaleiro do Zodíaco que fez lembrar
da minha infância. Retoma a limpeza da cozinha
e da área. Limpo as merdas e as urinas dos animais.
Passo um pano com água sanitária e outros que fez
diminuir o odor dos dejetos dos bichinhos. Tiro
os papéis, mas quando eles saem do quarto pare-
cem adorar a novidade! Estava faltando apenas
o quarto de casal. G. diz que eu poderia ali lim-
par quando quisesse. Em algum momento ele passa

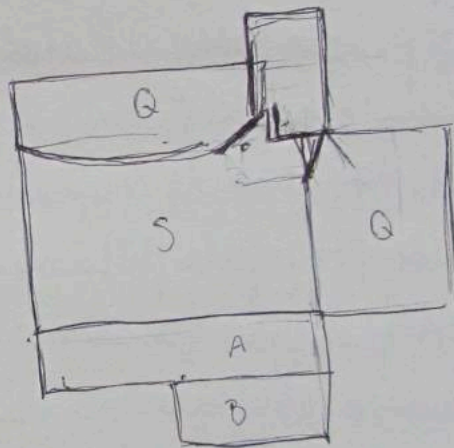
para os cachorros a instrução que não poderia
entrar no quarto e eu acho que era comigo.
As vezes enquanto faço um intervalo na escrita aqui
sinto as dores do trabalho no corpo. Entro no quarto
e me surpreendo um fogão e um microondas,
me parece um quarto ~~libre~~ do sonho de todo meni-
no, com direito a monitores e vários outros
apetrechos para jogos. Esse foi o último cômodo
e confesso que me dá um nevoginho anexo na
roupa de cama dxs outxs. Vou pra sala encontrar
os meninos e a conversa continua. Acho que prin-
cipalmente o G se mostra curioso com
o meu trabalho - mas talvez eu já tenha fala-
do tudo o que eu ou algo próximo, do meu traba-
lho antes para o B. O G me pergun-
ta se eu cheguei a sofrer mais - trata um
algumas das ações. Digo que aquela é a segunda
e ele parece preocupado com o meu risco nes-
sa tipo de ação. Tento explicar minhas doses

de prudência, mas que, sim, envolve riscos. Digo
de experiências de quando morei num quarto
de empregada e quando fiz a ação "empreg-
da para um cubo branco". Outras histórias
entram no papo. Sei que já tinha termina-
do a faxina efetivamente, mas talvez a
principal faxina venha dessas trocas
íntimas na casa dx(s) outx(s). Sei que
o corpo já dói e o cansaço bate, mas talvez
o principal seja essa troca. Mas de uma vez,
tento me despedir, mas em mesmo prolongo mi-
nha permanência por conta do papo. Da últi-
ma vez, antes de ir, o G me diz que espera
que eu não tenha ouvido nenhuma aberração
que eles são homens desconstruídos e talz, mas
que correm o risco de cometer deslizes. Digo
que concordo com o risco de cometer deslizes. Digo
que também estou sujeita a isso. É agradeço a confi-
ança de terem aberto a casa pra mim, um ade-
conhecida. Antes tinha relatado alguns outros
questionamentos sobre o trabalho. Acho que con-
se qui deixar bem o que gostaria de falar. BB-

me acompanhar até a rua e me explicou
como deveria voltar pra casa. Cada vez mais
acho que esses registros todos pertencem a essa
intimidade minha com aqueles que se dispa-
nibilizam o faz. Talvez não caiba formar es-
se material público - o dessa escrita por exem-
plo. Adorei as risadas de B.

Faço Faxina 2/12.

Segunda-feira, 25 de Outubro de 2016 - Faço Faxina 3/12.
Rua Navano, , Catumbi. Com E de P.
e muitas histórias, muitas memórias



Ai, tão difícil de escrever. Talvez eu já tenha dito isso aqui. O foda é que nunca sei por onde começar. Talvez essa tenha sido a faxina mais importante pra mim, quando senti o meu trabalho tomando um lugar mais útil. Mas certamente tem um lado de identificação com a L. L. mora com Naná. Essa última me passa mais tempo na casa do namorado muito, pelo que me disseram, pela falta de organização da L. A princípio L. morava vizinha, mas quando ela tava pra dar um volê por aí de Bike a Naná foi pra lá. E nesse meio tempo a bicicleta da L. foi roubada. (Incrível, me parece, essa é a terceira faxina e a terceira vez que nesse dia chove. Coincidência? Pelo menos me dei conta que essa é a última vez eu estarei menstrua-

do durante a faxina. Hoje o que mais me dói são os pés. Talvez tenha sido pela dor que escolhi a L. Em seu formulário, em um dos campos ela disse que sofria de dores crônicas. (Lembrei de minha mãe.) L. me recebe de com uma camiseta bem folgada e de calcinha - e assim ela permanece até o final do minha estada naquele espaço. Quando chego ela e a Naná estavam tomando café da manhã. Me ofereceram e eu bebi que uma coisa ou outra. Talvez essa, talvez não, essa foi a minha faxina mais demorada. (Im-tenho tempo a escrita para ver se o gatinho do final de semana passado estava online.) Conversamos muito de começo. L. está interessada na minha história e eu na dela. Se eu não me engano ela me diz que sua vida é ser clara e que nessa coisa de ser full lancer ela se

longo mesmo. É a primeira contratante
do Faço Faxina que não fez e não faz uso do
serviço de uma trabalhadora doméstica. Na
real ela é uma trabalhadora doméstica, vem
fazendo bico de babá de um bebê de 5 meses. Es-
se assunto da maternidade é complicado para

Ela tem uma filhinha de 8 anos que teve
sua guarda tomada pelo pai e ela quando a
criança tinha 3. Me parece que desde então eles
vêm numa luta judicial. (Intenções pl. dizem
pl. o Rafa e a Ethel se não sei se vou conse-
guir encontrá-los amanhã pela UERJ pra agi-
tar nosso grupo.) Lembro de ter ~~perg~~ questionado
para mim mesmo, mas também ~~passo~~ ^{passo} o ^{questio-}
namento na faxina passada, ^{quando logo depois}
virei um reparo aqui na cozinha, fruto da obra
do vizinho, quem que cuida da casa da faxini-

ra? Quem cuida da casa da trabalhadora doméstica?
Quem cuida dos filhos das trabalhadoras domé-
sticas? De certa forma esse encontro com a
me jogou para essa questão notamen-
te. (Pés latujando!) (Dai lembro quase 11 horas
empé - com alguns intervalos) teve
toda uma história de pedras, pelo que me
foi passado, com um histórico de depressão (in-
cluíve de pós-parto), com um histórico esqui-
zofrênico na família e com passagem em
hospital manicomial. Me parece que houve
um período de dependência de cocaína. (Escrevo
isso tomando cerveja. Gualmente é isso que tento
feito quando vou escrever aqui sobre as faxi-
nas. Me parece uma forma de diminuir as
dores no corpo de cansaço do trabalho
e uma forma de me manter ativa, agora
às 21:42). Mas as pedras de ^{não se}
vestrange ao caso da filha. Pessoas bem próximas

l como o irmão, o padrinho e o tio faleceram. Ela
d liana mora do no apartamento que pertencia a sua
= família. Após a morte do tio, foi ela que assumiu
a habitação. Ela chega a me dizer que a morte
diante da perda do guarda da filha, é uma
dois meses. Com esse histórico de perdas, l
é uma pessoa que coleciona ou, para alguns,
que acumula. Por conta de seus muitos objetos a
limpeza de seu espaço se encontra prejudicada. Lo-
meçamos pela sala (pela primeira vez a faxineira
que proponho é feita pelo contratante e do seu lado
também). Digo pl l que não poderia meter
em suas coisas sem ela. Conseguimos dar uma
nova configuração pl a sala. O altar que ela
cultural/cristã constrói (com muitos objetos
pessoais de memórias diversas) saiu de uma
protelina pl outra. Botamos a mesa para o lado

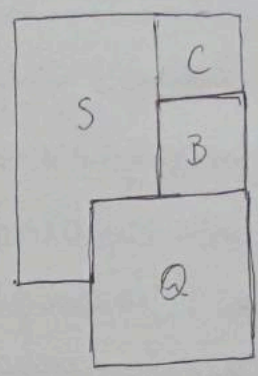
oposto de onde ela pedia nécia, ~~na janela~~, como
ele já queria experimentar. Com a minha presen-
ça, com aquele momento, l ~~se despo-~~
a doar e descartar algumas coisas. Talvez a
Sala tenha sido o espaço mais demorado de todos.
Não estava ali apenas para limpar, estava tb
para dar uma ajuda na organização. Por sugestão
de l, começo a me aturar mais na
limpeza, pois o dia estava passando. Didi-
dimos almoço, já com a mesa no novo lugar.
~~limpo seu~~ Terminei a sala, limpo seu quarto
e quando o terminei ela fala que daras conta
da limpeza do banheiro (tomamos tarifas dife-
rentes ali no cuidado da casa). Proponho que
ela reorganize as coisas do seu quarto que ela
tinha deslocado de lá para o quarto da
Nana enquanto limpasse o banheiro, para ter

As dificuldades de saber o que eu de quem naquele
situação ali. (Ah, lembrei agora que falamos muito
Sobre feminismo e arte — a L. mesmo
tem suas propeções artísticas, apesar do desen-
foto com o meio. Ela me diz que foi uma das
fundadoras do Loyote. Talvez essa questão com os
feminismo tenha no identificado de cara.)
Limpo o banheiro e depois sigo para a cozinha.
A L. mesmo me fala que está cansa-
da (e eu também digo o mesmo). Continuo uma
limpeza mais básica da cozinha, já estava
ficando tarde e ela me alertava da hora.
Começo a colocar umas coisas finais em
seu lugar. Resolvemos tomar um café antes de
eu ir. L. me alerta que do meu lado havia
uma pilha de fotos que ela gostava que eu visse. Eram
fotos de sua família e amigos, de diversos momentos
diferentes. Achei aquilo tudo um gesto maravilhoso

um presente ainda maior para sua intimidade.
Conversamos, comentamos praticamente sobre todas
as fotos: amores, familiares, pessoas que se foram, pes-
soas que estão aí, mas não se pode ter o acesso.
Uau! Foi muito. Não sei como digais e pensar
Sobre isso tudo.

Faço Faxina 3/12.

Segunda-feira, 28 de Novembro de 2016 - Faço Faxima 4/12
Rua General Ribeiro da Costa, ~~1111~~, Leme. Com f. ~~1111~~
P. M. ~~1111~~.



Confesso que hoje fiquei com vontade de cancelar a faxinaça ^{por não ir}. Acabei indisposta, nauseada. Acho que muito como um reflexo da vida desregulada que venho vivendo. O J me mandou uma mensagem pedindo pra que eu chegasse uns 30 min. mais tarde. Acabei chegando quase uma hora depois do horário inicialmente combinado. Me perdi um pouco pelo caminho. Ainda pelo caminho, já bem próximo mas ainda perdida, recebo outra mensagem do J perguntando se eu era vegetariana. Digo que fui por muito tempo, mas que hoje sou mais simpaticante. Chego ~~na casa~~ na rua do J e me dou conta que estou bem próxima da casa do meu orientador, o Jorge. Até agora apenas tivemos um encontro de orientação. Hoje faz um dia bem quente de verão. Dever ter sido por isso que substituí as cervejas por um vinho branco mais refres-

cante. Chego, e ele se diz nos apresentamos e ele vem pra mim com um sanduiche que tinha comprado na rua pra mim. Pergunto se eu tomo café, e eu digo que sim e o faz apenas pra mim, pois ele mesmo não costuma tomar café e me diz uma certa angústia que a bebida o causa. Ele se diz muito interessado na minha proposta e pede pra que eu "conte tudo". Digo que talvez uma boa forma de começar nossa conversa sobre a proposta é pelo contrato. Ele o lê atentamente enquanto toma café. Acabei resolvendo comer o sanduiche depois. Me parece que foi o que talvez até agora tenha mais prestado uma atenção no contrato. Será que a estratégia ali de se ter um café - e portanto minha boca estando ocupada - influenciou nisso? Em algum momento ele me diz que sente que deveria pedir ou me tratar como a/ma

faxineira. Mas ele entende que meu lugar é
aí. Talvez ele tenha me falado que me entende
como uma colega. Me diz que desde o momento
que eu disse que eu ia luar um contrato pra
gente assim que ele começou a refletir sobre
a relação que ele tem com a empregada
doméstica que presta serviço pra ele. O curioso
é que eu acho que nenhum momento ele men-
cionou o nome da empregada, apesar de ter
ser referido a ela como "a minha faxineira"
inúmeras vezes. Tampouco lembro de
mencionando o nome de seu namorado,
com quem passa a maior parte da semana
ficando mais na casa de seu companheiro.
O curioso, como me parece agora, é que quem
eu soube o nome, desde o formulário, foi
o do Bernardo, o gato. A princípio, quando
recebi o formulário do J. ele tinha me
dito que a princípio morava com um gato

não religioso, mas que na ocasião ele estava
passando férias na casa da madrinha. As
férias acabaram se tornando um momento
e o Bernardo está fora de casa até agora. O
J. trabalha com teatro e muitas das vezes
tem ficado ausente da casa. O que fez com
que ele preferisse deixar o Bernardo na
casa da madrinha. Lembro que o J. me
convidou em algum momento pra assistir
uma peça em que ele vem trabalhando em
Botafogo. Espero que eu lembre de pedir que
ele coloque meu nome na lista de
dos finais de semanas. J. me fala que
sempre, desde infância teve empregada
em casa, mas que já sentiu o desconfor-
to ^{incomodo} dele - um homem branco - ter
uma faxineira negra em casa. Em algum
momento me diz que ele terá análise
durante a semana e parece indicar que um

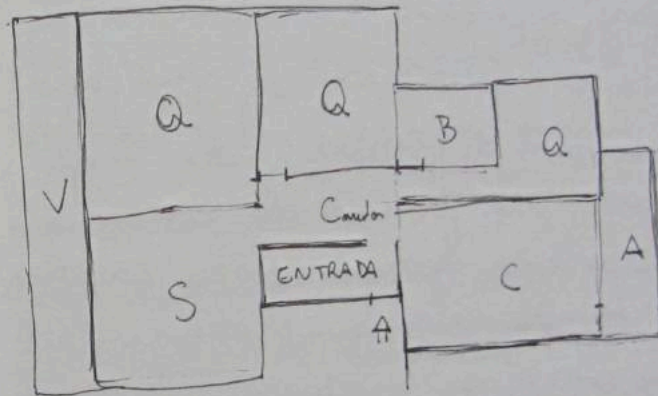
do ~~momento~~ será lidar com isso. Em
algum momento o ~~o~~ me pergunta se conheço
o D. ~~o~~, seu ex-companheiro, e digo
que sim. Fizemos juntos uma disciplina de
Fábria no CMAHO. Eu ~~estava~~ estava numa
situação de amante e o D. ~~o~~ é orientador
da Leonora. Talvez isso tenha reforçado
que de uma forma ou de outra fazemos parte
de um mesmo círculo. Começo a me lamen-
tar durante o dia o quanto é um problema
de uma forma geral, as empregadas não fazem
nem parte de uma partilha do comum que
envolve um ambiente de classe média, por
exemplo. Por que eu e o ~~o~~, um cara bran-
co do sul e uma mulher negra de classe
média, conseguimos conversar de uma for-
ma mais horizontal - o que faz com
que ele tenha ficado hesitante comigo num

primeiro momento, e ele é quem presta
serviço em sua casa não, não possuem
um diálogo horizontal? ~~o~~ mora em
um prédio de classe média que tem vista
tanto para uma mata braba quanto a uma
região favelizada. Começo a reparar que
as casas no morro, pelo menos externamen-
te ~~aparecem~~ aparentam ser maiores e, num
determinado sentido, até com um maior
conforto que a casa de ~~o~~. Num dia
quente como faz hoje, até só ficam mais
do que ar-condicionado. Mas será que o lugar
Social tá marcado por esta condição de com-
mo ~~um~~ suas e propriedade de opiniões? Con-
versamos insistidamente no tema. O ~~o~~ se
mostrou verdadeiramente disposto em me
ouvir e colocou suas experiências um dia
por momento na roda - o que fazia com

que eu deixasse em questão +60 que eu já
vivi. Tô muito cansada já. Acho que já é hora
de terminar por aqui. Talvez esse tenha
sido o melhor encontro que debati esse de
fama direta a questão da brancitude
brancitude. Seguimos!

Faço Faxina 4/12

Terça-feira, 27 de Dezembro de 2016 - Faço Faxina 5/12
Rua Vitor Meireles, Riachuelo. Com L, E e
Bebê Juca.

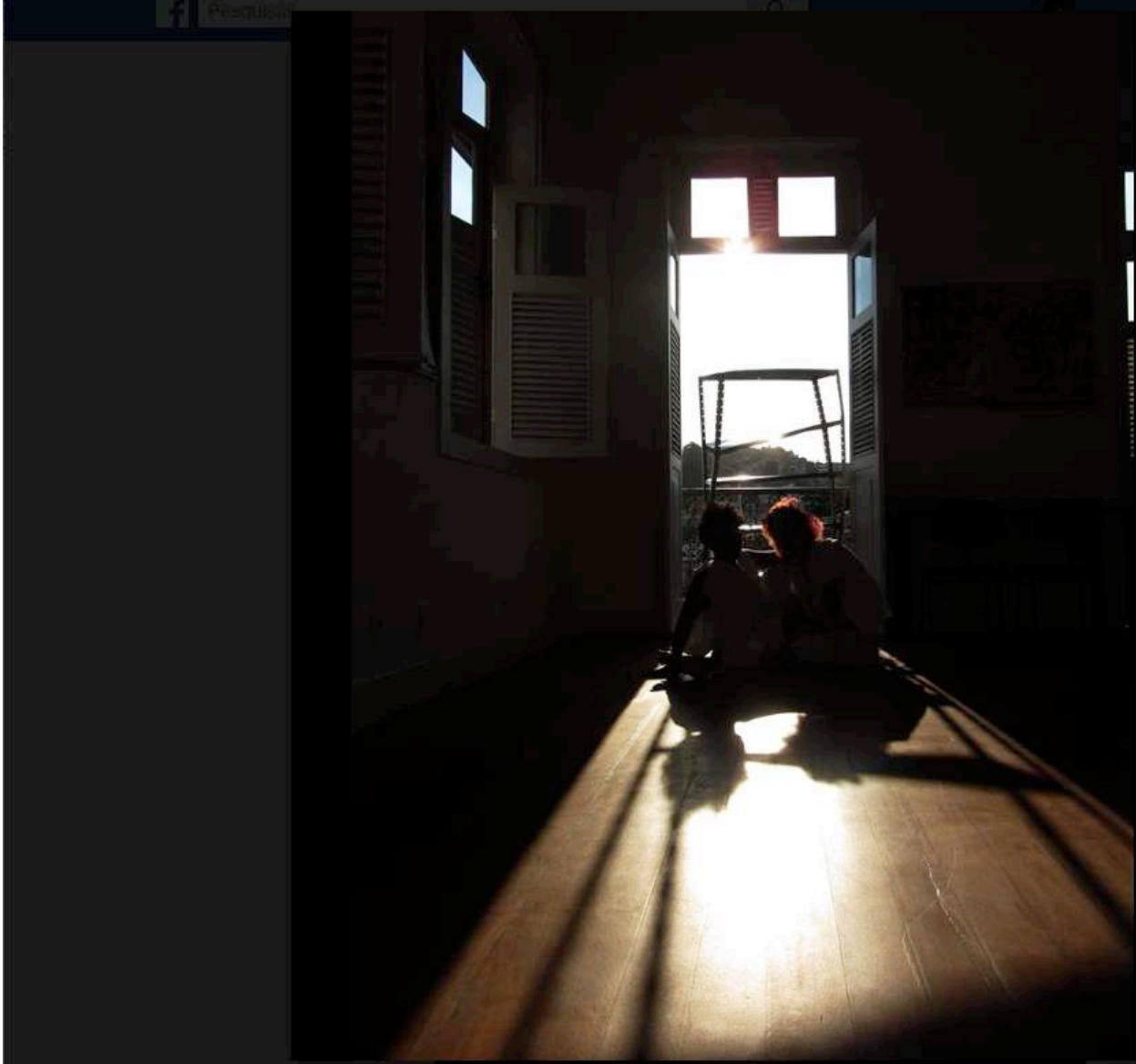


Caramba, não sei se é o calor de verão no Rio de Janeiro ou a falta de álcool ^{devido ao uso de antibióticos}, mas me parece quase impossível escrever. Agora tenho ventolador ligado e estou praticamente jogada na cama. Fiquei muito contente com a possibilidade de fazer a faxina na casa da B. e Suca. É a primeira vez que faço a faxina na casa de pessoas próximas. Tive que adiar nossa faxina da semana passada para essa porque adoecei na semana passada. Ainda estou em tratamento de uma infecção nos rins, mas acredito que esteja melhor. Acabou que vim para o Rio quase que exclusivamente para a faxina. Passei o Natal em Rio das Ostras e devo voltar para essa região amanhã ou depois. Acabei que dicanta que têm algumas atividades que eu gostaria de fazer antes de ir, incluindo de pegar os resultados dos meus exames e enviar o objeto que disse que ia enviar para o Ricardo. No trajeto para a casa de

pessoal, ~~o~~ já por volta das 10h da manhã um termômetro na via pública marcava 43°. E ~~o~~ abre a porta pra mim com o fuzo no colo. Quando eu chego o pessoal ainda tá tomando o café da manhã. Elxs me ofereceram, mas a única coisa que eu conseguia ingerir era água! Ado que essa foi a vez que menos perguntaram pra mim sobre o projeto. De certa forma L. e B. vêm acompanhando minhas produções nos últimos anos. Quando L. reparou na cor do papel do contrato. Disse que tinha gostado. E eu disse que os contratos estavam enegrecendo cada vez mais com o desvalorizar das faxinas. E ~~o~~ recorda do Dexpilar e eu confirmo que há proximidade entre os processos. Talvez tenha sido por conta dessa ^{certa} proximidade com o que venho fazendo ^{que fixam} com que elxs

não estivessem tão curiosos ou, talvez, a necessidade da faxina mesmo. A família mora numa casa bem grande no subúrbio do Rio e, segundo a L., com a chegada de Joca (hoje com 2 anos) dá conta das tarefas da casa se tornou difícil. Lembro que há alguns meses atrás houve um diálogo delxs no post de anúncio questionando se elxs tinham ou não perfil pra participar do projeto. No primeiro momento parece que elxs entendiam que não, pois elxs são contra a essa cultura de ^{uma} empregada doméstica dentro de suas casa. Apesar disso, E. revelou pra mim ~~que~~ no formulário de inscrição que desde bebê na casa dos pais elxs tinham uma mesma trabalhadora doméstica. Segundo o E. elxs mantêm uma relação de mãe e filho com a Néia. Pelo que entendi

di Néia trabalha ainda hoje na casa dos pais do E. L. é tradutora, trabalhadora autônoma enquanto o E. possui um trabalho regular como concursado em alguma atividade. Mas pié doem muito. Passou em minha cabeça interromper essa escrita e continuar amanhã. Será que tá valendo continuar amanhã? Esse calor, a casa grande e talvez a recuperação da infecção me deixaram bem exausta. Para aqui.



Millena LÍzia
30 de janeiro de 2017 · 🌐

Dessa vez é sem texto porque o contrato do Faço Faxina 6/12 no Centro Cultural Pequena África é ancestral!

Dessas purificações que apenas são possíveis coletivamente... Uma lindeza de experiência com a amada **Aline Besouro**, que topou pegar no pesado, no afeto, na ternura, na costura e na aventura. Com o carinho, trocas e registros de **Gabrielle Souza**. Com a presença da querida conselheira **Elô Nunes**. Com a sabedoria e o acolhimento de **Celina Rodrigues**, essa mulher maravilhosa que passa sua orientação com lágrimas e risos... ❤️ Mãe Celina ensina e a gente aprende: nada se descarta. o que a gente faz é dar caminho. Abrindo as faxinas de 2017 com muita gratidão. Axé!

Para se inscrever no Faço Faxina 7/12, referente ao mês de Fevereiro, preencha o formulário a seguir, por gentileza:
<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSewcWubFMPDKfij3216Jd4v7OMXPWH0TsuOa7lyKQkQzX1QMA/viewform>
— em 📍 Morro da Providência.

📌 Marcar foto ✎ Editar

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👤 Escreva um comentário...

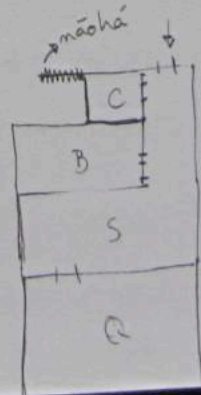
SUAS PÁGINAS

- 📍 Centro Cultural Pequena África
- As Garimbas

Ative o bate-papo para ver quem está disponível.

Segunda-feira, 03 de Abril de 2017. Faxina 8/12.
Rua Cândido Mendes, 111, Glória. Com T.
R. P.

Hum... Como retomar esse processo de escrita aqui? Me parece que muita coisa mudou e também há mudanças nesse processo. Essa foi uma das poucas vezes que não desisti. Na real tava bem engatada com esse processo com a T. Ops, me parece que esqueci aqui de tentar desenhar a planta. Chego em casa e minha mãe tá super confusa, muitos gritos de protesto ali fora. Parece que o Bolsonaro está no Clube Hebraico aqui do lado. Pelo menos foi isso que o porteiro me informou enquanto subia pra casa.



A T. se mudou lá pouco tempo para esse apê.
Era um conjugado, mas uma armário - Grande
roupa criou uma divisão entre os espaços ^{grande}
de uma salinha antedoguinto. Me pareceu
um cantinho bem gostoso. T. ^{vol} mais na
glória, talvez obaimo onde tinha conjugado
toda essa minha história com a área
de serviço e um c. apê à serviço, quando
morei lá com a Maiana. Da vista de sua
janela conseguimos enxergar o fundo da
Igreja Positivista. Eu, ainda sabendo de que se
tratavia, perguntei por aquela vista para a quella
quidido Medieval. Quando soube que era a
Igreja Positivista perguntei se podiam ser ^{uma}
de jogar bomba dali. Ainda pouco subindo
perguntei ao porteiro, ao saber do Tolson no
no clube hebraico se podia tacar uma
bomba. Acho que estou com uma enxada

incendiária hoje. Essa caqueta é uma merda.
Exigindo um certo esforço físico para a es-
crita. Eu e T. - que nos conhecemos no
Centro Cultural Pequena África e tomamos
logo um porre por nesse mesmo dia - per-
cebendo vários pontos entre nossas histórias.
ficamos um bom tempo hoje conversando antes
de começar a faxina efetivamente. Me parece
que eu e T. - temos assuntos sem fim. Mas
ela precisa trabalhar e eu também com a
faxina. T. é turismóloga - justamente a
minha primeira formação que não seguiu adiante.
Seu pai também é funcionário da
Petrobras - assim como o meu. Ele tra-
balhou um tempo na Darcy como bibliote-
cário - possivelmente no período que es-
tu dei lá. T. teve na semana passada
na caixa quando fiz uma fala - provocação-
denúncia só no evento chamado Ser mulher
artista no Brasil.

Estou cansada, mas meu corpo parece do eu menos do que as outras vezes, sobretudo os pés. Talvez tenha ajudado ou funcionado melhor eu ter ido às podólogoa no sábado. A conversa com T se deu muito num lugar da ancestralidade, espiritualidade e também sobre as opressões que sofremos. Vendo a casa de T com minhas amigas ainda do carnaval - e quando nos encontramos ela estava fantasiada de mãe natureza e eu incorporando uma estética caribenha - lembrei que ficou de entrar em contato comigo ontem e não o fez. Também hoje. Ele vai ficar uns 2 meses fora e essa noite fiquei pensando a quanto esse boy é roubada - mas pretã escrevendo aqui sobre ele (e continuar olhando pro celular) pra ver se ele se comunica) me parece me evidenciar que estou envolvida pelo cara. Mas esses dois meses de distância talvez me afaste desse

desejo. Eu e T muito falamos de amor - ou das complicações e falta de amor de mulher pra ta. Acho que não escrevi aqui, mas a faxina com a T foi a primeira faxina com uma pessoa pra ta. E tudo isso me fez pensar em muitas questões. Como é isso de negres reproduzirem a lógica colonial, quando ascendem socialmente, de ter também trabalho de doméstica. Para x negres ascenderem socialmente precisamos seguir os moldes brancos? Nam eu nem T (me parece) fazamos uso do serviço de trabalhadoras domésticas em nossas casas, mas convivemos com elas em nossas infâncias, pelo que conversamos na hora do almoço. O almoço foi basicamente servir o que eu tinha levado de ranço: grão de bico com abóbora e cebola caramelizada com tomates cerejas crus. T tem uma história de ter

tido uma mãe que trabalhava fora como manta
cionista e deixava seus filhos como avô.

O pai de T. — um homem negro — logo
abdicou das cuidados com a família nos primei-
ros meses de vida. — se não me engano.

Digo que meu pai foi sempre ausente em
nossos cuidados do dia-a-dia e que eventual-
mente em casa havia um a trabalha-
dora doméstica conosco possivelmente por
sua falta. Vendo minha caligrafia

assim mais livre lembro de T. — ter me
dito de sua mediunidade e também de seu
pai. Seu pai psicografa cartas. Uma das

primeiras coisas que a T. — me apresen-
tou foi o cartaz de um negro fugido cham-
do Fortunato que ela comprou com um
cara de antiquário nas classes do centro de Rio, um
ambiente procurando Fortunato — esse era

seu nome. T. — fez uma pós em memória
social na unio sobre comunidades
quilombolas. Estudei na Unicy com
um quilombola que pertencia a um dos
quilombos que T. — se aproximou — o
de Campinho em Paraty. Escrevi tal
documento. Essa caneta demanda
de mim muita força física para sua
escrita. Preciso comprar uma nova.

Falamos sobre as mulheres. Sobre as
mulheres. Sobre as tias brasileiras, as
hospitalares. Já não há mais tanta

Tomamos uma sopa por último com
feijão branco e vegetais que a

T. — tinha realizado.



Millena LÍzia compartilhou a publicação de **Celina Rodrigues** — com **Aline Besouro** e outras 42 pessoas.

3 de julho de 2017 · Rio de Janeiro · 🌐 ▼

Eis que, aos poucos, começo a me dar conta de que o primeiro dia da semana já é o segundo e que o final de semana termina com um começo. O tempo tem essa coisa brincante que nos deixa zonzos mesmo.

Em 1º de julho do ano passado lançava o primeiro anúncio do Faço Faxina. Eis que em 1º de Julho desse ano, com a bença de Mãe Celina, com muita humildade, conversas e carinho, pedindo primeiramente licença aos nossos ancestrais e aos orixás, entendo que se encerra esse ciclo na cerimônia de Lavagem do Cais do Valongo, cerimônia essa de reverência aos ancestrais em espaço memorial da diáspora forçada africana.

A responsabilidade desse gesto tem seu peso. Confesso que estive ali um tanto intimidada. Quando Mãe Celina Rainha – ou, melhor, Princesa, e do Benim – encerra seu primeiro ritual e diz pra mim "vai fazer seu trabalho" foi com a garganta seca que me pus em movimento com um vasilhinho com a água de cheiro em uma das mãos e na outra um galhinho de arruda. Busquei na doçura de **Elô Nunes** um conforto. Foi preciso descalçar-me e pisar naquele solo. O sol esteve forte na ocasião e apenas a água de cheiro mesmo aliviava a secura. A coisa toda passava por diluir-se no tempo e no espaço com todes presentes e ao som dos filhos de gandhi.

Foi com um sentimento de gratidão enorme que pisei naquele solo sagrado, naquele portal espiritual, como bem diz Mãe Celina, mas que já foi um espaço de muita dor. Contudo, não teve como estar ali pra mim e não lembrar e agradecer pelas experiências de Elekô com o Coletivo Mulheres de Pedra e parceiras, a reunião com artistas negrxs na Pedra do Sal (com **Rafa Éis**, **Jandir**, **Thiago Ortiz**, **Ethel Oliveira**) – reunião essa que depois se reverberou nas rodas de conversas no Centro Cultural Pequena África. E assim o CCPA vem se construindo como esse espaço de acolhimentos desde então.

Quando a cerimônia de lavagem se encerra e Mãe Celina diz que já está com a alma lavada tratamos todos de subir as escadas. Aos poucos, ainda sob o toque dos filhos de gandhi, começa a ter um vento mais fresco e as nuvens dão uma trégua no sol forte. O tempo oscilou muito ao longo do dia até que choveu. E chove até agora. A lavagem ainda tá aí. Infelizmente, as dores do povo preto também tão aí e há muito trabalho e luta ainda pela frente.

Tenho pra mim que esse ciclo que se encerra, o do Faço Faxina, foi uma oportunidade única de eu rever a minha história, de como me inscrevo no mundo, e de forma coletiva. Adoraria saber de quem participou o que foi o Faço Faxina pra vc. São muitas as pessoas que preciso agradecer aqui, e que participaram dessa construção de formas muito distintas, direta e indiretamente.

Por fim venho entendendo que esse ciclo possibilitou pra mim muitos encontros e tratou-se de deixar o meu peito mais leve, sobretudo depois das experiências únicas de sábado pela manhã! Muito honrada com as experiências que essas palavras não são capazes de dar conta desses fluxos, os de vida.

Agradeço a você!

Coração!

Axé!



Celina Rodrigues está com Rafa Éis e Millena Lizia.

2 de julho de 2017 · Rio de Janeiro · 🌐

Encontro ancestral!
Millena Lizia...foi mega perfeito.
Foto: Mariana Barros

Curtir Comentar Compartilhar

Cexe Cexelia, Tatiana Henrique e outras 110 pessoas

Renata Sampaio Que linda! Parabéns! Axel! 1

Amel · Responder · 28 sem

Millena Lizia respondeu · 1 resposta

Berenice Xavier Beleza. Força. Bênção. 1

Amel · Responder · 28 sem

Millena Lizia respondeu · 1 resposta

Paula Sancier Axé! Termina com um começo cheio de amor! 1

Amel · Responder · 28 sem

Millena Lizia respondeu · 3 Respostas

Nyimpini Khosa Da Siderurgia Chorei, me emocionei, não tem como não se comover com esse texto, que é lindo, mas nem por isso, mas sobretudo pela carga de seu conteúdo. Feliz por ti irmã, muito. Que os ORIXÁS, ancestrais continuem guiando cada passo seu, nosso... Axé, irmã

Amel · Responder · 28 sem

Millena Lizia respondeu · 3 Respostas

3



Ethel Oliveira Iman, que belo ciclo se cumpre. Parabéns. Todo Axé. Tenho orgulho e vejo beleza nos seus despertares para a consciência ancestral e para os caminhos futuros. Lembro de vc muito apereada em certos momentos... mas disse a vc q confiasse em ti. q bom q cada dia esta mais confiante e nao parou de caminhar.

Amel · Responder · 28 sem



1

↳ Millena LÍzia respondeu · 1 resposta



Tatiana Henrique Gratidão por estender tua experiência e sentimento e pensamento a essas mãos daqui, Millena. Compreendo junto que somente o significado que as águas representam na nossa fé e imaginário e filosofia apaziguam o que insiste em nos perturbar e extinguir. Acalento acalanto. Adupé... Ver mais

Amel · Responder · 28 sem · Editado



1

↳ Dani Mattos respondeu · 4 Respostas



Aline Besouro Alegria imensa de ter conhecido seu caminho e percorrer por ele. Parabéns minha amiga! Bom viver acordada contigo! Axé

Amel · Responder · 28 sem



1

↳ Millena LÍzia respondeu · 1 resposta



Lívia Barroso de Moura Lindo demais.... emocionei

Curtir · Responder · 28 sem

↳ Millena LÍzia respondeu · 1 resposta



Gabrielle Souza Que desenho lindo esse trabalho inscreveu no mundo! tão potente, visceral, necessário! fico muito honrada, feliz mesmo, por ter te encontrado nessa caminhada... não sabe como significa pras bandas de cá! transformou um monte. ❤️ 😊 Axé!!

Amel · Responder · 28 sem



1

↳ Millena LÍzia respondeu · 1 resposta



Thais Rosa Pinheiro Muito feliz de ter participado um pouquinho dessa sua experiência, que é um despertar para um novo ciclo de crescimento. Muito obrigada pelas trocas e muita luz para sua caminhada. um beijo grande.

Amel · Responder · 28 sem



2

↳ Millena LÍzia respondeu · 1 resposta



Cássia Maria Monteiro Das coisas que eu mais aprendi com você é que limpar não é necessariamente "deixar limpo", mas reposicionar as coisas, remexer em estruturas, repensar nossos lugares. Aprendo e aprendo a cada dia... me vejo com esse processo empoeirada de cinzas que pe... Ver mais

Amel · Responder · 28 sem



3

↳ Millena LÍzia respondeu · 1 resposta



Ingra da Rosa Ah... vou só chorar.

Curtir · Responder · 28 sem

↳ Millena LÍzia respondeu · 1 resposta



Dani De M G Millena, quanta beleza! Você tem uma força de candura que lava muitas alminhas por aí. Grata por seguir tão doce! ❤️

Amel · Responder · 28 sem



1

↳ Millena LÍzia respondeu · 1 resposta



Naves Naves jorro de força, alegria e doçura. Um beijo. ❤️

Amel · Responder · 28 sem



↳ Millena Lízia respondeu · 1 resposta



Amanda Palma Que lindo! Obrigada por me marcar. Gratidão por esse trabalho pela tua trajetória. Obrigada!

Amel · Responder · 28 sem



↳ Millena Lízia respondeu · 1 resposta



Ronald Vicent Campos Lindo texto Millena. Desejo que os novos ciclos se construam com tanta intensidade quanto os que se encerram.

Curtir · Responder · 28 sem



↳ Millena Lízia respondeu · 1 resposta



Vinícius Guerra Millena querida, que potência linda! Sou fã de ti e da tua obra. Estou feliz que terminaste mais um ciclo. A tua energia em comunhão com a sua ancestralidade desperta uma explosão de sentimentos e significados, para além do tempo e espaço. Você, como t... Ver mais

Amel · Responder · 28 sem · Editado



↳ Vinícius Guerra respondeu · 2 Respostas



Nathalia Grilo Desejo bons ventos, mana. Que as águas que são as próprias Oxum e Yemonjá lavem todas as poeiras dos dias e abram nova nascente em seu caminhar.

Amel · Responder · 28 sem · Editado



↳ Millena Lízia respondeu · 1 resposta



Mara Pereira Que bonita e forte sua escrevivência, Millena! Muito emocionada aqui... Que você siga inspirando com sua fala, sua escrita e seu gesto. Uma felicidade muito grande conhecer você! ❤️

Amel · Responder · 28 sem



↳ Mara Pereira respondeu · 2 Respostas



Diana Kolker Carneiro da Cunha Queria muito estar contigo nesse momento lindo. Mas estamos!

Amel · Responder · 28 sem



↳ Millena Lízia respondeu · 1 resposta



Cexe Cexelia não era dia 9? 🙄

Curtir · Responder · 28 sem

↳ Millena Lízia respondeu · 1 resposta



Augusto Marcos Coelho Filha

A sua sensibilidade me emociona. Consegui introduzir nos nesse ritual, traçando um link histórico, em que muitos fingem não ver e outros fazem questão de esquecer.

Te amo filha.... Ver mais

Amel · Responder · 28 sem



↳ Millena Lízia respondeu · 1 resposta



Michele Zgiet de Carvalho que ciclo!

Curtir · Responder · 28 sem

↳ Millena Lízia respondeu · 1 resposta



Escreva um comentário...

Niterói, manhã de 06 de julho de 2017.

Manuscrito disparador do encontro de qualificação no auditório do IACS 2 (Instituto de Arte e Comunicação Social) da UFF.

Além de mim, que fiz a leitura do manuscrito, marcaram presença física na ocasião – entre membros da banca, orientadores e convidad_s – Angela Donini, Branca Falabella, Dora Moreira (que salvou no café), Fátima Lima, Gabrielle Souza (essa parceira de outras jornadas), Jorge Vasconcellos e Ricardo Basbaum.

Talvez eu tenha que começar nossa conversa abrindo meu coração e lhes dizendo que não era bem assim que eu imaginava nossa reunião, num primeiro momento. E isso não significa que eu não me sinta honrada com a presença de cada um aqui, mas que, refletindo sobre as dinâmicas de encontros que a série de ações do Faço Faxina me proporcionou, entendia que era por aí que devíamos nos aventurar, nas dinâmicas da Casa. Assim, sempre me perguntei quando meu próprio ambiente doméstico e meus hábitos seriam implicados nesse processo, já que a coisa toda se deu, nesse último ano, com as portas das casas de quem me contratava, – e, dessa forma, apostava bancar a proposição – sendo abertas pra mim. Imaginava que o momento de qualificação podia ser esse, e que em minha casa podíamos fazer uma conversa mais livre sobre o processo artístico, sobre o que vem me atravessando e me compondo nisso tudo – como uma espécie de estúdio aberto que eu pudesse mostrar o que vem sendo feito com o material residual coletado, com os escritos e desenhos cansados no diário logo após as faxinas, com os arquivos de imagens registrados, com as peças de roupa do trabalho – e sobre como a experiência toda de disponibilização, intimidade, de confissões, de privacidade vem fazendo eu pensar justamente sobre o que não mostrar, sobre uma imagem que não se mostra e que por conta disso o que se apresenta é o estímulo imaginário e o que se produz são os resíduos de sensações. Pois, com as ações encerradas – recém encerradas, aliás, nesse último 1º de julho – entendo que o maior desafio em termos estéticos agora é aquele de agenciar o como se pode apresentar essa experiência e que outras experiências pode-se suscitar com a apresentação da experiência.

Bom, mas ocupar esse lugar, que pra mim não tem absolutamente nada de neutro, também é um desafio – e é um dos desafios que venho querendo bancar nos últimos tempos – desejando inscrever, conjuntamente com outros corpos, com meus pares, regimes de saberes, poderes e subjetividades antes, comumente, alheios a esse espaço – o tal do espistemicídio que discute a Sueli Carneiro – pois sabemos que a intelectualidade brasileira, implicando também o campo das artes visuais, tem cor, e desse espectro, desse matiz, eu não faço parte e foi de um modo muito doloroso que foi me ensinado isso, não tenha dúvidas. Não à toa tomei a seguinte descrição pra mim durante esse período de um ano: faxineira-artista-**pesquisadora** – que acabou, inclusive compondo o meu lattes. Sim, claro que existem problemas nessa nomenclatura e como o próprio programa estético se constrói e eu não fujo do debate, pois pra mim essa construção também se compõe como um convite para encararmos os problemas, assumirmos responsabilidades, entendermos, cada um, nosso papel nisso. Bom, é apenas um convite e ninguém é obrigado a nada e cada um se relaciona com a proposição ao seu modo. E isso me escapa. O que não me escapa é como eu me relaciono com o tema. Talvez um dos modos que encontrei pra problematizar como me implico nessa história tenha sido o texto de qualificação entregue pra vocês. Pois, como eu poderia discutir meus processos artísticos, como bem conversei brevemente contigo, Ângela, quando entregava uma cópia do texto e nos apresentávamos pela primeira vez, sem discutir meus processos de vida, como a vida me formou, me deformou e, por que não, me colonizou?

Nessa segunda-feira reví, depois de inúmeras vezes, um vídeo da Nina Simone que ela é incitada a refletir sobre a liberdade. Olha, vou dizer aqui que esse vídeo já foi tema de conversas entre amigos – talvez a conversa que tive mais impactante sobre esse conteúdo tenha sido aquela com o Jandir Jr. –, e já foi até mesmo um disparador de aula quando a proposta era discutirmos arte e política. Pois, depois de hesitar um pouco em relação a se posicionar sobre o tema, vagueando sobre o assunto e chegando, finalmente, como essa questão a atravessa quando está no palco, Nina Simone chega ao ponto que queríamos: “Eu te digo o que liberdade significa pra mim: Nenhum medo!”. O modo enfático que ela formula isso sempre me tocou. Recordo de dividir com outras mulheres negras, a Gabi e a Isa fazem parte disso, que hoje entendo que o processo de se tornar adulta pra mim se construiu sobretudo por meio dos medos. Medo de falar, medo de não falar, medo de fazer, medo de não fazer, medo de escrever, medo de não escrever, medo de ser, medo

de não ser, medo de se expor, medo do silenciamento. Ora, se a condição de saída é sempre o medo, é melhor que se posicione, que ponha-o pra fora, pois ele sempre tratou de te devorar e por dentro. E, assim, quem sabe, o medo se torna um adversário, um oponente, com quem a gente se põe a jogar. Bom, Audre Lorde e a Glória Anzaldúa, por exemplo, já se posicionaram sobre o tema muito melhor do que eu, não tenho dúvidas. Mas tenho pra mim que as fronteiras entre o medo, o auto-ódio e a auto-rejeição se apresentam de forma borrada, fruto dos mesmos mecanismos de sujeições talvez. Mas algo na fala da Nina, em sua porção final, sempre me escapou, surpreendentemente. Depois de estar um pouco zonzá ainda, com aquele momento de epifania que a fez concluir que liberdade é não ter medo, ela completa, depois de um suspiro: “Como um novo jeito de enxergar, um novo jeito de enxergar algo!”.

No ensaio “Paradoxos de uma arte política” Jacques Rancière propõe uma crítica pertinente sobre a eficácia daqueles que se inscrevem como produtores de formas e fórmulas que se pretendem artísticas e politicamente subversivas, assumindo para si, portanto, uma complicada posição missionária e, em certa medida, pedante de seus trabalhos. O que o artista faz lhe escapa, tô segura que essa é uma matéria pueril. Outro dia o Rafa Éis, a partir de sua pesquisa que envolve os gestos de invenção de si, levou uma contribuição interessante para o curso que Anita e eu estamos propondo: uma noção de uma performatividade dos objetos. Talvez a gente tenha que assumir que o trabalho de arte ganhe um corpo e se aventure em relações por aí e que dessa forma ele se ressignifica continuamente e deixa de ser nosso, cada vez mais. O Faço Faxina, assim, gostaria de dividir com vocês, não trata-se no meu entendimento, de uma cartilha, de um manual, de um método, de uma pedagogia ou de uma fórmula, mas apenas de um dispositivo de encontro que se faz ao levantar questões que se inscrevem no comum, no cotidiano. Nunca me senti em missão, no direito ou no dever de dizer pra qualquer um como ele ou ela deveria se relacionar com o tema do trabalho doméstico, do trabalho de arte e do trabalho acadêmico, mas dividi como me sentia, dividi minhas experiências. E comigo foi dividido como cada um se relacionava com os assuntos. Dessa forma contamos nossas histórias e, assim, a partir da oralidade, encontramos pontos comuns e divergentes da vida em sociedade. Não que isso represente pra mim uma posição conciliatória e apaziguadora dos grandes sistemas de classificação da diferença que estamos submetidos, absolutamente, pois um dos temas mais conversados entre a gente era

justamente as injustiças sociais. Mas viver essas experiências pra mim sobretudo significou – na verdade desde as outras elaborações da série *Áreadeserviço* – aquilo que a Nina Simone fala: “Como um novo jeito de enxergar, um novo jeito de enxergar algo!”. Não é que eu queira mudar as relações e o mundo com a minha proposição estética, mas foi ela que me mudou. Se a gente encontra um novo jeito de enxergar, e de se enxergar, possivelmente o mundo, o nosso mundo, ou os nossos mundos, já moveram. Assim, o Programa Estético que propus – que desejo defender como um Programa Epidérmico in-mundo, sobretudo influenciada pelas discussões do esquema epidérmico da racialidade de Frantz Fanon – nunca tratou-se de buscar um fim, mas, sim, um começo. E como um começo de conversa, que sempre se fez com muitas perguntas, sobretudo para mim mesma, que acabavam por influenciar que olhares lançar para a proposição e para as relações que ela suscita. Na verdade é preciso dizer que o Faço Faxina surge justamente por meio de uma pergunta: quando eu efetivamente iria me dispor como a trabalhadora doméstica, aquela que cuida da sua casa, essa personagem chave para pensarmos as dinâmicas de permanência das relações coloniais na atualidade? Pois até então eu vinha realizando gestos que tensionavam essa narrativa única, estereotipante, em torno dos corpos femininos negros em proposições em espaços institucionais da arte, após uma vivência de habitação num quarto de empregada. Mas convocar esse tema, encarar essa narrativa, implica também em estar em contato direto com outros atores sociais, aqueles que usufruem desse serviço e conquistam para si toda sorte de narrativas de ser no mundo. Em algum momento a principal questão pra mim era se era possível construirmos um comum. Em uma das faxinas, realizada na casa de um ator e diretor de teatro interessado nas minhas construções de corpo ele se diz constrangido em pedir para que eu limpasse a casa dele, pois, afinal, eu era uma colega. Dessa forma eu produzia dissenso, entrando em outro termo chave do pensamento sobre estética e política do Rancière, menos porque eu podia se apontada como a outra, a diferente – e a diferente porque a outra–, mas porque eu era muito próxima. Daí eu comecei a compreender que a trabalhadora doméstica não faz parte da partilha do comum dos cidadãos e das cidadãs médias. Em seguida ele me diz: “ainda bem que tenho terapia marcada amanhã”. Hoje a minha principal pergunta em relação a esse projeto é se ele não é sobre os cuidados. Talvez eu lance muitas perguntas pra essa proposição, e sem ousar a elaborar respostas, justamente porque ela não se faz, nunca se fez sozinha. Aliás, em algum momento entendi que esse momento da

qualificação devia ser realizado com todos que participaram diretamente do Faço Faxina, e o Jorge tentou me convencer do contrário, alegando uma certa impossibilidade de se fazer esse encontro valer com esse formato. Mas, talvez, trata-se disso mesmo, de impossibilidades, de excessos, de acúmulos, daquilo que escapa. Tô segura que minha percepção em relação ao projeto é precária porque parcial e sempre provisória. Em termos éticos, depois de um ano e muitas conversas – obrigada Cássia, Di e Rafa – percebi que não era do meu interesse fazer me passar pela empregada doméstica e tentei deixar evidente ao longo das ações que realizava esse fazer de uma forma amadora. O que tava/tá em jogo pra mim é justamente tensionar se meu corpo cabe em outras narrativas. Assim, Angela, pensei muito no que você sugeriu, de eu tentar reproduzir de alguma forma uma situação nesse espaço acadêmico como se estivéssemos em minha casa. Me pareceu pouco leal com o trabalho, para me filiar a uma discussão da Dora, tentar fazer esse espaço passar por aquilo que ele não é: a minha casa. E digo isso porque já deixaram bem claro pra mim que as coisas aqui funcionam num esquema Casa Grande & Senzala, e me parece que não há metáforas nessa formulação. Assim sendo, talvez eu seja a preta da casa, para essa que se julga da Casa Grande e depois vem com um discurso apaziguador de que a instituição somos todos nós. Pois, exatamente, Jorge, e se eu tomo como paradigma relacional e ético o do Quilombo? Eu poderia encarar o levantamento bibliográfico, por exemplo, como um aquilombamento? Sei bem que posso discutir cuidado a partir das elaborações de Foucault, e não nego e muito menos ignoro esse saber, mas posso tratar desse tema a partir da filosofia ubuntuísta, por exemplo. Ou, se ao invés de usar Spinoza para discutir encontro, porque não é Exu que tomo como referência? Ou, se ao invés de me apoiar em Marx para discutir trabalho, porque não realizo uma entrevista com Mãe Celina de Xangô, por exemplo, a ialorixá da região portuária, ex-radialista, ex-trabalhadora doméstica, dentre outros ofícios, gestora de espaço cultural na região do Porto Marvilha, que se auto-denomina como mãe de santo, comunista e faz trabalhos espirituais? Não sei, eu fico com uma coceira de perguntar pra ela o que significa trabalho em sua concepção. Tenho pra mim que eu não seria leal com meu trabalho se eu me apoiasse num cara como o Oswald, uma das figuras centrais do modernismo brasileiro, cuja família enriquecera em São Paulo com o aluguel de pessoas escravizadas. Esse tipo de brasilianismo festivo não cabe, no meu entendimento, num processo que a abordagem é anticolonial. Recordo agora da banca de mestrado em ciências sociais

do Nympini Khosa na UERJ, um irmão moçambicano contador de histórias. Lhe foi sugerido que lesse os africanistas, pois assim sua percepção sobre Moçambique teria um ganho. Nessas horas, Ricardo, lembro de sua fala em sala que para determinadas situações não há negociação. Mas são histórias como essa da Mãe Celina, do Nei Lopes, da Conceição Evaristo, da Carolina Maria de Jesus e tantos outros, e poderia citar queridos mais próximos, como a Aline Besouro, o próprio Khosa, Ingra da Rosa, Renata Sampaio, Ismael David, Jandir Jr., Lyz Parayzo, que fazem eu concluir que primeiro a gente se constrói como plural, se vira como pode nos papéis, torna-se etc de saída, para depois ser artista. Na real, afirmarmos como artistas ou teóricos nesses meios excludentes é um ato de rebeldia, é tomar para si uma narrativa que não esperam que nossas corpos possam ocupar. A Conceição já falou da rigidez de uma cidadania lúdica para os corpos negros, que se reconhece nossa importância cultural na culinária, na dança e na música brasileira, mas não em espaços culturais que implicam os jogos intelectuais. Dessa forma, figuras como Lima Barreto e Machado de Assis são embranquecidos pela história.

Fátima e Jorge, vocês perguntaram pra mim em nosso encontro, quase há uns 10 dias atrás, o porque do meu desejo em realizar o meu trabalho na academia. Se me permitem, talvez a pergunta a se realizar é qual o interesse de uma instituição de ensino universitário ter uma linha de pesquisa chamada Estudos dos Processos Artísticos, na qual me insiro, num Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes. A princípio, qualquer um que tenha uma pesquisa em arte contemporânea potencialmente poderia ser acolhido pelo programa, não? Ah, Jorge, gostaria de entender o que pra você é um escrito de artista. Sou artista, escrevo sobre meus processos artísticos e tento investigar sobre como a vida produziu um olhar, uma subjetividade, que se desdobram em minha produção, pesquiso pra caramba e estou completamente implicada com tema. Logo, os meus escritos não seriam escritos de artista? Não sei. Fiquei tentando entender melhor essa categoria. Os meus exercícios de escrita nos últimos tempos vêm se aproximando de uma dinâmica da oralidade, de uma dinâmica de conversa e da contação de histórias, tomando como referência essa tecnologia de saber ancestral. Me parece que essa é a escolha coerente com a prática artística do Faço Faxina. E esse estilo é uma busca e envolve se implicar com outros regimes de saber-poder que não os hegemônicos, neutros. Não a toa essa comunicação que preparei se dá em escrito, nesse primeiro momento. De alguma forma o meu desejo foi

o de estabelecer com os outros autores no texto uma estética que se aproximasse das rodas de conversas: cada um tem seu momento de fala e dessa forma se constrói um encontro. Não sei se funcionou e estou na expectativa das considerações de vocês. Coloquei aqui já várias questões e problemas e imagino que vocês tenham várias questões também a me oferecer.

Branca, depois, relendo as citações que utilizei, lembrei que o trecho que uso de autoria do Paul Gilroy foi um ponto de encontro nosso na aula da Fátima em que o *Entre Campos* era a leitura que estimularia nosso debate. Nunca estive numa turma tão preta e tão plural na minha vida. Contudo, o seu gesto de se juntar aos alunos no decorrer do curso, naquela sala de cadeiras fixas, que não possibilitava a criação de uma roda, chamou minha atenção – você que fora apresentada no primeiro dia de aula como colaboradora do curso junto à Fátima. Fiquei me perguntando se essa era a postura do mestre ignorante que discute o Rancière, mas se buscamos a orientação de trocas de experiências da filosofia ubuntuísta, seremos introduzidos à noção de polidiálogo, em que “no lugar de ouvir e falar em busca de “vencer” um debate, podemos ouvir-falar sempre de maneira múltipla, sem necessidade de estabelecer consenso, sem necessidade de vencer disputas; mas, procurando atravessar os caminhos e encruzilhadas que existência reserva”¹ construindo comuns.

Em algum momento desejei te perguntar, Ricardo, por que você desistiu de se inscrever no Faço Faxina, já que em algum momento você esboçou um interesse, mas não sei ao certo como encaixar essa pergunta aqui nesse texto. A Fátima me disse que não responderia o questionário. Mas tenho pra mim que quem deixa de fazer também faz parte desse fazer. Acompanhei as discussões de alguns amigos se se inscreveriam ou não e me foi mandada algumas poucas mensagens justificando porque desistia de participar da proposição. Isso já é participação. E esse momento aqui nosso também se insere nesse fazer, na minha opinião.

Assim, me parece que me lanço aqui menos como uma aprendiz emancipada – emancipação, descolonização, se fazem em processo contínuo – , mas me lanço como uma aprendiz em aventura: invenção,

¹ NOGUERA, Renato. **Ubuntu como forma de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva**. In: Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 3, n. 6, 2012, p.149 - 150.

risco, especulação, absurdo, loucura, cuidado, auto-cuidado – talvez o maior ato político e rebelde que eu possa realizar nesse mundo.

Agradeço a atenção de vocês e estou pronta para escutar.

Adupé!

Axé!

(Niterói, manhã de 06 de julho de 2017)

ou

Brasília, 7 de abril de 2016.

Encontro com mulheres pela democracia com a presidenta Dilma.

(Um texto que eu gostaria de ter levado para qualificação e não o fiz, atravessada por outras urgências, questionamentos, dúvidas e inseguranças.)

*Transcrição do discurso da **Creuza Maria de Oliveira**, Presidenta da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas num ato de apoio ao mandato da Presidenta eleita daquilo que, pra fins formais, se chama República Federativa do Brasil.*

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=veKR3Ec2VsY>

E hoje, nós trabalhadoras doméstica, temos org...orgulho, Presidenta Dilma, de ter oportunidade de vê nossas filhas e filhos numa faculdade [aplausos], que nós não tivemos oportunidade. Que nós não tivemos oportunidade. Estamos aqui, trabalhadora doméstica de vários estados, mas também mulheres de vários segmento. Isso quer dizer que nós estamos também participando da defesa desse governo que é nosso [aplausos], foi nós que elegemos a Presidenta Dilma, as mulheres do Brasil, e queremos respeito a...a, queremos respeito a esse mandato democrático eleito pelo povo, pelas mulheres [aplausos]. Então não podemos aceitar que a constituição desse país seja rasgada. Então queremos dizer: mexeu com ela, mexeu conosco! [aplausos e gritos entusiasmados] Então não vamos aceitar retrocesso. Não vamos aceitar retrocesso! Presidenta Dilma, tivemos um encontro, a semana passada, de trabalhadoras doméstica de várias partes do Brasil, de norte a sul, e tiramos uma moção de apoio ao seu mandato e ao Presidente Lula [aplausos e gritos entusiasmados] que hoje nós somos reconhecidas através desse mandato popular, desse mandato que nós também contribuímos pra eleição. Estam..., estamos contigo e retrocesso nunca mais. Então [chama o grito] MULHERES NA RUA, A LUTA CONTINUA [que passa a ser entoado pelas demais] ...Temos que lutar ...A LUTA CONTINUA [segue Creuza com as demais].

1.1.1 PARÊNTESE

(Demais textos que me pareceram valer a pena aproximar do discurso anterior)

Brasília, 12 de abril de 2016.

*Transcrição do discurso da estudante de medicina cotista **Suzane da Silva** no Encontro da Educação pela Democracia no Palácio do Planalto.*

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uNrfjgr00ec>

Eu tô aqui como mulher, como negra, como periférica [aplausos] e eu queria dizer que eu poderia..., eu tinha tudo pra ser uma excelente babá, faxineira ou empregada doméstica. Isso tava marcado na minha história. Era meio que era determinado pra mim, mas eu tenho a oportunidade graças a... a... a... a essa nação educadora que lutou pelo ProUni, que lutou pelo Reuni, que lutou pelas políticas afirmativas, que lutou pelas cotas pra negro. Eh... e eu queria dizer que esses avanços ainda são um começo. Eu não agüento mais lutar contra retrocesso. Eu não agüento mais lutar contra uma tentativa de retirar direitos arduamente conquistados [aplausos]. Tem uma professora, baiana, negra, chamada Makota Valdina... [aplausos] e tem uma citação dela que eu acho maravilhosa. Diz assim: “não sou descendente de escravos [pausa], mas de pessoas que foram escravizadas” [Respiros profundos e aplausos]. E eu acho, Presidenta, que a gente ainda vive num país onde o racismo é muito forte, né. Enquanto eu tô dentro da medicina, eh..., junto com cerca de 2,7% dos estudantes de medicina negros hoje no Brasil, 67% da população carcerária é negra. A gente ainda tem muito o que conquistar. Eu quero ver Rafael Braga que foi preso por causa de um... um pinho sol [aplausos entusiasmados] dentro da Universidade junto comigo. Não dá pra gente ficar discutindo retrocesso. Não dá pra gente ficar refém do fascismo. É hora do Brasil avançar, é hora da gente dizer não pro golpe e é hora da gente dizer que a saída é pela esquerda. [aplausos] É isso que tá todo mundo gritando aqui, eu sei! Presidenta, recentemente eu compartilhei uma foto minha [a platéia começa um coro com a frase “Me representa!”] no Facebook... [pausa da Suzane com sorrisos] Presidenta recentemente eu compartilhei um foto minha no Facebook dizendo “não ao golpe” segurando esse cartaz [com os dizeres “A CASA GRANDE SURTA QUANDO A SENZALA VIRA MÉDICA”, [algo ilegível] e “#NÃOVAITERGOLPE”] [aplausos]. Essa foto minha foi compartilhada por um grupo intitulado “Dignidade Médica”, que é composto por cerca de 100.000 médicos e estudantes de medicina..., que já foram conhecido no Brasil por, eh, defenderem o holocausto e a castração química de nordestinos e de eleitores de Dilma Rousseff. E esse grupo compartilhou a... a minha foto, e haviam vários

comentários racistas, um deles era o seguinte: “Será que ela entra no hospital com esse cabelo?”. E eu tô aqui [acenando o sinal de não com o braço pro alto que em seguida se transformará em gestos afirmativos entusiasmados] pra dizer que não entro só no hospital não, que entro no avião e que entro no Planácio do Planalto! Eu entro no Palácio do Planalto! [A platéia retoma os gritos de “Me representa!]

Rio de Janeiro, 30 de março de 2017

Manuscrito realizado por mim para ser lido como uma das formas de ativação do bate-papo intitulado “Ser artista mulher no Brasil”, na Caixa Cultural do Rio de Janeiro. No período a realização do Faço Faxina encontrava-se mais ou menos em seu meio e acabei divulgando o anúncio do mês, referente ao projeto, no datashow do auditório da instituição. Além de mim, as demais propositoras eram a Tatiana Henrique e Roberta Barros. O convite para propor essa programação partiu da artista, educadora, curadora Daniela Mattos – pelo menos é assim que lembro dela ter se nominado em outra ocasião. A Daniela foi a responsável pela mediação da conversa.

Gostaria de entender o campo da arte, esse da arte contemporânea, como um laboratório de conspirações contra as forças hegemônicas. Juro que minha fantasia mais íntima passa por aí. No entanto o que venho sentindo na pele é que esse não passa de um laboratório catalisador de opressões, de abusos. Talvez o entendimento de ser artista mulher preta no Brasil passe pela compreensão de que nosso lugar à margem no mundo é ainda mais à margem. O processo de marginalização sobretudo se dá por um mecanismo dos mais eficazes desde o período colonial: o de produzir desterritorialidades, despertencimentos. Desde a terra, seus objetos, seus iguais, sua língua, sua comida, seu corpo, sua fé, seus sonhos, seu ser. O que resta são apenas os cacos, os resíduos: um corpo quase não corpo, um ser quase não ser, que reside em resíduos, e que, assim, resiste. Os mecanismos de despertencimentos se fazem valer até hoje sobretudo nos campos mais exclusivistas, os que geram exclusão, marginalização, justamente. Mas o que desejo abordar é que as esferas de poder não se dão apenas em seus modos estruturais e estruturantes, institucionais e institucionalizantes. Elas se configuram nas relações 1:1, com aqueles que supostamente se colocam ao nosso lado.

A opressão sobre a mulher preta é complexa, pois nós somos escrotizadas por todos os lados praticamente. Seria simplório concluir que a ameaça de nossa dignidade, de nossa vivacidade, de nossas potências, de nosso ser, venha apenas da opressão patriarcal representada comumente pela figura do homem branco, conservador de direita, latifundiário, cristão, como aqueles que articularam o golpe – os saudosistas do Brasil Ordem e Progresso positivista e do racismo científico. Esse me parece um modelo de corpo opressor, de uma certa forma, simples, fácil, de ser identificado e que sabemos logo de saída que as margens para negociação são bem improváveis. O que desejo trazer é que muitas das vezes aqueles que se colocam do nosso lado na

luta, na arte, no saber, na política, no amor, na vida como um todo, aqueles que se posicionam como sendo de esquerda, anárquicos, hippies, iogues, haribol, skatista, da bike, vegano, da erva, da cerva, do pó, da luz de led, das ondas lisérgicas, da saia e flor na barba, do topless, do suvaco cabeludo, poliamor, desconstruídos, descolados, alternativos, que vão no baile, que dançam contigo até o chão, da zoeira, do batuque, do mapa astral, das relações horizontais, dos exercícios de escuta, das danças circulares, do #VaiTerBrancaDeTurbante, os que reconhecem seus privilégios, os que se apresentam como sendo nossos colegas, são os que mais nos fodem. Mais nos fodem porque em algum momento você pode ser levada a acreditar que as parcerias com as pluriversalidades são efetivamente possíveis, e por alguns momentos podem até ser, mas não é preciso muito para que as assimetrias se revelem e as relações coloniais escravocratas e misóginas sejam reencenadas. E dói, viu? Nos destrói e faz com que a gente duvide da possibilidade da vida em comum com diversidade.

Uma mesma pessoa que em algum momento pode se configurar como um parceira de luta, num outro já é sua opressora e depois pode-se aproximar desejando parceria novamente. Essa coisa dos privilégios causam mesmo cegueira, surdes e todo tipo de insensibilidade. Portanto, as opressões interseccionais que alguns corpos minoritários sofrem nos deixam numa tormenta complexa em relação aos jogos de alianças, colaborações, antagonismos e violências – um caldo amargo da doçura brasileira. A crise política que vivemos, no meu entendimento, começa por aí, por nossa ineficiência de construir uma vida em comum com aqueles que deveriam estar ao nosso lado. E essa é uma responsabilidade de todos nós. Sendo alguns mais responsáveis que outros, que seja dito. Contudo, as desigualdades sempre parecem falar mais alto e impossibilitam a esfera dos encontros, das construções em comum, da vida com dignidade em suas múltiplas formas.

Privilégios causam cegueira, surdes, silenciam, invisibilizam, mas quem sofre a opressão pode também criar mecanismos de deixar esses acontecimentos dolorosos de lado, acreditando dessa forma que seus efeitos possam ser minimizados. Mexer com aquilo que te violenta – física, moral e espiritualmente – pode fazer revirar uma série de outros episódios que quando juntos revelam que simplesmente ser já é um ato radical de sua existência. Mas a culpa não é sua e ninguém merece carregar sozinho o peso do mundo opressor em seu peito. Falar envolve riscos, riscos de sofrer mais opressões, de ser tida como ingrata, desequilibrada, louca, agressiva, envolve o risco de sofrer perseguições

e ser posta mais à margem ainda. Contudo, o risco já não é a condição de saída? Mas a culpa não é sua e ninguém merece carregar sozinho o peso do mundo opressor em seu peito. Acho que faxina trata-se disso também: de sacudir a poeira para levantar, desanuviar e quem sabe dar a volta por cima, meu bem.

- **Mas você não é bem negra, né!? Você não tem um cabelo de mulher negra...** comenta uma professora branca ao dividir com ela por onde passava as discussões do projeto que eu gostaria de submeter à seleção do programa de mestrado. Nessas horas às vezes me pergunto se corro risco também de passar por um julgamento que envolva medição craniana.
- **Você é o que dela, a empregada?** – pergunta o entregador ao pedir minha assinatura após deixar sob os meus cuidados a encomenda de uma das colegas do apartamento num bairro de classe média da cidade. A chegada do entregador interrompe meus escritos do anteprojeto de mestrado para o programa de pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes-UFF – projeto, desde aquele momento embrionário, intitulado Faço Faxina.
- **Imagina, você como a empregada!? Você é fina!** – retruca o professor na banca de avaliação da arguição do projeto de mestrado.
- **Ah... isso porque ela tá com esse corte de cabelo moderninho, assimétrico... mas ela pode usar de repente um lenço...** – comenta a avaliadora em diálogo com seu colega.
- **Você apenas não ficou em primeiro na seleção porque a que entrou em primeiro lugar é brilhante: fala cinco línguas.** – comenta um professor sobre meu “êxito” após duas tentativas fracassadas de admissão em cursos de pós-graduação na área das artes no Rio de Janeiro.
- **Vocês bolsistas, se engravidarem, têm direito à licença maternidade. Mas não engravidem!**
- **kkk lindo demais... o meu neto é claro!** – comenta uma mulher (que não faço idéia de quem seja) em uma das primeiras fotografias de vida do meu sobrinho postada pelo meu irmão em sua conta do Facebook.
- **Então... eu não gosto de orientar mulheres... porque vocês me enrolam... (risos). Depois vão falar que eu sou misógina.** – fala uma professora durante seu tempo de curso para a turma.
- **Você deveria se sentir feliz por ser a única aluna negra da turma, afinal você está aqui** – argumenta uma colega após eu ter apontado o

desconforto que essa situação me causa e que isso compõe a minha pesquisa.

- **Você já foi em terreiro, em casa de santo? Já viu como a limpeza faz parte do ritual? Já pensou que as tarefas domésticas pode ser atribuídas a esses corpos por conta disso?** – sugere uma colega em sala de aula recebendo um aceno positivo da professora.
- **O que vocês querem que eu faça, que eu morra – ou me mate, não lembro ao certo?** – Lança a gestora de um espaço público ao ser questionada junto de outrxs colegas “por que vocês branxos nos odeiam?”
- **Mas você tem que entender que a cultura negra é universal. Eu por exemplo uso meu tênis Nike de hip hop...** – diz uma artista de meia idade pra mim num debate na UERJ, depois de argumentar que uma situação de conflito racial tratava-se de racismo reverso.
- **Gente, alguém aqui conhece o Rafucko? Sabe se ele quer ser artista? Manda ele conversar comigo. Adoro artistas com uma maldade... (risos)** – pergunta uma professora em sala de aula para seus alunos.
- **Ei, flor, e você soube do caso do aluno assassinado no Fundão? Fiquei sabendo disso hoje pela manhã...** – Me pergunta uma professora pesarosa após eu questionar uma mesa com o título “Seja marginal seja herói, o mito da marginalidade” onde estava o marginal ali, pois, após um recente processo de enegrecimento e de uma certa deselitização dos espaços universitários ainda estamos à margem e sob risco nesses ambientes. Naquela configuração todos os convidados eram brancos e havia inclusive professor da UFRJ. A mesa se dava no dia de abertura do evento e me surpreendi pelo fato desse acontecimento tão cruel, o assassinato de Diego Vieira Machado, não ter atravessado nenhuma das falas. Para não dizer que nenhum marginal esteve presente ali, por uma conspiração das forças misteriosas do universo, na fala dessa mesma professora, a imagem do Bispo do Rosário com seu manto invade por último sua apresentação por um descuido.
- **Uma pena você não ter vindo ontem. Tiveram elaborações que acho que seria importante pra você tê-las ouvido.** – comenta uma professora sobre uma mesa que participara. Durante o dia sou informada que as discussões da mesa se concentrou em desqualificar a fala da única convidada negra do evento, que justamente propôs racializar o tema do encontro.
- **Ó, vou ter que te botar aqui na lista negra.** – diz o rapaz branco que controlava a entrada das pessoas no auditório brincando ao saber que eu

não encontrava a minha senha para um encontro acadêmico. Digo que é na lista branca que eu não entro.

- **Porque eu não me sinto branca. Tem gente que até comenta comigo: “pô você é branquinha assim, mas tem um bundão de mulher negra, né?”** – uma colega toca esse papo numa fala em um evento acadêmico ao meu lado.
- **Não pensem vocês que eu não me sinta atraído pelas mulheres negras e que não queria ter uma preta amante.** – coisas que se ouve em sala de aula.
- **Então... na real quando disse que vivia um relacionamento aberto não era bem assim... Essas coisas, né? Eu queria tá contigo... Se a gente quiser se encontrar a gente pode combinar um momento na sua casa.** – diz um homem negro, politizado e que conheci num evento acadêmico em nosso segundo encontro. Fico pensando se após um encontro desses em minha casa se ele deveria deixar uma grana pra mim ou se sou eu que deveria deixar uma grana pra ele. Ele me presentearia com um sabonete de arruda que trouxe de uma viagem.
- **Minha companheira não achou nada bom eu estar me relacionando com uma faxineira** – comenta entre outras coisas um parceiro sobre seu relacionamento hétero-cis-branco e aberto até certo ponto.
- **E qual é o problema de você lavar a minha louça?** – grita um macho comigo com quem partilhei moradia quando tentava argumentar a importância de cada um cuidar dos objetos que usa na casa.
- **Mas você gosta de falar, né, querida... (risos)** – comenta um mesmo professor pra mim em dois momentos distintos.
- **Até que seu trabalho tem questões interessantes, néan... essa coisa do cabelo pixaim...** – argumenta a professora sobre o “Estudo de desenho para uma linha reta”, proposição primeiramente apresentada no Afroresistências, em que uso o fio do meu cabelo como uma linha de escrita-desenho sobre um caderno.
- **Dizem que escola boa é que nem cabelo ruim: quanto pior melhor.** – vomita uma reconhecida intelectual brasileira quando tentava ganhar a simpatia da mulher negra da platéia que alertara que não descendia de “escravos”, mas de um povo escravizado.
- **Sempre foi assim e sempre será! (risos)** – retruca a professora historiadora da arte quando questionada do porquê da exclusividade do enfoque eurocêntrico em sua disciplina .
- **Democratização da arte é um sofisma.** – fala uma crítica de arte e gestora de espaço cultural público em evento acadêmico na cidade sobre as instituições de arte.

- **Você vai saber lidar com isso...** – manifesta uma professora amiga quando divido estar passando por uma situação de assédio.
- **Não se engane, querida. Você é lida como a mulata gostosa na academia.**

Os episódios que divido aqui configuram-se como um painel polifônico do que uma mulher como eu ouviu nesse último um ano e meio, quase dois, sobretudo daqueles pertencentes aos ambientes artísticos e acadêmicos que frequento, daqueles que podiam ou deveriam estar ao nosso lado. Não há falas aqui que dizem respeito às experiências do Faço Faxina. Há uma série de implicações éticas nesse trabalho que me fazem cuidar do que não mostrar e do que não contar daquilo que se dá num lugar de intimidade, confiança, disponibilidade, cumplicidade... Não pensem que eu não me problematize nesse processo. A experiência do Faço Faxina pra mim envolve me problematizar eticamente a todo tempo. Pra mim foi preciso incorporar por um ano, quando fiz 30, em minha narrativa de vida e prática a figura da trabalhadora doméstica, essa figura que me permite não apenas um encontro com a imagem estereotipada colonial e contemporânea simultaneamente da mulher negra, mas me permite um encontro com as mulheres da minha família, com as minhas ancestrais, com as minhas irmãs. Entendo o problema que há em uma mulher de classe média se nominar como a faxineira ou a empregada como tomada política e estética, quase como opção. Mas será que posso ser a artista? Será que posso ser a pesquisadora acadêmica? A todo tempo me parece que sou levada a compreender que são essas as narrativas que não me pertencem, voltando a falar sobre os mecanismos perversos de marginalização e despertencimento – mecanismos esses coloniais contemporâneos.

Talvez eu devesse assinar apenas como

preta-insolente-desobediente-raivosa.



Millena LÍzia
18 de fevereiro de 2017 ·

Meio que teve...

Marcar foto Adicionar local Editar

Curtir Comentar Compartilhar

Amanda Devulsky e outras 35 pessoas

2 compartilhamentos 3 comentários

Ingrid Silva Tá tendo bastante até.
Curtir · Responder · 1 a

Millena LÍzia respondeu · 8 Respostas

Luciano Laner é um golpe atrás do outro. tá rolando mais golpe do que em tatame de judô

Escreva um comentário...

- Luciano Laner respondeu · 2 Respostas
- Katia Peikoto Faria** · 3 amigos em comum
Ol poderosa !!

Ative o bate-papo para ver quem está disponível.



Carol Carolina

27 de março às 18:55 · Rio de Janeiro · 🌐



Eu vou oferecer a disciplina:

GOLPE: a história de um país (1500-2018).

Depois lançamos o dossiê e o livro. Se copiarem minha ideia já sabem. Nada de novo: é golpe!



Amei



Comentar

👍👍👍 Você, Ludmilla Lis, Dani Mattos e outras 126 pessoas



Rodolfo Viana Acho que é golpe, a gente criou essa disciplina hj juntos...e não fui mencionado kkkkkkkk. Olivia é testemunha, rs!

Curtir · Responder · 1 d



1



Carol Carolina respondeu · 1 resposta



Edineide Ferreira Abre um canal no you tube 🙌👍 2

Curtir · Responder · 1 d



Gleyce Apolinario Golpe sob golpe! Kkkk 😂 2

Curtir · Responder · 1 d



Marcia Rainha Boa!!! 😄 🙌👍 2

Curtir · Responder · 1 d



Leonildes Nazar HAHAAHAHAHA 😂 1

Curtir · Responder · 1 d



Leonildes Nazar Golpe: a invasão! 🙌👍 2

Curtir · Responder · 1 d



Carla Mattos hahahahaha maravilhosa 😂 1

Curtir · Responder · 1 d



Millena Lizia Total, mana. Só me pergunto se essa história de golpes não começa em 1492... Há uma semana eu tentava por aqui estabelecer o recorte temporal de minha dissertação que, por enquanto, tá assim na capa, ó...esse caos!



3

Curtir · Responder · 1 d



Carol Carolina Morry

Curtir · Responder · 1 d



Escreva uma resposta...





Millena Lízia adicionou 7 novas fotos.



13 de fevereiro de 2017 · 🌐 ▼

Sem eira nem beira somos

AS CARIMBEIRAS

As cariocas da casca, as cariocas do brejo, da ribanceira.

Tomamos a urgência dos nossos gritos e os marcamos pela cidade pois estamos sempre prestes a sermos sufocadas, silenciadas e, justamente, por isso somos as barraqueiras.

Somos as frutas podres de um projeto de pesadelo chamado Brasil. O que tomamos como nossa arte contemporânea também se manifesta de modo ancestral.

Por ainda nos reservarem os lugares mais subalternos desse meio privilegiado, somos as faxineiras, as muambeiras, as rampeiras, as sacoleiras, as manicures, as seguranças, as pedreiras...

Se nos indagarem se somos artistas-etc, diremos que somos etc-artistas. Podem até chegar pra gente com um papo torto de devir e como resposta evocaremos a ginga.

Antes de perguntarem onde fica nosso ateliê ou se somos alguma Fulana de Que se perguntem se hoje temos onde viver.

Somos violentadas e mortas dentro dos alojamentos universitários.

Dos espaços institucionais mais conservadores até aos mais alternativos as opressões sobre os nossos corpos são reproduzidas e, sobretudo, produzidas constantemente. Nos apropriam, nos satirizam, nos minimizam, nos invisibilizam e, eventualmente, quando conivente, deixam que a gente coma pelas beiradas só para fazer a banca dos politicamente corretos e socialmente engajados.

Sendo as artes visuais a mais branca das artes, marcamos o nosso grito:

TODO CUBO BRANCO TEM UM QUÊ DE CASA GRANDE.

Não escolhemos nesse espaço o anonimato – muitas das vezes uma estratégia da rapaziada bacaninha da arte privilegiada contemporânea – porque a vida já trata de nos con-ferir isso cotidianamente. Assim marcamos nossos nomes em bom pretuguês, pois ter o corpo que temos já é estar à beira do desaparecimento.

As Carimbeiras, nesse primeiro gesto, somos [Aline Besouro](#), [Jandir Jr. Lyz Parazyoo](#) e [Millena Lízia](#).

[#QuantasMulheresNegrasNaRelaçãoDxsArtistasDasGalerias?](#)

[#ChequemSeusPrivilégios](#)

[#ContraOGenocídioDoPovoNegro](#)

[#LiberdadeParaRafaelBraga](#)

[#VaiTerCotas](#)

[#PrimeiramenteForaUPP](#)

[#PelaDesmilitarizaçãoDaPolícia](#)





 Curtir

 Comentar

 Compartilhar

 Uná Brisa, Caria Gomes e outras 30 pessoas

4 compartilhamentos

3 comentários



Millena LÍzia As discussões do momento nos pareceram propícias pra lançar nosso texto aqui na rede, depois de duas ações (marginais) em espaços institucionais do Rio. Em breve mais Carimbagens nas peles e paredes dos ambientes mais "bacaninhas" da cidade.

Curtir · Responder · 1 a

 1



Michele Zgiet de Carvalho Guria. Encontrei carimbos na praia, ontem. Estou trabalhando com carimbos em ilha grande. O que que isso significaaaaaa?

Curtir · Responder · 1 a

 3

  Millena LÍzia respondeu · 1 resposta



Millena LÍzia Atualíssimo!

Curtir · Responder · 4 d



Escreva um comentário...



São Paulo, 2 julho de 1961 – 10 de agosto de 1961.

*Excertos entre as páginas 27 e 32 de Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada, 1961, de autoria de **Carolina Maria de Jesus**. Uma publicação da Editora Paulo de Azevedo LTDA, com apresentação do repórter Audálio Dantas e design de capa de Cyro del Nero. No livro, dentre outras coisas, Carolina narra seu processo de ascensão social a partir da publicação de seu sucesso Quarto de despejo: diário de um favelada, 1960, traduzido em dezenas de línguas estrangeiras.*

2 de julho ... Fui a Redação do “Cruzeiro”. O reporter não estava, sentei para esperá-lo. [...] Às 11 horas o reporter chegou, cumprimentou-me e disse-me que amanhã o senhor Cyro Del Nero vai tirar fotografias para por no livro. Disse que a segunda edição do livro vai ser de 10.000 livros e a terceira de 30.000 exemplares. Que eu vou ganhar mais de 500 mil cruzeiros. Para eu não ficar orgulhosa. Eu não estou na idade de ter orgulho. Já conheço todas as reviravoltas da vida.

[...]

... Conversei com o senhor Otavio. Disse-lhe que vou mudar da favela neste mês e que não gosto do *diário*. Eu não sei o que é que eles acham no meu *diário*. Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados.

4 de julho ... Fomos na cidade. Cheguei na Livraria, pedi 1.000 cruzeiros ao senhor Lelio. Ele disse-me que vai dar-me 50.000 cruzeiros no dia 7 deste mês. Insisti com êle. O senhor Lelio estava lendo os originais de nosso livro.

... O reporter disse-me para eu não dizer aos favelados que vou receber 50.000 cruzeiros. (...) Combinamos que eu devo ir na Livraria quinta-feira as 2 horas. (...) Fui ver o senhor Rodolfo. Entrei na oficina para conversar com os operários, que estavam todos alegres.

— Já recebeu alguma coisa?

— Vou receber quinta-feira. Vou dar entrada num terreno, se Deus quiser.

Eu não conheço os empregados pelo nome. Um deles disse:

— Já está assinando cheques?

— Ainda não. Breve hei de assinar, se Deus quiser.

— Quantos anos tem a senhora?

— 46.

— Chi... já é muito velha! Senão eu me casava com a senhora.

Saí achando graça. Conversei com os empregados porque devo-lhes obrigações. Eles favoreceu-me com dinheiro para comprar comida para os meus filhos.

5 de julho ... Levantei as 2 horas, fiquei lendo. Pensando em minha vida que está transformando-se. — Enfim vou ter uma casinha e um terreno para findar os meus dias. Vou plantar flôres, criar galinhas, e assim vou ter um musico para cantar de madrugada: o seu có-có-ró-có!

7 de julho ... [...]

... O senhor Lelio deu-me o contrato para eu ler. Li que ia receber 40.000 cruzeiros concernente aos meus direitos autorais pelo meu livro “Quarto de Despejo”. Fico pensando o que será “Quarto de despejo”, umas coisas que eu escrevia há tanto tempo para desafogar as misérias que enlaçava-me igual o cipó quando enlaça nas árvores, unindo todas.

... O senhor Lelio indicou-me uma cadeira. Sentei. Os filhos, o reporter e o senhor Lelio ficaram ao meu redor. O fotografo bateu a chapa

quando eu assinava e quando eu recebia o dinheiro que já estava preparado. O senhor Lelio pediu para o tesoureiro e disse para eu contar. Contava o dinheiro com nervosismo extremo. (...) O João ficou emocionado, olhando as notas de mil cruzeiros. Queria contar o dinheiro e não sabia.

... O senhor Lelio disse-me que eu devia retirar uma parte do dinheiro e guardar a outra para dar de entrada numa casinha. Para depositar num banco. O reporter mencionou um banco. Despedi do senhor Lelio e zarpamos pelo elevador. Despedi de D. Adélia e fomos para o banco. Chegamos no banco na rua 15 de Novembro, 63. Galgamos as escadas. Varias pessoas olhava-me espantadas. O reporter foi falar com um senhor, que queria abrir uma conta. Explicou que a conta pertence-me. Êle olhou-me. E abriu os olhos demasiadamente demonstrando-me descontentamento. Deu-me vontade de dar-lhe uns tapas no rosto.

[...]

16 de julho ... Estava preparando-me para fazer arroz com lentilha quando a Vera disse:

— Mamãe, olha o Audálio e o Paulo!

Ouvi a voz do reporter e perpassei o olhar pelo barracão. Saí para o quintal e cumprimentei o reporter e o escritor Paulo Dantas. Êle disse-me que o livro sai dia 16 de agosto. Que susto que eu levei! Eu sei que vou angariar inimigos, porque ninguém está habituado com esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade porque eu pensava que o reporter não ia publicar. O reporter fotografou-me e disse-me que estava esperando o senhor Cyro Del Nero, que vai fazer os desenhos do livro.

27 de julho ... A Vera brincava com as meninas e eu fui deitar-me. Lia um livro de poesias. A Vera disse:

— Mamãe, olha o reporter!

Levantei, abri a janela e vi um fotografo e uma senhora bonita. O reporter não citou o seu nome. Ela é reporter de Porto Alegre. Dos “Diários Associados”. Ela fotografou-me, entrevistou-me. Disse que vai enviar-me o jornal que sair a minha reportagem no Rio Grande do Sul. (...) Eu mostrei os sambas que estou compondo e queria gravá-los. Mas o reporter disse-me que escritor não pode cantar. Que as profissões são divididas — cantor é cantor, escritor é escritor. Eu queria ir pra radio.

10 de agosto ... Tomei o bonde, pensando: os bondes podiam ter asas. Quando cheguei na Redação o reporter não estava. O Baiano disse-me para eu entrar e sentar. Comecei a falar que o reporter podia deixar eu ganhar dinheiro no radio.

— O reporter é boas pedras. Você deve obedecê-lo.

Disse que êle faz bem em não deixar eu ir para a radio. Eu sei que os jornalistas defendem outros jornalistas. Peguei um papei e escrevi um bilhete para o reporter. Êle abriu a porta e cumprimentou-me. Estendeu-me a mão. Abri a minha mão e toquei na mão dele sem apertá-la.

— É assim os cumprimentos, agora?

Entreguei o bilhete para êle ler.

— É assim agora? Bem, vamos entrar e conversar.

Acompanhei-lhe. Quando o reporter chegou os outros jornalistas mudaram a fisionomia. Pensei: chegou o imperador. Sentei vis-a-vis com o reporter. Êle foi o primeiro a falar. (...) O reporter disse-me que eu sou orgulhosa.

— Que orgulho que eu posso ter? Eu procuro só o que é humilde para fazer. Fui empregada doméstica, catava papel, moro na favela. Você vai querer mais humildade do que isso.

— Você deve orgulhar-se do que você faz.

Percebi que êle queria agradar-me — que eu escrevo muito bem. No Banco um homem conversou comigo e perguntou-me quando é que sai o meu livro. O livro vai sair dia 19, sexta-feira.

O reporte convidou-me para irmos na Livraria Francisco Alves para eu ver as ilustrações do livro. (...) O senhor Lelio estava sentado na sua escrivaninha. Sorriu quando nos viu. O reporter mostrou-me as ilustrações. O que eu gostei foi o da nota de 1 cruzeiro, eu e os três filhos. E o pacote de ratos, quando a mulher foi pedir esmolas.

Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1988.

Transcrição do discurso de Lélia Gonzalez em passeata do Movimento Negro nas ruas do Rio de Janeiro. É possível reconhecer ao seu lado ícones importantes do movimento, como Abdias Nascimento e Januário Garcia. Trecho visto primeiramente no filme Em busca de Lélia, de Beatriz Vieirah no Encontro de Cinema Negro Zóximo Bulbul – Brasil, África e Caribe de 2017.

Trecho disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=BFvKcsLqJI&feature=youtu.be>

Vamos à luta, companheiros, para que a exploração e a opressão termine nesse país. Para que esse país além de vir a ser uma efetiva democracia racial ele se torne. Porque para ser uma democracia racial esse país tem é que ser efetivamente ser uma democracia.

[corte no vídeo]

[Voz masculina anuncia: MOVIMENTO NEGRO DO RIO DE JANEIRO NA RUA! ESSA É A MARCHA ZUMBI DOS PALMARES! MARCHA ZUMBI!]

[Lélia retoma com um discurso sobre Zumbi] Herói nacional. Foi liquidado pela traição das forças colonialistas. O grande líder do primeiro estado livre de todas as Américas – coisa que não se ensina às nossas crianças nas escolas, as nossas crianças não sabem. E quando eu falo de “nossas crianças” estou falando de crianças negras, brancas, amarelas [que] não sabem que o primeiro estado livre de todo o continente americano surgiu NO Brasil e foi criado pelos negros, pelos negros que resistindo, resistindo à escravidão se dirigiram para o sul da capitania de Pernambuco, atual estado de Alagoas, a fim de criar uma sociedade livre e igualitária, uma sociedade alternativa onde negros, índios e brancos pobres viviam num maior respeito, proprietários da terra e senhores do produto do seu trabalho. Palmares é um exemplo livre, livre típico de uma nacionalidade brasileira que ainda está por se constituir, nacionalidade essa onde negros, brancos [trecho incompreensível] ...nos dando para que esse país se transforme efetivamente numa DEMOCRACIA.

1.1.1.1 Dos escritos de faxina em
outras grafias após um longo
parêntese

1.1.1.1 Texto
Corpo
Tecido



Conjunto de roupas usado regularmente nas faxinas em habitações.



Faço Faxina 6/12 no Centro Cultural Pequena África.
Roupas feitas no dia para realização da faxina com Aline Besouro.
Stills de vídeo registrado por Gabrielle Souza.

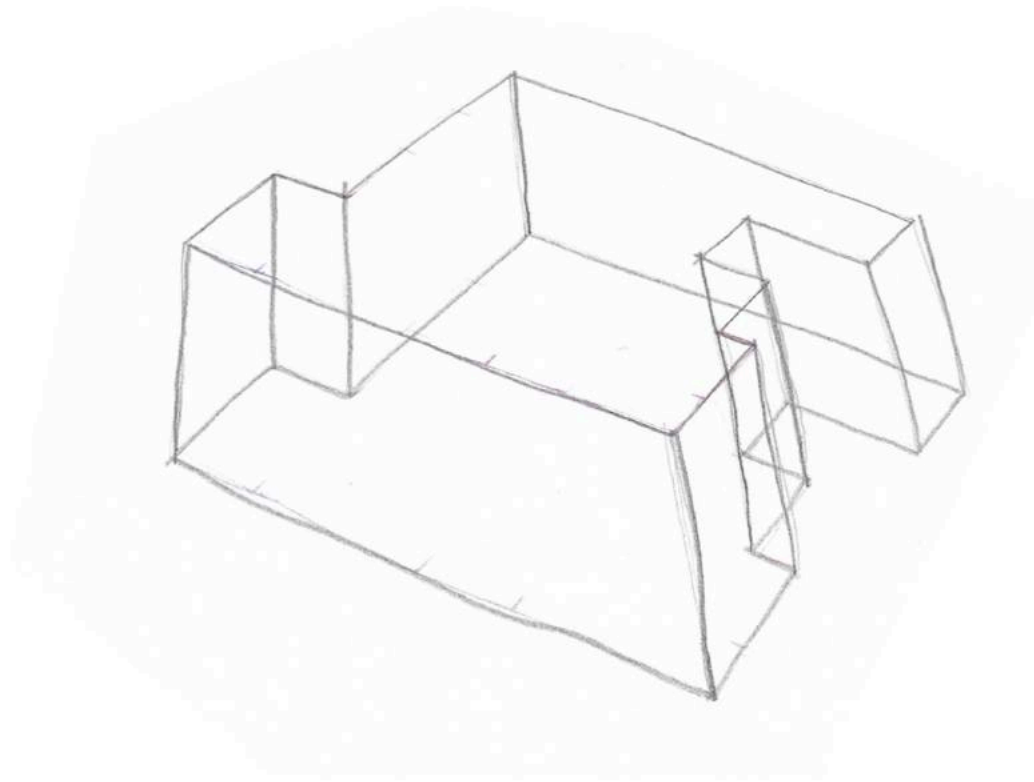
1.1.1.1.1 Conjunto de registros
fotográficos e videográficos



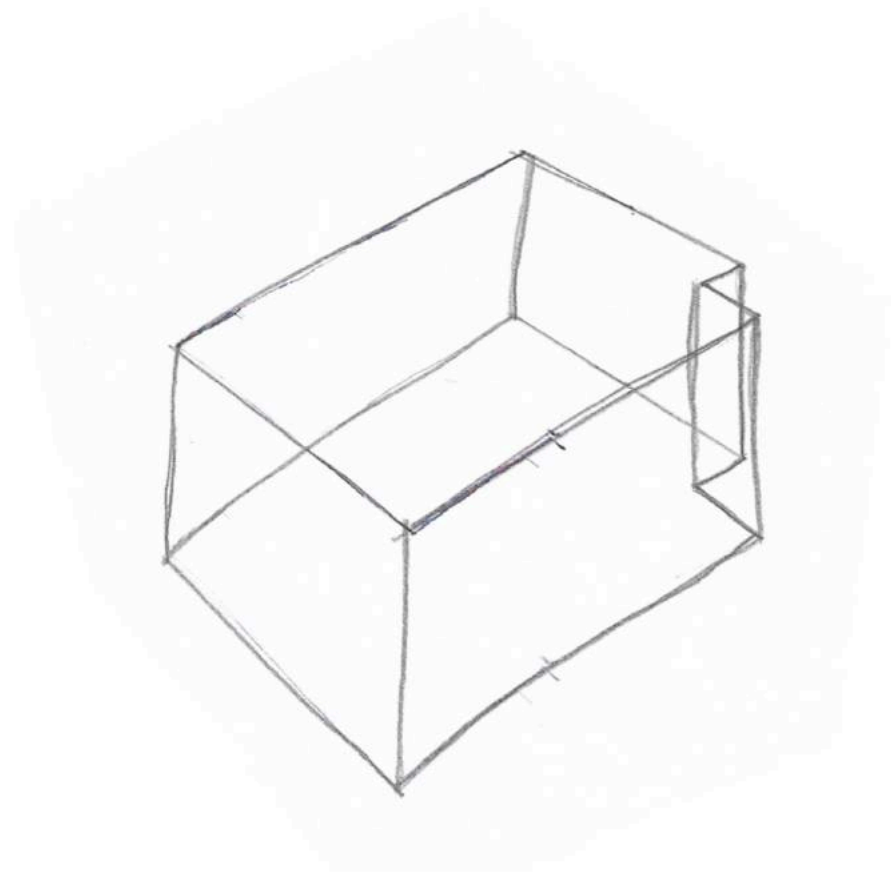
Conjunto dos registos fotográficos e videográficos realizado pelas/os contratantes do Faço Faxina

1.1.1.1.1.1 Conjunto de objetos em resina
armazenando os registros-
resíduos coletados nas faxinas em
habitações
(em projeto)

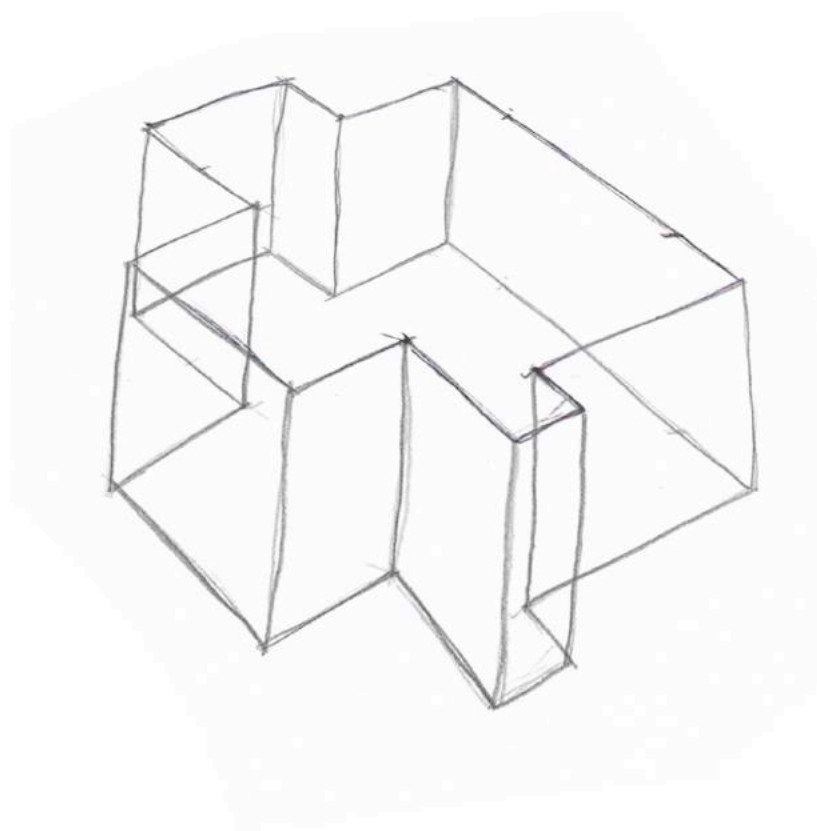
Proporções fiéis à memória



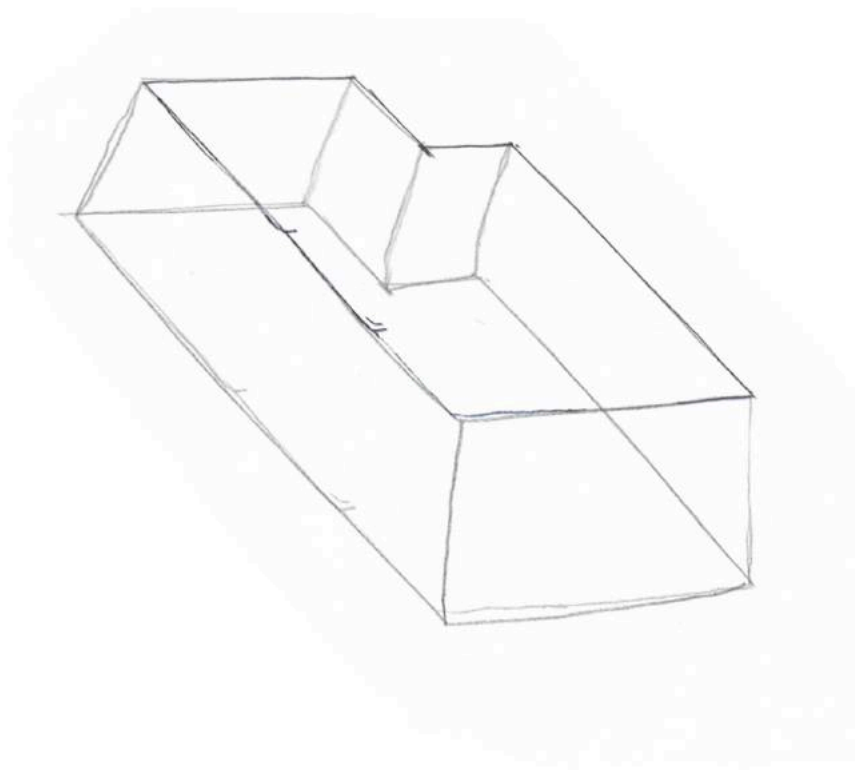
FF 1/12 Estudo para construção de objeto
a partir da planta baixa desenhada no diário.



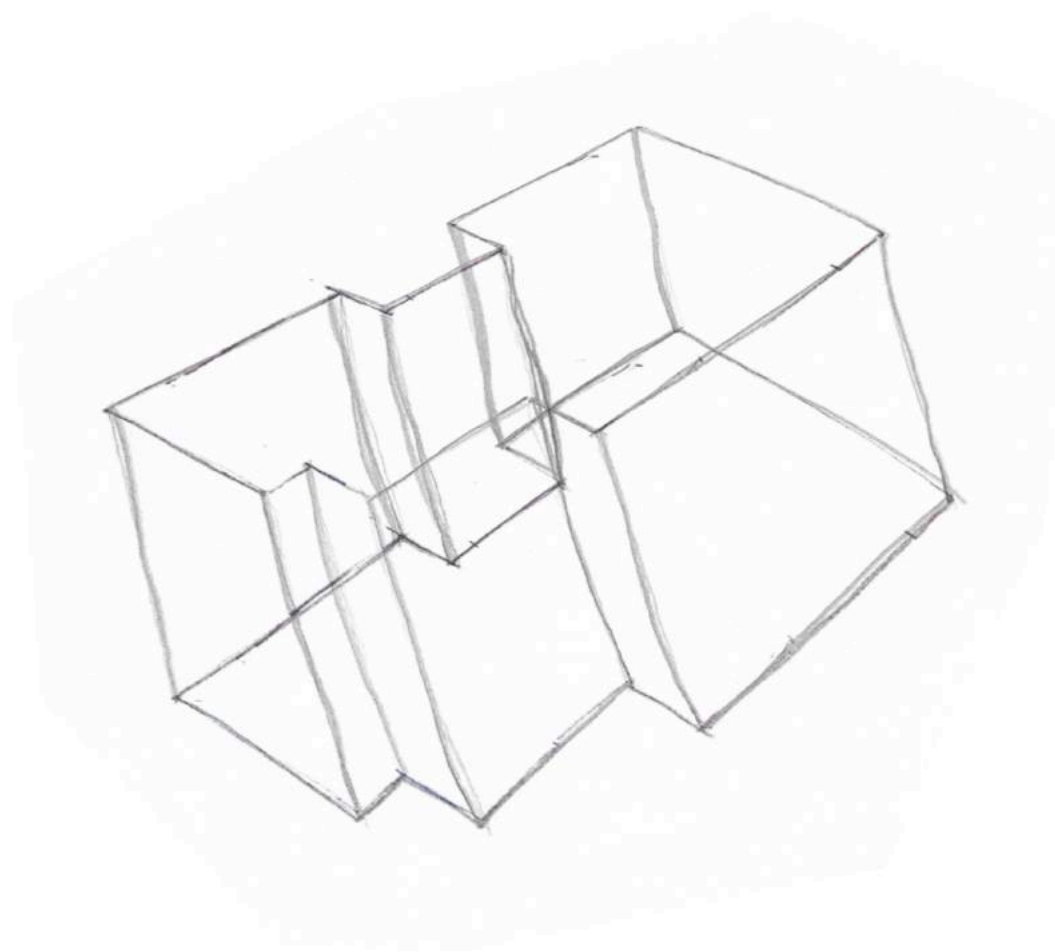
FF 2/12 Estudo para construção de objeto a partir da planta baixa desenhada no diário.



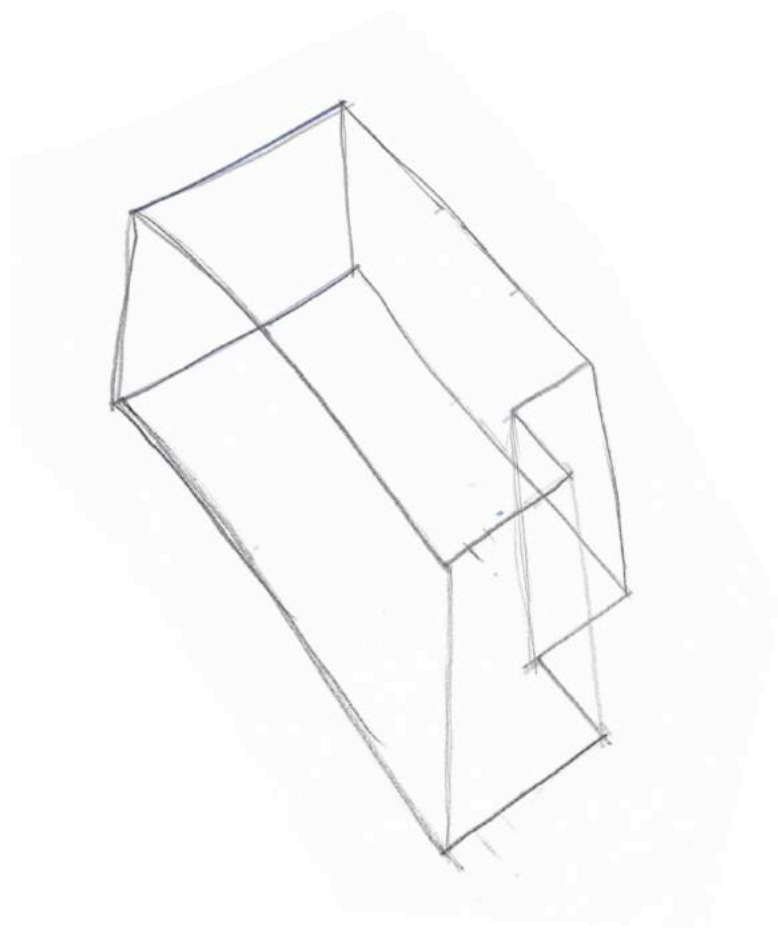
FF 3/12 Estudo para construção de objeto
a partir da planta baixa desenhada no diário.



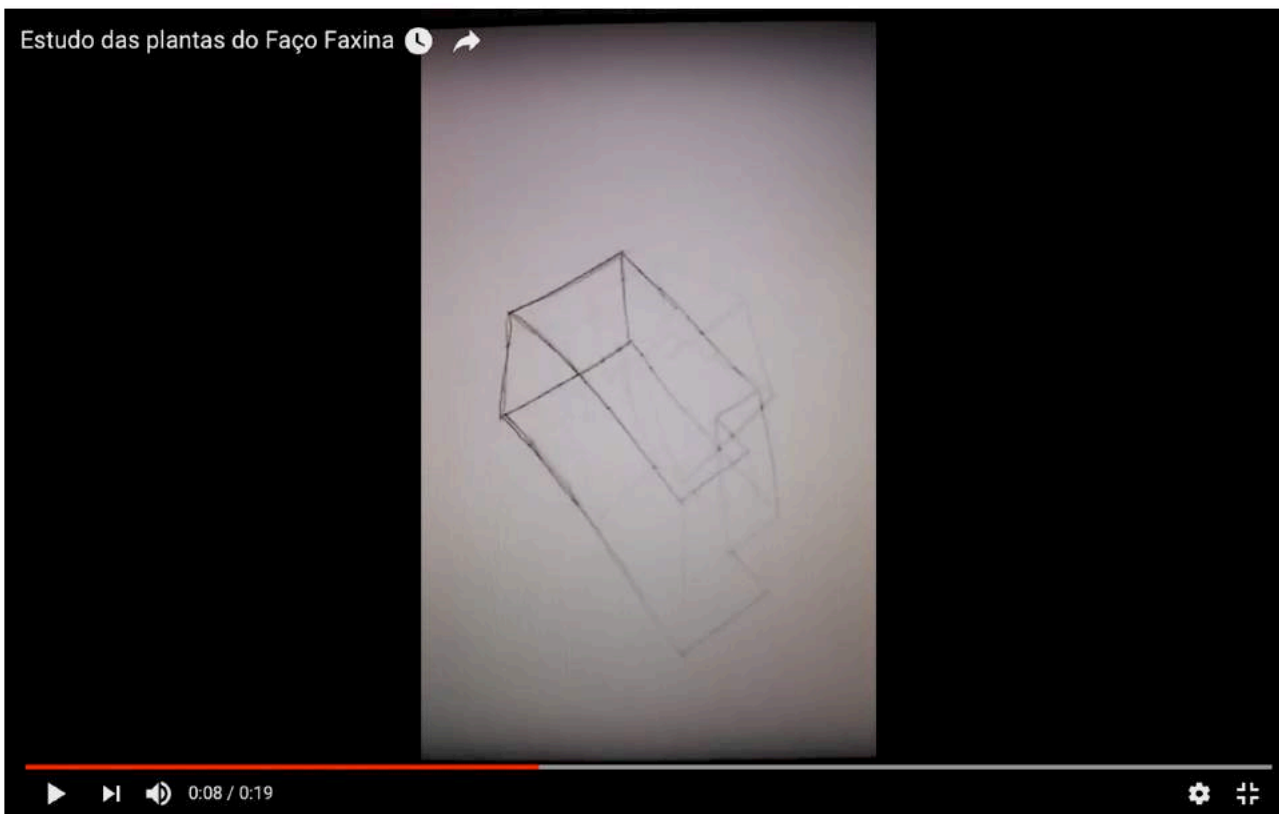
FF 4/12 Estudo para construção de objeto
a partir da planta baixa desenhada no diário.



FF 5/12 Estudo para construção de objeto a partir da planta baixa desenhada no diário.



FF 8/12 Estudo para construção de objeto
a partir da planta baixa desenhada no diário.



Conjunto dos estudos para construção dos objetos que armazenarão os resíduos coletados em cada residência participante dos encontros do Faço Faxina

Vídeo:

https://www.youtube.com/watch?v=YY5Genxzt_4

1.1.1.1.1.1.1

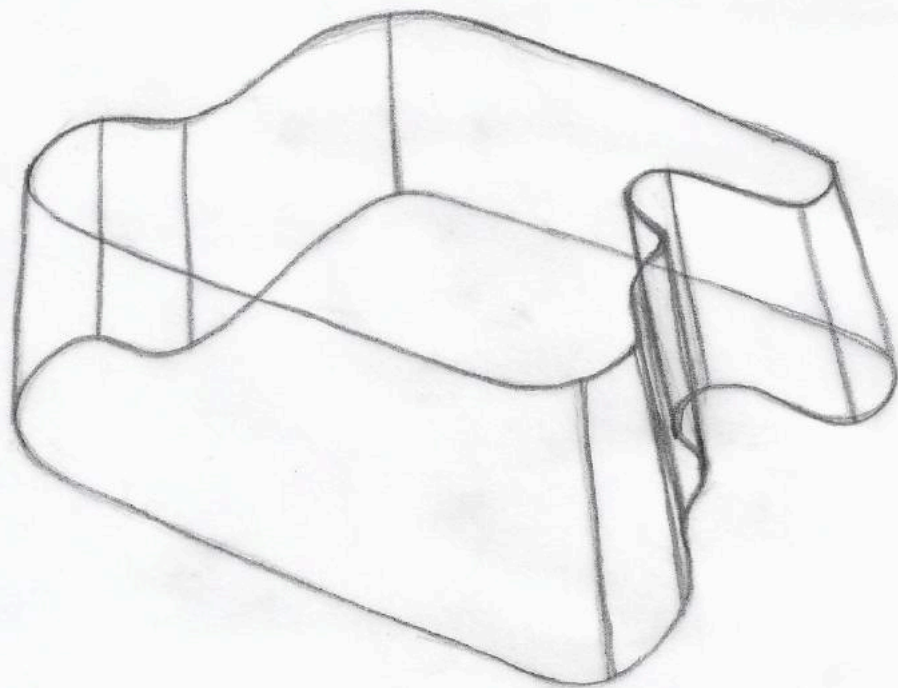
Um caminhando sem tesouras!
14:03 ✓

Tenta pensar em desgeometrizas
essas plantas
14:04



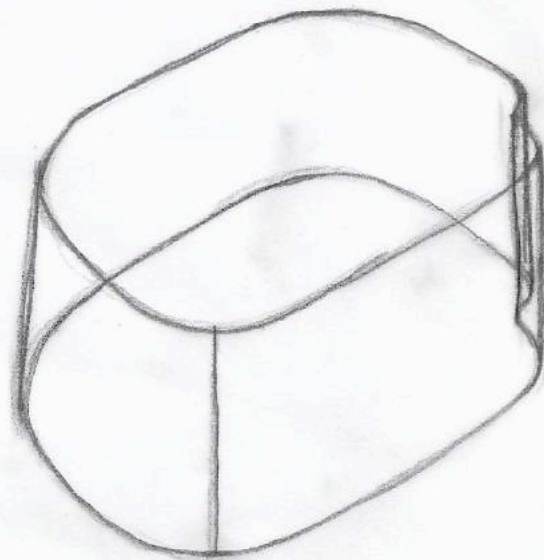
Fátima Lima
Tenta pensar em desgeometrizas
essas plantas
É um desafio
14:06 ✓

Proporções fiéis a quase
ao avesso das memórias
que tentei pensar



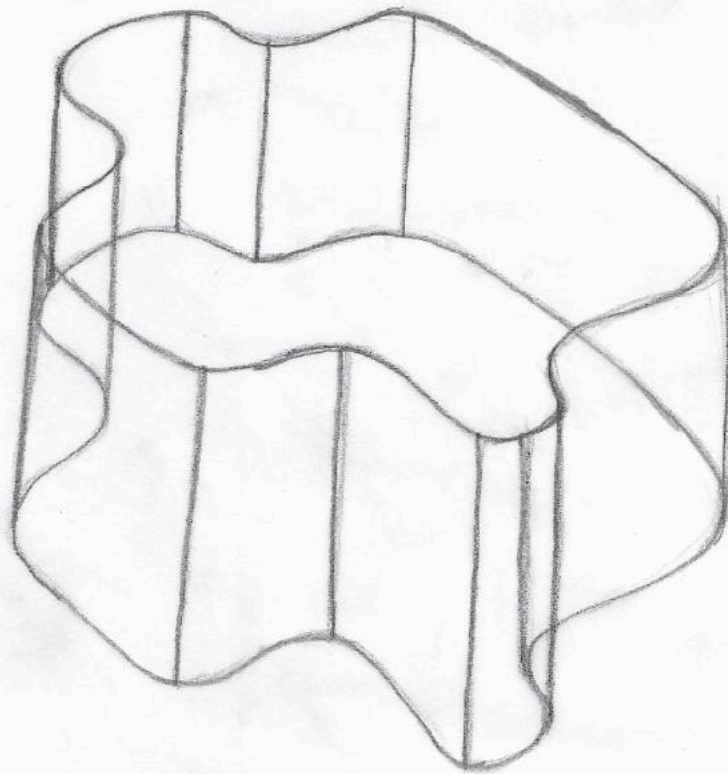
Estudo do estudo para construção de
objeto a partir da planta baixa desenhada
no diário

FF $\frac{1}{12}$



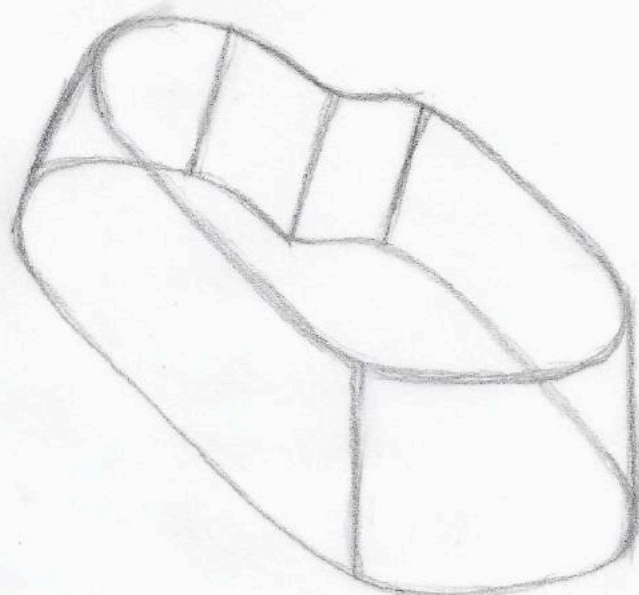
Estudo do estudo para construção de
objeto a partir da planta baixa desenhada
no diário

2/12



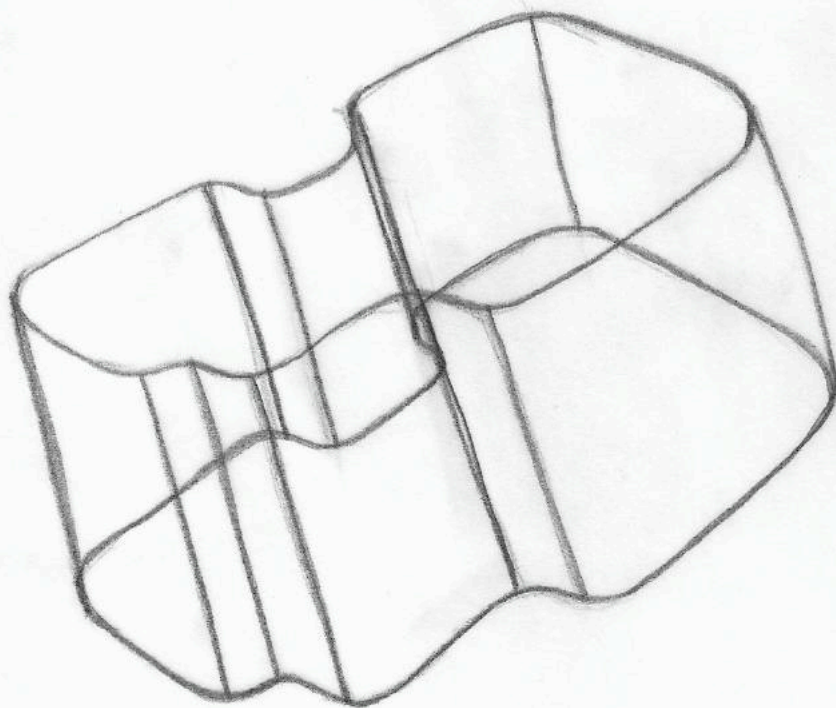
Estudo do estudo para construção de
objeto a partir da planta baixa desenhada
no diário

3/12

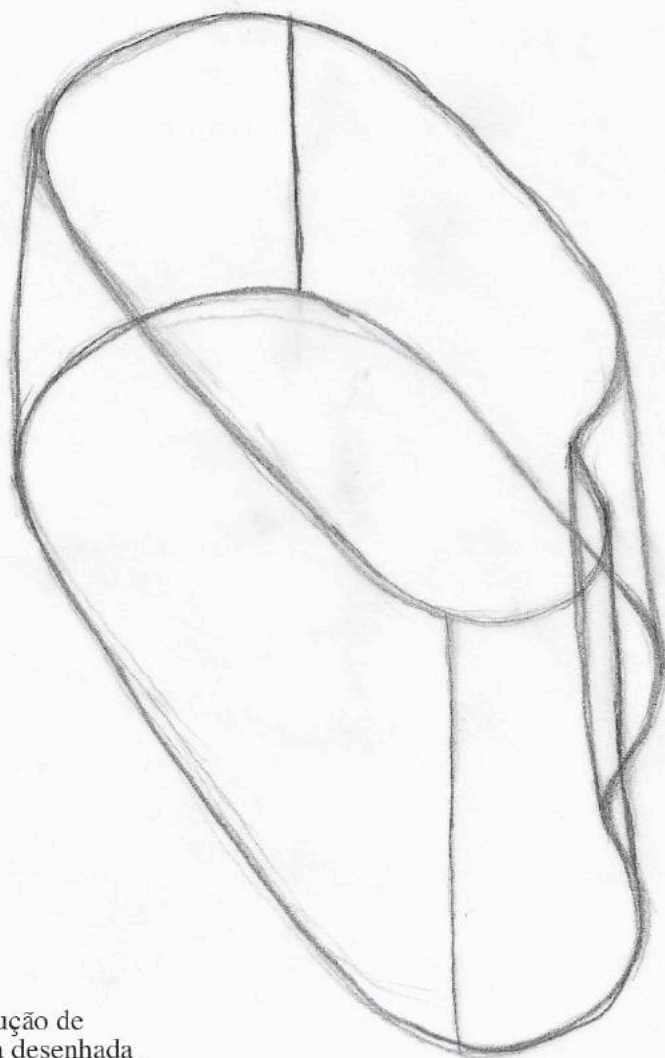


Estudo do estudo para construção de
objeto a partir da planta baixa desenhada
no diário

4/12

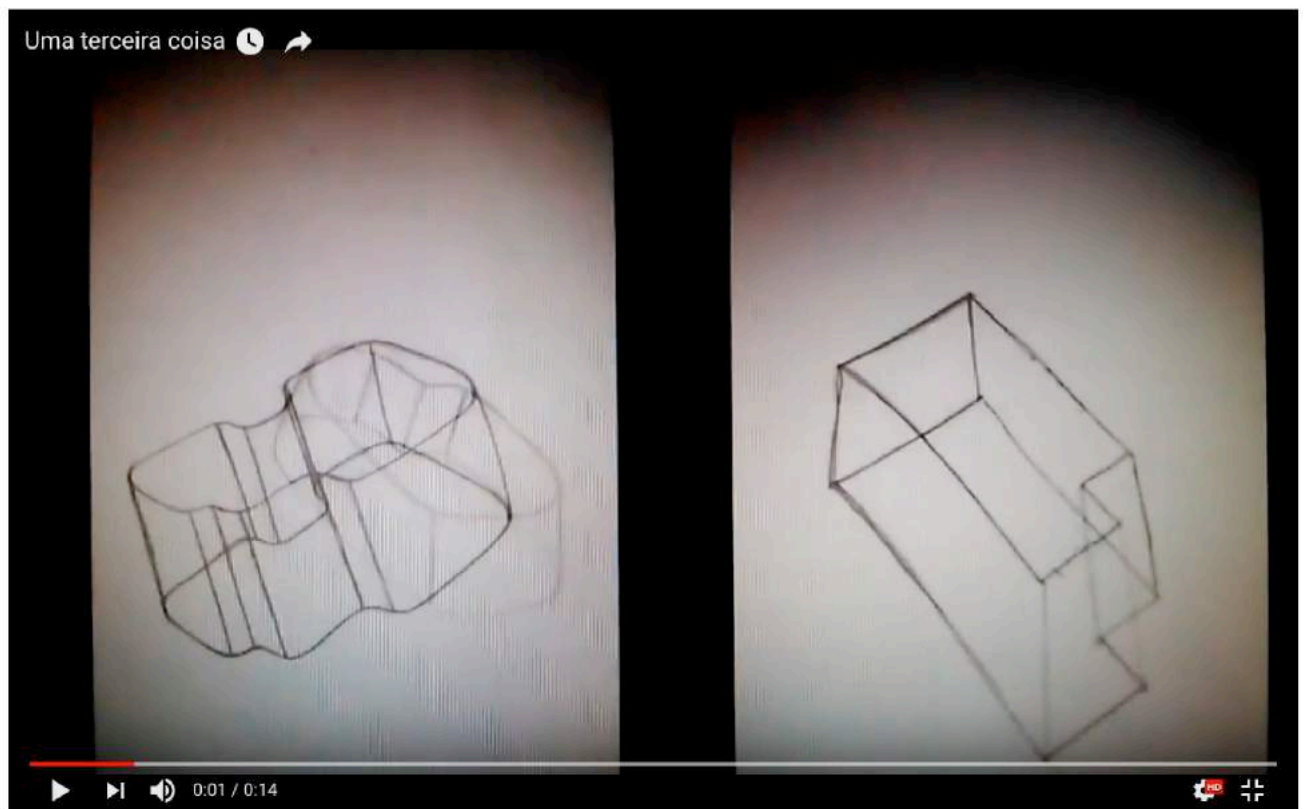


5/12 Estudo do estudo para construção
de objeto a partir da planta baixa desen-
hada no diário



Estudo do estudo para construção de
objeto a partir da planta baixa desenhada
no diário

8/12



Uma terceira construção em movimento,
em jogo visual-espacial, de memórias de faxinas
e seus desvios

Vídeo:

https://www.youtube.com/watch?v=Tt0Je_CB-JE
(recomendo que se assista ao vídeo em loop)

Capítulo 1 Agora podemos recomeçar

1.1 Dos abjetivos da pesquisa

Não sou artista (profissional).

Não sou faxineira (profissional).

Não sou pesquisadora (profissional).

Para a primeira formulação a negação óbvia.

Para a segunda negação um questionamento, uma tensão:

– Não é? Com essa cara? Que coisa!

Enquanto a terceira negação se faz em ausência.

Não sou (?)

Faxineira. Artista. Pesquisadora.

faxineira-artista-pesquisadora

~~faxineira~~
~~pesquisadora~~

E quem é? Você?

Sou tudo.

Entulho.

Sou nada.

Despejo.

Vertigem do devir e nunca ser.

Não é um homem. E não sou eu uma mulher?

Sou eu alguma coisa?

Espaço de múltiplas negações e questionamentos.

Casa fantasma. Corpo assombrado.

Entidade quilombo.

Não sou (profissional).

– E com autonomia?

Muito menos!

Sou eu alguma coisa além do trabalho?

Eu sou o corre.

Faço de nada um muito.

Atuo nas fissuras

É um cont-r-ato contigo. Mas é também um cont-r-ato comigo.

Mas é também outra coisa.

Sabe lá o que é isso.

Pergunta pra ele.

Do objeto contraído não há objetivos, mas se faz produzindo objeções de sua condição abjeta, imunda, do que soul.

De resíduos, de registros, de resistos, de hesitos, de exits.

Engasgos.

Em rasgos.

En rasgos.

Em nós.

Vertigem do devir e não ser.

1.1.1 Dez de dezembro de dois mil e dezessete

Mais uma vez me ponho a riscar o ritmo desse desejo de escrita. Um desejo que certamente não se produz por faltas, mas justamente por seu oposto: pelos acúmulos. Acúmulos que se transbordam em multiplicidades, em não linearidades, em transversalidades, em diversidades nos modos de afetação e subjetivação, em lampejos em toques de repique e efeitos de rebite, em desorganizações e reorientações em simultaneidades, em exaustão e incompletudes pois se faz em começos, em muitos começos e recomeços que partem do fim ou do meio para se fazer de novo e inconclusivo, em territorialização e desterritorialização, em ocupações, remoções, depósitos e despejos, em suspensão atemporal e na trama de todos os tempos, em territórios do corpo e incorporações de territórios que se constroem em jogos de inadequações e boas doses de teimosia, nas contradições de ser caça e armadilha, resistência e aderência, em potências nas impotências e nas fúrias dos acidentes ocidentes, em *há cúmulos*, em caos, caô e kaô.

Entre a produção de encontros e confrontos esse trabalho me produz, me escreve e se inscreve em mim – e daqui pra fora. Busca você pra me enlaçar novamente criando uma zona de *eunos*, uma zona! Me convoca pra guerra e pro cuidado. Me instrumentaliza em muitas frentes e se-me-nos dispõe – se não for para

instrumentalizar, que no mínimo seja para bagunçar. Se constrói em bases nada sólidas, flexíveis, que garantem movimentos e faz dos deslocamentos sua inevitável vocação, em rizomas aéreos, avessos às fixitudes, nutridos por inventos de todos os cantos e com todas as velocidades e temperaturas. De um desejo de escrita arisco, um desejo que certamente não se produz em falta, mas em semeios dos acúmulos capitais em estilhaços, em este laço. Nesses nós.

De um desejo-dejeto, de um desejo-despejo, que se lança e se negocia, talvez menos – talvez – em resto e excedente, e mais em matéria de fertilidade. De pó, poros, pólenes, poeira e ventania que diz semina.

Essa escrita é minha. Mas essa escrita é sua. Mas essa escrita é minha e sua. Essa escrita caminha. E essa escrita caminho. Nessa escrita que sua e redemoinho.

**1.1.1.1 Já nem lembro onde e quando
começou**

Na estranha trama de nossas
entranhas

Para que toda essa algazarra acadêmica sobre raça, quando você pode apenas voltar-se para a sua realidade?

Stuart Hall em conferência em Londres
(1995)

O martinicano Frantz Fanon abria o capítulo 5, *A experiência vivida do negro*¹, em *Pele negra, máscaras brancas*² (1952³) – a tese de doutorado em psiquiatria recusada em Lyon e hoje um marco do pensamento sobre a racialidade⁴, sobre a luta anticolonial e, conseqüentemente, sobre as sujeições da colonialidade⁵ – desse jeito:

¹ Fanon apresenta esse capítulo da seguinte forma na introdução, permitindo-me algumas edições:

“O quinto capítulo, que intitulei *A experiência vivida do negro*, é importante por várias razões. [...] Aqui assistiremos aos esforços desesperados de um preto que luta para descobrir o sentido da identidade negra. A civilização branca, a cultura européia, impuseram ao negro um desvio existencial. Mostraremos, em outra parte, que aquilo que se chama de alma negra é freqüentemente uma construção do branco”
Ver FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad.: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 30.

² Aqui trato de apresentar alguns outros excertos da introdução de *Pele negra, máscaras brancas* com intuito de apresentar esse pensamento fundamental sobre a Diáspora Africana através das linhas do próprio autor e de trazer questões que me parecem importantes de se por em pauta nessa empreitada:

“Este livro deveria ter sido escrito há três anos... Mas então as verdades nos queimavam. Hoje elas podem ser ditas sem excitação. Essas verdades não precisam ser jogadas na cara dos homens. Elas não pretendem entusiasmar. Nós desconfiamos do entusiasmo. Cada vez que o entusiasmo aflorou em algum lugar, anunciou o fogo, a fome, a miséria... E também o desprezo pelo homem. O entusiasmo é, por excelência, a arma dos impotentes.” (Ibidem, p. 27)

“É de bom tom preceder uma obra de psicologia por uma tomada de posição metodológica. Fugiremos à regra. Deixaremos os métodos para os botânicos e os matemáticos. Existe um ponto em que os métodos se dissolvem. [...] Esta obra é um estudo clínico. Acredito que aqueles que com ela se identificarem terão dado um passo à frente. Quero sinceramente levar meu irmão negro ou branco a sacudir energicamente o lamentável uniforme tecido durante séculos de incompreensão.” (Ibidem, p. 29)

“O negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo. O problema é muito importante. Pretendemos, nada mais nada menos, liberar o homem de cor de si próprio. Avançaremos lentamente, pois existem dois campos: o branco e o negro. Tenazmente, questionaremos as duas metafísicas e veremos que elas são freqüentemente muito destrutivas. [...] Para nós, aquele que adora o preto é tão “doente” quanto aquele que o execra. Inversamente, o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco.” (Ibidem, p. 26)

“A explosão não vai acontecer hoje. Ainda é muito cedo... ou tarde demais.” (Ibidem, p. 25) – a frase de Fanon que abre sua Introdução.

³ Ano da primeira publicação de *Pele negra, máscaras brancas*.

⁴ Adoto o termo *racialidade* das discussões promovidas pela filósofa brasileira Denise Ferreira da Silva. Para saber mais recomendo a leitura de SILVA, Denise Ferreira da. À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo. *In: Estudos Feministas*, v. 14, n.1. Florianópolis, 2006, p. 61-83.

⁵ Adoto o termo *colonialidade* a partir das problematizações levantadas nas discussões decoloniais/descoloniais e anticoloniais em autor_s cujos corpos se voltam para o sul global. Para saber mais sobre as distinções conceituais do uso do termo *colonialidade* e *colonialismo* ver: QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In: LANDER, Edgardo (org.). Colonialidad del Saber, Eurocentrismo y Ciencias Sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires, 2000, s/n. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/libros/lander/quijano.rtf>

“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um negro!”

Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos.⁶

Pode soar arriscado, mas se fosse possível sintetizar *a experiência vivida do negro* em termos de sujeição, de *subjecto*, em um único enunciado – se isso fosse possível, pois tenho minhas dúvidas – o faria, justamente, através de “*Preto sujo!*” Ou simplesmente: “*Olhe, um negro!*”

Faz sentido pra você? Faz sentido pra você desde sua experiência? Bom, *suou* coerente pra mim desde as minhas. Pra conseguir partilhar isso teremos um caminho aqui pra percorrer, se você desejar – e dependendo das possibilidades e impossibilidades dos seus desejos.

Dentro das impossibilidades dos meus desejos multi-indisciplinares – pois são com as impossibilidades, com as desautorizações, com as teimosias, desesperos e deboches, com os desacertos e falhas, com os riscos e instabilidades que jogo, sem nunca deter as regras, às vezes tentando dobrá-las apenas – é assim que gostaria de re-começar:

Foi em meio à ocupação dos estudantes de graduação da UFF no final do primeiro semestre de 2016, meu primeiro semestre no curso de pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes – quando algumas disciplinas da pós se deslocaram para o campus principal do IACS⁷, mais como um gesto simbólico de apoio à mobilização política de nossos colegas – que toda vez que tentava escrever a palavra *desejo* o que surgia na escrita do caderno era a palavra *dejeto*, já em nossos últimos encontros do curso *Objeto Intenso.Psicanálise e Arte*⁸. E nesse momento – pra minha surpresa, mais uma vez – quando me ponho a escrever *dejeto* o que vejo riscar na página são as primeiras letras de *desejo*. Problemas de dislexia ou efeitos da *experiência vivida*?

— *Minha alma cheia do desejo de estar na origem no mundo e eis que me descubro no seu fim, me descubro dejeto em meio a outros dejetos, me cubro, me descobrem.*

⁶ FANON, Frantz, *Pele negra, máscaras brancas*, op. cit, p. 103.

⁷ Instituto de Arte e Comunicação Social

⁸ Curso oferecido pela professora Tania Rivera.



Coco Fusco e Guillermo Gómez-Peña na performance *Two Undiscovered Ameridians Visit Madrid*, 1992.

Acompanhad_s de uma placa com a anotação “Por favor, não me descubra” a dupla enclausurada – composta por uma cubana-estadunidense e um chicano – foi exibida, tocada e se vestiu em praça

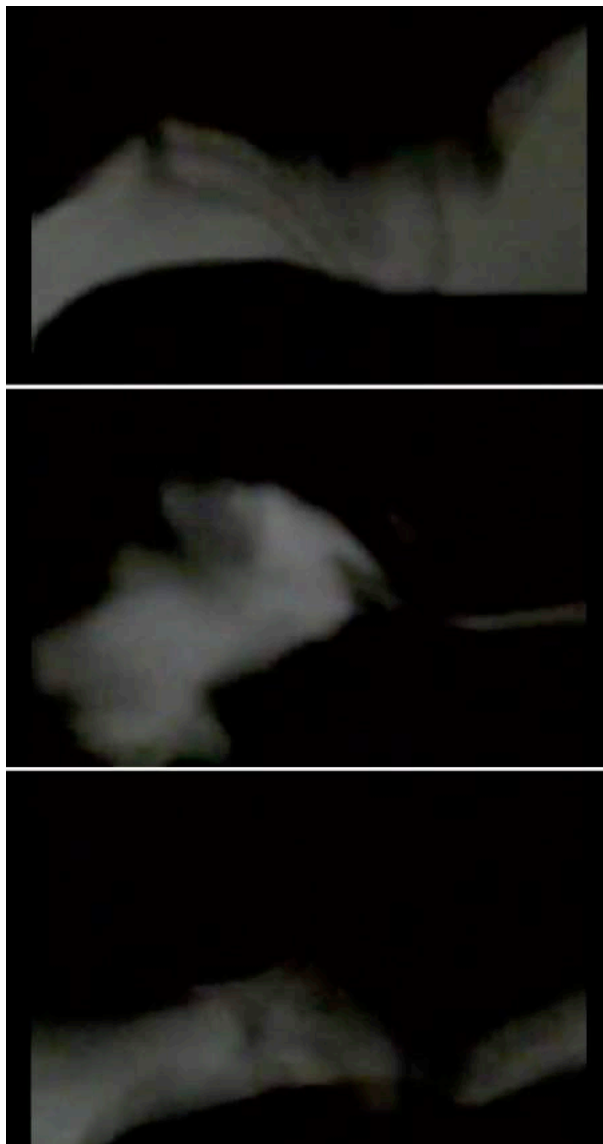
pública na Espanha, naquilo que aparentava para muitos ser um ato comemorativo de quatrocentos anos de descobrimento da América por Colombo.

Arquivo: Radical Presence: Black Performance in Contemporary Art

Desde uma pesquisa, que vem se desenrolando há quase uma década, que faz do resíduo matéria de trabalho em meios bem diversos de nosso próprio cotidiano – que vão dos recursos tecnológicos populares de comunicação e produção de imagens às matérias do corpo e suas urgências cruas – o possível ato falho de dois anos atrás, e que se faz ainda tão presente, parece me falar sobre as dinâmicas de exclusão estruturantes que caem sobre nós, dinâmicas essas de produção de vidas residuais que se concentram entre os seus desgastes e seus descartes, processos esses engatados, delirantes, que se engendram mútua e incessantemente, que não param de se renovar, adotando novas máscaras, novas roupagens, outras estratégias, por aqueles que se fazem não apenas os donos desse território – do qual somos eternos migrantes ao mesmo tempo que despossuíd_s de uma origem, que nos é violentamente apagada –, mas também os donos dos olhares, das imagens, das palavras, dos saberes, da cultura, de todos os recursos de poder e seus próprios donos – o que, historicamente, se revela como um privilégio dos corpos hegemônicos.

Pois, como já dizia Fanon em sua dispensada produção fundamental, “nenhuma chance me é oferecida. Sou sobredeterminado pelo exterior. Não sou escravo da

‘idéia’ que os outros fazem de mim, mas da minha aparição⁹. [...]os olhares brancos, os únicos verdadeiros, me dissecam. Estou fixado.’¹⁰



Stills do vídeo **Como fazer (entre outras coisas) tempestade em copo d'água** (2010) em que tomo o fôlego e seu reflexo como tema. Vídeo realizado com Sandra Martins, minha mãe.

Da série *distensões entre o dentro e o fora*.

Millena Lízia.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KXaVVUXSLQ>

Eis que nesse processo final, bem turbulento, em tempos turbulentos – que se iniciou como uma abertura, ou fuga, do campo da comunicação visual, ao mesmo tempo que coincidiu com uma mudança do interior do estado do Rio para a capital do entusiasmo, no torpor dos anúncios dos grandes eventos – venho ganhando o

⁹ Já vi em uma outra tradução da internet a palavra “aparência”, ao invés de “aparição”.

¹⁰ FANON, Frantz, *Pele negra, máscaras brancas*, op. cit, p. 108.

entendimento, ao longo dessa jornada de vias múltiplas, de que não sou eu que tomo o resíduo como matéria pictórica de investigação estética.

“Olhe, um negro!” Ou, simplesmente: “Preto sujo!”

Mas seu justo avesso: sou eu que sou tomada pelo esquema pictórico-residual de produção de vida, que se faz valer por aquilo que inevitavelmente salta na superfície diante dos olhos: a pele – que se faz e refaz constantemente diante dos juízos daqueles que partilham o poder do olhar, dentro da lógica moderna-ocidental de saber-poder estruturada pelo regime da visualidade.

“Olhe!”



Revestimenta (2011).
Pintura. Cola branca e pó
compacto sobre azulejo
branco. 25 x 19 cm.
Millena Lízia

Tenho que estar de acordo que minha grande interlocução se dá com a obra de Fanon, sim, mas a compreensão de que somos atravessad_s por um esquema residual de

produção de vida – e que se faz valer por meio de organizações pictóricas-epidérmicas no mundo – eu acabei por encontrar em formulações que partem de outr_s propositores cortad_s por suas racialidades colonizadas em suas experiências vividas. E adotar essas formulações como base de discussão – uma escolha que se constrói por meio da identificação, do reconhecimento – representa pra mim assumir a violência que nos compõe, é delimitar um campo de batalha, é nos colocar numa posição de buscar incansavelmente o rompimento das anestésias pacificadoras de sujeição, de controle. Demanda, portanto, a revisão e o reposicionamento constantes do que se é a partir de todas as porradas da vida. É doloroso. É violento. É de difícil negociação.

— *Apelo.*

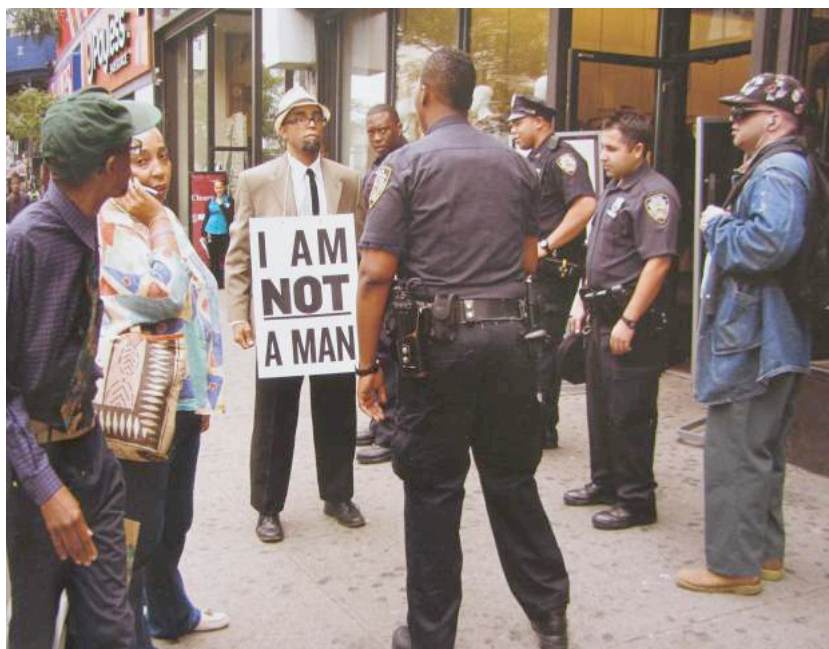
Seguindo a conversa, desejo partilhar uma passagem em *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, essa produção chave, de 1984, por Lélia Gonzalez:

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação(...): por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.¹¹

Assim, “*Preto sujo!*” Ou simplesmente: “*Olhe, um negro!*” – esse enunciado que pra mim é estruturante – é o negro sendo falado, sendo falado em terceira pessoa, é o negro sendo inferiorizado por sua *aparência/aparição* por quem se constrói autoritariamente como um outro superior – o que acaba por beneficiar este último na organização (epidérmica) dos poderes na sociedade. É, ainda, o negro sendo reduzido, desgastado, num processo residual, negreiro, que lhe permite transitar, pela lógica dominante de distribuição violenta dos poderes, *simplesmente* entre o preto (sujo) e o negro (sujo): dominado, domesticado, desestruturado, sendo posto na lata de lixo da sociedade. Daí o que é resíduo e registro no mundo – onde resido e onde resisto, o que

¹¹ GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje: Anpocs, 1984, p. 225. Disponível em <http://artigo157.com.br/wp-content/uploads/2015/12/RACISMO-E-SEXISMO-NA-CULTURA-BRASILEIRA.pdf>

nos resta – se embaralham diante dos olhos dos que partilham dos regimes discursivos modernos-ocidentais apoiados na visualidade branca, higienizada, limpinha – aparentemente –, daqueles que se fazem intocáveis.



Still da performance urbana *I am not a man/Eu não sou um homem* (2009), por Dread Scott.

Arquivo: Radical Presence: Black Performance in Contemporary Art

Mas tem algo desesperado¹² por liberação aí, algo de incontornável, em tomar a consciência do que te devora, do que te cerceia com uma série de impedimentos que atuam produzindo o que você *pode não ser*. Pois “o negro não é um homem”, como formulou Fanon “expondo-se ao ressentimento de seus irmãos”¹³, enquanto que, em um século antes, praticamente, em 1851, em Ohio, numa convenção sobre os direitos da mulher em espaço clérigo, uma negra ex-escravizada, a Sojourner Truth – como se rebatizou – assume sua voz e lança publicamente o que hoje representa um marco dos questionamentos produzidos pelas mulheres de cor¹⁴: “E não sou uma mulher?”

Numa boa, aquele que considero o trecho central desse papo reto da Truth trato de replicar aqui:

¹² Daquilo que não é esperado.

¹³ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*, op. cit., p. 26.

¹⁴ Para maiores considerações sobre o debate de *pessoas de cor*, fundado pela Alice Walker em *Search of Ours Mother's Gardens* (1983), ver HILL COLLINS, Patricia. Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro. In: JABARDO, Mercedes (org.). **Feminismos negros: una antología**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012, p. 132.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?¹⁵

Como é bastante difundida na literatura feminista atravessada pelas racialidades colonizadas, unidas pela epidermia, independente das fronteiras de estado-nação – desde bell hooks, Patricia Hill Collins, passando por Sueli Carneiro, María Lugones, Djamila Ribeiro e muitas outras – a especificidade do corpo da Soujourner ali, naquele contexto já da metade dos oitocentos, acabou por problematizar, ao mesmo tempo, tanto a luta das mulheres de então (protagonizada pelas brancas) – problematizando, inclusive, o que abarcava a noção de *mulher* – quanto a luta antirracista (cuja centralidade recaía sobre os (homens) negros).

Assim, toda vez que lermos o tão emblemático “o negro não é um homem” do martinicano que marcou toda uma luta e uma literatura (esses campos indissociáveis), me parece fundamental colocarmos em nossas discussões que uma negra questionou seu lugar de mulher publicamente um século antes nas condições da diáspora, que também compõe o corpo de Fanon. O que não significa dizer que as experiências são iguais, absolutamente. Pois, desde os anos 1970 o coletivo Rio Combahee de feministas negras lésbicas, por exemplo, já seguiam as bases das discussões interseccionais abertas publicamente por Truth: “We struggle together with Black men against racism, while we also struggle with Black men about sexism.”¹⁶

¹⁵ TRUTH, Soujourner. **E não sou uma mulher?**. Trad.: Osmundo Pinho. Austin, 2014. n.p. Disponível em <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>
Recomendo a leitura integral do discurso disponível na página do Instituto Geledés.

¹⁶ COLLECTIVE, Combahee River. **A Black Feminist Statement**. 1977. n.p. Disponível em https://americanstudies.yale.edu/sites/default/files/files/Keyword%20Coalition_Readings.pdf
[Minha tradução*: Nós lutamos juntas com os homens negros contra o racismo, enquanto nós também lutamos contra os homens negros quanto ao sexismo.]

Portanto, quando tomamos as rédeas discursivas desse jogo, quando conseguimos furar a equação predominante *privilégio social* <=> *privilégio epistêmico*¹⁷ – nem que seja pelas brechas – o terreno torna-se complexo, acidentado, arduo, diferente de qualquer lógica redutora (dicotômica, linear e/ou universal) que costuma permear o arsenal do pensamento hegemônico moderno colonizante.

Não é gratuito que esse enunciado chave: **“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um negro!”** – essa provocação – seja a formulação que abre o capítulo sobre *A experiência vivida do negro*. E aquilo que segue depois de **“Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa”**, em *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, – esse enunciado, por sua vez, que pra mim representa também um marco do pensamento negro no Brasil, e que parece guardar certo parentesco pictórico-epidérmico-residual com a frase de Fanon – acaba por seguir um caminho similar, também, no sentido de gerar provocações sobre aquelas lógicas excludentes que são tidas como tão naturais, sensatas, óbvias e científicas de tão evidentes que se fazem diante dos olhos de quem queira ver.

— *Bastaria, então, simplesmente deixar de preguiça, né!? Ou, de mimimi?*

Enquanto somos nós as dobras das sobras, aquilo que é natural, normal, normalizado se faz em despejos de normas. Vale a pena nos instrumentalizar, mais uma vez, a partir do pensamento-afrontamento de Lélia Gonzalez:

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de

* NOTA DE TRADUÇÃO: Tendo à adotar a língua apresentada nos textos consultados nas citações diretas por uma questão de honestidade com as fontes e ainda por uma questão de honestidade com a arteficialidade dessa escrita, que se fez em conversa com esses textos estrangeiros – invariavelmente nas línguas dos colonos, assim como a língua portuguesa, embora, muitas das vezes, retorcidas pelas corporeidades dissidentes. Faço essa escolha, ainda, respeitando os ritmos que cada excerto imprimia no corpo do texto, algo fundamental em termos de composição, o que brevemente pode ser entendido a partir da chamada para a Master Class do músico Herbie Hancock. Ver: https://www.youtube.com/watch?v=11-9Vea_go8 Contudo, eventualmente, por questões de ritmo, justamente, a citação direta poderá aparecer já traduzida para o português no corpo do texto.

¹⁷ Formulo essa construção gráfica a partir das considerações da filósofa e feminista negra Djamilia Ribeiro, em seu livro *O que é: lugar de fala?*, quando está a discutir o pensamento de Lélia Gonzalez em torno das hierarquizações dos saberes. Ver RIBEIRO, Djamilia. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017, p. 24.

peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto, têm mais é que ser favelados.¹⁸

Formulações como essas, empoçadas no vômito das experiências vividas, nos fazem entender o porquê da afirmação do sociólogo e teórico da cultura de origem jamaicana Stuart Hall de que “quando ele escreve, ele escreve contra”¹⁹. A artista, escritora e teórica cosmopolita Grada Kilomba – pra quem o racismo se configura como um “depósito de algo que a sociedade branca não quer ser”, como “algo que é projetado em mim e eu sou forçada, [...] nesta encenação, a ser a protagonista de um papel que não é meu e com o qual eu não me identifico”²⁰ – tratou de elaborar em seu já reconhecido livro, *Plantation Memories. Episodes of Everyday Racism* (2016), o que significa isso de *escrever contra* de que pontua o Hall:

Writing against means speaking out against the silence and marginality created by racism. It is a metaphor that illustrates the struggle of the colonized people to come into representation within dominant white regimes. One writes against in the sense that one opposes.²¹

Portanto, preciso abrir o jogo pra dizer que essa pesquisa se faz atenta *contra quem* escrevo, contra que estrutura. Ao mesmo tempo que se faz atenta *com quem* eu escrevo, com quem luto, em ato literário de aquilombamento, que não deixa de ser uma luta por liberação. Nesse sentido, e com esse propósito, algo aí se aproxima da elaboração da filósofa feminista Djamila Ribeiro para quem “pensar a partir de novas premissas é necessário para se desestabilizar verdades”²².

¹⁸ GONZALEZ, Lélia, Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira, op. cit., p. 225-226.

¹⁹ HALL, Stuart apud KILOMBA, Grada. **Plantation Memories. Episode of Everyday Racism**. Münster: Unrast, 2016, p. 36.

²⁰ KILOMBA, Grada. “O racismo e o depósito de algo que a sociedade branca não quer ser.”, 2017. In: Instituto Geledés. Matéria realizada por Kauê Vieira. Disponível em <https://www.geledes.org.br/grad-kilomba-o-racismo-e-o-deposito-de-algo-que-sociedade-branca-nao-quer-ser/> Acesso em Fevereiro de 2018.

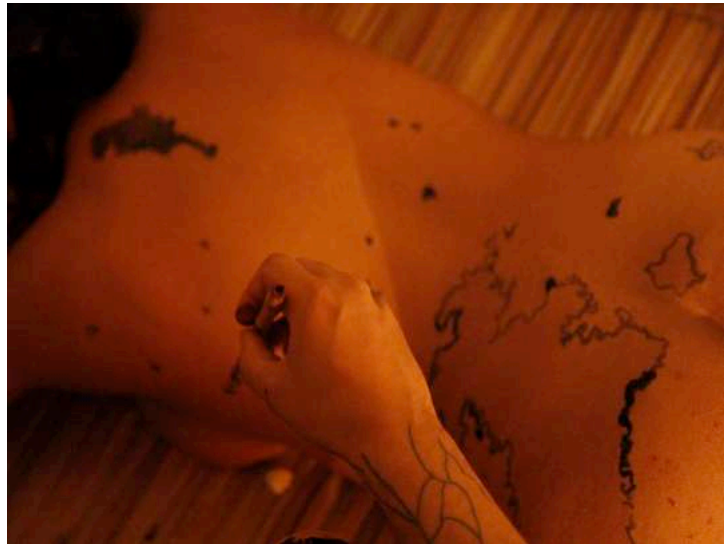
²¹ KILOMBA, Grada, *Plantation Memories...*, op. cit., p. 36. [Minha tradução: Escrever contra significa discursar contra o silêncio e a marginalidade criados pelo racismo. É uma metáfora que ilustra a luta das pessoas colonizadas por representatividade dentro dos regimes brancos dominantes. Alguém escreve contra à medida em que se opõe.]

²² RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala?, op. cit., p. 24.

Sólo se puede transcender la diferencia colonial desde una perspectiva de subalternidad, de descolonización, y por lo tanto, desde un nuevo terreno epistemológico donde funciona el pensamiento de frontera.²³

Cartografias da pele: o corpo como território (2015)

Performance, ritual, desenho, escrita, música, encontro, conflito, epidermia sobre acúmulos de melanina na pele. fotografias afetuosas de Cássia Maria Monteiro Millena Lízia e Rafa Éis.



²³ MIGNOLO, Walter apud LUGONES, María. **Hacia un feminismo descolonial**. *In*: La manzana de la discordia, v. 6, n. 2, julho-dezembro de 2011, p. 114. [Minha tradução: Apenas se pode transcender a diferença colonial desde uma perspectiva de subalternidade, de descolonização e, por tanto, desde um novo terreno epistemológico onde funciona o pensamento de fronteira.]

A complexidade desse terreno de escrita de vida, essa luta, essa *escrevivência*²⁴ – adotando esse termo pulsante elaborado pela escritora Conceição Evaristo –, já estava lá no manifesto pioneiro do coletivo Rio Combahee, como pudemos conferir. E, como nos ensinam as mais velhas, trata-se aqui também de investir nossos cuidados e atenções nas devidas singularidades que nos inscrevem nas tramas das colonialidades como estratégia de buscar nas lutas d_s subalternizad_s, d_s colonizad_s, zonas de aproximação, ou de *relação*²⁵ – termo esse, por sua vez, adotado pelo escritor (conterrâneo e contemporâneo de Fanon) Édouard Glissant em suas discussões.

Nesse sentido, uma contribuição preciosa também é aquela elaborada em 2000 pela socióloga estadunidense Patricia Hill Collins em sua produção – que pra mim chegou em espanhol – *Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro*. E, como eternos migrantes que somos, nossa condição diaspórica, nos viramos para transitar entre línguas – sobretudo pertencendo à geração web 2.0 – pois nossa história se desloca ferozmente na heterogeneidade global. Seguem as contribuições locais-globais da Hill Collins:

Es asimismo importante reconocer que las mujeres negras estadounidenses también se enfrentan a retos comunes (y en la misma medida a expresiones diferentes) como mujeres de ascendência [africana] en el contexto de la diáspora negra. Este contexto se situa a su vez dentro de un contexto transnacional, global. El término *diáspora* describe las experiencias de personas que, a través de la esclavitud, el colonialismo, el imperialismo y la migración, han sido forzadas a dejar sus tierras nativas. Para las mujeres negras estadounidenses y otras personas de ascendencia africana, el marco diaspórico señala su dispersión desde África a sociedade en el Caribe, América del Sur, Norteamérica y Europa. La comprensión de la condición de las mujeres afroamericanas debe reflejar así un patrón distintivo de dispersión asociada a la inmigración forzosa a Estados Unidos y su consecuente esclavitud. En tanto que un trayecto diaspórico no es normativo, no se debería utilizar para evaluar la autenticidad de las personas de ascendência africana en referencia a una supuesta norma africana. Más bien, la historia diaspórica negra coloca los análisis de las mujeres negras en el contexto de los retos comunes experimentados transnacionalmente.²⁶

²⁴ “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” Ver em EVARISTO, C. **Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: ALEXANDRE, M. A. (org) Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p.16-21.

²⁵ Ver GLISSANT, Edouard. **Poética da Relação**. Portugal: Sextante, 2011.

²⁶ HILL COLLINS, Patrícia, *Rasgos distintivos...*, op. cit, p. 112. [Minha tradução: Assim, é importante reconhecer que as mulheres negras estadunidenses também enfrentam desafios comuns (e, na mesma

Bom, apesar dos projetos negreiros homogeneizantes – dos quais devemos refutar veementemente – aspectos comuns nos atravessam, nos compõem, constituem quem somos, nos aproximam numa irmandade, mas não nos tornam iguais. E que assim seja, pois isso é potência. Quem ainda nos oferece uma formulação linda sobre essas complexidades das dinâmicas coletivas nas identidades negras em forma de poesia – um dos meios, pra mim, com maior desenvoltura para lidar com as possibilidades nas impossibilidades – é a feminista-caribenha-estadunidense-poeta-intelectual-socialista-lésbica-mãe-membro-de-um-casal-interracial Audre Lorde, em *Zami: a new spelling of my name*:

*Being women together was not enough. We were different.
Being gay-girls together was not enough. We were different.
Being Black together was not enough. We were different.
Being Black women together was not enough. We were different.
Being Black dykes together was not enough. We were different.
[...]*

It was a while before we came to realize that our place was the very house of difference rather the security of any one particular difference.”²⁷

Dessa vez tomando um caminho mais ao sul, quem ainda fortalece nossa rede de discussões é a feminista de origem argentina María Lugones que chama nossa atenção – no artigo *Hacia un feminismo descolonial*, publicado primeiramente em 2010 – sobre como a crítica feminista contemporânea das mulheres de cor e do terceiro

medida, a expressões diferentes) com os das mulheres de ascendência [africana] no contexto da diáspora negra. Este contexto se situa por sua vez dentro de um contexto transnacional, global. O termo *diáspora* descreve as experiências de pessoas que, através da escravidão, do colonialismo, do imperialismo e da migração, foram forçadas a deixar suas terras nativas. Para as mulheres negras estadunidenses e outras pessoas de ascendência africana, o marco diaspórico marca suas dispersões desde África para sociedades no Caribe, América do Sul, América do Norte e Europa. A compreensão da condição das mulheres afroestadunidenses deve refletir assim um padrão distinto de dispersão ligada à imigração forçada aos Estados Unidos e sua conseqüente escravidão. Tanto é que um trajeto diaspórico não é normativo, não se deveria utilizar para avaliar a autenticidade de pessoas de ascendência africana em referência a uma suposta norma africana. Ao invés, a história diaspórica negra coloca as análises das mulheres negras no contexto dos aspectos comuns experimentados transnacionalmente.]

²⁷ LORDE, Audre. **Zami: a new spelling of my name (a biomythography by Audre Lorde)**. Berkeley: The Crossing Press, 1982, p. 226. [Minha tradução: *Sermos mulheres juntas não era suficiente. Nós éramos diferentes./Sermos lésbicas juntas não era suficiente. Nós éramos diferentes./ Sermos Negr_s junt_s não era suficiente. Nós éramos diferentes./ Sermos mulheres Negras juntas não era suficiente. Nós éramos diferentes./ Sermos sapatonas Negras juntas não era suficiente. Nós éramos diferentes. [...]/ Nos foi preciso um tempo até nos darmos conta de que o nosso lugar era justamente a casa da diferença, ao invés da segurança de alguma diferença em particular.]*

mundo volta-se, também, para as hierárquicas tecnologias modernas-colonizantes de categorização das diferenças das vidas, justamente.

– *Olha aí que ardiloso esse emaranhado em que fomos metid_s.*

Tais tecnologias acabariam por influenciar, assim, os entendimentos e não entendimentos entorno d_s que podem ser: daquel_s que se inscrevem em determinada categoria específica e daquel_s inclassificáveis, daquel_s que escapam, que não se inscrevem no discurso humanista dominante ao transitarem, ao habitarem as brechas, as sobras, as fraturas (*lócus fracturado*) das organizações hierárquicas categorizantes estruturadas pela lógica atômica, separável, isolável da modernidade.

La modernidad organiza el mundo ontológicamente en términos de categorías homogéneas, atómicas, separables. La crítica del universalismo feminista hecha por mujeres de color y del tecer mundo se centra en la idea de que la intersección entra raza, clase y sexualidad y género va más allá de las categorías de la modernidad.²⁸

Se voltamos à Audre Lorde, e nos debruçamos em sua teorização no formato de testemunho em *There is no hierarchy of oppression*, em que a feminista revela que não pode se dar ao luxo de lutar contra apenas uma forma de opressão, passamos a nos aproximar um pouco mais das elaborações críticas das feministas periféricas em relação às tecnologias repressoras e controladoras de categorizações das vidas desde seu depoimento, do calor de sua experiência vivida. Me permito reproduzir a seguir um longo excerto, pois todo seu conteúdo me parece fundamental para nossas discussões.

As a Black, lesbian, feminist, socialist, poet, mother of two, including a boy, and a member of an interracial couple, I usually find myself part of some group in which the majority defines me as deviant, difficult, inferior, or just plain “wrong”. From my membership in all of these groups I have learned that oppression and the intolerance of difference come in all shapes and sizes and colors and sexualities; and that among those of us who share the goals of liberation and a workable future for our children, there can be no hierarchies of oppression. I have learned that sexism (a belief in the inherent superiority of one sex over all others and thereby its right to dominance) and heterosexism

²⁸ LUGONES, Maria. Hacia un feminismo descolonial, op. cit., p. 106. [Minha tradução: A modernidade organiza o mundo ontologicamente em termos de categorias homogêneas, atômicas, separáveis. A crítica do universalismo feminista feita por mulheres de cor e do terceiro mundo se centra na idéia de que a intersecção entre raça, classe, sexualidade e gênero vão mais além do que as categorias da modernidade.]

(a belief in the inherent superiority of one pattern of loving over all others and thereby its right to dominance) both arise from the same source as racism – a belief in the inherent superiority of one race over all others and thereby its right to dominance. [...] Any attack against Black people is a lesbian and gay issue, because I and thousands of other Black women are part of the lesbian community. Any attack against lesbians and gays is a Black issue, because thousands of lesbians and gay men are Black. There is no hierarchy of oppression. [...] As a Black person, I know who my enemies are, [...] then I know I cannot afford the luxury of fighting one form of oppression only. I cannot afford to believe that freedom from intolerance is the right of only one particular group. And I cannot afford to choose between the fronts upon which I must battle these forces of discrimination, wherever they appear to destroy me. And when they appear to destroy me, it will not be long before they appear to destroy you.²⁹

Eis que o tema da diferença aparece novamente e com ele o indício de que as palavras performam³⁰. Vale nos atentarmos, entretanto, nas especificidades dos discursos das diferenças, cujos motores podem ser bem distintos: se são daqueles tipos sobredeterminantes, autoritários, violentos, enclausuradores e categorizantes por um lado, que possibilitam, até mesmo, a sujeição, o controle e a governabilidade; ou, se são daqueles tipos implicados na liberação, engajados na autodefinição, na autodeclaração e na autodeterminação que possibilitam a construção de pontes, de

²⁹ LORDE, Audre. There is no hierarchy of oppression. *In*: BYRD, Rudolph P.; COLE, Johnnetta Betsch, GUY-SHEFTALL, Beverly (org.). **I Am Your Sister: Collected and Unpublished Writing of Audre Lorde**. Oxford University Press, 2009, p. 219-220. [Minha tradução: Como negra, lésbica, feminista, socialista, poeta, mãe de duas crianças, incluindo um menino e membro de um casal interracial, eu geralmente me encontro fazendo parte de algum grupo em que sua maioria me define como desviante, difícil, inferior ou, simplesmente, como “errada”. Desde minha participação em todos esses grupos eu aprendi que a opressão e a intolerância com a diferença chegam de todas as formas e tamanhos e cores e sexualidade; e que entre a gente que partilha dos desejos por liberação e por um futuro mais viável para nossas crianças, não pode haver hierarquias de opressão. Eu aprendi que o sexismo (a crença da inerente superioridade de um sexo/gênero sobre todos os outros e, assim, seu direito de dominação) e que o *heterossexismo* (a crença na inerente superioridade de um padrão de amor sobre todos os outros e, assim, seu direito de dominação) ambos surgem da mesma fonte do racismo – a crença da inerente superioridade de uma raça sobre todas as outras e, assim, seu direito à dominação. [...] Qualquer ataque contra pessoas Negras é uma questão lésbica e gay, porque eu e milhares de outras mulheres Negras fazemos parte da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão Negra, porque milhares de lésbicas e homens gays são Negr_s. Não há hierarquia de opressão. [...] Como pessoa Negra, eu sei quem são meus inimigos, [...] então eu sei que eu não posso me dar ao luxo de lutar contra uma forma de opressão somente. Eu não posso me permitir acreditar que ser livre da intolerância é direito de apenas um grupo em particular. E eu não posso me permitir escolher entre quais fronts eu devo batalhar contra essas forças de discriminação, onde quer que elas apareçam para me destruir. E, quando elas aparecerem para me destruir, não demorarão muito para que elas apareçam para destruir você(s).]

³⁰ Aqui estou propondo uma conversa com a dissertação de Rafa Éis quando ele discute a performatividade do objeto. De alguma forma sua elaboração abriu caminho para que eu pensasse também na performatividade das palavras. Ver SILVEIRA, Rafael [ÉIS, Rafa]. **Gestos de invenção de si: Deslocamentos de um artista minoritários**. Dissertação (Mestrado em Processos Artísticos Contemporâneos – Programa de Pós-graduação da UERJ, Instituto de Artes. Rio de Janeiro, 2017.

reconhecimentos, de zonas comuns e de possíveis alianças nas tramas das intersecções das colonialidades. Assim sendo, as disputas aqui também são aquelas pelo direito de sermos produtor_s das escritas de si e dos nós.

Dessa forma, “autonomia y separatismo son diferentes en sus fundamentos”, sugere a feminista negra estadunidense Barbara Smith, pois, “cuándo somos verdaderamente autónomas podemos tratar con otros tipos de personas, con una multiplicidad de asuntos y con la diferencia, porque hemos formado una base sólida de fuerza.”³¹ Portanto, a busca por autonomia, por liberação, não deixaria de ser – como quero acreditar – uma busca pra que a gente possa construir nossas próprias multiplicidades.

Bom, mas a gente percebe, então, que tem toda uma tensão de discurso e poder aí em torno de um mesmo operador, a *diferença*³², cujas aplicabilidades identitárias ocupam posições conflitantes: que podem ser essas que buscam se inscrever nas dinâmicas das partilhas horizontais, ou, por um outro lado, aquelas comprometidas com as verticalidades opressoras.

[...] necesitamos tomar muy en serio la cuestión de la identidad, no solo como un cierto artefacto psicológico o consumible cultural, sino como un aspecto profundamente político y económico y de estrategia militar, y de contraestrategia. La identidad no es otra cosa que todo lo relativo al poder y resistencia, sujeción y ciudadanía, acción y reacción. Sugeriría que en lugar de simplemente repasar la identidad con el fin de repensar el poder, necesitamos repensar profundamente la identidad como si apenas fuéramos a comprender el significado del poder.³³

³¹ SMITH, Barbara apud HILL COLLINS, Patricia. Rasgos distintivos..., op. cit., p. 124. [Minha tradução: [...] autonomia e separatismo são diferentes em seus fundamentos [...] quando somos verdadeiramente autônomas podemos tratar com outros tipos de pessoas, com uma multiplicidade de assuntos e com a diferença, porque formamos uma base sólida de forças.]

³² Uma possibilidade para o impasse da diferença se apresenta na filosofia afroperspectivista com a chave pluriversalidade. Ver: NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Maio-Out/2012, n.18, p. 62-73. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/7033>

³³ MAMA, Amina. Temas desafiantes: Gênero y Poder en los Contextos Africanos. In: SUÁREZ, Liliana; HERNÁNDEZ, Rosalba Aída (org.) **Descolonizando el feminismo. Teorías y prácticas desde los márgenes**, 2008, s/n. Disponível em <http://www.reduii.org/cii/sites/default/files/field/doc/Descolonizando%20el%20feminismo.pdf> Acesso em novembro de 2017. [Minha tradução: [...] necesitamos tomar muy en serio a questão da identidade, não apenas como um certo artefato psicológico ou de consumo cultural, mas sim como um aspecto profundamente político e econômico e de estratégia militar e de contraestratégia. A identidade não é outra coisa do que tudo relativo ao poder e à resistência, à sujeição e à cidadania, à ação e reação. Sugeriria que no lugar de simplesmente revisar a identidade com o fim de repensar o poder, que necesitamos repensar profundamente a identidade como se apenas assim fôssemos compreender o significado de poder.]

Desse modo, nos apoiando nas discussões da feminista nigeriana Amina Mama, quando o assunto é *identidade* necessariamente estamos a discutir o *poder*, suas estruturas, suas manifestações e suas relações, que tratam de articular tão estreitamente as produções daquilo que se entende pelo *eu*, os *nós* e os *eles* – produções essas que se forjam continuamente, além de se retroalimentam. “Dado que las añejas tecnologías del yo y la nación”, por exemplo, “han sido desarrolladas en tan estrecha relación con los proyectos gemelos del desarrollo capitalista industrial y el expansionismo imperialista.”³⁴

Desde essa múltipla corporeidade fragmentada por opressões estruturais diversas que vos escreve, em busca de um terreno plural em termos de liberação e de pontes, nada mais nada menos – ao som do violento *A Love Supreme* (1964) de John Coltrane – não me resta muita coisa além de reforçar que me parece fundamental nos debruçarmos (tod_s) sobre o denso pensamento produzido pelas mulheres de cor para aprofundarmos não somente os debates em torno das questões raciais, sexuais e de gênero, mas de todos os outros, sempre em rede, que dizem respeito às estruturas modernas-coloniais da sociedade. Pois, como bem observou a filósofa feminista Angela Davis em Cachoeira no ano passado, em encontro internacional sobre o feminismo negro e decolonial³⁵, “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo.”³⁶

Portanto, se você vem acompanhando a densidade plural dessa discussão, desses pensamentos de base, da base da modernidade – ou melhor, do seu fosso – pode perceber que existe uma potência revolucionária pulsante, desestabilizadora, desesperada por vida em outros modelos, nos lugares marginalizados pelas impotências e nos corpos que se colocam em fuga dos cerceamentos categorizantes hierárquicos modernos.

³⁴ Ibidem. [Minha tradução: Dado que as velhas tecnologias do eu e da nação [...] foram desenvolvidas em tão estreita relação com os projetos gêmeos do desenvolvimento capitalista industrial e do expansionismo imperialista.]

³⁵ *Decolonial e descolonial* se apresentam aqui com grafias diferentes para um mesmo campo de atuação e pensamento. Procuo manter o termo utilizado por cada autor_.

³⁶ DAVIS, Angela. “**Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela**”. In: El País. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html Acesso em fevereiro de 2018.

E com o bucho mais cheio comecei a pensar
Que eu me organizando posso desorganizar
Que eu desorganizando posso me organizar
Que eu me desorganizando posso me organizar.³⁷

Logo na abertura de *Sair da Grande Noite. Ensaio sobre a África Descolonizada* (2014) o filósofo camaronês Achille Mbembe, articulador contemporâneo importante da obra de Fanon, descreve que “A descolonização é um acontecimento cujo significado político essencial residiu na *vontade activa de comunidade* – como outros falavam antigamente de vontade de poder”, descrição de descolonização essa realizada desde os contextos dos movimentos africanos de independência pós-Segunda Guerra Mundial. “Essa vontade de comunidade”, como continua Mbembe, “era o outro nome daquilo que se poderia designar por *vontade de viver*.”³⁸

Partindo de outra ponta da mesma história, em *Crítica da Razão Negra* (2013) o camaronês recorda que “o pensamento europeu sempre teve tendência para abordar a identidade não em termos de pertença mútua (co-pertença) a um mesmo mundo, mas antes na relação do mesmo ao mesmo, de surgimento do ser e da sua manifestação no seu ser primeiro ou, ainda, no seu próprio espelho”³⁹, algo aí que aponta a construção da hegemonia branca a partir de um projeto de autoficção violenta de seu ser superior no mundo que se edifica nas tecnologias de *ficções de poder e no poder das ficções*⁴⁰ – tecnologias essas materialmente engajadas na produção de vidas, vale frisar, e de suas circulações, de suas relações.

Você está mesmo afirmando que raça é um simples significante, um signo vazio, que não está fixado em sua natureza interna, que seu sentido não pode ser assegurado, que flutua em um mar de diferenças relacionais? É esse o seu argumento? E não seria esta não só errada, mas também uma abordagem leviana e – ouço a palavra sendo murmurada no público – *idealista* de fatos crus da história humana, que afinal de contas deformaram as vidas e aleijaram e constrangeram o potencial de literalmente milhões de despossuídos do mundo? E depois, por que não usar a evidência diante de nossos olhos? Se

³⁷ Chico Science em *Da Lama ao Caos* (1994).

³⁸ MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite. Ensaio sobre a África descolonizada**. Angola: Edições Mulemba e Portugal: Edições Pedagogo, 2014, p. 13.

³⁹ Idem. **Crítica da razão negra**. Trad.: Marta Lança. 2ª ed. Lisboa: Antígona, 2017, p. 10.

⁴⁰ Ver MOMBACA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. **Publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo em ocasião da 32ª Bienal de São Paulo-Incerteza Viva**, 2016. Disponível em https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuicao_a_o_da_vi

raça fosse um negócio tão complicado, por que ela estaria evidente de forma tão manifesta aonde quer que olhemos?⁴¹

Esse jogo retórico desestabilizante das estruturas arrançadas violentamente em suas dominantes coerências, que implica diretamente as ficções de poder apoiadas no regime moderno da visualidade, compõe os caminhos propostos pelo Stuart Hall, em 1995, na conferência intitulada *Raça, o significativo flutuante*, na qual o teórico da cultura jamaicano disputa a rejeição de raça como uma classificação biológica, científica, para rearranjá-la como uma categoria discursiva, como “um dos principais conceitos que organiza os grandes sistemas classificatórios da diferença que operam em sociedades humanas.”⁴², tendo, inclusive, o Fanon como um grande interlocutor dessa caminhada.

Já faz algum tempo que certos laboratórios projetam descobrir um soro para desempreter; os laboratórios mais sérios do mundo enxaguaram suas provetas, ajustaram suas balanças e iniciaram pesquisas que permitirão aos coitados dos pretos branquear e, assim, não suportar mais o peso dessa maldição corporal. Elaborei, abaixo do esquema corporal, um esquema histórico-racial. Os elementos que utilizei não me foram fornecidos pelos “resíduos de sensações e percepções de ordem sobretudo tátil, espacial, cinestésica e visual”⁴³, mas pelo outro, o branco, que os teceu para mim através de mil detalhes, anedotas, relatos. Eu acreditava estar construindo um eu fisiológico, equilibrando o espaço, localizando as sensações, e eis que exigiam de mim um suplemento. “Olhe, um preto!” Era um *stimulus* externo, me futucando quando eu passava. Eu esboçava um sorriso. “Olhe, um preto!” É verdade, eu me divertia. “Olhe, um preto!” O círculo fechava-se pouco a pouco. Eu me divertia abertamente. “Mãe, olhe o preto, estou com medo!” Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível. Eu não agüentava mais, já sabia que existiam lendas, histórias, a história e, sobretudo, a *historicidade* que Jaspers havia me ensinado. Então o esquema corporal, atacado em vários pontos, desmoronou, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial. No movimento, não se tratava mais de um conhecimento de meu corpo em terceira pessoa, mas em tripla pessoa. No trem, ao invés de um, deixavam-me dois, três lugares. Eu já não me divertia mais. Não descobria as coordenadas febris do mundo. Eu existia em triplo: ocupava determinado lugar. Ia ao encontro do outro... e o outro,

⁴¹ HALL, Stuart. **Raça, o significativo flutuante**. In: Z Cultural, 2013. Ano IX. ISSN 1980-9921. Disponível em <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/> Acesso em fevereiro de 2014.

⁴² Ibidem.

⁴³ “Jean Lhermitte, *L’image de notre corps*. Ed. de la Nouvelle Revue Critique, p. 17”, nota original em FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*, op. cit., p. 105. Apesar de não conhecer a produção do Jean Lhermitte, inúmeras vezes quando retorno a essa passagem a impressão que tenho, dentro do universo de discussões do qual partilho, é que poderia estar lendo uma referência ao trabalho da Suely Rolnik.

evanescente, hostil mas não opaco, transparente, ausente, desaparecia. A náusea... Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas, – e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros, e sobretudo com “y’ a bon banania”⁴⁴.

Desses escritos do Fanon que me fazem me perguntar porque eu tô aqui mesmo escrevendo. Fico de cara com esse *boy*... Nem consigo editar, você é testemunha... Deixa a clínica do Fanon correr, essa gira... *Oi Corre Gira Que Ogum Mandou*... Mas vamu lá! Retomando o fôlego... porque é esse um dos efeitos da sabedoria do Fanon na gente, pelo menos em mim.

Pois, a produção discursiva de superioridade de poder da branquidade, de *seu ser* em detrimento d_s outr_s – materializadas não apenas em produções discursivas textuais, pois as tecnologias por onde os poderes se organizam são variadas e se regeneram, ainda que também operem por velhas estruturas – já tá lá desenhado no próprio Fanon quando ele escreve mais adiante que o branco se sente o predestinado do mundo, que o submete, que estabelece com o mundo uma relação de apropriação, que o quer só pra si, que o branco quer o mundo⁴⁵.

Bom, mas pra pensar na produção do *ser do negr_* no mundo – o qual é tido autoritariamente como sendo do branco, como estamos discutindo – eu quero ficar aí em Fanon, mas não só. Quero também voltar-me para a produção quase um século mais velha da Sojourner Truth e tentar estabelecer relações entre ess_s dois autor_s sobre o que pode ser esse ser do negr_ nesse mundo (branco). Mas tendo em mente que “el largo proceso de la colonialidad comienza subjetivamente e intersubjetivamente”, como propõe a María Lugones, “en un encuentro tenso que a la vez forma la normatividad colonial moderna, y sin embargo no cede sencillamente ante ella.”⁴⁶

Pois é na justa oscilação – como espelho – das formulações de que o negro *não é* em Fanon e do *não sou?* em Truth, ou entre o *não ser* e o *não sou?* – portanto, entre a

⁴⁴ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*, op. cit., p. 104-106.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 117.

⁴⁶ LUGONES, Maria, *Hacia un feminismo descolonial*, op. cit., p. 110. [Minha tradução: o longo processo da colonialidade começa subjetivamente e intersubjetivamente [...] num encontro tenso que por sua vez forma a subjetividade colonial moderna, contudo sem ceder simplesmente diante dela.]

negativa e o questionamento da negativa de ser – que se constrói as bases da perturbação que somos no mundo. Ou melhor: as bases da perturbação do que *não somos* ao mesmo tempo que nos fazemos travessia de múltiplos questionamentos daquilo que *não somos*, em agitação transatlântica⁴⁷, em jogos de ausência, incompletude e desobediência, nesse terreno em que nenhuma sujeição – por mais que os investimentos sejam altíssimos – se faz por completa, nem que seja em nossos sonhos e imaginários.

E o que podemos (*não*) *ser* (?), materialmente no mundo, acaba por revelar a todo tempo, de maneira inevitável, como esse mundo excludente e cerceador se configura. Então a subjetivação oscilante entre o *não ser* e o *não sou?* acaba por se configurar, dissensualmente, como uma oposição às aderências das lógicas estabelecidas do que se pressupõe ser no tecido social moderno-colonial, porque não somos, somos? É a partir da produção residual de nossa existência, estabelecida pelas dinâmicas coloniais perturbadoras entre o *não ser* e o *não ser?* que acabamos, paradoxalmente, por criar desvios das lógicas de organização do mundo. Nossa reviravolta. Nossa reviravolta.

O que estou propondo aqui não deixa de ser, dentre muitas coisas, uma discussão sobre *resistência*, e de como ela se faz de uma forma distinta da rigidez – simplista, isolável, paralisante – porque aqui assumimos a complexidade que a crítica aos aparatos da modernidade exigem, uma complexidade que se faz, novamente, em relação, em movimento, porque estamos imersos nessa estrutura, mantendo a circulação do mundo (branco) ativa, ainda que pelas opressões. “A história da negritude”, como nos sugere o estadunidense Fred Moten ao propor uma discussão sobre uma tradição radical das estéticas negras, “é um testemunho do fato de que objetos podem e, sim, resistir.”⁴⁸ Por conseqüência, não é apenas a diáspora que faz a gente se deslocar, é também a diáspora que se desloca na gente.

⁴⁷ Ver o documentário *Ôrí*, de 1989, cortado pela vida e obra da historiadora Beatriz Nascimento. Direção por Raquel Gerber. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=35H0lbrSGbI>

⁴⁸ MOTEN, Fred. **In the break: the aesthetics of the Black radical tradition**. University of Minnesota Press, 2003, p. 01. [Minha Tradução. No texto original: “The history of blackness is testament to the fact that objects can and do resist.”]

Still de **Estudo de desenho para uma linha reta** (2015-2016)

Escrita-desenho com meu fio de cabelo sobre caderno – o diário do Faço Faxina.
Millena Lizia

Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=ZbqMDpGJ07Y&t=8s>



Pra essa discussão, acerca do tema resistência, gostaria de convocar mais uma vez as contribuições de María Lugones *para um feminismo descolonial*, desde seu posicionamento pessoal:

Quando pienso en mi misma como teórica de la resistencia, no es porque crea que la resistencia es el fin o meta de la lucha política, sino más bien su comienzo, su posibilidad. Me interesa el resorte relacional subjetivo/intersubjetivo de liberación, como a la vez de adaptación y creativamente oposicional. La resistencia es la tensión entre la subjetificación (la formación/información del sujeto) y la subjetividad activa, ese sentido mínimo de agencia requerido para que la relación oprimir→←resistir sea de tipo activo, sin apelación al máximo sentido de agencia del sujeto moderno.⁴⁹

Adotar, lidar e pensar com os resíduos – que inclui assumir a produção residual da vida colonizada, da colonialidade do ser, de minha própria vida – se revelou, ao longo dessa relação, ter que trabalhar com uma matéria rebelde, que escapa, que não se inscreve em categorizações atômicas porque já explodiu e se tornou o próprio

⁴⁹ LUGONES, María, *Hacia un feminismo descolonial*, op. cit., p. 109. [Minha tradução: Quando penso em mim mesma como teórica da resistência, não é porque creio que a resistência seja o fim ou a meta da luta política, mas sim seu começo, sua possibilidade. Me interessa o recurso relacional subjetivo/intersubjetivo de liberação, assim como o de adaptação e de oposição criativa. A resistência é a tensão entre a subjetificação (a formação/informação do sujeito) e a subjetividade ativa, esse sentido mínimo de agência requerido para que a relação oprimir→←resistir seja de um tipo ativo, sem apelo ao máximo sentido de agência do sujeito moderno.]

universo, em pluriversos. É ter que trabalhar com essa matéria que não deixa de ser um registro, mas que não se fixa, se põe em fuga, por onde forja sua resistência, que, apesar de sua condição de desgaste do objeto, de dejetos, trata de mandar o recado a todo momento – basta se dispor a ouvir – que não existe um fora nesse mundo e que o descarte por completo é impossível, porque fica o resíduo, essa cicatriz, em sua sublime imanente fraturada teimosia.



Stills do vídeo **Tentativa de fecundação 2** (2011)
Vídeo de/com poeiras em movimento e luz.
(recomendo a visualização em ambiente escuro)
Da série *distensões entre o dentro e o fora*.
Millena Lízia.

Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=cl_d5sSxgCo&feature=youtu.be

Ao estabelecer as bases para teorizar sobre a resistência atrelada à descolonização de gênero, Lugones trata de responder com um *não*⁵⁰ ao questionamento marco da

⁵⁰ “La intersección entre “mujer” y “negra” revela la ausencia de las mujeres negras en vez de su presencia. Esto se debe a que la lógica categorial moderna construye las categorías como términos

Soujourner Truth (*e não sou uma mulher?*) ao defender que nenhuma fêmea colonizada é uma mulher, pois esse registro *de mulher* se inscreve na categoria do humano que contempla exclusivamente, pela lógica hegemônica categorial da modernidade colonizante, aqueles corpos brancos. Sendo a mulher (branca), portanto, apenas um não-homem (branco), enquanto que o homem (branco), por sua vez, se manifesta como esse sujeito íntegro e racional da perfeição moderna civilizada. Ao passo que o macho negro, também por sua condição colonizada, não é um homem, se afinando dessa forma com o pensamento fanonista. Pois, “el proceso de colonización inventó a los colonizados e intentó su plena reducción a seres primitivos, menos que humanos, poseídos satánicamente, infantiles, agresivamente sexuales”.⁵¹

Caminho sobre espinhos brancos. Lençóis d’água ameaçam minha alma de fogo. Diante destes ritos, redobro minha atenção. Magia negra! Orgias, sabá, cerimônias pagãs, patuás. O coito é o momento de invocar os deuses da fratria. É um ato sagrado, puro, absoluto, favorecendo a intervenção de forças invisíveis. Que pensar de todas essas manifestações, de todas essas iniciações, de todas essas operações? De tudo quanto é canto volta pra mim a obscenidade das danças, das propostas.⁵²

Apesar de assimilar as lógicas dessa maquinaria contranarrativa entorno da resposta negativa da Lugones à Truth (e as elaborações que seguem) como sendo preciosas para nosso debate – e me coloco em conversa com sua formulação e recomendo enfaticamente a leitura completa de seu artigo –, eu escolho apostar na potência desobediente do questionamento da Truth, para o qual, no meu entendimento, não caberia resposta, ou uma única resposta: talvez, apenas, mais questionamentos. Além do mais, quando se responde com um *não* uma pergunta com uma negativa abre-se margem para que esse *não* performe, inusitadamente, o justo oposto: um sim. Mas

atómicos, separables, y construídos dicotómicamente. Esa construcción procede a partir de la presencia generalizada de dicotomias jerárquicas en la lógica de la modernidad y de las instituciones modernas. La relación entre la pureza categorial y las dicotomias jerárquicas funciona de la manera siguiente: Cada categoría homogénea, separable, atômica, se caracteriza en términos del miembro superior de la dicotomía. De este modo, “mujer” quiere decir mujeres blancas. La mención de la raza nos remite a los hombre negros. Cuando una trata de entender las mujeres no blancas, negras, mestizas o indígenas son seres imposibles. Son imposibles porque no son ni mujeres burguesas europeas, ni varones indígenas. La interseccionalidad es importante cuando se están mostrando la no inclusión en las instituciones de la discriminación o la opresión que sufren las mujeres de color. Pero aquí quiero ser capaz de pensar en su presencia como seres tanto oprimidos como resistentes.” Ver LUGONES, Maria. *Hacia un feminismo descolonial*, op. cit, p. 111.

⁵¹ Ibidem, p. 110. [Minha tradução: o processo de colonização inventou _s colonizad_s e pretendeu suas plenas redução a seres primitivos, menos que human_s, possuíd_s satanicamente, infantis, sexualmente agressiv_s.]

⁵² FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad.: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 115-116.

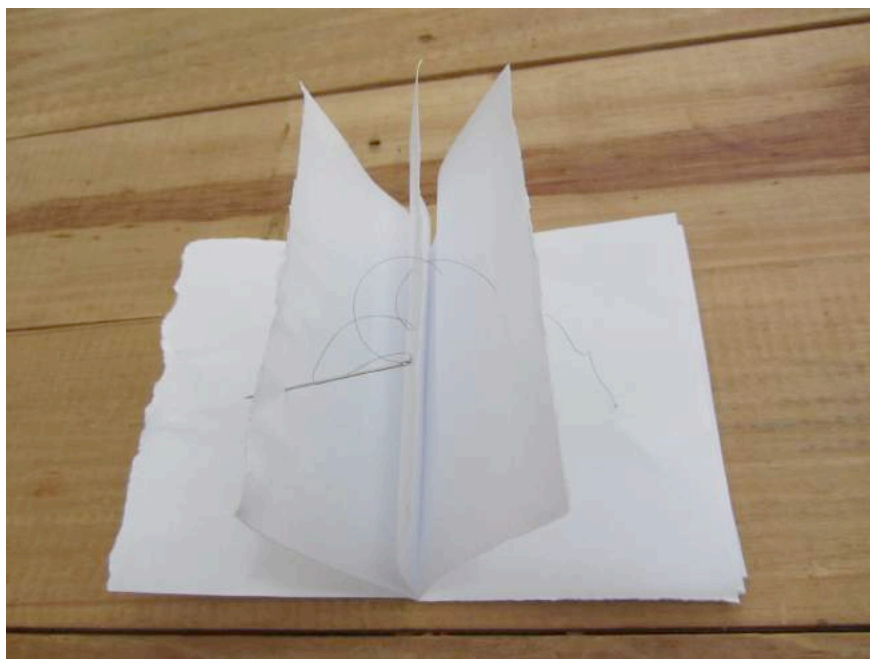
não um *sim* qualquer, seguro, afirmativo, estável, mas, sim, um *sim* que tem um *não* como fantasma.

Aliás, sejamos honest_s. É capaz de todos aqueles *sims* que recebemos que afirmam nossas potências fora da marginalidade – e eles não costumam ser muitos, mas raros e suados – sejam do tipo que têm uns *bons* nãoos como fantasmas. Me parece inevitável, mas quem é *negr_* está estreitamente ligad_ com a negação, pois assim se forjam as armas de dominação da modernidade colonizante. Começando por aí, pela negação do que se é, do seu próprio (*não*) *ser* (?).

Mas não só.

Eu tinha racionalizado o mundo e o mundo tinha me rejeitado em nome do preconceito de cor. Desde que, no plano da razão, o acordo não era possível, lancei-me na irracionalidade. Culpa do branco, por ser mais irracional do que eu! Por pura necessidade havia adotado o método regressivo, mas ele era uma arma estrangeira; aqui estou em casa; fui construído com o irracional; me atolo no irracional; irracional até o pescoço.⁵³

Escrita contraontológica (2017)
escritos de trás pra frente com
agulha de costura e meu fio de
cabelo preto não-humano em
caderno feito de um ex-papel ofício
branco.
Millena Lízia

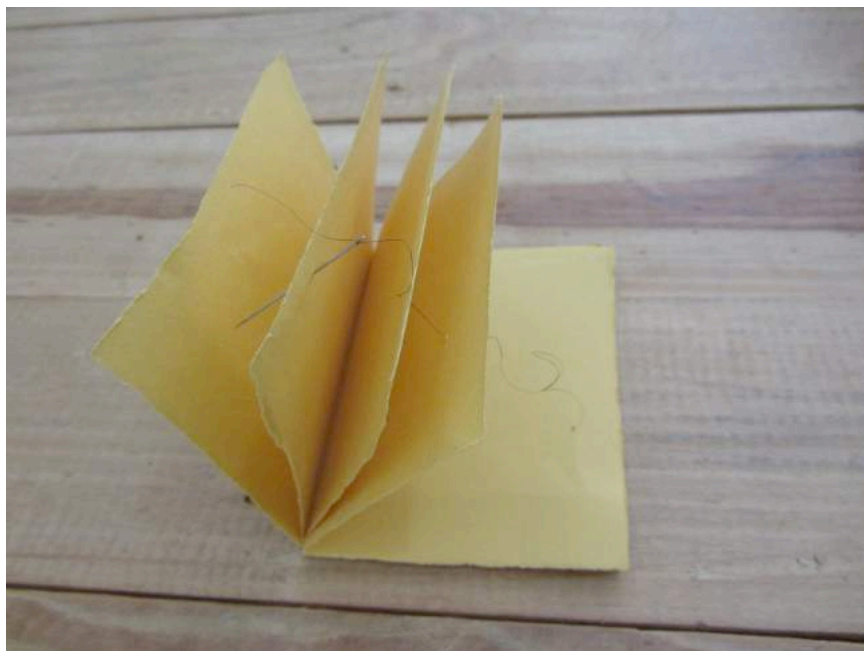


⁵³ FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad.: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 113.

Revisão de ser te dão (2017)

escritos de trás pra frente com
agulha de costura e meu fio de
cabelo preto não-humano em
caderno feito de ex-papel ofício
pardo.

Millena LÍzia



Bom, as respostas aqui – ou, melhor, as questões – são tremendamente oscilantes, não se concluem e não se apaziguam. Tendo a apostar, como proposto há pouco – seguindo até as próprias linhas abertas pela Lugones – tanto na subjetivação quanto na intersubjetivação infra-política múltipla que se produz no entre, na fratura, na teimosia e na desobediência sistêmicas, na travessia do *não ser* e o *não sou?*, naquilo que não se encerra porque nunca para de se construir a partir da agitação relacional opressão→←resistência.

De esta suerte, no se trata de un asunto del pasado. Se trata da geopolítica del conocimiento. Se trata de cómo producimos un feminismo que tome los designios globales para la energía racializada de varones y de hembras, y borrando la diferencia colonial, tome esa energía para usarla hacia la destrucción de los mundos de sentidos de nuestras propias posibilidades. Nuestras posibilidades yacen en la comunalidad más bien que en la subordinación; no yacen en la paridad con nuestro superior en la jerarquía que constituye la conialidad. Esa construcción de lo humano está viciada hasta los tuétanos por su relación íntima con la violencia.⁵⁴

⁵⁴ LUGONES, Maria, Hacia un feminismo descolonial, op. cit., p. 114. [Minha tradução: Desta maneira, não se trata de um assunto do passado. Se trata da geopolítica do conhecimento. Se trata de como produzimos um feminismo que tome os desígnios globais para a energia racializada de machos e fêmeas e borrando a diferença colonial, que tome essa energia para usá-la com o intuito de destruição dos mundos dos sentidos de nossas próprias possibilidades. Nossas possibilidades se fazem melhor em comunidade do que em subordinação; não se fazem em paridade como noss_s superiores na hierarquia que constitui a colonialidade. Essa construção do humano está viciada até aos tutanos por sua relação íntima com a violência.]

Assim, é em coalizão, não em desacordo, que me coloco com as propostas da Lugones. Mas sabendo que guardamos nossas diferenças, e que penso aí, talvez, em outras camadas para esse rico debate em busca de um *giro descolonial*.

No capítulo voltado para a descolonização do conhecimento, em *Plantation Memories. Episodes of Everyday Racism* – essa publicação já citada aqui da Grada Kilomba – a autora, propondo uma conversa sobretudo com a bell hooks, argumenta que apenas nos opor às estruturas marginalizantes que caem sobre nós não é suficiente, que se faz urgente ainda que voltemos nossas energias para algo que o Malcom X chama de “descolonização de nossas mentes e imaginações”, processo esse de reinvenção de como nos construímos, para que a gente possa disputar nossos espaços como sujeitos, não mais como objetos. E esse processo de reinvenção da vida só se faz possível a partir da investigação, do estudo, do reconhecimento de nossa própria marginalidade, algo que emerge a medida que passamos a entender, segundo a bell hooks, de que formas “[the] structures of domination work in one’s own life, as one develops critical thinking and critical consciousness, as one invents new alternative habits of being and resists from that marginal space difference inwardly defined.”⁵⁵

Onde me situar? Ou melhor, onde me meter? Martinicano, originário de “nossas” velhas colônias. Onde me esconder? Olhe o preto!... Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós... Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer! Nas proximidades do branco, no alto os céus se desmantelam, debaixo dos meus pés a terra se arrebenta, sob um cântico branco, branco. Toda essa brancura que me calcina... Sento-me perto da fogueira e encontro minha libré. Não a tinha percebido antes. Ela é realmente feia. Mas atenção, pois quem saberá me dizer o que é a beleza?! Onde me meter agora em diante? Sentia subir de todas as partes dispersas do meu ser um fluxo facilmente

⁵⁵ hooks, bell apud KILOMBA, Grada, *Plantation Memories...*, op. cit., p, 36. [Minha tradução: [...] as estruturas de dominação que atuam em sua própria vida, na medida em que se desenvolve o pensamento e a consciência críticas, que se inventa novos hábitos alternativos de ser e resistir daqueles lugares marginais da diferença que são introjetados.]

identificável. Eu estava ficando com raiva. O fogo há muito tempo estava morto, mas eis que novamente o preto tremia.

— Olhe, ele é preto...

— O preto bonito ta cagando pra você, madame!

A vergonha ornamentou o rosto da madame. Enfim eu ficava livre de minhas ruminções. No mesmo momento compreendi duas coisas: identificava meus inimigos e provocava escândalo. Completamente satisfeito. Íamos, enfim, poder nos divertir. Tendo o campo de batalha sido delimitado, entrei na luta. Como assim? No momento em que eu esquecia, perdoava e desejava apenas amar, devolviam-me, como uma bofetada em pleno rosto, minha mensagem! O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mudo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse. Mas eles iam ver! Eu já os tinha prevenido...⁵⁶

Enquanto tento estabelecer as bases alucinantes dessa discussão (tão próprias das paranóias da colônia, da colonialidade) é a noção de *negritude* – inicialmente forjada em poesia como contradiscurso de sujeição racial a partir da derivação da palavra depreciativa *nègre*, pelo poeta e político Aimé Césaire, amplamente citado em *Pele negra, máscaras brancas*, de quem Fanon foi também contemporâneo e conterrâneo – que insiste em ressoar em mim:

Vale dizer que a Negritude, em seu estágio inicial, pode ser definida primeiramente como tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade. Mas a Negritude não é apenas passiva. Ela não é da ordem do esmorecimento e do sofrimento. Ela não é nem da ordem do patético nem do choramingo. A Negritude não resulta é uma atitude proativa e combativa do espírito. Ela é um despertar; despertar de dignidade. Ela é uma rejeição; rejeição da opressão. Ela é uma luta, isto é, luta contra a desigualdade. Ela é também revolta. Mas, então, me dirão os senhores, revolta contra o que? [...] Eu creio que se pode dizer, de maneira geral, que, historicamente, a Negritude foi uma forma de revolta, em princípio contra o sistema mundial da cultura tal qual ele se constitui durante os últimos séculos e que se caracteriza por um certo número de preconceitos, de pressupostos que resultam em uma hierarquia muito rígida.⁵⁷

Assim, o que (*não*) *somos* (?), contrariando as lógicas de sujeição que caem sobre nós, assumindo nossa negritude e nos posicionando contra as formas categorizantes de enclausuramento – humanistas, inclusive –, guarda toda uma potência contestatória, desorganizadora de mundo, nos lançando nas aventuras do impossível e

⁵⁶ FANON, Frantz, *Pele negra, máscaras brancas*, op. cit., p. 106-107.

⁵⁷ CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a negritude**. Trad. de Ana Maria Gini Madeira. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p 109-113

problematizando necessariamente aqueles que são, e suas formas de sensatez, em esquema epidérmico.

Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador; percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu.⁵⁸

Coleção de capturas de vestígios daqueles com quem me relaciono⁵⁹ (2014).

Retratos por captura de resíduos.
Papel adesivo, resíduos diversos dos corpos d_s outr_s, do que se veste e dos espaços por onde se passa e spray fixador. 10 x 15 cm (cada).
Millena Lízia



Como me é possível apenas uma organização corporal coerente com as objetividades esmagadoras acabo por explodir, sob efeito dos esquemas epidérmicos que me atravessam. Pois “qualquer ontologia torna-se irrealizável em sociedade colonizada e

⁵⁸ FANON, Frantz, *Pele negra, máscaras brancas*, op. cit., p. 103.

⁵⁹ 1. Quando esqueci o bolo de chocolate com cenoura de mamãe em Rio das Ostras, Sandra, 17/06; 2. Mari empacotando suas coisas no ateliê, Mari, 26/06; 3. “Tenho umas coisinhas ainda pra fazer lá do outro lado...” ou Visita de papai no ateliê antes do embarque. Marcos, 28/07; 4. “I hate finishing” ou Todas as cores da pintura da Mari em uma linha, Mari, 05/06; 5. Domingo de cuca de banana e cocada, Sônia, 06/07; 6. Primeiro encontro com a parceira de residência, Renata, 02/06; 7. Contaminação a la Gastación, Paula, 01/07; 8. Propõe que eu pose nua para fotos, mas me oferece apenas as palmas das mãos, Swann, 29/07; 9. Propõe que eu pose nua para fotos, mas me oferece apenas as solas dos pés, Swann, 29/07; 0. Corpo coletivo #DOREGISTROARUA, Berenice, Bernardo, Juliana, Carlos, Flavia, Gabriela, Millena, Raisal, Vinicius, 03/06; 11. “Hoje eu sou um cara de sorte, pelo menos é o que me dizem”, Sérgio, 06/07; 12. Renata trabalhando com metal, Renata, 04/06; 13. “Eu não fumo” (indo fumar), Michelle, 07/07; 14. Zuação pra cima de Lucas sobre a equipe Baixíssimos, Lucas, 06/07; 15. Vinho branco e massa recheada ao molho pesto, Cássia, 20/06; 16. reencontro com a Renata após sua viagem ao Maranhão, Renata, 26/06; 17. “Por isso que eu acho que você deve buscar a Estética Relacional do Nicolas Bourriaud, Felipe, 06/06; 18. Ícaro antecipado 2 horas – veio voando?, Ícaro, 07/07; 19. O ultimo homem do Largo, Fred, 02/06; 20. “Eu não gosto dessa coisa representativa dentro da performance”, André, 10/07;

civilizada”⁶⁰, disposições essas diferenciadas de uma mesma empresa capitalista-colonialista global, a da modernidade.

Esses farelos amontoados temporariamente que você vê, prestes a se dissipar, a se diluir por aí e a instaurar o risco de contaminações com altas toxicidades – numa reviravolta inusitada – são as bases de construção não mais de um esquema corporal, que não me é possível, apesar dos meus ordinários esforços em vão de ser um ser aderente às dinâmicas do mundo. Portanto, é por relutância que trato de me reagrupar aqui, ali e lá, em modos epidêmicos⁶¹. Essas são as bases temporárias das eternas reconstruções pulverizáveis de um *cor-pó*, que tenta escapar incansavelmente das lógicas que priorizam seu desgaste, quando as forças destrutivas não passam pelo seu descarte. O (*não*) *ser* (?) é um tanto trabalhoso, se não sabes, pois é um terreno de eterno refazer em desejos de desfazer. De uma teimosia, de uma persistência, de uma resiliência... Inimagináveis. Até porque o campo de atuação não se inscreve, não se adere e não se encerra, no território imagético, mas o atravessa, e mergulha na superfície profunda das experiências da epidermia. Em transversão contraontológicas.

De tantos fins que nos foram investidos nesse mundo, parece que não nos restam muitas alternativas que não seja a de aprendermos a renascer, muitas e muitas vezes, partindo dos fins, da lama, do pó. “O sol queimou, queimou a lama do rio/ Eu ví um chié andando devagar / E um aratu pra lá e pra cá / E um caranguejo andando pro sul / Saiu do mangue, virou gabiru.”⁶²

Sangue! Sangue!... Nascimento! Vertigem do devir! Em três quartos de mim, danificados pelo aturdimento do dia, senti-me avermelhar-me de sangue. As artérias do mundo arrancadas, desmanteladas, desenraizadas, voltaram-se para mim e me fecundaram.⁶³

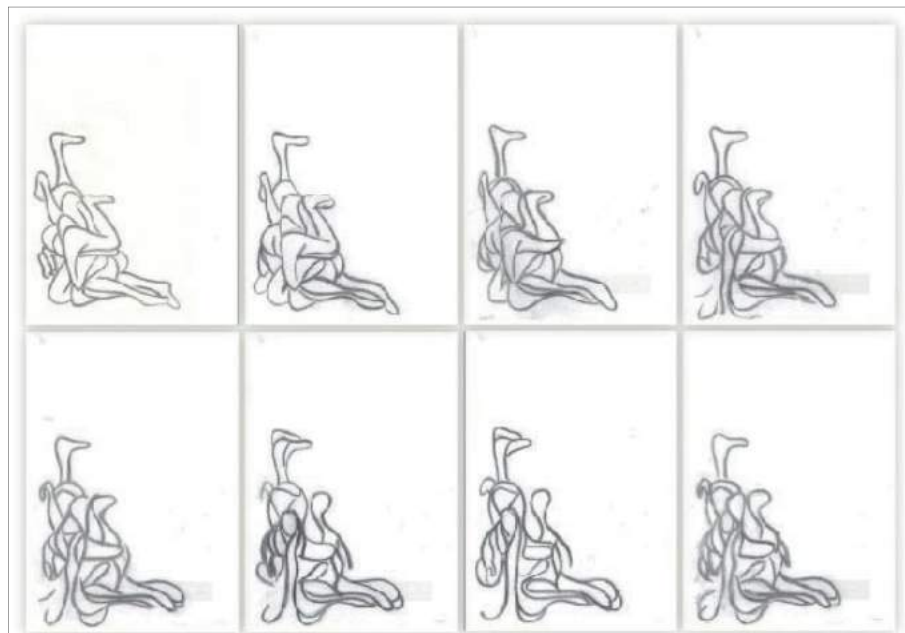
⁶⁰ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*, op. cit., p. 103.

⁶¹ Adoto aqui o coerente ato falho de Fátima Lima que ao discutir o tema *epidermia*, em Fanon, acabou por trocá-lo por *epidemia*.

⁶² Chico Science em *Da Lama ao Caos*, 1994.

⁶³ FANON, Frantz, *Pele negra, máscaras brancas*, op. cit., p. 115.

Stills do **Cópula digestiva** (2012).
Desenho à carvão em movimento.
29,7 x 21 cm. 2012.
Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=sCVAhv7e3dI>
Millena Lízia



Acabo de me lembrar do primeiro encontro de *Existência é resistência: práticas estéticas em corpos minoritários-operários* – o laboratório na graduação em artes na UFF proposto⁶⁴ por mim e Anita Sobar em 2017 – em que chegamos à conclusão, em roda, já no primeiro dia, de que o nosso curso podia se concentrar ao longo do semestre apenas naquilo que investíamos: em nos apresentar. Que podíamos ficar ali, em cada novo encontro, elaborando coletivamente quem éramos, e em diversas

⁶⁴ Nossa proposta no estágio de docência do programa de pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes-UFF. Como as formulações do curso parecem já trazer muitas das motivações presentes no projeto *Faço Faxina*, acredito ser válida sua reprodução aqui, como um material de arquivo-vestígio que compõe esse projeto que nos debruçamos: Apresentamos os objetivos do curso da seguinte maneira:

“O programa pretende articular as urgências da invenção de si com as urgências das reivindicações sociais, identificando e analisando modos de fazer e ser que se constroem como práticas de experimentação artística contemporânea indissociadas das relações de poder do mundo.”

Enquanto a proposição de ementa foi a seguinte:

“Nesse curso você NÃO encontrará uma discussão sobre Arte E Vida, pois esse tipo de segmentação parte de uma concepção de mundo que pertence aos corpos ocidentais hegemônicos. Quando tomamos as linhas de fuga das normatividades colonizadoras e assumimos a batalha cotidiana que se configura nosso lugar minoritário, diaspórico e operário, de saída já estamos nos colocando num lugar de enfrentamento desse campo historicamente elitista e brancocêntrico das artes visuais/plásticas. Fazemos isso porque tomamos as mais diversas manifestações estéticas como resistência e existência, como tática e prática contra-colonial, como forma de não sucumbirmos às inúmeras opressões que caem sobre nossos corpos e que estão aí para nos invisibilizar e nos aniquilar. Para tanto, talvez os nossos espaços não sejam necessariamente o cubo branco com todo seu exclusivismo (que gera exclusões). Assim se faz urgente tomarmos como nossos espaços as salas de aula, seus pátios, banheiros e refeitórios, as ruas, nossas mochilas, nossos celulares, nossas canetas, nossas vestimentas, nossas peles, nossas entranhas, nossos verbos e suspiros. Em tempos de golpes de toda sorte, o desafio que se deseja encarar aqui é o de como produzir arte sendo uma/um Maria Ninguém/Zé Ninguém. Sendo muitas/os, quais seriam as táticas coletivas a se engajar?”

plataformas, pois apenas aquele ato já era muito, grandioso, diverso, renovador, pulsante e inconclusivo. Já atendia aos propósitos daqueles encontros.

O que me remete à abertura do show da Erykah Badu no *Soul Stage*, em 2008, vista por mim tantas vezes de tamanho aturdimiento, onde ela – que podíamos dizer que dispensa apresentações – tratou foi de dizer quem ela era de tantas formas distintas em *primeiras pessoas*, se rebatizando em tão poucos minutos naquele espaço, em verbo e em presença, ao passo que a apresentação também se fazia por meio dos ruídos do sintetizador que operava, ao mesmo tempo que aquilo já se arranjava na introdução da música *The Healer*, que, por fim, completamente tomada, nos põe a perguntar: *quem ela é? que tiro foi esse? que bloco é esse?* Uma explosão! Em *vertigem do devir*. Que se torna maior do que qualquer fronteira que possa nos enclausurar e põe ao avesso qualquer ontologia que possa nos encerrar. E essas são apenas as bases para o começo do show ou para um começo de conversa, que às vezes se faz incompreensível. Porque a estratégia, a ginga, o segredo, também passam por se fazer não entender e não ser entendido. — *Sacou?*

A preocupação que me surge com o trecho dessa escrita é que dependendo de quem você seja a história do seu corpo é aquela em que esse *sacou* performa, na verdade, um *saqueou*.



Erykah Badu. Ao vivo do VH1 Soul Stage (2008).

Apesar de recomendar que assista a todo o show, a parte que descrevo vai do começo do vídeo até o minuto 3'40". Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=yDTmwuWZpKI&t=144s>

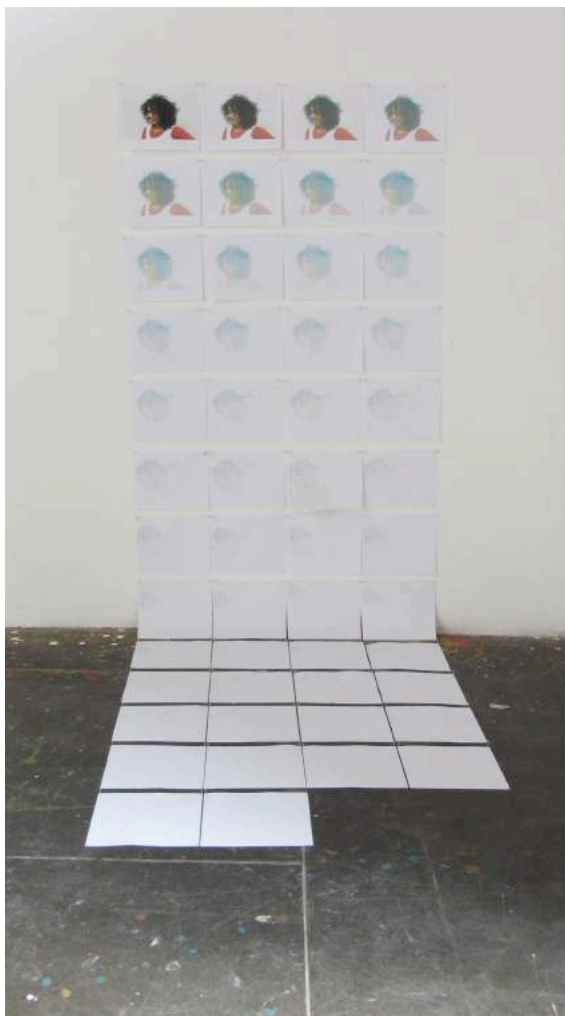
A letra completa de *The Healer* reproduzo a seguir, nas línguas originais:

“Humdi Lila Allah Jehova / Yahweh Dios Ma'ad Jah / Rastafara fyah dance
 /Sex, music, hip-hop
 It's bigger / Than religion / Hip-hop / It's bigger / Than my niggas / Hip-hop /
 It's bigger / Than the government / (Humdi luli lali lulo) / This one fa' Dilla /
 Hip-hop / Humdi luli la / Humdi luli la lilulo / Humdi lulila / Humdi lulilaaa
 We ain't dead / Said the children / Don't believe it / We just made / Ourselves
 invisible / Underwater, stove-top / Blue flame scientist / Come out / With your
 scales up / Get baptized / In the ocean of the hungry / Humdi luli lalilulo /
 Humdi lulilalilu / My niggas turn in to Gods / Walls come tumblin
 Humdi Lila Allah Jehova / Yahweh Dios Ma'ad Jah / Rastafara fyah dance
 /Sex, music, hip-hop
 It's bigger / Than religion / Hip-hop / It's bigger / Than my niggas / Hip-hop /
 It's bigger / Than the government / (Humdi luli lali lulo) / This one is the healer
 / Hip-hop
 Humdi luli la / Humdi lulilalilulo / Humdi lulila / Humdi lulilaaaa
 Told you we aint dead yet / We been livin' / Through your internet / You don't
 have to believe / Everything you think / We've been programmed wake up /
 We miss you / They call you indigo / We call you Africa / Go get baptized / In
 the ocean of the people / (Humdi luli lalilulo) / Say reboot / Refresh, restart /
 Fresh page, new day / O.g.'s, new key
 Humdi lulila / Humdi lulila lilulo / Humdi luli la / Humdilulila”

Assim, é transitando e incorporando muitos territórios, linguagens e universos que nos construímos, nos reinventamos e resistimos: nos fazendo ser muitos, muitas, muitas, muitxs, muit_s.

O que pode ser quase nada, sabemos...

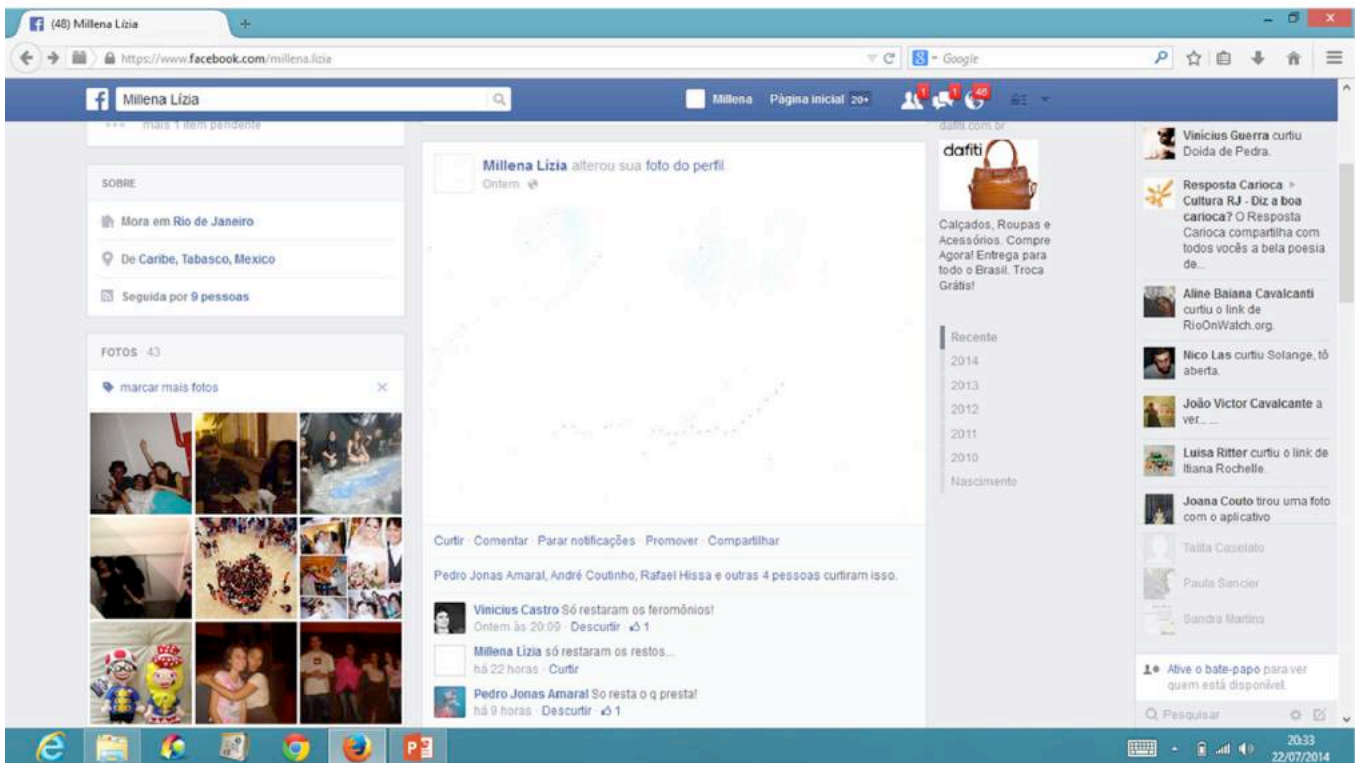
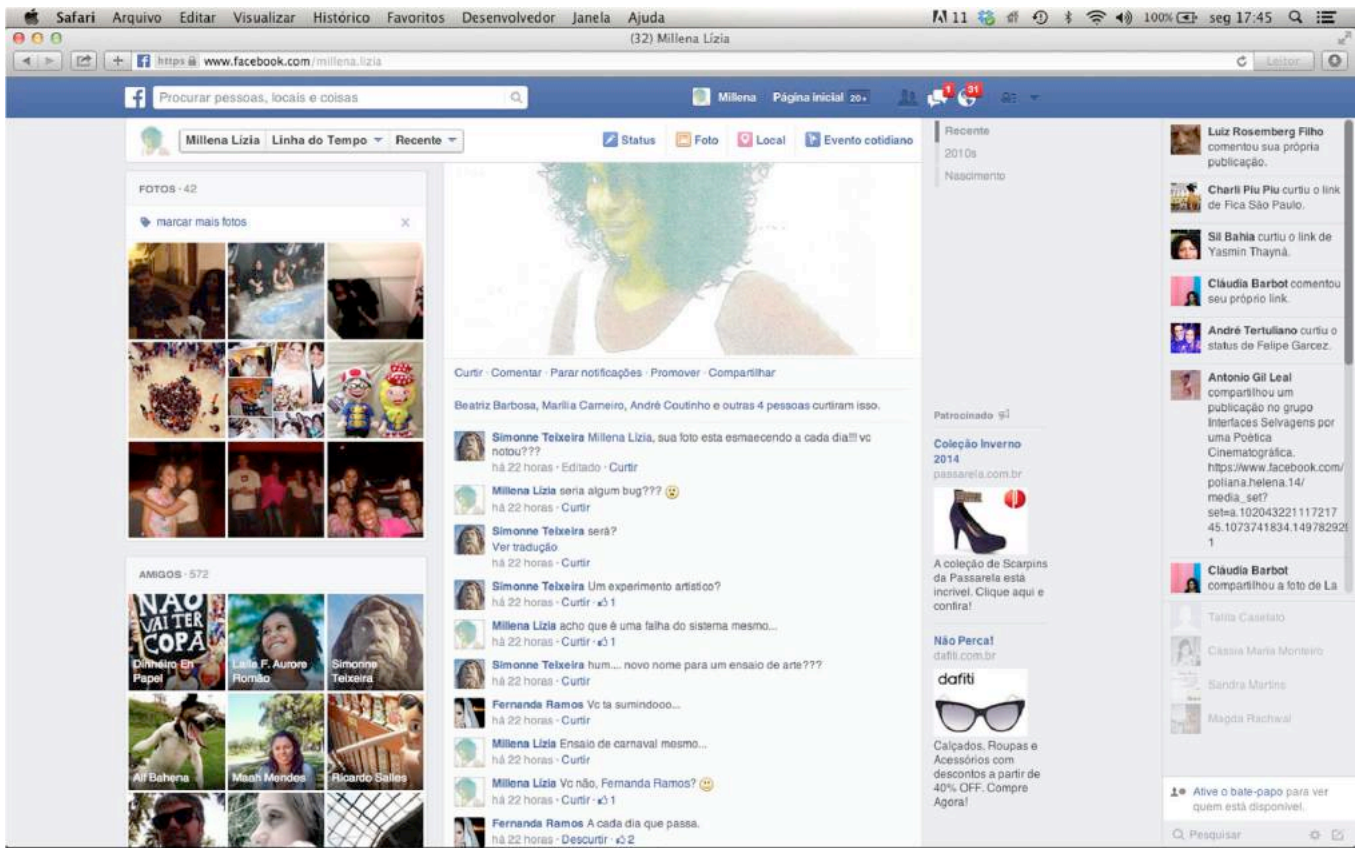
Como bem disse uma amiga – que conheci como sendo a Ingrid, que por um bom tempo foi a Ingra e que venho percebendo adotar Ingrid novamente – “é a lucidez que assusta”, se referindo ao seu entendimento dos tempos em que vivemos.



Série Desperfilar (2014-2018). Estudo 1.

Impressão e digitalização contínua de um mesmo retrato até que não houvesse mais nenhum vestígio da imagem original e o que predominasse fosse o branco do papel. São 50 imagens com as dimensões de 21,0 x 13,0cm (cada) montadas na forma de um painel vertical de 85,0cm de largura por 170,0cm de comprimento (total). O painel começava na parede e se prolongava até o chão – onde os resíduos tecnológicos e do mundo não virtual se acumularam.

Algo que posteriormente chamou minha atenção, e que não tinha me dado conta durante a realização desse processo, foi o fato do retrato fugir pela esquerda do papel antes de desaparecer por completo ao longo da extensão do painel, por um deslocamento causado por uma falha de processamento da imagem pela impressora multifuncional. Portanto, se a imagem permanecesse centralizada ao longo das impressões, imagino que haveria uma quantidade maior de impressões. Mas a figura tratou de fugir antes de desaparecer. Essas coisas também escapam de um controle por completo.



Série Desperfilar (2014-2018). Estudo 2.

Capturas de tela do computador com a sequência de “apagamento” da minha foto de perfil do Facebook listadas na *timeline* de minha conta em 50 dias consecutivos. As imagens do perfil são as mesmas do ESTUDO 1, mas dessa vez elas estão acompanhadas por toda sorte de informações da rede social e as reações d_s amig_s sobre a ação proposta.

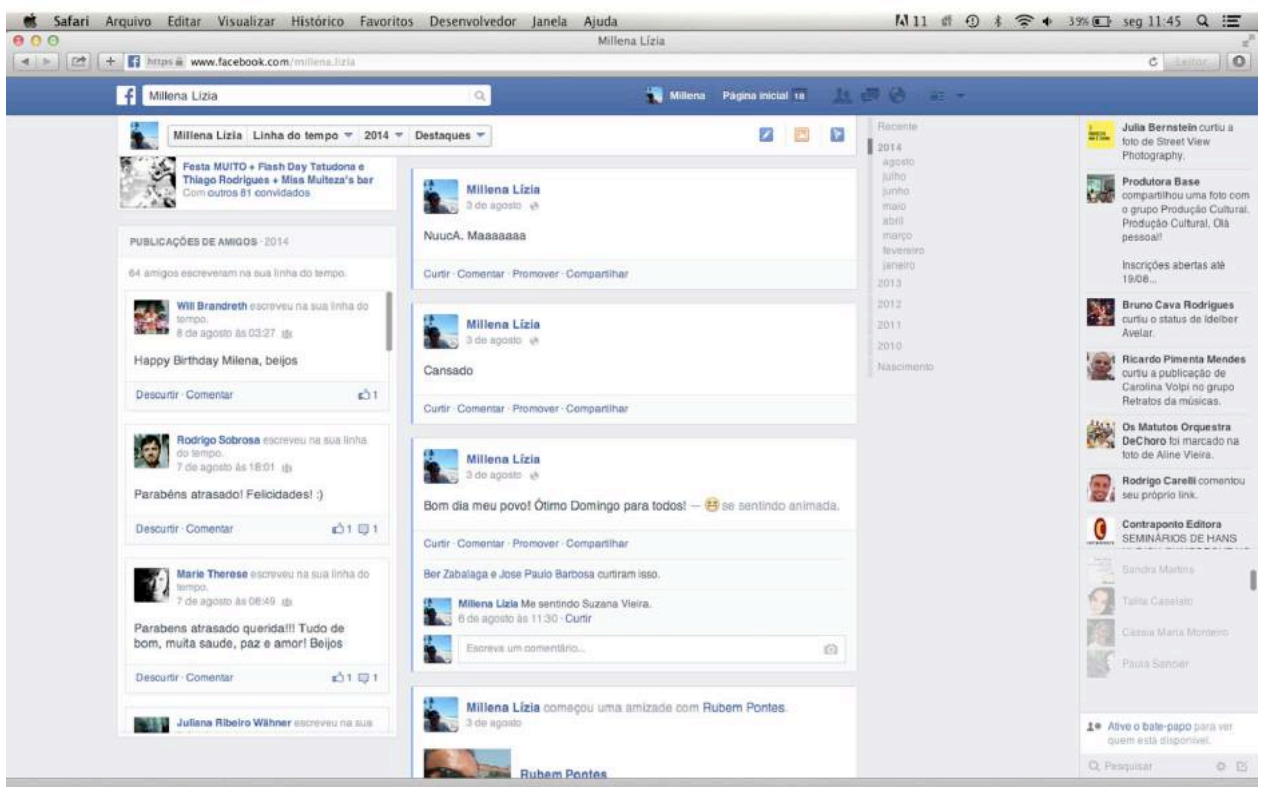
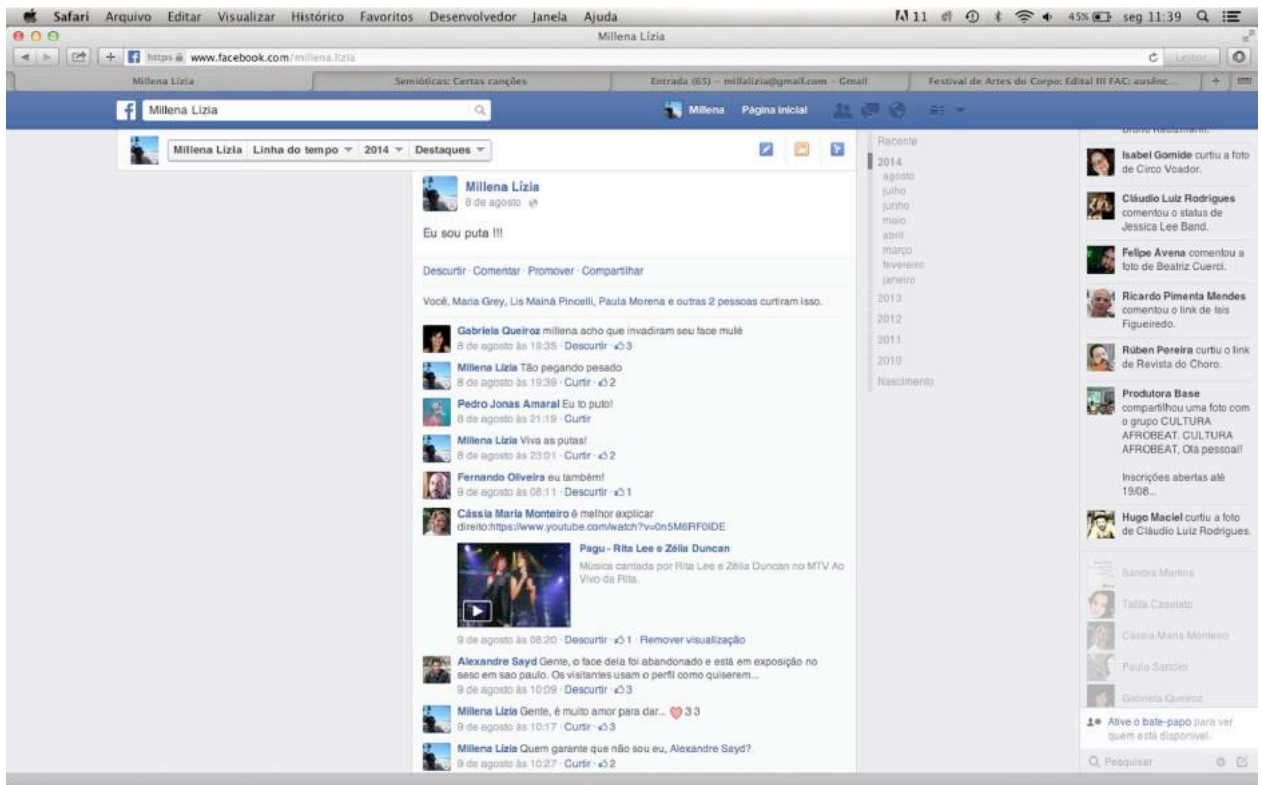


Série Desperfiar (2014-2018). Estudo 3.

Animação com o processo inverso dos ESTUDOS 1 e 2. Dessa vez, por meio da linguagem audiovisual, acompanha-se o processo de construção do retrato com aquelas mesmas imagens dos dois estudos anteriores. Compõe também a animação um áudio que revela as conversas privadas do Facebook entre os dias 02/06/2014 e 21/07/2014. No entanto, nesse Estudo, apenas eu tenho voz – já que as falas d_s amig_s com quem eu conversava foram suprimidas.

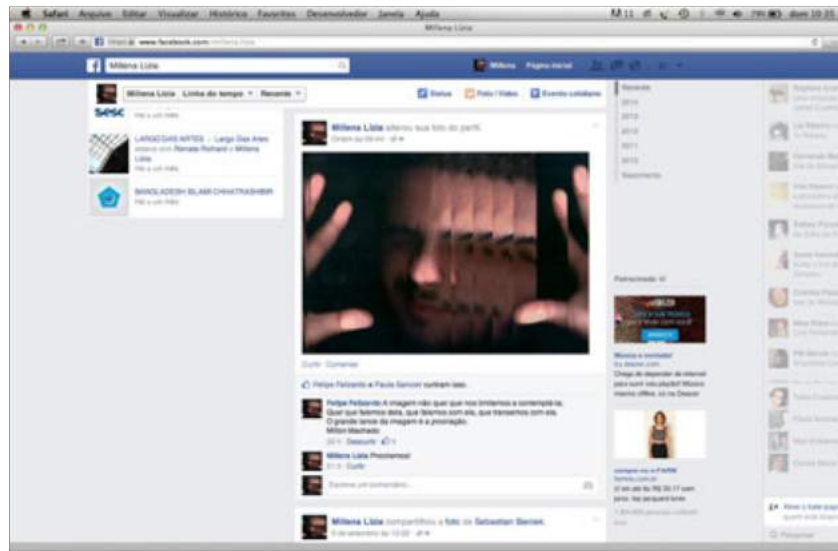
10min19seg em loop

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cG8LJ0pUY1w>



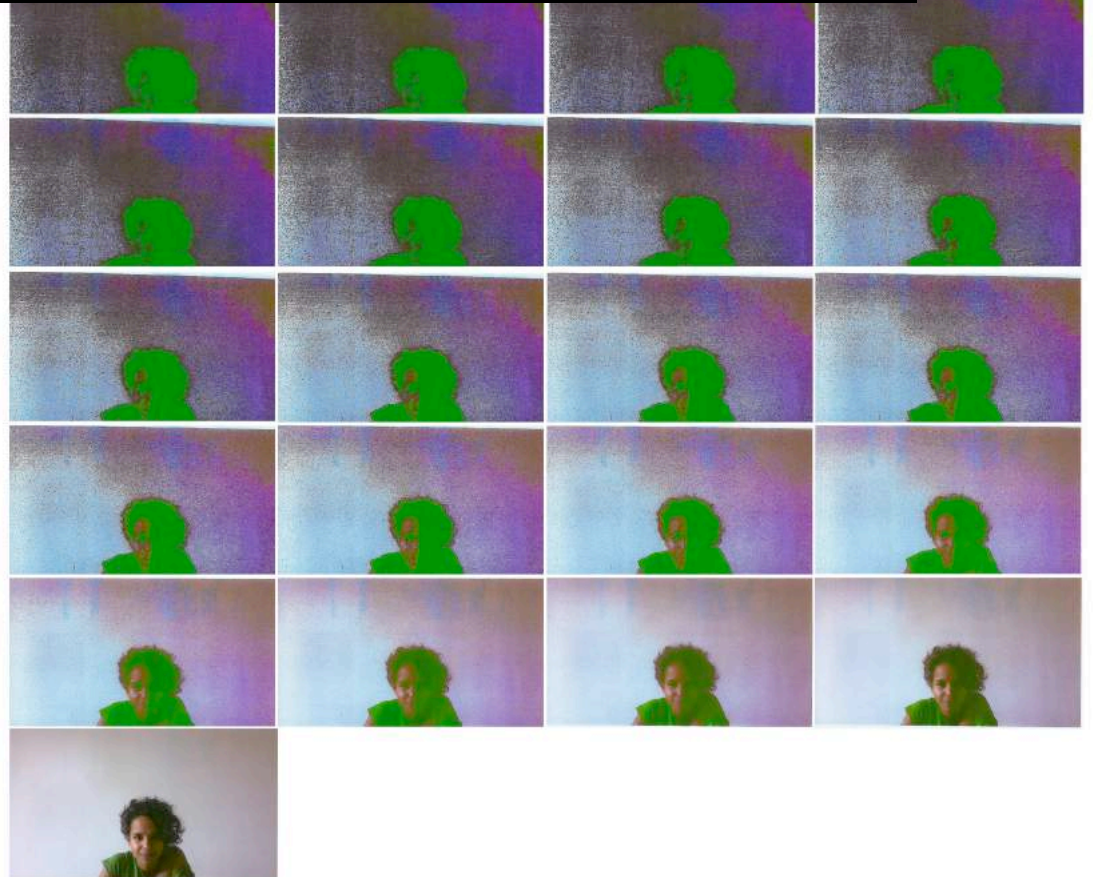
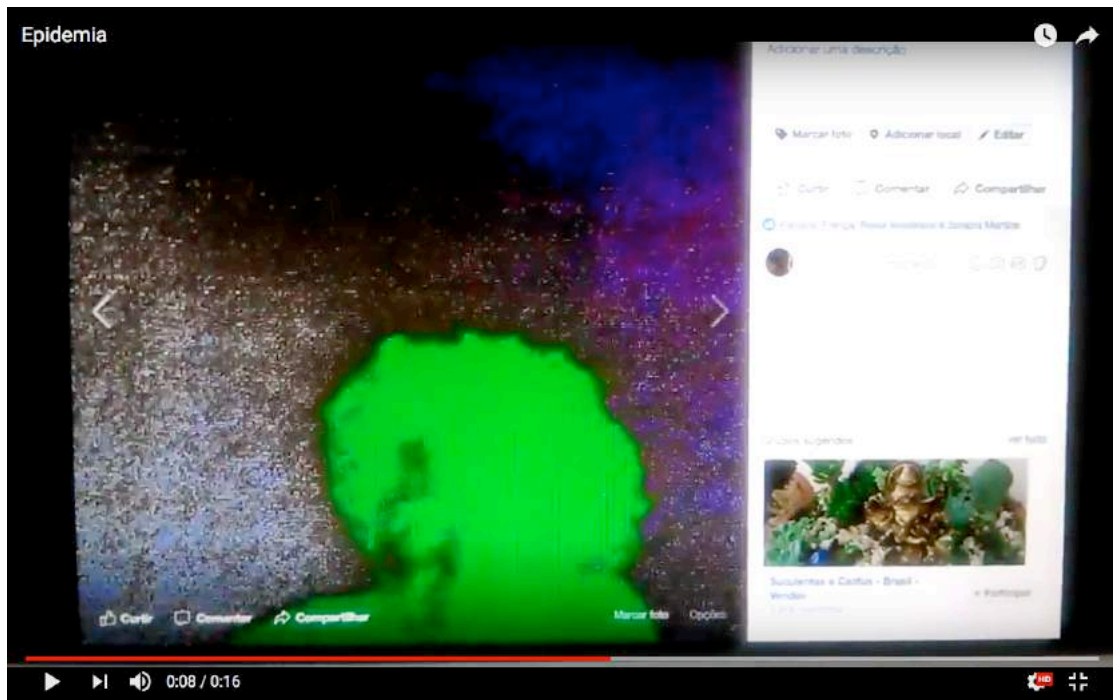
Série Desperfilar (2014-2018). Estudo 4.

Minha conta pessoal do Facebook aberta para uso público em espaço de exposição. Registro por meio de capturas de tela do computador do que se pôde rastrear das intervenções d_s participantes da exposição MULTITUDE - SESC Pompéia (SP, 2014). Acabam que as publicações dos outros se misturam com as minhas e não se sabe bem onde começa um e termina um outro.



Série Desperfilar (2014-2018). Estudo 5.

Atualização diária durante 1 ano (a partir de 15 de Agosto de 2014) de minha foto de perfil do Facebook fazendo apropriações das fotos de perfil adotadas pelos meus amigos da rede. A cada dia fazia download da imagem de perfil de uma das pessoas listadas na relação de minhas/meus amig_s da rede e no dia seguinte (de cada ação dessas) realizava um registro de captura de tela das reações que aquela imagem alheia gerava em meu próprio perfil eletrônico.



Série Desperfilar (2014-2018). Estudo 6 e 7.

Processo inverso dos Estudo 1, 2 e 3

A seqüência de retratos que compreendem um retorno do uso da minha imagem em minha conta do Facebook no formato de animação está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PaFVNXY2v8I> e ainda na pasta de fotos de perfil de minha conta no Facebook.

Hoje não vai ter escrita.
Mataram o Anderson e a Marielle.
Esse se tornou um texto amputado de guerra.

Capítulo 1 Podemos recomeçar?
Das escutas e escritas
possíveis nesse período
Fiquemos juntas

Dessa vez escrevo da cama. Acho que é a primeira vez que escrevo daqui.

Desde que comecei a escrita da dissertação – das escritas não abandonadas – é da mesa espalhada com textos, que às vezes me exige que eu cave um espacinho para as refeições, que venho escrevendo. Ou era da poltrona do quarto, com uma almofada de apoio no colo, quando tava na casa de minha mãe, acompanhada do fofo Hulk, o cachorro que suspira e gosta de deitar sobre os textos espalhados pelo chão. Talvez os lesse e eu não tenha dado conta...

Mas é aqui no 336 das Laranjeiras que tem um vizinho que fica gritando insistentemente de seu apartamento “*Ei, psit, ô da potrôna!*” para o estofador que tem uma oficina no térreo do prédio. Não sei se o estofador gosta, porque é sempre com um “*hê-hên*” estridente e sem graça que ele responde. Bom, mas também não deixa de responder... Ah, não!!! Tô lembrando que teve um dia sim que ele deixou de responder – não sei se porque não tava por aí, ou se realmente porque deu no saco. Mas aí o vizinho ficou gritando em loop de sua janela – logo acima da minha, *pra minha sorte* – o “*Ei, psit, ô da potrôna!*”. Então, talvez eu tenha que agradecer o “*hê-hên*” estridente e sem graça do estofador que trabalha com uma pistola grampeadora que tem seu impacto sonoro considerável. O foda é quando o cara começa a trabalhar antes das 7 horas da manhã, inclusive nos finais de semana. É às vezes com uns PÁ PÁ PÁ que acordo, no susto. Já passei noites em claro quando criança ouvindo os barulhos de outras pistolas mais letais e companhia e cheguei a testemunhar os resultados de seus estragos pela manhã, quando os resultados passam por você carregados e embalados, em sacos pretos, sob um duo de percussão e sopro vindo do helicóptero. De madrugada meu pai, que escrevia sua dissertação sobre resistência de materiais para eles, com uns gráficos coloridos que chamavam minha atenção, havia me dito que eram os fogos do morro. Nesse período eu dormia com as luzes acesas, quando dormia, porque morria de medo de invasões alienígenas, apesar das grades em todas as janelas e o portão de ferro entre um andar e outro. Migramos. Sou uma preta com o bucho mais cheio, ô sorte! A violência urbana teve uma participação significativa no deslocamento de minha família da região metropolitana do Rio, de São Gonçalo, para o interior do estado, Macaé. Mas daí fazer com que a violência migre da

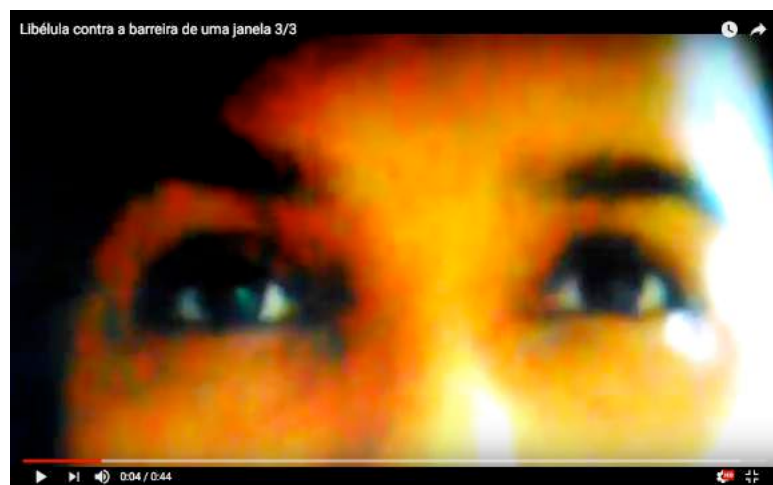
gente já é outra parada. Ouço um carro com sirene passar por aqui e um zumbido agudo, fininho, corta o ambiente e permanece no ouvido esquerdo.

Chove. Da cama fico próxima da janela. Não é a água da chuva que fecha o verão. Promessas de vida? Rio. Daquele riso que consiste apenas em um apertar dos lábios enquanto expiro forte uma única vez e arqueio as sobrancelhas. Talvez seja um suspiro e eu não saiba identificar ao certo. Ouço mais sirenes.

Essa última noite fui dormir lá pras tantas. A luz do banheiro ficou acesa marcando sua presença e ausência em formas angulosas no cômodo. O computador conectado à fonte e à internet o tempo todo, à princípio transmitia Scandal, mas ô série sangrenta, Shonda!!! Entre um cochilo e outro que não engatavam no sono [atenção: contém spoiler!] acordei no meio de um funeral pomposo, com direito a tiros de oficiais na cerimônia, para um presidente latino eleito nos EUA que não chegara a assumir ao seu mandato, pois tinha sido alvo de um atentado à... tiros. Gente, que coisa botarem mais tiro no funeral, né? Ô, coisa ianque... – *Tira isso!* Sufoquei.

Apesar de estar muito quente, acabei levantando pra fechar a janela, depois de dar uma conferidinha do lado de fora pra avaliar os possíveis riscos – que julguei como sendo altíssimos – porque cismeiei que alguém podia entrar por ali. Como se fechar a janela fosse me proteger de alguém que quisesse entrar.

Voltando pra cama, depois da janela fechada, entrei na sessão kids do Netflix e deixei rodando *As Meninas Super Poderosas*. Todas brancas. Não tem uma protagonista negra. Dormi, finalmente, após um dia com uma jornada de mais de 8 horas em ato, em vigília, em luto, em abraços, em partilhas, em encontros e lamentos. Tudo sem muito chão. Todas muito feridas, devastadas, alvejadas, num dia quente ardido, em que choramos pelo corpo todo juntas. Pois, foi em cada minúsculo poro que nos fizemos mar para sua travessia ancestral, num dia quente ardido, que tratou de enegrecer mais a nossa pele e de revelar as nossa profundezas. Mas o peito aqui sozinho tá apertadinho, se fazendo de escudo, fechando sua janela. Como se ela fechada pudesse me proteger de possíveis invasões.



Stills do tríptico **Libélula contra a barreira de uma janela** (2018)

Animações com control+tab do computador
e registros de câmera de celular
(para serem visualizados em loop)

Millena Lízia.

Disponíveis em:

<https://www.youtube.com/watch?v=YdpYq4kV55Q>

<https://www.youtube.com/watch?v=hSWu0kPuKYA>

<https://www.youtube.com/watch?v=zoRj668TAFM>

19 de março

*Transcrição do áudio do WhatsApp feito por **Cidinha Oliveira e Nega Duda**. (Apenas se ouve a voz da Cidinha.) Essa fala chegou em mim através do envio da Liliana Mont Serrat para o grupo gastación, de amigas do curso de cinema, no dia 23 de março. Tratei de reenviar o conteúdo para outras mulheres de meu convívio. Cidinha Oliveira e Nega Duda não fazem parte de minha relação pessoal. Apesar de não conhecê-las pessoalmente, as relações delas conosco são inegáveis.*

Cidinha Oliveira [transcrição de áudio]:

Sexta-feira, dia de Oxalá – *Xêê Babá! Êpa, Êpa, Babá!*.

Fiquem juntas. Nenhuma de nós, nenhuma, vai agüentar sozinha. Fiquem juntas. É preciso procurar as outras. É preciso ser procurada pelas outras. Fiquem juntas! Uma chora, a outra enxuga; outra cai, a uma levanta. Fiquem juntas! Nenhuma de nós, nenhuma, vai agüentar sozinha. Precisamos mais do que nunca ter sempre uma mulher por perto. Fiquem juntas! Cidinha Oliveira, dezenove do três de dois mil e dezoito. E, Nega Duda, mandando esse áudio pra vocês. Fiquemos juntas! Fiquemos juntas! Bêijo!

27 de março

*Reprodução e transcrição de trocas pelo WhatsApp realizadas **entre mim e Renata Sampaio**. Já havíamos trocado naquele mesmo dia mensagens escritas sobre vários conflitos que estamos vivendo, e de muitas ordens. Essas mensagens eu não vou reproduzir. O que vou reproduzir é isso que você pode conferir a seguir.*

[...]

Millena Lízia, 20:19:

Renata Sampaio, 20:19:

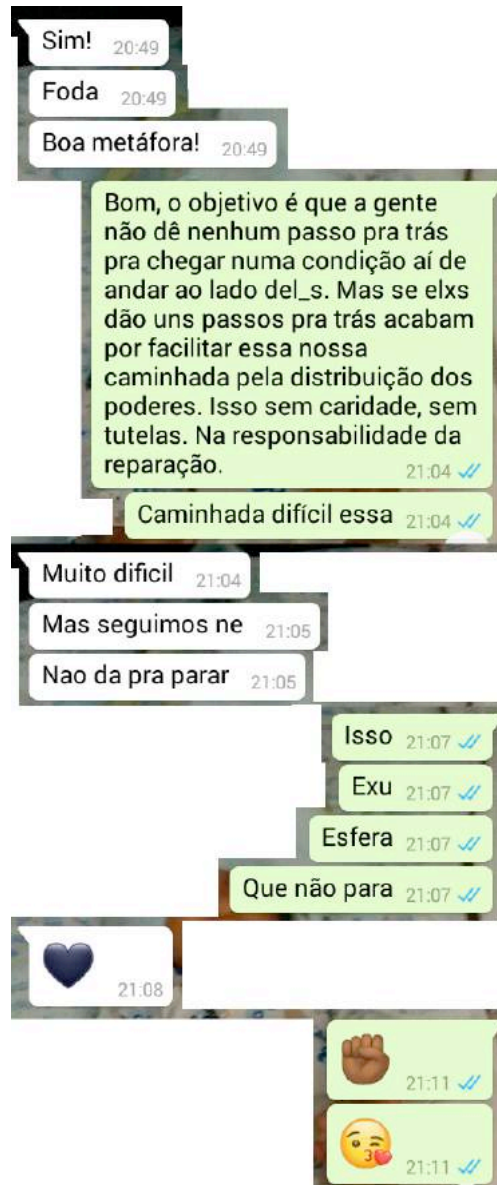


Millena Lízia, 20:20 [transcrição de áudio]:

Então, amiga, é... eu vou mandar um áudio porque vai ficar mais fácil aqui, de eu narrar... O lance foi o seguinte... Cara... a gente esperando lá a chegada... dos corpos, né, cara... se resolveu que ia fazê um corredor, ali na escadaria da câmara, é... que na frente estivessem apenas as mulheres negras. E aí nessa, cara, uma menina que tava na frente, na minha frente, inclusive, uma minina branca, ficava me puxando, assim, do tipo... “*Vem pra frente! Vem pra frente!*” Só que aí nessa, dela me puxá pra eu ir pra frente, eu tava... passando a frente de outras mulheres pretas, sabe, inclusive das mais velhas. Enquanto... que a coisa seria muito mais simples se ela fosse pra trás. Entende? É... e aí eu falei isso pra ela, falei: “*Gata???* ...”. E ela ficava gritando, assim, se achando a..., sei lá, a aliada, né?... Tipo... ficava gritando “*Mulheres Pretas na frente! Mulheres Pretas na frente!*” ... Cara, por que é que ela não foi pra trás, sabe? Porque seria muito mais simples, porque tava muito cheio... E aí é muito bizarro, né, porque são esses lugares de distribuição de poder... Assim... Porra, ela me puxando... eu tava... – ...eu também fiquei pensando no meu lugar, né? – que lugar é esse, o meu, de dar a mão, sabe, de uma pessoa que se diz aliada, a branca, que tá me puxando pra eu passar na frente das outras mu...mulheres pretas? Enfim... achei que... que essa situação toda foi uma metáfora, assim, de tipo..., da...de como... de como a gente jogar com essas alianças... que é a grande merda, amiga! Como é que a gente faz aliança? As mulheres pretas? Que têm tipo... todo mundo caindo em cima

da gente? [risos nervosos, imagino] As mulheres brancas..., us boys brancos..., us boys preto..., às vezes as bichas também... É foda, cara, muito foda.

Renata Sampaio, 20:49:



27 de março

Reprodução e transcrição de trocas de mensagens, de companheirismo e de afeto por WhatsApp entre mim e Paula Sancier.

Millena Lízia, 18:44 [transcrição de áudio]:

Cara, finalmente, hoje eu consegui reler as coisas que eu tava escrevendo, assim... Enfim, que pra mim é o primeiro passo [risos] pra retomar a escrita, né, porque eu não tava conseguindo ler as paradas. Porra... que luta. Acho que a parada de ontem [me referindo ao Festival Instrumental Mulambo Jazzagrário em Bangu, que cuida do legado do multi-instrumentista Fernando Grilo, morto por negligência médica] me ajudou um pouco, sabe? Enfim, ... é isso, né, é muita dor mas a gente tem que fazer. E seguimos. Caraca!

Paula Sancier, 22:02 [transcrição de áudio]:

Ai, amiga, vai dar tudo certo, cara... Poxa, imagino, assim, porque... É muita... é... escrever com essa dor, né, é uma coisa muito... complexa, né? Não...não é uma escrita, né, que você está distante da parada, assim... Isso muda tudo, né? Muda tudo, meio... é... é aquele negócio que você falou, né, da... que é... que algumas...,não lembro que... que autora que usa esse termo, que é a escrevivência, né... E é, realmente, é um termo muito, tipo que, ...ótimo, né... pra definir isso, assim. E... cara, é isso, cara... Mas, assim, eu acho que é meio que também um processo de... tipo assim, quando você, né, esse processo de..., de tirar da cabeça e colocar ele no papel é, assim..., é muito forte, é uma parada muito forte, né? Isso explica o seu “Caraca!”, tipo “Caraca”... Cara, terminar com “Caraca!” – *eu, tipo assim, não tenho palavras* – mas assim, eh... cara, saiba que é muito importante, assim... – pra você mesmo e pras pessoas com certeza. Não...não é só uma coisa importante pra você, é uma coisa importante pras pessoas, pra quem for ler, pra quem você for compartilhar, assim, e... mu... a...algo muda, assim, quando a gente coloca, quando a gente enxé..., quando a gente coloca no papel é quando de certa forma a gente transforma um pouco, né, a gente transforma as coisas quando a gente coloca no papel, né? Então, eh... é uma forma também de...de... de transformar essas coisas que...que te atravessam e te doem também, né, enfim... FORÇA! [risos] Vai dar tudo certo!

Millena LÍzia, 22:07 [recurso visual pulsante]:

Paula Sancier, 22:10 [recurso visual pulsante]:



Paula Sancier, 22:16 [transcrição de áudio]:

Enfim, resumindo, o que eu queria dizer é [em tom de zoeira] “eu acredito na rapaziada...”, entendeu? Na verdade, assim, eu acredito na *moçada*... [risos]. É um resumo bom...

Paula Sancier, 22:16 [transcrição de áudio]:

Cara, hãun [daquelas tossidinhas de pigarro], deixa eu te falar uma parada, enfim... É..., assim, pra mim é notório que você vai fazer um bom trabalho, assim, ...no mínimo... [risos]. Se não sair um trabalho foda, pra caralho. Assim, não é nem por...pelo..., enfim, que eu quero te incentivá..., “*ah, porque você é minha amiga, que eu quero te incentivá...*”, mas é pelo o que eu tô vendo, assim, né, pelo envolvimento e tal, enfim... isso imprime no trabalho, assim, né. O foda é que nesses processos todos, assim, é..., eu acho q... não sei, eu tenho a impressão que às vezes o que exaure mais a gente, o que cansa mais a gente, que às vezes consegue tirar um pouco a nossa energia ou muito, dependendo, são essas outras vozes, né, que acab...acabam se misturando com as nossas vozes, assim, de uma cobrança extrema, assim... – às vezes fico pensando, assim, que essa cobrança extrema por...por fazer algo assim, né... é... impecável e tal, vem muito desse lugar da opressão também, né, nisso... Enfim, ...desses machos aí, que meio que nesse processo todo você tem relatado, assim... que, enfim, causam um desconforto, que vão assim em doses homeopáticas te, né, desmerecendo e criando essas..., enfim, né, esses lugares estranhos que a gente sabe muito bem como são. Mas, cara..., tenta se cuidar assim também, sabe?, ps...psicologicamente porque..., ...tocar um foda-se mesmo, assim, sabe? é... tipo, não perder a

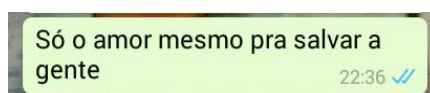
dimensão do...dessa energia, né, criativa que é o que move a gente... tipo assim, também, se é isso que te faz escrever, se agarra a isso também, porque tem muito de criação também na escrita... Enfim, as coisas que a gente já vem conversando, né? E é tipo..., pô, acreditar mesmo na gente, né? Eu venho fazendo esse exercício, assim, – não só com relação a mim, mas com relação às pessoas que estão no meu redor, assim... – que tem muito, né, ainda mais na academia, né, e essa coisa do argumento de autoridade, pessoas também que já estão ali, eh... com um nome e tal e a gente fica assim... Claro!, eu não tô dizendo que não tem que ler as pessoas, mas, pô, sabe... tem as paradas que estão ao nosso redor, tem os nossos diálogos, assim, que eu levo muito a sério e... e meus diálogos com outras pessoas, assim, né, que eu acabei travando, né, fazendo amizade... Enfim, não sei... Tô falando essas coisas, assim, porque [risos] me deu vontade de falá.

Millena Lízia, 22:35 [tentativa de transcrição de áudio]:

Amigaaaaaaaaaaaaaaaaarãhanhaaaaaaaaaahiunhiun!!!

[áudio meio difícil de transcrever, mas foram 15 segundos, mais ou menos por aí, de uma única expressão entre suspiros, risos, delírios e cansaços].

Millena Lízia:



Millena Lízia, 22:37 [transcrição de áudio]:

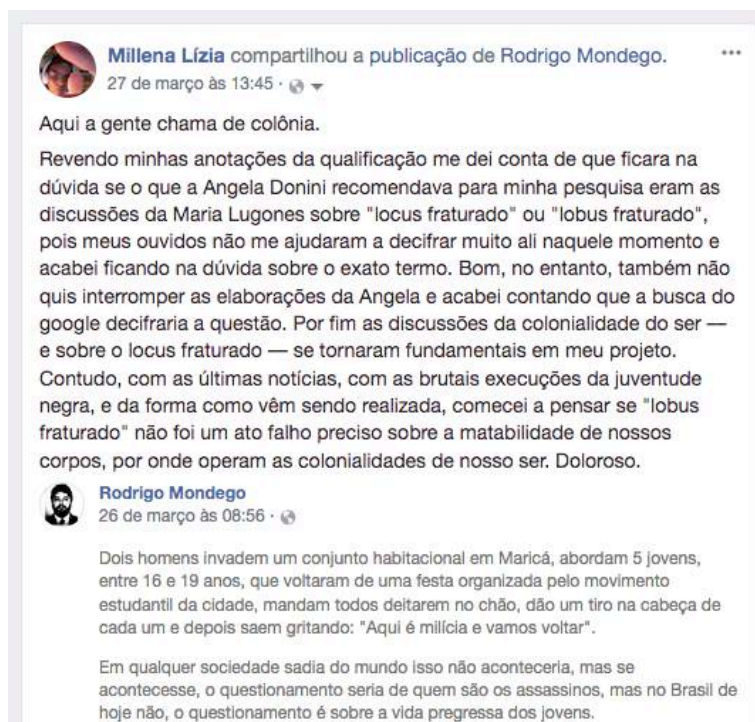
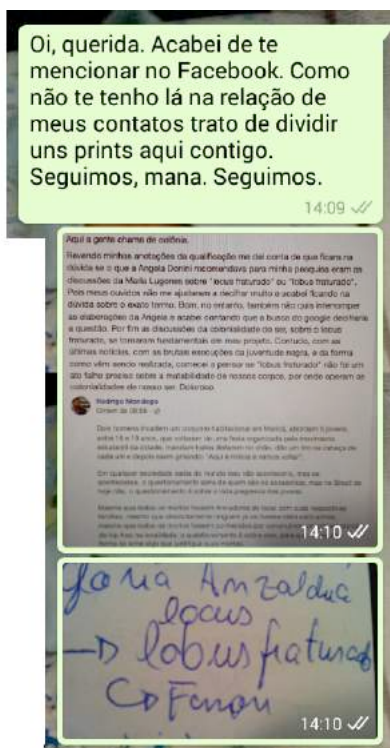
Amiga, eu não consigo nem falá [risos]... Ai, obrigada, cara, porra [fala emocionada]! Ai, ai... tamu aí, cara, tamu aí... tamu aí constru... nu...nos construindo juntos, cara. Essa que é a parada, que é a dificuldade, né... Porra! Que coisa difícil, né, que coisa difícil, bicho! Do tipo..., encontrar as pessoas, assim, pra tipo “*porra, vam...vamo...vamu fazer juntos?*”, sabe? Vamu tocar isso, sabe, com respeito, sabe, com respeito... Com respeito por cada um, por cada universo que cada um é, né...[suspiro] Vamu lá, vam lá... É... vam lá...

27 de março

Reprodução de trocas de mensagens via WhatsApp com a Angela Donini.

Millena LÍzia, 14:09:

Millena LÍzia, 14:10 [envio de imagens]:



negocios e questionamentos sobre a sua progressão social.

Mesmo que todos os mortos fossem moradores do local com suas respectivas famílias, mesmo que absolutamente ninguém já os tivesse visto com armas, mesmo que todos os mortos fossem conhecidos por construírem um projeto social de hip-hop na localidade, o questionamento é sobre eles, para que de alguma forma se ache algo que justifique suas mortes.

Mesmo que o território do condomínio não seja ocupado pelo tráfico e a milícia há anos queira entrar, mesmo que a milícia queira entrar naquele território para ganhar dinheiro extorquindo moradores e comerciantes, mesmo que os assassinatos tenham sido extremamente cruéis, a identificação dos criminosos fica em segundo plano para que se foque na vida pregressa dos jovens mortos.

É a barbárie imperando em uma época de Estado de exceção. O pior de tudo, é que tudo isso acontece com um significativo apoio popular, assim como aconteceu na Itália no início do século passado. Lá eles chamaram de fascismo, aqui a gente chama de que ?

 Curtir

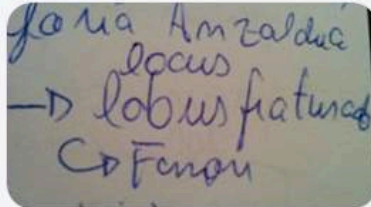
 Comentar

 Compartilhar

 Cavulla Metuktire, Marielen Romão e outras 4 pessoas



Millena Lizia



Curtir · Responder · 5 d

Angela Donini, 18:10:

oi querida! gracias por compartilhar!

18:10

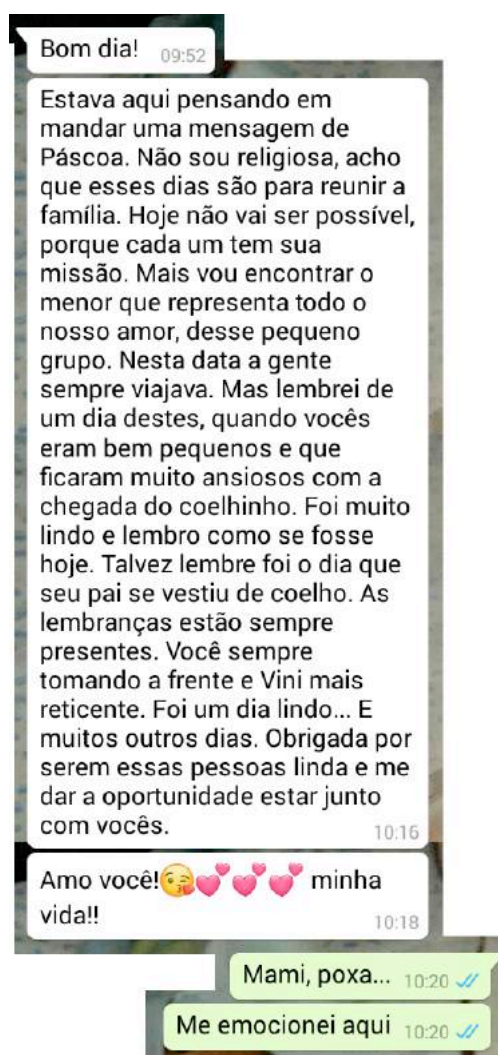


18:23

27 de março

*Reprodução e transcrição das trocas de mensagens amorosas **com minha mãe, Sandra Regina**. Como eu acabei apagando as nossas mensagens desse dia pra conseguir enviar outras mensagens pra ela mesmo, que não me eram possíveis em algum momento porque a memória do celular estava esgotada, acabo por reproduzir aquelas referentes ao dia 1º de Abril, um domingo de Páscoa.*

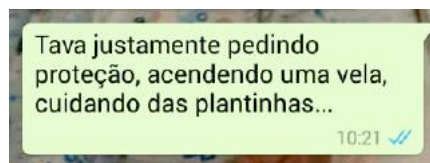
Sandra Regina:



Sandra Regina, 10:20 [transcrição de áudio]:

Não precisa não, filha, não fica assim emocionada, né? Mas nós vivemos muitas coisas, né, foi muito bom, foi muito bom ser mãe de vocês, tá? Te amo muito, muito, muito e me orgulho muito de você, tá bom? Bêêijo, amor.

Millena LÍzia:



Sandra Regina, 10:22 [transcrição de áudio]:

Daqui a pouco vou lá vê Henrique, né? Vou saí...vou lá dá um beijo nele... por todos nós, né não? Vamu lá, tá? Um beijo, minha filha. Ah..., pode deixá que eu vou pedir pra ele ligar pra você, pra gente falar junto, tá bom? Se ele pará, né? [risos] que ele não pára... [risos] se ele conseguir pará a gente fala [risos] ...senão eu mando foto, tá bom? Bêêij...

Millena LÍzia, 10:23 [transcrição de áudio]:

Beijo, mami [voz embargada]. É... enfim... me organizando aqui pra começá o dia... é... obrigada pelas mensagens, também te amo muito... e a gente..., vai lá dá um beijo nele por todos nós, dá um abração, assim, fazê...vê ele comendo bolo!, de coelho, e a gente segue. É... a gente segue aí... um beijo grande, mami [áudio de beijo estalado]!

Sandra Regina, 10:31 [transcrição de áudio]:

...filha, eu ouvi agora, não fica emocionada. É bom, é feliz, tá bom? Coisa boa, né? É... eu tava falando também com o Vini, entendeu? Eu tava falando com você e tava falando com ele no Messenger, que só dá pra falar com ele pelo Messenger só, né? Mas, ó, um bêijo grande, um grande dia pra você e vambora nesse trabalho aí, nessa tua missão, terminar isso aí, ta bom? Tô aqui na torcida, você sabe disso, né? E vambora, tá bom? [áudio de beijo estalado] Bêj...

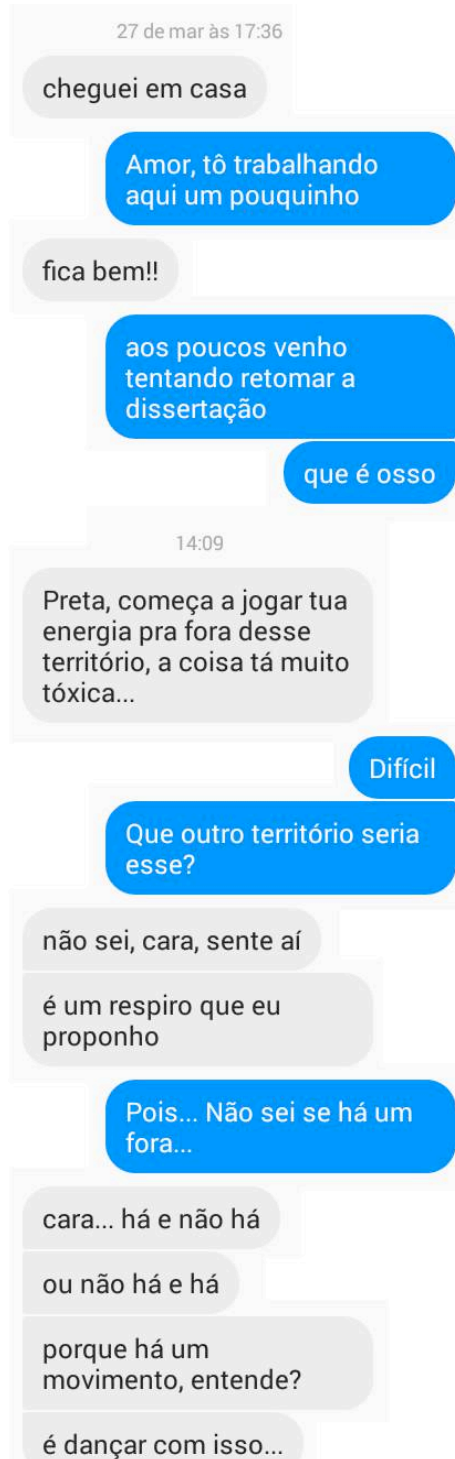
Millena LÍzia:



27 de março

Tentando construir uma coluna, ainda que bem desconjuntada. Trocas de mensagens pelo Messenger com a Ingra da Rosa, que já foi Ingrid Silva, mas ainda é também. Tiveram mensagens no dia 27, mas não só.

Ingrid Silva Ingra da Rosa:



De alguma forma acho que faço isso, tento repensar de outros modos

uhum

Por outros não

eu preciso me ver afastada, geograficamente que seja

A coisa é toda muito estrutural

Não há uma coisa só na vida que não esteja atravessada por essas coisas porque tamos conectados

é sim, mas é que pra mim, a coisa da limitação espacial é muito simbólica (e prática)

eu sempre me vi aqui

e hj sei melhor que nunca que aqui é esse

como foi a formação desse aqui

e em que posição nasci dentro desse aqui

Super

A lucidez...

e a coisa da integridade e da dignidade mínimas negadas estão me sufocando de um jeito muito consciente

Somos pegos pela
lucidez

então é só uma questão
de caminhar pelo meu
próprio pensamento

Sim...

porque ser artista em um
lugar em que antes eu
esbarro na falta de
comida...

entende?

eu nunca chego a artista

eu preciso ver isso de
outros ângulos

O projeto passa por onde
a gente não seja

A lógica do desgaste da
vida

Que não permite ser

sim. minha resposta
agora é andar

Cara, sem muitas forças
pra respostas

eu preciso me responder
algo, porque eu tô
paralisada, amordaçada

amarrada em mãos e pés

o Enforcado

mas e a criança?

Venho aqui fechando conteúdo para um próximo capítulo a partir da fala de demais mulheres e a coisa é difícil

Não estamos só, que é um alento

Mas é difícil

não estar só evita a loucura

mas não por isso conforta, né?

na verdade é terrível estarmos certas sobre o que percebemos

Exato

Isso é desestabilizador

Eu tô jogando com isso

Como adversário

Mas sou uma oponente com muitas desvantagens

Mas nem por isso deslegítima

Mas o que me resta é jogar com o que me sufoca

O meu texto tá ganhando um formato de uma única coluna no meio da página

Comecei a entender que
isso sou eu
conjuntamente com
outras mulheres sendo
sufocadas

Essas são as formas que
encontro pra jogar com
isso

Que são formas de
fragilidades, mas são
formas

e é tb uma coluna, um
pilar...

coisa que aliás eu não
sinto que tenho, ou pelo
menos não sem que eu
mesma precise catar os
tijolos e montar

eu não tenho suporte,
sustento

o que pode ser uma
vantagem

os bichos que rastejam e
voam têm vantagens

Sim... Nossas formas já
explodiram...

Preta, obrigada pela
conversa

Vou tentar retornar por
aqui



proteção!

Pra gente!!!

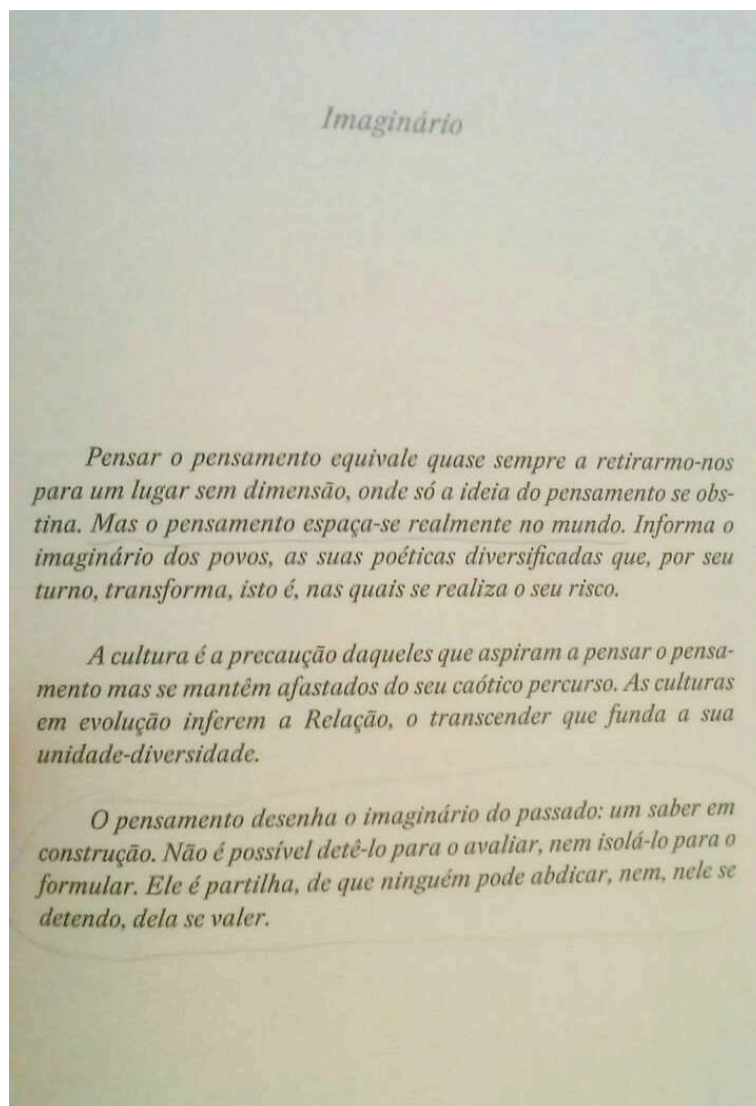
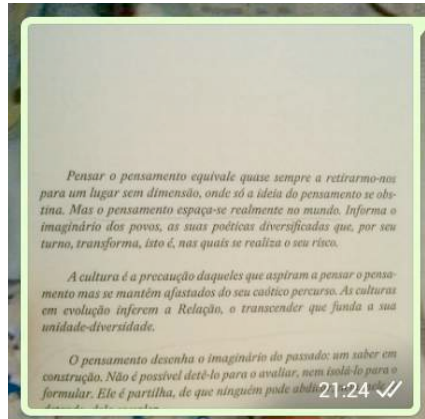


Entregue

27 de março

Reprodução de um singelo presente para **Fatima Lima**, no dia de seu aniversário, via WhatsApp.

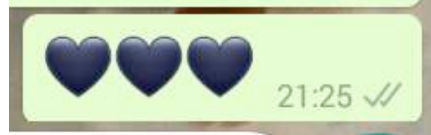
Millena Lízia, 21:24 [envio da fotografia de um texto]:



Millena LÍzia, 21:24 [transcrição de áudio]:

Pretaaa! Então, esse é o meu singelo presente pra você, é... do livro do Édouard Glissant, o Poética da Relação e... os grifos foram realizados ontem, é... no trem indo pra Bangu [risos]. Axé, Preta. Axé!

Millena LÍzia:



27 de março

Transcrição da fala de Lúcia Xavier, coordenadora da organização Criola de mulheres negras, sob ocasião da IV Homenagem Maria do Espírito Santo Silva voltada para defensoras de direitos humanos, como denomina a Justiça Global, entidade promotora da Homenagem.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/justicaglobal/videos/1825694554128534/UzpfSTEWMDAwMDMyNzQ1OTEwNzoxNzU0Nzc5OTE0NTQyOTA3/?id=100000327459107>

Olha, gente, é tão difícil... eu vou começar chorando, porque eu sempre começo chorando [risos d_s participantes do evento]. ... Eu vou chorar, porque realmente... Eu tava ali atrás, sentada ao lado do Roberto... [pausa emocionada] ...primeiro imaginando o quanto é difícil a luta das mulheres negras, sabe? A nossa luta... ela não é... não é uma luta difícil porque a gente morre, não é uma luta difícil porque arrancam os nossos filhos, não é uma luta difícil porque... – como bem disse a Edivânia, né? – ...nos arrancaram na África. É uma luta difícil porque... vocês viram a nossa potência, né... [fala embargada]... Nós criamos esse mundo. Todo o dia homens... brancos, mulheres brancas, homens negros... tiram a nossa paz. Essa luta é difícil porque nós somos os últimos dos seres humanos. Mesmo assim a gente abre a nossa roupa, bota o peito pra fora, dá de mamá, a gente cuida, a gente planta, a gente... ousa a instituir novas idéias, novos conceitos, novas possibilidades... A nossa luta é difícil porque, mesmo assim, alguém diz que você não é gente... E a nossa luta é mais difícil ainda quando você vê subir aqui cada mulher dessa... e falar o quanto elas fazem pela sociedade. Nenhuma delas fazem por elas, sabe? Nenhuma delas fazem por ela! Eu conheço cada mulher que subiu aqui. Não vi nenhuma delas fazerem por si. Não vi elas ficarem ricas, não vi elas escolherem os homens mais bonitos, não vi elas se... se recolherem nas casas mais confortáveis. Ao contrário! Muitas delas vão sair daqui, pegar seu ônibus, seu trem... ir embora pra casa..., sabe? ..E a... a m...maior dificuldade é saber..., que apesar dis-so tu-do, desse esforço, dessa possibilidade de que nós oferecemos à humanidade pra transformação desse mundo num mundo melhor, mesmo assim a nossa luta é entendida como uma luta sem... sem... sem sentido. Quando a Sandrinha me mandou esse... essa mensagem, me convidando pra receber o prêmio, eu achei tão delicado, tão... fofinho, da parte da Sandra... Eu fiquei pensando: pela primeira vez, em muitos anos de vida, uma organização de direitos humanos, uma organização branca de direitos humanos, LEMBRA que essa luta é uma luta contra o racismo. Porque

sabe por quê? Até recentemente dizia que nós éramos NOVOS atores. Você é nova atora, Edivânia? Você é nova atora, Dalva? Você é nova atora, Alessandra? Há milhões de anos nós lutamos por esse mundo, por um mundo melhor... E ainda hoje tem gente que diz que a nossa luta não faz sentido. Eh... e foi por isso que eu aceitei receber esse prêmio. Eu aceitei receber esse prêmio primeiro pensando que seria mais um dia pra gente dizer pra todo mundo que “Marielle Vive”. Sabe, Mônica, Marielle não vive [aplausos] eh... porque... porque ela encontrou a gente em cada esquina, deu a mão, eh... sentou e discutiu as nossas pautas... É porque ela é uma de nós! Marielle vive conosco como todas as nossas ancestrais vivem conosco! Marielle é presente na nossa vida porque ela é uma de nós! É por isso que a gente resguarda sua memória, sua força, sua capacidade política. Marielle é resultado dessa ação milenar das mulheres negras. E lógico que não vai acabá. Mas, é necessário dizer pra vocês que eu levo com um maior carinho esse prêmio pra casa, pra Criola, pras mulheres negras – porque eu também sei que esse prêmio não é meu [sorrindo], aliás eu tenho uma coleção de prêmio lá que não é meu, só guardo [risos d_s participantes do evento]. Mas eu queria dizer pra vocês, olha, ...eu, eu louvo cada homenagem que já recebi nessa vida, mas a maior homenagem que eu quero receber na vida é saber que cada um de vocês disseram não a esse privilégio. Não a esse... esse bem viver que vocês têm em nome do nosso sacrifício. O racismo nos mata, mas trás pra vocês DINHÊRO! Trás bo-a vi-DA, trás boa comida, trás água, trás terra. Se vocês não abrem mão disso, a gente vai continuar morrendo. E cada prêmio desse aqui só vai simbolizar que vocês são muito legais, mas não estão fazendo o trabalho que deve fazer [aplausos]. Esse, esse trabalho... [entre aplausos] E esse trabalho não tem direito humano certo, gente. Não tem direito humano certo. Se cada um de... de vocês se recusarem a assinar as carteiras das trabalhadoras domésticas, eh... a gente morre. Se cada um de vocês acreditarem que cota é privilégio, a gente morre. Se cada um de vocês acharem que todas as mulheres que perdem seus filhos são mães de bandidos, a gente morre. Se cada uma de vocês disserem que essas mulheres precisam ser esterilizadas porque elas têm filhos demais, a gente morre. E... vocês continuam ricos, bem de vida, sentados em boas cadeiras, assistindo bons programas, passeando na Disneylândia, enquanto a gente morre. É preciso reverter esse processo. Voc... Não adianta andar com o nome da Marielle aqui ó [Lúcia bate no peito quatro vezes], se vocês não respeitam nenhuma mulher negra [aplausos]. Marielle era uma mulher negra. [aplausos que seguem enquanto Lúcia faz uma pausa] Desculpem a... a minha raiva, sabe, desculpem a minha raiva.

Mas a minha raiva é resultado da minha dor desses todos os dias. É resultado também de eu ouvir cada mulher dessa dizer que foi impedida, dizer que não pôde enterrar seu filho, dizer que tem que lutar pra ficar viva, dizer que não pode exercer a sua vida em plenitude. É só isso. Não é uma raiva que vai levá-los a morte, como diz Luiz Gama, “que a morte de um homem branco realizado por um homem negro é legítima defesa.” Não é disso que tô falando. Eu tô falando que é legítimo que vocês saiam do lugar pra que essa sociedade seja outra. É legítimo que vocês abram mão dessa... desse privilégio pra que essa sociedade seja outra. Se não for isso nós vamos continuar recebendo prêmios do esforço que a gente segue fazendo pra fazer a vida melhor pra todo mundo. É só por isso que eu vim receber esse prêmio: pra dizer pra vocês que eu ainda aguardo, ainda aguardo essa homenagem, em saber que vocês abriram mão do privilégio em nome de uma mulher negra. Muito obrigada. [aplausos enérgicos]

Capítulo 1 *Dá licença, ê... Dá licença...*
Dá licença eu... Dá licença...
Às donas da casa, peço licença
pra jogar...
As donas da casa peço licença
pra jogar...

Peço licença às nossas ancestrais pra gente começar e recomeçar. Peço também proteção e que nos guie nos caminhos desse trabalho. Que nós sejamos minimamente capazes de honrar vossas/nossas histórias. Somos herdeiras das lutas dessas mulheres que semearam esse legado pela vida. Esse trabalho se faz também como um agradecimento imensurável a essa herança de resistência que atravessa corpos e tempos. Resistimos. E por aí inventamos nossas existências. Então a gente trata de agradecer no meio, em qualquer delírio de começo... em todo lugar e a todo tempo. Agradecer, amar e se apegar à vida em toda sua potência e vitalidade, sendo redundante mesmo, se fazem urgências, dos tempos de outrora, dos nossos tempos.

Mojubá!

Capítulo 1 Tessitura \Leftrightarrow Textura
Tecer, fazer tecido
Fazer ter sido
Ser sutura

Cê tá perdidinha, né, não, Millena? Às vezes você nem sabe o que tá fazendo... Isso aí, essa dissertação, já era pra você ter terminado há uns três meses... Você tá lidando com ancestralidade e quando se mexe com ancestralidade tem que pedir licença. Se você não cuidar disso você não vai conseguir terminar esse trabalho. (...) E bota peito pra encerrar isso. Esse é o seu trabalho.

Mãe Celina de Xangô, Rio de Janeiro
(2018)

A minha vizinha, quando soube que eu fazia um curso de Arte Dramática no Tablado, me disse: ‘Eu não sabia que pra fazer papel de empregada precisava fazer curso’. Na ocasião eu achei que ela tinha falado o maior disparate do mundo mas logo logo eu entendi o que que ela estava dizendo”

Fala da atriz Zezé Motta no filme
A Negação do Brasil
(2000)

Eu estava com a minha filha de dois anos no carrinho de compras pelo supermercado em Eastchester, em 1967, e uma garotinha passando no carrinho ao lado grita excitada, “Olha, Mamãe, uma empregada bebê!”

Audre Lorde em conferência na Associação Nacional de Estudos de Mulheres, Connecticut
(1981)

Em 1981 a filósofa e ativista estadunidense Angela Davis lançava *Mulheres, raça e classe*⁶⁵, possivelmente a mais conhecida das produções literárias dos feminismos negros, inclusive entre aquel_s que não têm o hábito de se debruçar sobre esse campo plural de atuação teórica, dentre outras coisas – porque não se encerra estritamente aí, né, o que acaba por se configurar como uma das grandes contribuições desse sistema de saber e luta⁶⁶. Como descrevia, provavelmente o amplo reconhecimento da publicação se faz por conta das particularidades biográficas da autora, como a própria Davis chega a apontar na Bahia ano passado quando discorre sobre sua inserção global como pensadora-ativista. Ela, que integrava o Partido Comunista e dos Panteras Negras, como possivelmente você já sabe, foi presa em 1970 – nessa época efervescente em termos políticos e culturais – e sua prisão acabou por mobilizar uma notória campanha mundial a favor de sua liberdade: o “Libertem Angela Davis”. Angela Davis passou a personificar, então, no mundo todo, um símbolo vivo, ainda que encarcerado, de resistência pelos direitos civis.

Bom, contudo não é do chão da fábrica e das relações entre patrão e operário, como se é de esperar dos territórios marcados pelo histórico colonial moderno – e muito menos das tábuas corridas do lar como esposa e mãe, sob jugo do patriarcado (branco) – que partem as discussões da Davis em *Mulheres, raça e classe* para pensar a construção social das mulheres negras dentro da estrutura capitalista estadunidense, mas, sim, do sistema da *plantation*, da lavoura, do trabalho forçado agrícola, das dinâmicas entre o *master* e *slaves*, do senhor de engenho e *seus escrav_s*, esta mão de obra que também se configura como propriedade daquel_s que gozam do perfil de serem _s possuidor_s, _s possuidor_s de bens, _s cidad~_s de bem.

⁶⁵ DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad.: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

⁶⁶ Para esse aspecto, vale a pena lançar uma nota com as considerações precisas da bell hooks: “Frequentemente, as feministas brancas agem como se as mulheres negras não soubessem que a opressão machista existia até elas expressarem a visão feminista. Elas acreditam estar proporcionando às mulheres negras ‘a’ análise e ‘o’ programa de libertação. Não entendem, não conseguem sequer imaginar, que as negras, assim como outros grupos de mulheres que vivem diariamente em situações de opressão, muitas vezes adquirem uma consciência sobre a política patriarcal a partir de sua experiência de vida, da mesma forma com que desenvolvem estratégias de resistência (mesmo que não consigam resistir de forma sustentada e organizada). Essas mulheres negras observaram o foco feminista branco na tirania masculina e na opressão das mulheres como se fosse uma revelação ‘nova’ e acharam que esse foco tinha pouco impacto na sua vida. Para elas, o fato de as mulheres brancas de classe média e alta precisarem de uma teoria para ‘informá-las de que eram oprimidas’ era apenas mais uma indicação de suas condições privilegiadas. A implicação é que pessoas verdadeiramente oprimidas sabem disso, mesmo se não estiverem envolvidas em resistência organizada ou não conseguirem formular por escrito a natureza de sua opressão.” Ver: hooks, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. In: Revista Brasileira de Ciência Política, n°16. Brasília, janeiro-abril, 2015, p. 203.

Aliás, quando se trata da produção da racialidade na modernidade colonizante se faz necessário o estabelecimento estreito de relações desse grande sistema classificatório da diferença com os controles e distribuições mundiais e locais do trabalho, distribuições essas historicamente racistas por excelência. Tal abordagem discursiva podemos encontrar, por exemplo, no pensamento da filósofa feminista brasileira, e também fundadora do Gelelés Instituto da Mulher Negra, Sueli Carneiro, quando seu posicionamento passa por defender que raça estrutura classe⁶⁷. A estadunidense bell hooks ainda lança o alerta de que “apenas se analisando o racismo e sua função na sociedade capitalista é que pode surgir uma compreensão profunda das relações de classe”⁶⁸.

Ainda tensionando essa mesma linha de pensamento, o cientista social peruano Aníbal Quijano, em seu artigo intitulado *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*, que trata de conjugar *dominación/explotación* com *raza/trabajo*, dentre outras contribuições importantes, chama atenção do leitor para como as estruturas de poder não se estabelecem unicamente entre o topo e a base da pirâmide social, e isso se evidencia, por exemplo, pelo fato da monetarização do capital e do trabalho assalariado, acelerados a partir da Revolução Industrial (européia), terem sido possíveis graças à mão de obra forçada, escravizada, direcionada para o garimpo de metais preciosos nas colônias americanas⁶⁹ de então. Essas dinâmicas raciais interdependentes em torno do trabalho, em diferentes concepções e níveis de exploração, acabaram sendo decisivas na estruturação da geografia social do capitalismo e tiveram seus efeitos, ou estragos, contundentes nas estruturações locais de poder.

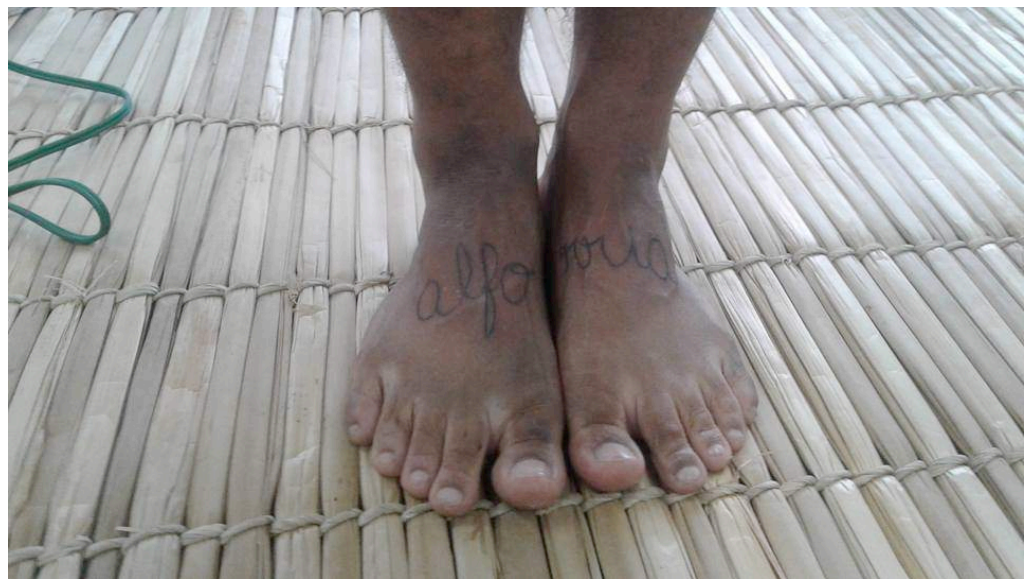
La clasificación racial de la población y la temprana asociación de las nuevas identidades raciales de los colonizados con las formas de control no pagado, no asalariado, del trabajo, desarrolló entre los europeos o blancos la específica percepción de que el trabajo pagado eran privilegio de los blancos. La inferioridad racial de los colonizados implicaba que no eran dignos del pago de salario. Estaban naturalmente obligados a trabajar en beneficio de sus amos. No es muy difícil encontrar, hoy mismo, esa actitud extendida entre los terratenientes blancos de cualquier lugar del mundo. Y el menor salario de las razas inferiores por igual trabajo que el de los blancos, en los actuales centros

⁶⁷ Ver: <https://revistacult.uol.com.br/home/categoria/edicoes/223/>

⁶⁸ hooks, bell, *Mulheres negras: moldando...*, op. cit., p. 195.

⁶⁹ Me refiro à América Continental quando escrevo América. Ademais, dentre outras identidades, também me entendo como americana.

capitalistas, no podría ser, tampoco, explicado al margen de la clasificación social racista de la población del mundo. En otros términos, por separado de la colonialidad del poder capitalista mundial. El control del trabajo en el nuevo patrón de poder mundial se constituyó, así, articulando todas las formas históricas de control del trabajo en torno de la relación capital-trabajo asalariado, y de ese modo bajo el dominio de ésta. Pero dicha articulación fue constitutivamente colonial, pues se fundó, primero, en la adscripción de todas las formas de trabajo no pagadas a las razas colonizadas, originalmente índios, negros y de modo más complejo, los mestizos, en América y más tarde a las demás razas colonizadas en el resto del mundo, oliváceos y amarillos. Y, segundo, en la adscripción del trabajo pagado, asalariado, a la raza colonizadora, los blancos.⁷⁰




Alforria (2017)
Escrita tatuada sobre os pés.
Trabalho contemporâneo
ancestral do querido

Rafa Éis

Arquivo: <https://www.facebook.com/rafa.eis>




⁷⁰ QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **Colonialidad del Saber, Eurocentrismo y Ciencias Sociales. Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires, 2000, s/n. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/libros/lander/quijano.rtf> [Minha tradução: A classificação racial da população e a associação precoce das novas identidades raciais d_s colonizad_s com as formas de controle não remunerado, não assalariado, de trabalho, desenvolveu entre _s europeus ou n_s branc_s a específica percepção de que o trabalho pago era privilégio de branc_s. A inferioridade racial d_ colonizad_ implicava que el_s não eram dign_s do pagamento de salário. Estavam naturalmente obrigad_s a trabalhar em benefício de seus senhores. Não é muito difícil encontrar, hoje mesmo, essa atitude generalizada entre _s proprietári_s branc_s em qualquer parte do mundo. E os salários mais baixos das raças inferiores pelo mesmo trabalho d_s branc_s, em centros capitalistas de hoje, não poderiam ser, tampouco, explicados à margem da classificação social racista da população do mundo. Em outros termos: à margem da colonialidade do poder capitalista mundial. O controle de trabalho no novo padrão de poder mundial se construiu, assim, articulando todas as formas históricas de controle do trabalho em torno da relação capital-trabalho assalariado e, desse modo, sob esse domínio. Mas tal articulação foi constitutivamente colonial, pois se fundou primeiro na atribuição de todas as formas de trabalho não pago às raças colonizadas, originalmente índi_s, negr_s, e, de modo mais complexo, _s mestiç_s na América e mais tarde as demais raças colonizadas no resto do mundo: oliváce_s y amarel_s. E, segundo, na atribuição do trabalho remunerado, assalariado, para a raça colonizadora, _s branc_s.]


 **Millena LÍzia** atualizou o próprio status. 16 de março de 2017 · Rio de Janeiro · 🌐 ▼

CLASSIFEICE DO MEIO DIA

Vende-se uma linda parda clara que terá 20 anos de idade, de agradável presença e perfeita mucama; sabe coser perfeitamente, cortar toda a roupa de senhora e fazer renda com toda delicadeza possível; é insigne engomadeira, cozinha perfeitamente, faz doces de várias qualidades, apronta uma mesa e serve muito bem; lava de barrela e sabão, até roupa de filó e meias de seda; enfim, tem todas as qualidades exigidas de uma perfeita mucama; na Rua Larga de S. Joaquim n. 94. (Jornal do Commercio, 27 jan. 1835).



Pardas claras, enegreçam!!!
 Pardas claras, ENEGREÇAM!!!
 PARDAS CLARAS, ENEGREÇAM!!!


 Curtir  Comentar  Compartilhar



 🤔 😊 Suzana Mattos, Carla Gomes e outras 31 pessoas


7 compartilhamentos 6 comentários



Ver mais 1 comentário



 **Camila Bastos Bacellar** ansiosa pra ver sua dissertação, chama pra defesa ❤️  3
 Curtir · Responder · 1 a



↳  Millena LÍzia respondeu · 10 Respostas






 **Dani De M G** Ahazô no argumento! Tenho feito essa pergunta numas discussões coloristas: e vc acha que se estivéssemos em 1800 vc (ou fulaninha) estaria vivendo na senzala ou na casa grande? Geralmente o susto da constatação confirma.  3
 Curtir · Responder · 1 a

↳  Millena LÍzia respondeu · 1 resposta

 **Aline Besouro** Eu mesma  1
 Curtir · Responder · 1 a

 **Carla Gomes** Enegreçam!!  1
 Curtir · Responder · 1 a

 **Millena LÍzia** Quem ainda não entendeu que é negrx? Quem ainda não entendeu que vive na segunda maior nação negra do mundo, atrás apenas da Nigéria? Quem ainda não entendeu que vivemos num país, sobretudo, negro? Onde estão xs negrxs nesse país criminoso?  3
 Curtir · Responder · 1 a · Editado

 Escreva um comentário...    

Reprodução do anúncio veiculado em jornal adotado nas discussões da historiadora Flavia Fernandes de Souza em artigo sobre o trabalho doméstico no Rio de Janeiro oitocentista⁷¹.

⁷¹ Ver: SOUZA, Flavia Fernandes de. Escravas do lar: as mulheres negras e o trabalho doméstico na corte imperial. In: XAVIER, Giovana, FARIAS, Juliana Barreto, GOMES, Flavio (org.). **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2012, p. 248.



**MORADIA
COMPARTILHADA**
JUNTAS SOMOS MAIS
FORTES!

**QUER MORAR NUM
APTO DESCOLADO
SEM PAGAR NADA?**

Ótima oportunidade para estudante ou para quem busca uma nova oportunidade de viver em São Paulo. Apto na zona sul, bem localizado, ótimo comércio na região, transporte público para toda região da cidade e a 3 km do metrô Jabaquara/Conceição. **EM TROCA AJUDAR NOS CUIDADOS DE UM RAPAZINHO BEM EDUCADO DE 7 ANOS!** Ele estuda das 13h às 19h e precisa de alguém que fique com ele no período da manhã.

Gostar de criança, saber cozinhar e manter a casa organizada. Você terá que dar almoço e colocá-lo no transporte escolar. **TROCA FEITA!**

**Contato para entrevista:
Patrícia 11 99383-4887**

Patrícia Mãe Do Théo
3 de julho · 🌐

Ajudem a compartilhar, plissst! — 🔍 procurando uma alma gentil.

👍 Curtir 🗨 Comentar ➦ Compartilhar

👍👍👍 Lah Vieira e outras 4,7 mil pessoas

2.709 compartilhamentos 3,5 mil comentários

Visualizar comentários anteriores 51 de 3.575

Danielle Cardoso E, depois procurem a justiça do trabalho.. Haha
Curtir · Responder · Agora mesmo

Carlos Lamarca Em letras miúda: saber cozinhar, manter casa organizada. Que quer dizer arrumar a casa e cozinhar. Patrícia Mãe do Théo escravidão já acabou
Curtir · Responder · 1 · Agora mesmo

Thomas Lourenço Volta Dilma
Curtir · Responder · 1 · Agora mesmo

Dani Vieira Que oportunidade ótima. Não, pera. Isso tem outro nome. Escravidão. Nta cara de pau ne?

Escreva um comentário...

PROCURANDO UMA ALMA GENTIL. MORADIA COMPARTILHADA: juntas somos mais fortes!

Anúncio com um apelo feminista (branco) publicado nas redes sociais em julho de 2017 e que acabou por virar manchete em outros canais de comunicação mais tradicionais por seu caráter, no mínimo, abusivo. Arquivo: web

Foto de família de manifestantes brancos contra o governo Dilma indo pra um ato pró-impeachment em Copacabana beach em março de 2016 contando com o serviço de uma babá negra como apoio de seus exercícios cívicos num passeio de domingo. A imagem foi amplamente divulgada nas redes sociais e em páginas da internet de veículos tradicionais de comunicação. Arquivo: O Globo.





Performance “Trance” da artista Andressa Cantergiani, a mulher branca confortavelmente sentada sob os serviços das duas mulheres negras que não obtiveram crédito na obra, em 15 de dezembro de 2016, em estabelecimento privado de arte na região portuária do Rio de Janeiro – espaço da cidade também batizado como Pequena África por seus personagens de resistência e que permanece como um dos grandes redutos da herança africana na cidade, apesar do predatório processo gentrificador dos últimos anos sob a marca “Porto Maravilha”. Região essa também do maior porto escravagista da história moderna colonizante, o Cais do Valongo, redescoberto durante as obras para as Olimpíadas de 2016, e, em certo ponto, desprovido dos cuidados necessários para preservação tanto memorial quanto física desse patrimônio da história global. Dividindo seu processo, e muitas vezes sendo alertada sobre o tema da apropriação cultural, inclusive por mulheres brancas, Andressa, que se diz “descolonizada”, afirma que “na arte tudo é possível, que não tem medo de polemizar”, se apresenta como “Condessa, a ressuscitada do cemitério dos pretos novos. A preta mais branca do Brasil.” Que a partir de um sonho com o Tunga, falecido em junho do mesmo ano, passou a psicografá-lo, a seguir algumas ações encomendas pelo artista e, dentre outras coisas, virou negra. As informações divididas por Andressa acerca da biografia das mulheres que trançaram seu cabelo, sob esse figurino específico, nessa cena questionável, num território ancestral, se limitam ao ofício de trançistas dessas mulheres e suas origens angolanas. Arquivo: <https://www.facebook.com/andressa.cantergiani>



Ama de leite número 1 (2005)

Terracota, plástico e fitas de cetim

32,0 cm x 17,5 cm x 8,2 cm

Obra da artista negra referência

Rosana Paulino

Arquivo: www.rosanapaulino.com.br

E como se reverte esse processo? E como se partilha ou reorganiza – eu poderia escrever poderes – os confortos que vocês possuem?

Vocês nos sugam. Vocês tiram, aquilo que disse Lúcia Xavier, a nossa paz. Vocês nos devem. E não trata-se aqui apenas de uma relação de exploração com aqueles poucos figurões poderosíssimos das classes mais abastadas que nunca vão chegar a ler isso aqui ou essas demais literaturas com que venho conversando e as produções de minhas semelhantes, porque tão cagando mesmo e o jogo é explícito. Mas é com vocês. É com vocês, que muitas das vezes dizem que se importam e se sensibilizam. E eu, de fato, chego a acreditar nas suas boas intenções e sentimentos e numa possível aliança que se revela ilusória na maior parte do tempo.

Eu poderia tá investindo aqui numa narrativa pessoal acerca de como venho compreendendo as formações de minhas subjetivações através de episódios em minha vida que eu não tinha um letramento pra ler, mas que por fim se revelaram unidos por um fio condutor, ou, melhor, por uma malha condutora de opressões. Quem me deu esse letramento foram os trabalhos estéticos, os de arte, que foram me apontando caminhos, direções, aventuras e mesmo ciladas. Eles são instrumentos de aprendizagens em muitas frentes: me ensinaram e continuam fazendo isso. Passei a me dar conta que eu menos venho os construindo e mais venho sendo construída por eles, por elas, como prefiro flexionar. De alguma forma as estratégias de escrita dessa dissertação passavam por aí – como o texto de qualificação chegou a apontar – porque, afinal, tratam-se de processos de pesquisa de artista, como eu ousou me nominar contrariando as narrativas hegemônicas sufocantes sobredeterminadas. E essa abordagem era importante pra mim, não posso negar. Envolve um processo de autoinvestigação através do exercício memorial e narrativo desde as experiências vividas. Mas daí eu não sei que usos poderiam ser feitos dessa escrita, de minha escrevivência, por vocês. E foi a cautela que se revelou como uma grande aliada nesses tempos perigosos em que vivemos. E daí vocês atravessam minha escrita, como já fazem invariavelmente em outros terrenos, e me fazem me dar conta do peso que vocês têm na composição, não só de minhas proposições estéticas de vida, mas em tudo mais. E vocês pesam, viu!? A sensação às vezes é de que vocês me esmagarão.

E como se reverte esse processo? Mas como se partilha ou reorganiza – eu poderia escrever poderes – os confortos que vocês possuem?

Vocês têm o poder de distribuir seus poderes. E também o poder de continuar confortavelmente mamando nas nossas tetas, ainda que demonstrem certo pesar na consciência, o que costuma a se reduzir a isso mesmo ou em jogos de apelos emocionais. Que chegam a ser perversos, ou até bem violentos. Ainda porque, em alguma medida, a gente enxerga que poderia estar ao lado de vocês. Mas estamos no abismo que vocês ajudam a cavar diariamente. Basta! Escrevo isso não no sentido de imprimir culpa. O que estou fazendo é cobrar responsabilidade, que deixem de acumular as oportunidades do mundo pra si e cumpram seu papel na partilha das dignidades. E o papo aqui tá bem distante daqueles atos caridosos ou daqueles vangloriosos que acabam por se configurar como gestos oportunistas, que capitalizam nossas dores, que fazem uso de nossas degradações sociais para promover o quão “descolad_s”, “desconstruíd_s” ou “descolonizad_s” vocês são. Daí pouco importa a expressão, a noção ou o conceito que vocês venham escolher.

Não tô aqui a passeio e muito menos isso se configura como um hobby pra mim, mas seu justo oposto: é doloroso pacas. As nossas dores, as minhas dores, nossas inadequações frente às estruturas hegemônicas e também nossas desobediências – nossas gingas no impossível – se fazem matéria desse trabalho, do nosso trabalho. Nossos trabalhos e nossos corpos se constroem como nossas lutas. O que eu tento desesperadamente – com frequência é esse o tom – é buscar como possível estratégias para lidar com seus delírios depositados sobre minha narrativa de corpo, sobre mim, sobre minhas semelhantes. Esses delírios chegam de forma tanto indireta como direta e se materializam em incontáveis formas, o que muitas das vezes chegam a camuflar seus reais propósitos que passam por nos diminuir, nos sabotar, nos ceifar, nos destruir, ainda que nas melhores das intenções – *Deus é testemunha disso!*, por onde passam essas construções paranóicas de vocês. O que se apresenta aqui são meus cacos tentando me reunir.

Como muito bem disse a Lucia Xavier, em seu discurso transcrito anteriormente ao receber uma homenagem no último março, “o racismo nos mata, mas trás pra vocês dinheiro! Trás boa vida, trás boa comida, trás água, trás terra. Se vocês não abrem mão disso, a gente vai continuar morrendo.” E Lucia aqui não se restringe, como se pôde acompanhar, à morte física, mas faz um apelo no sentido de denunciar que nossa inferiorização social manifestadas pelas privações de nossas potências e dignidades

através dos tempos se configuram em igual medida em nossas mortes. E, voltando ao Quijano, se as populações negras e indígenas nessa terra são as raças, as racialidades colonizadas, se faz necessário confrontar que as populações brancas vêm se construindo como a racialidade, como a *raça colonizadora*, cujos confortos se alicerçam sobre nossas explorações, sobre nossas degradações, sobre as desautorizações de vocês do que realizamos a não ser que feitos por vocês mesm_s, sobre a produção menor de nosso ser, sobre nossas mortes. “E vocês continuam ricos, bem de vida, sentados em boas cadeiras, assistindo bons programas, passeando na Disneylândia, enquanto a gente morre”, continua Lúcia enquanto me permito reproduzir mais uma vez parte de seu discurso: “É preciso reverter esse processo. Não adianta andar com o nome da Marielle aqui ó”, Lúcia bate no peito quatro vezes, “se vocês não respeitam nenhuma mulher negra.”

Não se enganem, mas vocês branc_s, incluindo as mulheres brancas, mesmo aquelas que se posicionam como feministas, – e, ainda, vocês homens negros cis – são _s produtor_s dos nossos problemas que se manifestam sob a forma de opressões internas, externas, psicológicas e emocionais, socioeconômicas, políticas, filosóficas, epistêmicas e institucionais em diversos segmentos e em diversas dinâmicas que atravessam e fraturam o nosso ser. Inclusive, se faz urgente não suprimir as opressões de gênero, como sugere a feminista nigeriana Amina Mama⁷², ao alertar para uma certa tendência de alguns teóric_s *pós-coloniais* de ignorar esse recorte corpo-social, lembrando sempre aquilo que escreve Audre Lorde, de que “eu não posso me dar ao luxo de lutar somente contra uma forma de opressão”, passando a concluir adiante que não pode se dispor a escolher entre os fronts pelos quais deve batalhar contra as forças de discriminação, onde quer que elas apareçam para lhe destruir. Até porque, continua Audre, “quando elas aparecerem para me destruir, não demorarão muito para que elas apareçam para destruir você(s)”⁷³.

⁷² MAMA, Amina. Temas desafiantes: Gênero y Poder en los Contextos Africanos. In: SUÁREZ, Liliana; HERNÁNDEZ, Rosalba Aída (org.) **Descolonizando el feminismo. Teorías y prácticas desde los márgenes**, 2008, s/n. Disponível em <http://www.reduii.org/cii/sites/default/files/field/doc/Descolonizando%20el%20feminismo.pdf> Acesso em novembro de 2017.

⁷³ LORDE, Audre. There is no hierarchy of oppression. In: BYRD, Rudolph P.; COLE, Johnnetta Betsch, GUY-SHEFTALL, Beverly (org.). **I Am Your Sister: Collected and Unpublished Writing of Audre Lorde**. Oxford University Press, 2009, p. 219-220. [Minhas traduções. Texto original também disponível na p. 22 do *Capítulo 1 Agora podemos recomeçar*]



Millena Lízia

30 de setembro de 2017 · Rio de Janeiro ·

EU
VC
CE
VE
CEU
CU
VEU



Curtir

Comentar

Compartilhar

Ju Borzino, Raphi Soifer e outras 39 pessoas



Simone Ricco O corte

Curtir · Responder · 27 sem



Millena Lízia respondeu · 5 Respostas



Ethel Oliveira Lidi de Oliveira

Curtir · Responder · 27 sem



Yana Campos caraca, muito bommm

Curtir · Responder · 27 sem



Yana Campos e ainda fiz uma leitura vécu (vivi)

Amel · Responder · 27 sem



Millena Lízia respondeu · 7 Respostas



Yana Campos ameeeei

Curtir · Responder · 27 sem



Escreva um comentário...



Nós somos porque eles são?



12:24 / 14:52

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W_HXP-sIPOE&t=202s

Desde de setembro de 2016, portanto foi algo que ocorreu concomitantemente com a série de trabalhos do Faço Faxina, eu comecei a propor algumas releituras do Caminhando de Lygia Clark, de 1964, que representa um marco na arte contemporânea brasileira. Certamente a minha entrada no programa de pós-graduação e o fato dessa obra atravessar as discussões em aula de muitos professor_s influenciaram a me aventurar nas questões abertas por essa obra-gesto desconcertante. Mas os debates raciais acirrados, inclusive dentro do campo marcadamente excludente das artes contemporâneas, foram decisivos na produção dessa releitura. Contudo, é possível elencar um episódio específico como um grande disparador.

Numa fala no espaço Despina, em setembro de 2016, da crítica e psicanalista Suely Rolnik – que chegou até a propor alguma discussão sobre o próprio Caminhando da Lygia – cuja dinâmica da fala se dava com os microfones abertos para as considerações e perguntas de um público participante, uma mulher branca sugere à prestigiada convidada branca o ensinamento do conceito de *alteridade* para o movimento negro, cujo ensinamento a psicanalista poderia prover, pois o debate do grupo vinha se pautando, em sua opinião (de mulher branca), numa limitadora construção racial divida entre um *nós* e *eles*. A resposta para essa colocação audaciosa não veio da Rolnik, pelo menos não como deveria. Muit_s d_s participantes marcad_s pela colonialidade racial se manifestaram e o rechaço foi inevitável. Eu fui uma das que falei e minha primeira consideração não foi para a convidada, foi pra essa mulher (branca): “Não fomos nós que criamos essa divisão entre nós e eles.”

No dia seguinte eu já me aventurava na topologia da fita de möbius lançando a pergunta: “Nós somos porque eles são?”, pergunta essa que se configura como uma dobra do conceito ancestral, de matriz africana banta, *ubuntu*, para o qual o sentido do eu se faz por meio do nós: *Eu sou porque nós somos*, como vemos traduzindo em terras diaspóricas. Mas há alguns pontos de encontros e desvios em relação ao trabalho original de 1964 que merecem ser destacados.

Lygia senta numa cadeira sobre um chão cinza com um vestido com um tom similar, pelo menos é assim que aparentam nos registros fotográficos p&b. Eu sento no chão branco, vestindo branco e registro a ação com um recurso videográfico caseiro em seu modo colorido. Lygia parece estar num ambiente externo de dia. Eu estou num ambiente interno de noite, no entanto o ambiente externo ao meu redor acaba por vaziar no registro audiovisual através da materialidade sonora. Lygia utiliza uma tesoura reluzente, toda de metal, que marca presença como objeto na cena. A tesoura que uso é daquelas bem chínfrim, com um cabo de plástico, que se camufla entre corpo, fita e sombras. Talvez, por conta dessas características, até não dê pra saber ao certo o que essa tesoura corta, ou que objeto é o cortante ali. As inscrições EU, VC, NÓS, ELXS em vermelho, ocupando cada uma das faces das lâminas da tesoura, se encontrando e se distanciando no corte – algo que é uma particularidade da versão que proponho do Caminhando – também se camuflam no gesto, a não ser pra mim que o realizo. A fita da Lygia é branca por inteiro de um papel com uma gramatura fina que me faz deduzir que seu corte se fez com um certa fluidez. A fita que construí foi composta pela sobreposição de um papel branco sobre um preto, o que fez com que a topologia da fita se manifestasse com uma divisão pictórica e com uma espessura considerável que imprimiram certa resistência no corte. Tanto no registro da Lygia quanto naquele realizado por mim não é possível identificar as fisionomias nos quadros, fotográfico ou videográfico. Contudo, Lygia foi uma mulher branca e essa característica se evidencia na fotografia. Gostaria de chamar atenção também para sua postura ereta. Enquanto eu estou curvada sobre o ventre e resisto como uma mulher preta, inclusive no campo das artes contemporâneas, mas a demanda por resistência vaza por todos os outros territórios de minha experiência no mundo.

Apesar de seu encanto inegável, sei que o Caminhando às vezes dá no saco de tanto ser figurinha repetida nas discussões. Como bem lembrou a amiga multi-artista Aline Besouro, depois de feito e passado um certo mistério em



Aline Besouro

Detalhes

PRESENTE! CORPOS-SUJEITOS, RESISTÊNCIA E INSUBORDINAÇÃO

{{{ Circuitos de falas, escutas e trocas }}}}

Quando escolhemos o CORPO como tema do segundo ano do projeto ARTE E ATIVISMO NA AMÉRICA LATINA, nos deparamos com uma imensidão, complexa e bela, e ao mesmo tempo desafiadora. Como dar conta de corpos que são maiores do que qualquer projeto, maiores do que eles próprios? Como dar voz à diversidade de narrativas diante das limitações inerentes ao desenho de um projeto específico? A resposta foi a construção coletiva de uma programação paralela, possível graças ao engajamento e às proposições de artistas e pesquisadores que trabalham e pensam o corpo a partir de seu potencial micro-político e transgressor.

Tendo em vista este desafio, criamos um evento multidisciplinar que será realizado em dois sábados: 26 de agosto e 2 de setembro. Não esperamos com isso esgotar o assunto, ao contrário. A conversa está só começando.

Todxs os corpos são bem vindxs!

PROGRAMAÇÃO DO DIA 26 DE AGOSTO

torno desse fazer, a gente saca que também não é nada demais, é só uma fita dobrada. Mas talvez o segredo do encanto esteja nesse nada demais mesmo. De alguma forma a minha relação com o Caminhando, e particularmente por essa releitura – pois entendi que não me era possível fazer um Caminhando como o da Lygia, que parte de outras subjetivações de mundo –, se faz por entender que há nele um investimento desorganizador, ainda que desconcertante, da ordem, das geografias, dos territórios marcadamente estruturados por lógicas epidérmicas pictóricas.

A partir de então também foram experimentadas outras variações a partir de variação: a proposição chegou a ser endereçada e realizada conjuntamente em rodas de conversas. Destaco a roda de conversas com artistas negr_s no próprio Despina, em agosto do ano seguinte de seu episódio disparador, contando com Aline Besouro (aqui já citada), Jandir Jr., Lyz Parayzo, Marina .S. Alves, comigo, Rafa Éis, Renata Sampaio como ativador_s iniciais da conversa, assim como _s demais presentes para as atividades do espaço que foi intitulada como *Presente! Corpos-sujeitos, resistência e insubordinação*, que contou também com proposições da T. Angel acerca do tema modificação corporal e a conversa entre Thainã de Medeiros e Samuel Lourenço sobre mobilidade da população periférica e encarceramento em massa de jovens negros. Numa programação, portanto, que não se encerrava no campo das artes, até porque isso não existe em nossas vidas, que se deslocam num campo bem distante das especializações, das especificidades e afins. Invariavelmente estamos em fuga e personificamos as dinâmicas dos corres em que lutamos. Mas a programação que fomos elencad_s a ser propositor_s num espaço de artes diz muito dos nossos corpos. Vale a pena lançar um olhar cuidadoso para essa composição, que vem chamando minha atenção somente agora.

O *Nós somos porque elxs são?*, como posteriormente foi atualizado com essa modificação da escrita do pronome, chegou a se realizar numa roda muito

PROGRAMAÇÃO DO DIA 20 DE AGOSTO

16h00

NÓS SOMOS PORQUE ELXS SÃO?

Eu-Você-Nós-Elxs: disposições precárias, temporárias e em constantes conformações através de encontros e desencontros. O que está em jogo para os corpos dissidentes, fora das hegemonias de cor, raça e classe (listando apenas os principais sistemas estruturantes da diferença) quando seus campos de atuação cultural se inscrevem em um dos mais, senão o mais elitizado e excludente de todos? Como as políticas neoliberais descoladas e ao mesmo tempo marginalizantes que envolvem o circuito da arte contemporânea acabam por influenciar a produção de artistas negrxs? Como a gente faz nossos corres de arte, diante de tantos outros corres, que nos deixam em condições precarizantes? Esses fatores nos colocariam em desvantagem ou daí produziríamos também nossa potência? A presente proposição tem como objetivo estimular uma conversa pluriversal com todxs os presentes sobre as condições sempre adversas de ser artista visual afrodescendente no maior país negro da diáspora forçada africana. Para tanto, como disparadores de nossa dinâmica de partilhas contaremos com 7 artistas que se dispõem de saída como ativadores de reflexões a partir de suas vivências. São elxs: Aline Besouro, Jandir Jr., Lyz Parayzo, Marina .S. Alves, Millena Lízia, Rafa Éis e Renata Sampaio. Contudo, todxs estão convidadxs para dividir suas experiências, pois o formato de nossas falas fluirá através da composição ancestral-utópica da roda de conversa: em que ninguém está atrás ou na frente de ninguém, estamos todxs um ao lado dx outrx.

18h00

O MANIFESTO FREAK E OUTRAS CONVERSAS SOBRE O CORPO MODIFICADO

Partindo de vivências e experiências nos meios das modificações corporais do Brasil e inspirado no body hackitivism, na teoria queer, teoria crip e em todas as teorias em curso sobre possibilidades de vidas desviantes, a educadora, historiadora, artista e ativista T. Angel discorre sobre aquilo que podemos chamar de teoria freak ou a teoria dos anormais.

19h00

A COMPLEXIFICAÇÃO DOS CORPOS: ESPREMIDOS RELATOS ENTRE A FAVELA E A CADEIA

Thainã de Medeiros e Samuel Lourenço conversam sobre as sanções à mobilidade dos moradores dos bairros periféricos. O aprisionamento destes corpos acontece em diversas esferas: no encarceramento em massa de jovens negros, na dificuldade de mobilidade social, nas limitações de locomoção e na falta de liberdade de trânsito pela cidade.

21h00

PERFORMANCE "INAPTO" (30')

com T. Angel

Inapto - Adj. Que não possui nem demonstra capacidade e/ou aptidão. Que não é capaz; sem habilidade.

Como se operam os sistemas de segregação e exclusão do acesso de determinadas pessoas ao mercado de trabalho. O que está debaixo do véu da hipocrisia que acoberta e faz girar essa velha roda é um sistema normativo, controlador, reacionário e autoritário por onde se selecionam não apenas quem entra no mercado de trabalho, mas sim, quem deve ou não existir. Eles dizem com um sorriso cordial cínico que não estão contratando, que as vagas foram todas preenchidas, que não temos o perfil para o cargo ou para a empresa ou, ainda, debruçados no discurso médico, carimbam em nossas testas que somos inaptos. Nós dizemos com o rosto lavado de sorriso que eles são capacitistas, cisterroristas, heteronormativos, racistas, gordofóbicos, meritocráticos e eugenistas. O que de fato está inapto?

especial, e cara para essa pesquisa, que se deu, entre outras proposições, no dia do encerramento do curso *Feminismos Negros a partir de uma perspectiva ao Sul, Descolonial e Anticolonial* oferecida pela professora Fatima Lima no Programa de Pós-graduação em Relações Etnicorraciais do CEFET/RJ no segundo semestre de 2017. Mas pra essa turma, cujo perfil majoritário era de mulheres negras – essa raridade a se celebrar dentro da universidade – houve uma variação significativa: a fita de möbius voltou a se apresentar com uma única cor, mas dessa vez foi a preta. Uma outra característica, proveniente do uso cotidiano e do desgaste, merece nota: o pronome EU, escrito conjuntamente com os demais pronomes com uma caneta vermelha que se vende como sendo daquelas com pigmento permanente, se apagara. Aliás, lembro bem como isso se deu. Foi quando eu usava a tesoura como um pingente. Como eu me deslocava com transporte público num horário de muito movimento tratei de por essa espécie de colar afiado para dentro da blusa, colado a minha pele e foi aí que o EU se perdeu. Agora, pra onde eu ia com esse instrumento de corte pendurado no pescoço e pra fazer o quê já é uma outra história. Mas o pronome que vem desaparecendo atualmente, o segundo na lista, é o NÓS.



Fotografia de Lumena Aleluia. De costas está Gabriela Araujo e desfocadas ao fundo estão Fontel LS (no centro) que conversava conosco sobre feminismo indígena e em seguida Fátima Lima.



Como ensina Mãe Stella de Oxossi, é preciso procurar ser digna para nunca perder a capacidade de indignação com as mazelas humanas⁷⁴ – em sua resposta sacerdotal, quando perguntada sobre como mudamos o mundo. E tendo a entender essas *mazelas humanas* como aquelas produzidas por aquel_s que gozam do direito e dos poderes de serem humanos. Então a gente também trata de se indignar no meio, em qualquer utopia de (re)começo e nesse infundável fim em que insistimos lutar pela vida.

Mas a gente tem aí todo um desafio ~~de um caminho a seguir~~ e, nesse meu frágil poder – que não posso dizer que me foi concedido, mas, antes, disputado, através de árduas negociações, que não deixam de implicar a escrita em suas diferentes vertentes de produção de sentidos e manifestações –, o meu desejo vacilante passa por retomar as elaborações de Angela Davis em *Mulheres, Raça e Classe*.

Para Davis, como vínhamos conversando, inclusive com demais autor_s, é a partir do trabalho, desde as estruturas do sistema capitalista escravocrata, que se deve analisar qualquer exploração que caia sobre as mulheres negras. E isso se reflete como sendo um problema atual.

O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos de escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras. O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens [negros], como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero.⁷⁵

Adiante Davis se debruça sobre esse aspecto da construção de gênero das mulheres (negras) escravizadas e revela, que apesar da exploração do trabalho em torno da produtividade serem idênticas entre mulheres e homens, sobretudo na lavoura (lembra

⁷⁴ Ver Mãe Stella de Oxossi. “**Nunca perder a capacidade de me indignar com as mazelas humanas**”. Artigo concedido à UOL Notícias. 2018. Disponível em <https://www.uol/noticias/especiais/como-mudamos-o-mundo--candomble.htm#nunca-perder-a-capacidade-de-me-indignar-com-as-mazelas-humanas> Acesso em janeiro de 2018

⁷⁵ DAVIS, Angela, *Mulheres, Raça e classe*, op. cit., p. 17.

do discurso da Sojourner Truth?), que sobre elas costumava cair com mais frequência um modo de castigo, de repressão – e, portanto, de controle – mais específico que estruturava-se na violência sexual. Portanto, segundo as lógicas perversas de opressão, a narrativa sobredeterminada de gênero das escravizadas (como toda e qualquer narrativa identitária sobre esses corpos, incluindo a da sexualidade) se construía como conveniente pelos senhores:

[...] quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmea.⁷⁶

E quantas de nós ainda não continuamos sendo vítimas das violências sexuais em nossos trabalhos, dessas dinâmicas violentas depositadas sobre nossos corpos provenientes das lógicas hegemônicas de uma economia erótica colonial⁷⁷? Esse inferno que persiste sendo ferramenta de controle, de repressão, de subordinação, de poder, que pressupõe de saída a nossa eterna disponibilização para o consumo sexual abusivo alheio, por parte daqueles que se orientam violentamente em função da intubação de seus privilégios ou destaques sociais. Que é isso que acaba por atravessar diversos setores de atuação profissional, e demais esferas institucionais, como acompanhado pela campanha #metoo/#eutambém/#yotambién, sem deixar de abordar que é algo que atinge às mulheres brancas, ainda que em menor proporção⁷⁸, sabendo que a essas mulheres é garantida uma condição humana, como debatido anteriormente através das elaborações da María Lugones em *Hacia un feminismo*

⁷⁶ Ibidem, p. 19.

⁷⁷ Para conferir uma discussão acerca da economia erótica colonial ver SILVA, Denise Ferreira da. À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo. In: **Estudos Feministas**, v. 14, n.1. Florianópolis, 2006, p. 61-83

⁷⁸ Olhando para um outro aspecto, um importante indicativo dessa diferença se evidencia, por exemplo, nos dados do *Mapa da Violência 2015: Homicídios de Mulheres no Brasil*, realizado a pedido da ONU, que foi amplamente divulgado nas redes das mulheres negras. E o motivo da ampla divulgação desse grupo se faz pelas seguintes informações alarmantes. Enquanto se comemorava a queda do feminicídio na última década no país, quando se foi para a especificidade – e a especificidade aqui é epidérmica racial – os dados mostraram que a queda do número de assassinatos de mulheres se restringiu às brancas, com uma diminuição de 9,8%, enquanto o assassinato das negras aumentou, e o aumento foi de 54,2% dentro do mesmo recorte temporal. Gelou aí? Por aqui eu tive que pegar uma blusa de frio que tô segura que não se faz suficiente para minha proteção. Ver: WASELFISZ, Julio Jacobo. **MAPA DA VIOLÊNCIA 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. In: Mapa da Violência, 2015. Disponível em http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf Acesso em janeiro de 2016.

*descolonial*⁷⁹, que lhes permite serem menos vítimas em potencial de crimes bárbaros, como o do estupro corretivo que se constrói sobre o delirante e violento propósito de *corrigir*, em termos identitários – e como conveniente, dentro de uma normatividade – as organizações corporais de pessoas no mundo, lhes negando as construções de autodefinição, de autodeclaração⁸⁰, tão caras às pautas dos feminismos negros, por exemplo.

Dialogando com o Fanon nos capítulos sobre a sexualidade interracial em *Pele negra, máscaras brancas*, o filósofo camaronês Achille Mbembe escreve que “na distribuição colonial do olhar” – desse regime de poder moderno-colonizante estruturado na visualidade como esquema organizador daquilo que cai sobre as epidermias – “existe sempre um desejo de objectivação ou de supressão, um desejo incestuoso, assim como um desejo de posse ou, até, de violação.”⁸¹

Mulata Grande, sem data.

Óleo sobre tela

60 x 45cm

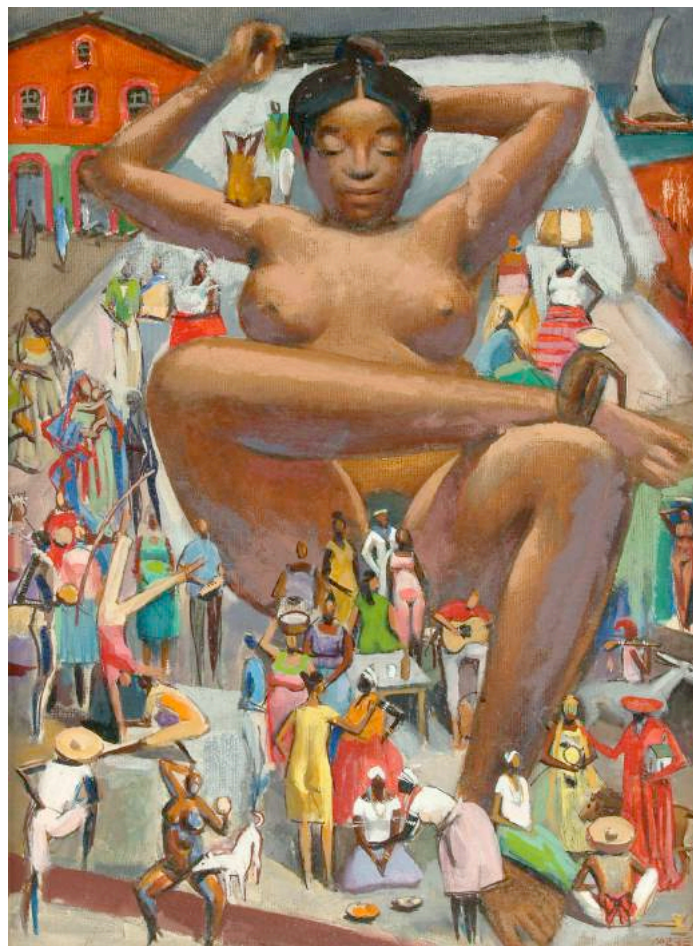
Pintura do argentino radicado na Bahia

Carybé (1911-1997)

que obteve mais de uma versão.

Ao lado é a de 1980.

Ao invés de se configurar como um monumento à festividade de um brasilianismo popular através dos olhos de um homem branco estrangeiro, sempre me perguntei, desde que conheci a pintura no começo dessa década, se a *Mulata Grande* não era o retrato de um grande estupro. Os campos das artes estão cheios de exemplos de desejos de violação mascarados com outras roupagens. Que tal a letra de *Formosa*, do tão aclamado Vinícius de Moraes? “Formosa, não faz assim / Carinho não é ruim / Mulher que nega / Não sabe não / Tem uma coisa de menos / No seu coração / A gente nasce, a gente cresce / A gente quer amar / Mulher que nega / Nega o que não é para negar / A gente pega, a gente entrega / A gente quer morrer / Ninguém tem nada de bom / Sem sofrer / Formosa mulher!” Bom, depois dizem por aí que a apologia ao estupro vem dos ritmos periféricos, como o funk... – **NÃO É NÃO!** Esse grito de ordem entoado pelas mulheres nas ruas atravessa classes, sem deixar de suprimir a especificidade epidérmica, que dá mais garantia de escuta a alguns corpos em detrimento de outros. Afinal, não se costuma ver uma pintura dessas, que coloca a mulher negra praticamente como um patrimônio público, retratando uma mulher branca.



⁷⁹ Ver LUGONES, Maria. **Hacia un feminismo descolonial**. In: *La manzana de la discordia*, v. 6, n. 2, julho-dezembro de 2011, p. 114.

⁸⁰ Ver HILL COLLINS, Patricia. Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro. In: JABARDO, Mercedes (org.). **Feminismos negros: una antología**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012.

⁸¹ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad.: Marta Lança. 2ª ed. Lisboa: Antígona, 2017, p. 193.

Muito da construção dessa condição bestializada que rasga as experiências vividas das mulheres negras até hoje, vide as próprias origens animais do termo mulata, se faz como reflexo de uma herança das mais perversas, capaz de deixar qualquer literatura B, das mais horrendas e desprezíveis no chinelo. Sabe aquela história de que pobre só sabe fazer filh_, e que os fazem – isso nas últimas décadas – apenas pra tirar vantagem do Bolsa Família?⁸² Já parou pra pensar que esse tipo de enunciado e imaginário miseráveis, violentos e descabidos se relacionam com essa história de horror aqui? Pois, já teve contato, leu ou ouviu falar de fazendas negreiras, ou d_s escravizad_s reprodutores?

Quando a abolição do tráfico internacional de mão de obra escrava começou a ameaçar a expansão da jovem e crescente indústria do algodão, a classe proprietária de escravos foi forçada a contar com a reprodução natural como o método mais seguro para repor e ampliar a população de escravas e escravos domésticos. Por isso, a capacidade reprodutiva das escravas passou a ser valorizada. Nas décadas que precederam a Guerra Civil, as mulheres negras passaram a ser cada vez mais avaliadas em função de sua fertilidade (ou da falta dela): aquela com potencial para ter dez, doze, catorze ou mais filhos era cobiçada como um verdadeiro tesouro. Mas isso não significa que, como mães, as mulheres negras gozassem de uma condição mais respeitável do que a que tinham como trabalhadoras. A exaltação ideológica da maternidade – tão popular no século XIX – não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram “reprodutoras” – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar. Uma vez que as escravas eram classificadas como “reprodutoras”, e não como “mães”, suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe, como bezerros separados das vacas. Um ano após a interrupção do tráfico de populações africanas, um tribunal da Carolina do Sul decidiu que as escravas não tinham nenhum direito legal sobre suas filhas e filhos. Assim, de acordo com essa medida, as crianças poderiam ser vendidas e separadas das mães em qualquer idade, porque ‘crianças escravas [...] estão no mesmo nível de outros animais’.⁸³

O cenário doméstico de que narra Angela Davis, envolvendo essa trama de horrores, das mais vis, que _s coitadinh_s pertencentes à *classe proprietária de escrav_s se viu forçada a promover*, situa-se no cenário econômico escravocrata agrícola

⁸² Ver **Filho de Bolsonaro propõe a esterilização forçada de mulheres pobres**. Disponível em <https://blogdadacidanania.com.br/2018/01/filho-de-bolsonaro-propoe-esterilizacao-forcada-de-mulheres-pobres/> Acesso em abril de 2018.

⁸³ DAVIS, Angela, *Mulheres, raça e classe*, op. cit., p. 19-20.

estadunidense, nas lavouras de algodão que alimentaram a indústria têxtil, que produziu as roupas que vestiram _s cidadã_s comuns. Um ciclo de outrora que por demais vias pode nos alertar sobre as origens dos mais banais produtos que se consome hoje e suas prováveis redes de exploração nas tramas oscilantes entre fatos e ficções⁸⁴ das colonialidades neoliberais globais, sendo _s cidadã_s comuns agora sujeit_s do mercado e da dívida⁸⁵. Contudo, historicamente, são ess_s cidadã_s comuns que também nos oferecem perigos reais, à medida que são esses que se apresentam como próximos – como cheguei a escrever há pouco – que costumam se posicionar ao nosso lado, desde que no fosso estejamos. Talvez nem notem que seu lugar é à beira do precipício e que quanto mais tratam de cavar o nosso buraco maior se torna o risco de sua queda. Ou, talvez, a estratégia passe por se segurar no precipício mesmo, e com todas as forças, se iludindo com a possibilidade de um salto social que no fim das contas pode é se configurar como um salto mortal, ainda que não diretamente para el_ mesm_, apesar do risco de sua queda só se acentuar.



Foto de família de classe média pró intervenção militar no Rio de Janeiro desde 2013, durante a Copa das Confederações, ainda num cenário pré-jogos e pré-golpe, quando as coisas ainda tinham uma certa aparência de legalidade democrática, ainda que também duvidosa em tantos outros momentos, dependendo do território sob análise. Para tal cenário recomendo a leitura do artigo *Também somos o chumbo das balas: o Brasil não mudará com profundidade enquanto a classe média sentir mais os feridos da Paulista do que os mortos da Maré*, escrito pela Eliane Brum no mesmo período.⁸⁶

⁸⁴ Ibidem.

⁸⁵ Ver MBEMBE, Achille, *Crítica da razão negra*, op. cit., p. 14.

⁸⁶ Ver <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2013/07/tambem-somos-o-chumbo-das-balas.html> Disponível em março de 2017

Achille Mbembe, ao escrever que nem tod_s _s negr_s nas colônias eram escrav_s – como o discurso hegemônico tem predileção a abordar, deixando de lado as táticas de vida daquel_s negr_s dissidentes livres – alerta para a seguinte dimensão que colabora com o que discutimos, ainda que as impressões do autor se volte, principalmente, para outro território diaspórico:

A racialização da servidão nos Estados Unidos, em particular, ajudou os Brancos, e sobretudo os pequenos brancos prestadores de toda a espécie de serviços, a distinguirem-se o melhor que pudessem dos Africanos, reduzidos ao estatuto de escravos. Os homens livres [brancos] receavam que o muro entre eles e os escravos não fosse suficientemente estanque⁸⁷.

Qualquer semelhança dessas dinâmicas com os dias atuais e com aqueles discursos que se apresentam ideologicamente contra a impunidade da criminalidade e a favor da guerra contras as drogas (cujas inclinações se envergam contra pobres e negr_s) não são meras coincidências, apesar das devidas singularidades temporais e relacionais. Pois, como ensina Beatriz Nascimento, é preciso nos atentarmos às continuidades históricas⁸⁸ e nos atentarmos como a trama dos poderes implicam tod_s. As propostas aqui não deixam de se deslocar nesses perigosos exercícios aí. Nesse sentido, o que parece assumir o secretário de Segurança do estado do Rio de Janeiro entre 2007 e 2016, o José Mariano Beltrame, nos tem valor na medida que oferece o seguinte depoimento: "a sociedade quer a favela para ter cozinheira, faxineira e lavadeira. Enquanto olharem a favela como gueto, as coisas serão difíceis. Não ponham mais a culpa na segurança pública"⁸⁹, dentre demais declarações que revelam seu apoio à descriminalização e que deflagram a falência do combate ao tráfico de drogas – que poderia ser lido ao mesmo tempo como sua falência profissional. Dessa forma, vale a pena conferir a resposta⁹⁰ do Coletivo Papo Reto de comunicação independente, composto por moradores ativistas dos Complexos do Alemão e Penha, para a

⁸⁷ MBEMBE, Achille, **Crítica da razão negra**, op. cit., p. 43.

⁸⁸ Depoimento da Beatriz disponível no documentário *O negro: da senzala ou soul* (1977): <https://www.youtube.com/watch?v=-LhM1MaPE9c> Acesso em abril de 2018.

⁸⁹ Ver <https://revistatrip.uol.com.br/trip/jose-beltrame-fala-de-trafico-seguranca-e-descriminacao-de-drogas> Acesso em agosto de 2015.

⁹⁰ Ver <https://www.facebook.com/ColetivoPapoReto/posts/741952739264641> Acesso em agosto de 2015.

entrevista do Beltrame, que convoca a responsabilidade do estado na promoção desse cenário aí.

Contudo, confesso que acabo por oscilar em me posicionar se acredito que o depoimento do Beltrame se configura como a maior cara de pau ou se ele, dentro das mais altas esferas do poder de uma macropolítica, proporciona um giro interessante ao problematizar os jogos e as partilhas de poder na cena cotidiana da micropolítica em suas esferas mais banais, aparentemente, que por fim têm sua parcela significativa de responsabilidade na produção do terreno das desigualdades sociais. Tem quem trabalhe aí com a noção de cordialidade, mas fato é que os absurdos por aqui podem vir com certos aspectos de moralidade, inclusive contando com o apoio dos aparatos repressivos do estado. Como escreve Lima Barreto em seu *Diário do Hospício* nas primeiras décadas do século XX, “a loucura, a degradação humana – o horror desse espetáculo.”⁹¹

Para essa discussão gostaria de resgatar os escritos de 1862 de um geógrafo anarquista francês chamado Élisée Reclus, que se propôs a analisar as bases da sociedade brasileira – atravessadas pela escravidão – comparando-as com as estruturas estadunidenses, marcadas também por essa instituição em seu artigo intitulado *Le Brésil et la colonisation* em sua viagem pelas américas nos oitocentos.

Se não temesse cometer uma verdadeira blasfêmia associando idéias tão contraditórias diria que a instituição servil oferece nos Estados Unidos uma aparência de moralidade que se procuraria em vão no Brasil. [...] imersa ao contrário completamente na escravidão, a sociedade brasileira não poderia apreciar sua justiça ou sua iniquidade: este fato monstruoso da posse do homem pelo homem lhe parecer tão natural, tão pouco censurável, que o próprio Estado compra ou recebe os negros em herança e os faz trabalhar em favor do orçamento. Os conventos também têm seus domésticos africanos, cujos contratos de venda declaram ser a propriedade real do grande são Benedito ou do não menor santo Inácio. Do mesmo modo, por pura caridade da alma, os administradores do hospício do Rio de Janeiro adquirem amas de leite para aleitar as crianças abandonadas. [...] Todos esses fatos são da maior importância para o futuro do país mas não podem de modo algum servir de desculpa para a escravidão brasileira, que, por sua natureza mesma, é idêntica à “instituição divina” dos anglo-americanos. Que o senhor seja um patriarca ou um tirano, não é ele menos o possuidor doutros homens que usa segundo seu arbítrio e quanto aos quais a sua justiça é arbitrária. Se julga conveniente,

⁹¹ BARRETO, Lima. **Diário do Hospício; O cemitério dos vivos**. MASSI, Augusto e MOURA, Murilo Marconde de (org.). São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 127.

pode surrá-lo e torturá-lo; pode lhe impor os grilhões, as algemas, a coleira ou qualquer outro instrumento de suplício. Uma senhora fina, que, por vaidade, cobre suas negras com suas próprias jóias, a fim de dar aos estrangeiros uma alta idéia de sua riqueza, pode logo depois mandar fustigar essas mesmas mulheres, ainda ornadas de seus colares de ouro ou de pérolas. Um proprietário pobre, que sempre usou a maior brandura para com seus escravos, vende uma parte deles para livrar suas propriedades hipotecadas: separa o amigo do amigo, talvez o filho do pai e deixa que algum ávido estrangeiro o leve para uma plantação distante. Dramas semelhantes provocam uma desmoralização tanto maior quanto mais íntima parecia a familiaridade entre o senhor e o escravo. As alegres explosões de riso dos negros e das negras ressoam com frequência nos cruzamentos das ruas da Bahia e do Rio de Janeiro; mas, se passarmos diante das casas de correção, onde os chicoteadores pagos pelo Estado açoitam o escravo à simples solicitação do proprietário, os gritos de dor que se escuta ecoam na hilaridade ruidosa das ruas⁹².

Lendo isso o que me dá vontade de fazer é ch-orar muito por noss_s ancestrais – e o faço com regularidade nessa escrita banhada de dor. E o que tento fazer pra lidar com essas afetações sem sucumbir por completo é ser o mais digna que posso para honrar suas passagens nesse território de guerra, que para alguns se configura como uma *democracia racial*... Mas é também na ironia da Lélia Gonzalez que resolvo me apoiar:

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um médico; educadíssimo, culto, elegante e com as feições tão finas... Nem parece preto.⁹³

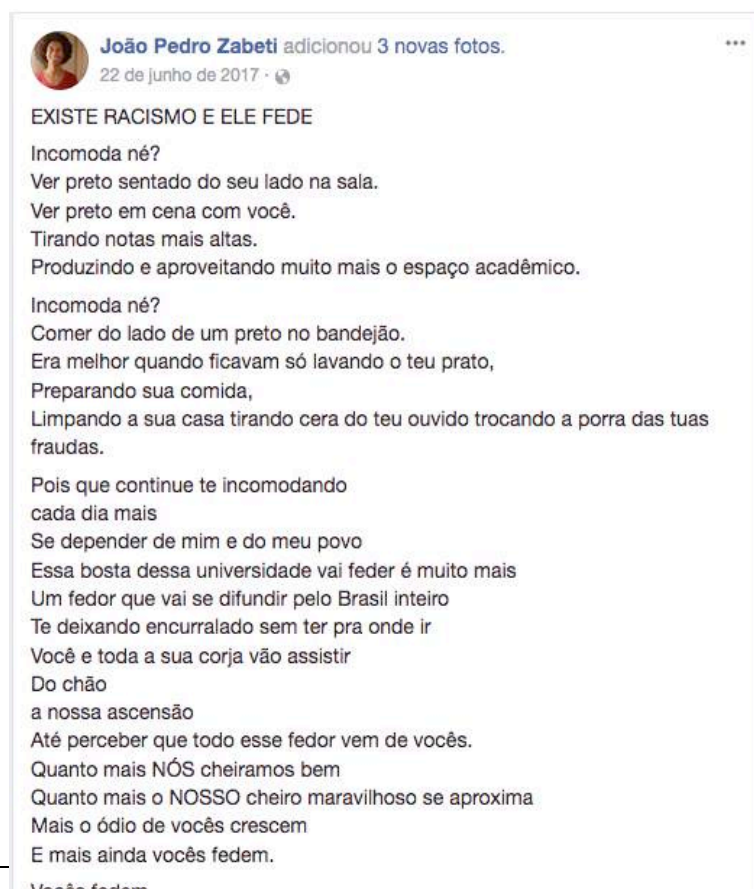
As intervenções de Lélia são um prato cheio pra gente discutir a falácia da meritocracia; o quanto as estratégias de dominação do racismo à brasileira trata de embranquecer aquel_s negr_s que circulam em espaços de poder (e pra isso vale a leitura de *Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1983) da psicanalista Neusa Santos Sousa, ela própria vítima do

⁹² RECLUS, Élisée apud LIMA, Luiz Costa. **Ah, a doçura brasileira**. In: PAIVA, de Marcia & MOREIRA, Maria Ester (coord.) *Cultura. Substantivo Plural*. Centro Cultural Banco do Brasil (RJ). São Paulo: Ed 34, 1996, p. 147-158.

⁹³ GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: *Revista Ciências Sociais Hoje: Anpocs*, 1984, p. 226. Disponível em <http://artigo157.com.br/wp-content/uploads/2015/12/RACISMO-E-SEXISMO-NA-CULTURA-BRASILEIRA.pdf>

racismo); e pra gente discutir, ainda, o cinismo que compõe o arsenal dos discursos hegemônicos propagados no senso comum. Há uma célebre frase, amplamente citada, do antropólogo e professor brasileiro-congolês Kabengele Munanga, que vale trazermos pra cá também: “O racismo é um crime perfeito no Brasil, porque quem o comete acha que a culpa está na própria vítima, além do mais destrói a consciência dos cidadãos brasileiros sobre a questão racial. Nesse sentido é um crime perfeito⁹⁴.”

Aliás, é com frequência que questiono se a onda conservadora que vemos sofrendo – que talvez tenha o golpe como seu momento chave; ou, talvez, o assassinato da vereadora Marielle Franco, que saía de uma atividade na Casa das Pretas, no mês de luta contra o racismo e no mês de luta das mulheres, ou, ainda, a prisão do Lula, cujo projeto de governo e de sua sucessora inegavelmente possibilitou a ascensão social da população da base da pirâmide social, ou tudo isso, sem deixar passar toda uma onda de golpes sucessivos que vemos sofrendo – não tem como uma das motivações centrais o ódio racial, e o ódio que deve ser ver pret_ circulando nos espaços de poder se bancando como tal e disputando as pautas de reparação social.



⁹⁴ MUNANGA, Kabengele apud RIBEIRO, Djamila. **Brasil: onde racistas só se surpreendem com o racismo dos outro.** Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/somos-todos-maju-8558.html> Acesso em julho de 2015.

E mais ainda vocês fedem.

Vocês fedem.

Na verdade a universidade sempre fedeu.

É tudo uma questão de se perceber.

Se dependesse de mim vocês iriam se perceber fedorentos que são atrás das grades. Porém como isso depende de um sistema tão racista quanto vocês, vão continuar em liberdade tomando um chazinho enquanto o Rafael Braga continua preso.

[As imagens são do terceiro andar do prédio de teatro da UNIRIO na Urca. Um lugar onde, aparentemente, pela surpresa de muitos docentes com esse e outros acontecimentos anteriores, não existia racismo.]



👍 Curtir

🔄 Compartilhar

👍👎😡 Tatiana Henrique, Leinimar Pires e outras 275 pessoas

103 compartilhamentos

Para aquel_s que dizem que racismo no Brasil é uma invenção ou pra aquel_s que querem “que as raças se fodam”⁹⁵, Kimberlé Crenshaw, a jurista negra feminista responsável pela elaboração do termo *interseccionalidade*, caro para as discussões dos

⁹⁵ Segundo crítica do Secretário de educação do município do Rio de Janeiro, Cesar Benjamin, em novembro de 2017, se referindo à palestra da atriz Taís Araújo, “Nossa maior conquista — o conceito de povo brasileiro — desapareceu entre os bem-pensantes. Qualquer idiotice racial prospera. A última delas é uma linda e cheirosa atriz global dizer que as pessoas mudam de calçada quando enxergam o filho dela, que também deve ser lindo e cheiroso. Vocês replicam essa idiotice. [...] Quero que as raças se fodam.” Ver mais em <https://oglobo.globo.com/rio/secretario-de-educacao-do-rio-critica-palestra-de-tais-araujo-idiotice-racial-22094643> e em <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral/racializacao-e-uma-histeria-que-tem-que-parar-diz-secretario-do-rio.70002094040> Acesso em novembro de 2017.

corpos dissidentes, lembra que “es bastante obvio que tratar cosas diferentes por igual puede generar tanta desigualdad como tratar cosas iguales de forma diferentes”⁹⁶. Ou, como escreve o filósofo e professor Lewis R. Gordon, referência nos estudos de um campo intitulado *black existentialism*, um dos grandes feitos de *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon – de grande importância pra essa produção, como sabido por sua presença – estaria no fato de mostrar, justamente, como “a ideologia que ignorava a cor podia apoiar o racismo que negava”⁹⁷

Portanto, dadas as circunstâncias através dos tempos, e me apoiando principalmente no Mbembe e na filósofa Denise Ferreira da Silva⁹⁸, quero sugerir que os desejos destrutivos coloniais hegemônicos deslizam, sobretudo, entre objetificação, supressão, posse e violação – todas flexões variáveis de um desejo de morte, de extermínio sobre um outro que se engendra incessantemente com os riscos de escarrar contra a própria cara ou de acabar caindo no próprio abismo que cava. Pois, enquanto o escravo negro “encontra-se constantemente no limiar da revolta, tentando responder ao apelo lancinante da liberdade ou da vingança”, o senhor escravocrata, apesar de suas estratégias de dominação, terá sua vida “permanentemente ensombrada pelo anátema do extermínio” na instituição paranóica que é a *plantation*, a lavoura, onde se “vive constantemente no regime do medo” e que, “em vários aspectos cumpre todos os requisitos de um campo, uma praça ou uma sociedade paramilitar”⁹⁹.

Mas não pense que o show de horrores da morte cotidiana das colônias, daqueles narrados por Davis em torno da economia erótica-reprodutiva das plantações, retornando mais especificamente a esse tema, se restringia ao território americano anglo-saxão. Pois, é o seguinte retrato da mulher negra (escravizada), bem distinto de qualquer narrativa festiva, daquelas que rebolam desnudas no reclame comercial golpista durante o verão, que produz a historiadora June E. Hahner, em 1978, em sua publicação *A mulher no Brasil*.

⁹⁶ CRENSHAW, Kiberlé apud HILL COLLINS, Patrícia, Rasgos distintivos del pensamiento..., op. cit., p. 103. [Minha tradução: é bastante óbvio que tratar coisas diferentes por igual pode gerar tanta desigualdade como tratar coisas iguais de formas diferentes.]

⁹⁷ Apud FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad.: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 14.

⁹⁸ Ver SILVA, Denise Ferreira da. À brasileira: racialidade..., op. cit., p. 61-83.

⁹⁹ MBEMBE, Achille, Crítica da razão negra, op. cit., p. 43.

O amor para a escrava [...] tinha aspectos de verdadeiro pesadelo. As incursões desaforadas e aviltantes do senhor, filhos e parentes pelas senzalas, a desfaçatez dos padres a quem as Ordenações Filipinas, com seus castigos pecuniários e degredo para a África, não o intimidavam nem os faziam desistir dos concubinatos e mancebias com as escravas.¹⁰⁰

Ou procure saber, por exemplo, da história de um senhor centenário do interior de São Paulo, chamado Roque José Florêncio que, na condição de *escravo reprodutor*, teve mais de 200 filh_s¹⁰¹. Daí a gente entende bem de onde vem nossa resposta de dor misturada com muita raiva quando um escravagista como o Jair Bolsonaro, pravável candidato à presidência, despeja seu ódio colonial-racial criminoso nos dias de hoje, como o fez quando convidado para uma palestra no Clube Hebraica no Rio de Janeiro ano passado ao dar o seguinte depoimento, sem um pingão de constrangimento: “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem pra procriador ele serve mais.”¹⁰²

Por conta desse repugnante episódio, o deputado, que já tem um longo histórico de manifestações abusivas, sofre denúncia pela Procuradoria Geral da República e poderá cumprir pena de reclusão pelo crime de racismo. Mas sabemos que nos é muito difícil acreditar em alguma justiça formal, visto que o sistema de justiça é braço integrante fundamental da máquina moderna-colonial, e que a abolição da escravatura – homologada há exatos 130 anos apenas, e porque conveniente, nesse último país do mundo a tirar da legalidade constitucional esse sistema biopolítico de exploração, que vai da força de trabalho até a alma – não passa da guerra continuada por outros meios.

Em *Discurso sobre o colonialismo*, de 1955¹⁰³, Aimé Cesaire trata de nos mostrar como os efeitos da colonização caem também sobre a figura do colonizador, um tema que me parece importante colocar em pauta:

¹⁰⁰ HAHNER, June E. apud GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo..., op. cit., p. 229.

¹⁰¹ Ver <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2016/08/escravo-reprodutor-pata-seca-teve-mais-de-200-filhos-e-viveu-130-anos.html> Disponível em novembro de 2017.

¹⁰² Ver https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/13/interna_politica,951506/pgr-denuncia-jair-bolsonaro-pelo-crime-de-racismo.shtml

¹⁰³ Ano da primeira edição de *Discurso sobre o colonialismo*.

Seria preciso estudar, primeiro, como a colonização se esmera em descivilizar o colonizador, em embrutecê-lo, na verdadeira acepção da palavra, em degradá-lo, em despertá-lo para os instintos ocultos, para a cobiça, para a violência, para o ódio racial, para o relativismo moral.¹⁰⁴

É *_ negr_* a figura emblemática da racialidade colonizada – não restam dúvidas, apesar de não ser a única, como vale ressaltar mais uma vez –, contudo, é preciso nos atentarmos para o fato da máquina da colonialidade do poder moderno produzir o *sujeit_ colonizad_ (rude e primitiv_)* *ao mesmo tempo* que produz, indissociavelmente, *_ sujeit_ (human_) colon_/colonizador_* – fazendo com que este, paradoxalmente, também sofra os efeitos da colonialidade. Sem deixar de guardar as devidas assimetrias dos efeitos das colonialidades sobre *colon_* e *colonizad_* – algo fundamental de se alertar. Tal percepção também se manifesta no pensamento de Frantz Fanon que propõe que “o preto, escravo de sua inferioridade, o branco, escravo de sua superioridade, ambos se comportam segundo uma linha de orientação neurótica”.¹⁰⁵

¹⁰⁴ CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Trad.: Noémia de Sousa. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978, p. 17. Disponível em <https://antropologiadeoutraforma.files.wordpress.com/2013/04/aime-cesaire-discurso-sobre-o-colonialismo.pdf> Acesso em janeiro de 2018.

¹⁰⁵ FANON, Frantz, *Pele negra, máscaras brancas*, op. cit., p. 66.

Monumento ao homem branco (2016)

Proposição da terra coletiva, composta por Aline Furtado e Camila Melchior para o 67º Salão de Abril em Fortaleza.



“A obra se manifesta em dois momentos que se misturam: um material e outro performático. Materialmente, trata-se de dois quadrados de papelão colados no chão de onde parte uma linha reta de cinco metros coberta por 70 garrafas de Pinho Sol. No quadrado da esquerda está parte do nome da obra em letras grandes seguido de um trecho do relatório técnico da Polícia Civil e um comentário sobre a prisão de Rafael Braga Vieira: ‘Em 20 de junho de 2013, Rafael Braga Vieira foi preso por carregar materiais de limpeza. Um frasco de pinho sol como estes, e outro de água sanitária. Foi o único condenado pelas manifestações de 2013, apesar de não ter participado dos protestos. Ele foi detido por policiais, ficando com duas garrafas de plástico do local onde morava. Mesmo com o laudo apontando que as garrafas que estavam tinham nenhuma possibilidade de gerar incêndio, Rafael, que é um jovem negro catador de latrinas, foi mantido preso pelo crime descrito no inciso III do art. 15 da Lei 10.926/03 (proibido, sob pena de empregar artefato explosivo ou incendiário, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar)’. Diferentemente dos manifestantes brancos que foram detidos, Rafael não pôde sequer responder ao processo em liberdade. Racismo de Estado? Ele foi mantido encarcerado no presídio de Bangu durante 2 anos e 4 meses por portar material explosivo, que na verdade, não era explosivo, como atesta o laudo da própria Polícia’. No quadrado da direita está a continuação do título junto com as seguintes instruções ao, até este momento, fruidor da obra: ‘Retire um dos frascos de Pinho Sol e leve consigo; Saia do MAC; Atravesse a praça em frente ao Dragão do Mar, dirigindo-se até o Posto Policial – Ceará Pacífico; Entregue o artefato; Observe como funciona’. Daí em diante a parte material da obra convida para sua parte performativa. Instruída sobre a história da prisão de Rafael Braga, a fruidora tem a escolha de submeter-se a um risco: o de entender ‘como funciona’ a tripla relação entre o ‘artefato’ Pinho Sol, seu portador e a polícia.”¹⁰⁶

Uma das teses de Angela Davis em *Mulheres, Raça e Classe* que vale a pena destacarmos em nossa discussão passa por desconstruir o mito impresso por uma certa ideologia da feminilidade – que não contemplava as mulheres negras (dessa questionável categoria que é a noção de mulher para esses corpos) – de que “a típica escrava era uma trabalhadora doméstica – cozinheira, arrumadeira ou *mammy*”¹⁰⁷ na

¹⁰⁶ Conteúdo assinado por Tomaz Amorim, disponível em

<http://revistaberro.com/literatura/monumento-ao-homem-branco/> Acessado em julho de 2016

¹⁰⁷ A tradutora manteve no texto em português o termo originalmente usado por Davis, *mammy*, mas podemos aproximar essa categoria de trabalho doméstico como aquela exercida pelas babás. De qualquer forma o termo original tem sua importância ao ter sua grafia muito próxima de *mommy*/mamãe. Especialmente me parece interessante essa aproximação quando partimos das discussões de Lélia Gonzalez em *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, publicado apenas três anos após o lançamento da primeira edição de *Mulheres, Raça e Classe*, quando Lélia trabalha com a figura

‘casa-grande’¹⁰⁸. Segundo Davis, as escravizadas, assim como os escravizados, sem grandes distinções entre el_s, como já ressaltado, tavam lá segurando a economia agrícola no braço, principalmente no extremo Sul, o grande núcleo escravista-agrário estadunidense. “Por volta de meados do século XIX, sete em cada oito pessoas escravizadas, tanto mulheres como homens, trabalhavam na lavoura”¹⁰⁹. A construção do mito da mulher negra (escravizada) como trabalhadora doméstica no imaginário popular se daria, portanto, através das figuras evocadas da literatura, dos filmes, das canções, das comunicações publicitárias, das marcas dos produtos comerciais, etc, esses terrenos mais direto de produção ficcional. “Pai Tomás e Sambo sempre tiveram como companheiras fiéis Tia Jemima e *Mammy* – estereótipos que pretendem capturar a essência do papel da mulher negra durante o período de escravidão.”¹¹⁰

A historiadora Giovana Xavier toma um rumo similar em suas discussões quando se debruça na literatura brasileira do século XIX a fim de investigar toda uma produção de tipologias e rótulos em torno “de um mesmo grupo (mulheres de cor – escravas, livres ou forras)” cujos investimentos literários acabaram por produzir personagens subalternas estereotipadas “como as da *bela mulata*, da *crioula feia*, da *escrava fiel*, da *preta resignada*, da *mucama sapeca* ou ainda da *mestiça virtuosa*”¹¹¹. Perceba que na investigação da historiadora já aparece todo um projeto de *miscigenação* que compõe a construção da racialidade à brasileira, tão fundamental na produção da identidade nacional e que acaba por compor os imaginários populares domésticos.

Alvo de diferentes projetos de intervenção durante a escravidão africana nas Américas, o corpo da mulher negra foi visto como um misterioso pedaço de carne a ser dissecado. Embora sua descrição esteja presente tanto na fala de curiosos senhores e viajantes europeus quanto em ricas e detalhadas narrativas de médicos, juristas, policiais, figurando também nos anúncios de compra, venda e fuga de escravas, é a ficção do século XIX (nela incluindo romances, contos, poesias e peças teatrais) o lugar privilegiado para o estudo de uma

afetuosa da *mãe preta* – para a qual até o Gilberto Freyre dá “uma colher de chá” – e questiona quem é efetivamente a mãe quando é essa mulher que desempenha todos os cuidados das crianças. Na verdade, Lélia responde: “Ela [a mãe preta], simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra.” [sublinhado como no original]. Ver GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo..., op. cit., p. 235.

¹⁰⁸ DAVIS, Angela, Mulheres, raça e classe, op. cit., p. 18.

¹⁰⁹ STRAMPP, Kenneth M. apud Ibidem.

¹¹⁰ Ibidem.

¹¹¹ XAVIER, Giovana. Entre personagens, tipologias e rótulos da “diferença”: a mulher escrava na ficção do Rio de Janeiro no século XIX. In: XAVIER, Giovana, FARIAS, Juliana Barreto, GOMES, Flavio (org.). **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2012, p. 67.

série de imagens produzidas durante a escravidão. Ao longo dos oitocentos, suas imagens foram utilizadas por diferentes escritores como metáfora da patologia, da corrupção e do primitivismo, configurando o corpo feminino negro como doente, e, portanto, nocivo à saúde de uma nação em construção.¹¹²

O martinicano Édouard Glissant chama atenção em *Poética da Relação* (1990) para o quanto o processo da “degenerescência do ser”, sobre aquel_s em travessia oriundos dos povos africanos, já se produzir nessas primeiras etapas do processo escravocrata, nas instâncias do “terror inaugural”. Dessa forma o próprio *navio negreiro*, que o autor chama de *barca* (pelo menos na tradução portuguesa assim está), representa mais do que esse instrumento de travessia, é ele próprio lugar privilegiado de produção da figura do negro, sendo esse instrumento de travessia, portanto, matriz negreira em diferentes perspectivas, ainda que unidas pela empresa colonial.

O ventre dessa barca dissolve-te, precipita-te num não mundo onde gritas. Essa barca é uma matriz, poço-matriz. Geradora do teu brado. Produtora também de toda a unanimidade por vir. Porque se estás só nesse sofrimento, partilhas o desconhecido com alguns, que ainda não conheces. Essa barca é a tua matriz, um molde, que, no entanto, te expulsa. Grávida tanto de mortos como de vivos condenados a uma morte adiada.¹¹³

A tecnologia negreira que atravessa as discussões da historiadora Giovana Xavier não se reduz como sendo aquela produtora da unanimidade dominante de que narra Glissant – o que não quer dizer que essa tecnologia do terror inaugural tenha sido superada, pois, quando conveniente, ela pode ser acionada, e a qualquer momento, pela forças hegemônicas. Mas a tecnologia um tanto ardilosa subsequente, em torno do projeto de produção do mestiço, “cuja particularidade reside em ser um objeto escatológico, isto é, uma figura destinada a desaparecer”, e na qual se centra na profusão de diferentes tipos sociais subaltern_s racializad_s, é ferramenta sofisticada por onde se dificulta o entendimento comum de resistência aos investimentos coloniais sobre esses corpos. “Enquanto essa figura tem sido celebrada como o símbolo produtivo e unificador da brasilidade, tem efeitos materiais opostos”¹¹⁴, como

¹¹² Ibidem.

¹¹³ GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Trad.: Manuela Mendonça. Portugal: Sextante Editora, 2011, p. 18.

¹¹⁴ SILVA, Denise Ferreira da, *À brasileira: racialidade...*, op. cit., p. 61.

nos alerta a filósofa Denise Ferreira da Silva. Aliás, mecanismo fundamental de dispersão esse que se faz valer desde a instituição paranóica do latifúndio.

[...] o negro da plantação é aquele que se sociabiliza no ódio dos outros e sobretudo dos outros negros. No entanto, o que caracteriza a plantação não são somente as formas fragmentadas de submissão, a desconfiança, as intrigas, as rivalidades e os ciúmes, o jogo movediço das alianças, as táticas ambivalentes feitas de cumplicidades, esquemas de toda a espécie e feitio, as condutas de diferenciação num pano de fundo de posições reversíveis. É também o facto de o vínculo social de exploração não ser dado logo de uma vez. Vai sendo constantemente posto em causa e é incessantemente produzido e reproduzido por meio de uma violência de tipo molecular que sutura e satura a relação servil¹¹⁵.

Dentre os lugares privilegiados de construção ficcional das imagens das mulheres negras (e de toda uma população atravessada pelas racialidades colonizadas), e que se configuram não menos como espaços de produção de discurso, estão as artes visuais/plásticas, que acabam por somar com frequência com aqueles discursos de poder, inclusive com os oficiais. Nesse sentido vale resgatarmos a tela *A Redenção de Cam*, feita por Modesto Brocos em 1895, portanto realizada poucos anos após a abolição da escravatura e da proclamação da república, esses eventos históricos indissociáveis em decorrência da falência de um projeto de país. A tela, que compõe o acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro – tendo sido batizada com esse título bíblico –, foi usada por um médico político brasileiro em 1911 num congresso sobre raças¹¹⁶ em Londres para ilustrar como a população do país tinha salvação, pois, como era possível ver por meio da pintura, estava clareando, superados os anos da “instituição funestíssima que por tantos annos paralysoo o desenvolvimento da sociedade, infeccionou-lhe a atmospherá moral”¹¹⁷.

¹¹⁵ MBEMBE, Achille, *Crítica da razão negra*, op. cit., p. 41.

¹¹⁶ Para mais informações ver “O futuro era branco”, assinada pela professora Giralda Seyferth (UFRJ), na *Revista de História*. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/perspectiva/o-futuro-era-branco> Acesso em junho de 2016.

¹¹⁷ Como classifica a escravatura o político abolicionista Rui Barbosa que, em nome da “evolução histórica”, deu ordens em 1890, como ministro fazenda, para a queima dos documentos referentes ao ciclo econômico-colonial escravocrata desejando dessa forma apagar essa grande mancha na história da nação. Ver http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo_a_destruicao_dos_documentos_sobre_a_escravidao.11840.0.htm Acesso em maio de 2017.

Portanto, essa concepção de um Brasil mestiço, miscigenado, tão entranhado nos imaginários em torno de uma identidade nacional nunca foi um projeto democrático, como muitas vezes se vende, e muito menos um projeto pela diversidade. Pelo contrário. Essa típica produção racial à brasileira, essa tecnologia de poder necropolítica¹¹⁸ em torno do projeto da miscigenação acaba por engendrar “a obliteração (física e simbólica) de negros e índios”¹¹⁹ – operação essa tão distinta daquelas tecnologias de produção da racialidade anglo-saxã (tão privilegiada em termos de literatura) baseada na pureza.

Em entrevista Livia Vaz, Promotora de Justiça do Ministério Público da Bahia, nos orienta sobre esse aspecto do projeto nacional racista em torno da miscigenação, sobretudo no período pós-abolição, ao discursar sobre as medidas de reparação e políticas de ação afirmativa racial postas em pauta nas últimas décadas:

Quando nós falamos de medidas de reparação e políticas de ação afirmativa racial não é mera retórica. Nós estamos falando de um estado que promoveu a desigualdade racial por meio inclusive de sua legislação. Então o Brasil é o último país das Américas a abolir o sistema escravocrata e além disso ele se utilizou do seu aparato legislativo pra exclusão dos negros – não apenas do mercado de trabalho, mas do sistema educacional. Então nós temos a primeira constituição brasileira de 1824. Logo após um ato complementar a essa constituição proibia negros de frequentarem as escolas. Então quando nós falamos em reparação é realmente o estado que promoveu a desigualdade racial tem a obrigação de desconstruir essa realidade. [...] logo após a abolição da escravatura, que é em 88, a gente tem no Brasil uma política de embranquecimento da população baseada no racismo científico e eugenista e, inclusive, a legislação após isso, dificultando o ingresso de imigrantes africanos e asiáticos que precisavam de autorização do Congresso Nacional pra ingressar no país e ao mesmo tempo subvencionando, e inclusive custeando, a migração européia. Então o mercado de trabalho brasileiro, logo após a escravidão da escravatura, ele vai absorver a mão de obra européia e não a mão de obra dos libertos. Então se impede nesse momento a criação, a construção, de uma classe média negra nesse país. Então o que a gente tá falando realmente é de reparação. Realmente de reparação. Não adianta dizer que não existem raças humanas porque raça não é uma construção biológica. Desde 1950, pelo projeto Genoma, nós já sabemos que cientificamente raças humanas não existem. Isso é evidente. Só que isso não ilide, não afasta o racismo e a discriminação racial – que é a raça, portanto, fundada na sociologia, é uma construção sociológica. [...] Então, a questão da reparação

¹¹⁸ Ver MBEMBE, Achille. Necropolítica. *In*: Arte & Ensaios, n. 32, ISSN 2448-3338. Rio de Janeiro, dez. de 2016, p. 123-151. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/issue/view/669/showToc> Acesso em maio de 2017.

¹¹⁹ SILVA, Denise Ferreira da, À brasileira: racialidade..., op. cit., p. 61.

não é só ir pra trás na história para reconhecer o porquê estamos aqui hoje, mas é perceber se de fato hoje nós ainda temos essas vicissitudes que causam as desigualdades raciais. Nós temos. Nós temos dados muitos claros do IBGE que deixam evidente que nós temos uma pirâmide no nosso país, né? O homem branco no topo dessa pirâmide, a mulher branca, o homem negro e a mulher negra na base dessa pirâmide. Isso quando nós falamos em renda média mensal, ainda que ocupando cargos semelhantes. Então, a mulher negra nessa base não é só relativa à indicadores sociais, mas também relativo a todos os tipos de violências. A mulher negra é a maior vítima de violência doméstica-familiar, a maior vítima de violência sexual, de violência obstétrica, de mortalidade materna. Então essas vulnerabilidades sobrepostas precisam ser vistas pelo poder público pra que ele possa realmente ter a eficácia nas suas políticas públicas.¹²⁰

Apesar das particularidades da colonialidade brasileira, entendo que não nos é possível tratá-la como uma exceção, paradoxalmente, visto que estamos a discutir – além do aspecto do país ter sido a última nação a abolir em termos oficiais a escravidão, como aqui já debatido – a segunda maior população negra do mundo, atrás apenas da Nigéria, como em decorrência do fato do território brasileiro ter sido aquele responsável pelo maior sequestro de pessoas do continente africano (praticamente metade daquilo que se entende por *tráfico negreiro*) sujeitadas ao esquema da escravidão moderna¹²¹. Essa catástrofe, esse esquema do terror, que acaba por se manifestar na epidemia de mais da metade da população nacional, distribuída em toda sua diversidade, é o que nos torna o maior país negro da diáspora africana.

Contudo, quando se debruça na produção de grandes articuladores inseridos numa cena internacional que vêm no enfrentamento de bancar o processo da escravidão como sendo um marco estruturante da historiografia moderna global, as particularidades brasileiras, no geral, acabam sendo deixadas de lado. O Achille Mbembe, por exemplo, em *Crítica da razão negra*, quando escreve sobre o momento na historiografia que se começa a responder com revoltas a partir da construção de uma *linguagem para si* e de um entendimento dess_s colonizad_s african_s e afrodescendentes como grupo, parte suas discussões do grande marco que foi a independência haitiana, em 1804. Mas dessa forma deixa de lado, por exemplo, o

¹²⁰ Programa TVE Debate Cotas Raciais de novembro de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BT1tfpcIPDo> Acesso em março de 2018. [Minhas transcrições]

¹²¹ Para mais informações sobre os números da escravidão recomendo a consulta da página do projeto The Trans-Atlantic Slave Trade: <http://www.slavevoyages.org>

grande acontecimento que foi Palmares, ainda no século XVII, que, segundo Lélia Gonzalez, se configura como o primeiro estado livre de todo o continente americano, e que teve sua existência por quase um século, antes do quilombo ser liquidado pelas forças colonialistas.

Paul Gilroy, teórico inglês dos estudos da cultura, quando propõe todo um circuito de trocas transatlânticas de produção contracultural ao longo da historiografia moderna colonizante entre aqueles corpos atravessados pela colonialidade racial sob a tese de um *Atlântico Negro*, em seu livro homônimo publicado inicialmente em 1994, acaba também por deixar as possíveis contribuições em curso no território brasileiro, surpreendentemente, fora dessa rota aí. Todavia, as respostas do Gilroy quanto a essa lacuna em sua pesquisa, no prefácio à edição brasileira de 2012, valem a pena serem reproduzidas.

Falar do Brasil produz, corretamente, hesitação. Tudo o que eu normalmente quero dizer sobre a cultura, a mistura, a diáspora, a história e a socialidade trans-africana tem uma ressonância diferente quando se refere a um lugar tão próximo do epicentro da escravidão racial moderna. Os pontos críticos que recentemente dominaram as lutas políticas dos europeus negros – como forçar governos relutantes a reconhecerem o enraizamento e a mistura e como defender a diferença que eles provocam em termos de cidadania – parecem ser irrelevantes num lugar onde o prejudicial ideal de pureza tem um sentido muito mais frouxo em relação à política cultural e uma relação totalmente diferente com as idéias de raça e de identidade nacional. Reconheço que ninguém no Brasil precisa de lições de estrangeiros sobre os absurdos básicos do racismo, sobre as relações teóricas e políticas entre raça e classe, sobre as possíveis conexões entre o antirracismo político e a consolidação da democracia e da sociedade civil. [...] Na medida em que os contatos heteroculturais, interculturais e transculturais se espalham e se tornam mais desafiantes, deveria ser óbvio que a análise política conduzida a partir de dentro das fortificações dos países desenvolvidos deveria estar ouvindo com muito mais cuidado os debates brasileiros contemporâneos sobre a extensão de seu fracasso em embalar a desigualdade social e econômica e a hierarquia racial. Esta é apenas uma das várias maneiras pelas quais os argumentos críticos baseados na história do desenvolvimento brasileiro apontam para relações políticas, sociais e culturais que são parte do futuro dos países desenvolvidos. Os sentimentos de inibição que descrevi se devem à compreensão de o quanto a história brasileira tem sido marginalizada mesmo nos melhores relatos sobre a política negra centrados na América do Norte e no Caribe. Hoje, espero que a nova tendência sobre a ideia de diáspora possa ajudar a acabar com tal marginalização. No espírito do que se pode ser chamado de história “heterológica”, gostaria que considerássemos o caráter cultural e as dimensões políticas de uma narrativa emergente sobre a diáspora que possa relacionar, senão combinar e unificar, as experiências modernas das

comunidades e interesses negros em várias partes do mundo. Isto deveria ser feito de forma que soubéssemos, tanto quanto possível, o que realmente aconteceu, mas seria também uma forma de adquirir uma perspectiva mais complexa sobre a modernidade e uma compreensão mais rica, pós-antropológica, de suas culturas coloniais e pós-coloniais. O sistema de escravidão racial e seu lugar no desenvolvimento do comércio global forneceram bases fortes para a análise da escravidão, da *plantation* e de outras modernidades coloniais.¹²²

Assim sendo, me parece importante frisar que trago essas discussões das particularidades das ferramentas de controle, de governabilidade e de manutenção da máquina econômica em torno do projeto da nação brasileira, que implicam diretamente todo um aparato de produção psicotecnológica, tão caro aos campos das artes e das comunicações, não no intuito de nos isolar, mas seu justo oposto: de somar a historiografia brasileira, seus debates, seus acontecimentos, seus instrumentos, suas vicissitudes e suas resistências, às discussões do cenário global da modernidade colonizante.

A intenção aqui não deixa de passar também por chamar a atenção para o árduo trabalho que temos em curso e pela frente, em termos de produção de conteúdo, de tradução e de circulação de nossas contribuições, pois parece que apenas um clichê em torno de uma brasilidade *desse coqueiro que dá coco* que é o que circula privilegiadamente, deixando passar as complexidades que os mitos e as imagens estereotipadas pretendem esconder. Não que não tenha sua importância estudar as construções estereotipantes, absolutamente. Afinal, é nisso que esse trabalho se debruça em grande parte, pois esses processos acabam por evidenciar também, apesar das singularidades que não devem ser suprimidas, o quanto nossas histórias e narrativas se encontram no poder de circulação das ficções e seus projetos ideológicos.

Pois a degenerescência do ser em torno do enclausuramento racial, que fez d_ negr_ e da raça “figuras gêmeas do delírio que a modernidade produziu”¹²³, apresenta como um dos projetos centrais de dominação “a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o

¹²² GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Trad.: Cid Knipel Moreira. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012, p. 10-11.

¹²³ MBEMBE, Achille, *Crítica da razão negra*, op. cit., p. 11.

privilégio de serem representados em sua diversidade”, como argumenta a filósofa Sueli Carneiro. Pois para publicitários, por exemplo, bastaria “enfiar um negro no meio de uma multidão de brancos em um comercial para assegurar suposto respeito e valorização da diversidade étnica e racial e livrar-se” – daquilo que se configura como o grande temor – “de possíveis acusações de exclusão racial das minorias”¹²⁴, assunto esse, o da representatividade, que vem sacudindo outras esferas institucionais, que não só a do campo da comunicação, pois essas participações – ou suas faltas – também demarcam a violência racial das estruturas.



Onde estão os negros?
(2015)

Instalação de bandeira na fachada do Museu de Arte do Rio, MAR, na região portuária da cidade pelo grupo de arte e ativismo Frente 3 de fevereiro

Branco não. São individualidades, são múltiplos, complexos e assim devem ser representados. Isso é demarcado também no nível fenotípico em que é valorizada a diversidade da branquitude: morenos de cabelos castanhos ou pretos, loiros, ruivos, são diferentes matizes da branquitude que estão perfeitamente incluídos no interior da racialidade branca, mesmo quando apresentam alto grau de morenidade, como ocorre com alguns descendentes de espanhóis, italianos ou portugueses que, nem por isso, deixam de ser considerados ou de se sentirem brancos. A branquitude é, portanto, diversa e multicromática. No entanto, a negritude padece de toda sorte de indagações¹²⁵.

¹²⁴ CARNEIRO, Sueli. **Negros de pele clara**. In: Portal Geledés: Instituto da Mulher Negra, 2004. Disponível em <https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/> Acesso em julho de 2016.

¹²⁵ Ibidem.

Como tratou de prosseguir Sueli Carneiro, em *Negros de pele clara* (2004), atravessada pela tecnologia racial brasileira (obliterante) da miscigenação, nesse artigo que trás essa temática pictórica-epidérmica polêmica. Sem deixar de trazer aqui – portanto, sem negar – que o esquema brasileiro de organização racial-epidérmica possibilita à_s mais clar_s maiores garantias de circulação, ainda que envolto numa complexa trama relacional de poderes que desliza a todo tempo: quem é _ mais clar_ num determinado território, pode ser _ mais escur_ num outro. Assim como, _ mais escur_ numa determinada situação pode é acabar se tornando _ mais clar_ em outra. Tem quem tome ainda uma *pigmentocracia* pra discutir aí essas dinâmicas de poder racial à brasileira. Portanto, o terreno aqui não é nada liso, é acidentadíssimo.

Mas é aquilo também, né: o que não quer dizer que a tecnologia negreira, produtora de unanimidade, não venha a ser acionada quando conveniente pelos poderes hegemônicos. E tampouco que a gente não possa acionar os comuns (ou os *undercommons*¹²⁶) de nossas heterogeneidades potentes – não as sobredeterminadas e subalternizantes, mas as de afirmação de nossas pluralidades no mundo – em respostas de resistências, que é o que muitas das vezes a gente vem fazendo, como eu acredito, e não é de hoje¹²⁷. Nesse sentido, as discussões trazidas pelo negro inglês Paul Gilroy em *Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça*, publicado inicialmente em 2000, nos podem ser de grande valor dentro dessa abordagem tensionada pela Sueli Carneiro.

As diferenças raciais foram descobertas e confirmadas em amostras fragmentadas de características físicas. A combinação de fenótipos escolhidos para identificar uma “raça” gerou com tamanha intensidade as categorias raciais escolhidas que o pensamento anti-raciológico logo se apercebeu que os critérios específicos variavam no interior dos grupos selecionados, assim como entre eles. Minha preocupação aqui não é com a história bem conhecida daquelas tentativas fadadas ao fracasso de se produzir categorias raciais coerentes por meio da escolha de combinações representativas de certos fenótipos: lábios, mandíbulas, textura dos cabelos, cor dos olhos, e assim por diante. É bem mais interessante perceber que essa atividade de produção da

¹²⁶ Ver HARNEY, Stefano & MOTEN Fred. **The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study**. Nova Iorque: Minor Composition, 2013.

¹²⁷ Nesse sentido o entendimento oferecido pela Patricia Hill Collins, a respeito das mulheres negras (estadunidenses), pode se configurar como uma importante ferramenta também quando se analisa a comunidade negra como um todo. Segundo sua proposição as mulheres negras devem ser encaradas como **uma coletividade heterogênea**, formulação essa bem distante de um suposto *essentialismo* apontado recorrentemente por críticas. Ver HILL COLLINS, Patricia, Rasgos distintivos del pensamiento..., op. cit., p. 113.

“raça” exigiu uma síntese do logos com o ícone, da racionalidade científica formal com algo mais – algo visual e estético em ambos os sentidos desta palavra escorregadia. Eles resultaram conjuntamente numa relação específica com o corpo e num modo de observação do corpo.¹²⁸

Esse campo de discussão aqui é tão ardiloso – e é aí também que reside seu potencial destrutivo – que, por fim, talvez a gente tenha que reconhecer que a raça não se finda, mas que é essa modalidade de poder epidérmico esgarçável, dinâmica, altamente adaptável ou *plástica*, como sugere o teórico da cultura cubano – além de grande expoente da luta antirracista global –, Carlos Moore, ao defender que raça é “a dinâmica de opressão mais plástica que a humanidade já desenvolveu.”¹²⁹

Pois, afinal de contas, para um começo de conversa, como sugere o camaronês Mbembe, “o negro não existe, no entanto, enquanto tal. É constantemente produzido.” E essa produção d_ negr_ passa por “produzir um vínculo social de submissão e um *corpo de exploração*¹³⁰, isto é, um corpo inteiramente exposto à vontade de um senhor”, pelo qual se esforça, “para obter o máximo de rendimento”.¹³¹

Daí a gente entende bem a desenvoltura dos territórios ficcionais nesse projeto aí, né? E a gente entende bem também onde nos dói quando a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), referência importante nas manifestações artísticas do país há mais de 40 anos – esse território público praticamente empossado pela alta elite carioca (igualmente frequentadora de espaços como Oi Casa Grande) – informa em sua página seu grande êxito logo após um ano de inauguração: que, ao lado do MAM, a EAV “já era considerada uma grande usina cultural”¹³². Fora que a ex-diretora do

¹²⁸ GILROY, Paul. **Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça**. Trad.: Célia Maria Marinho de Azevedo et al. São Paulo: Annablume, 2007, p. 57.

¹²⁹ MOORE, Carlos. **Moore: mira do racismo letal aponta também para pessoas públicas negras**. Entrevista concedida à Maria Carolina Trevisan, 2018. Disponível em <https://mariacarolinatrevisan.blogosfera.uol.com.br/2018/03/29/novo-racismo-letal-mira-autoridades-negras-diz-escritor-carlos-moore/>. Acessado em março de 2018.

¹³⁰ Em sua pesquisa sobre as trabalhadoras domésticas na corte imperial do Rio de Janeiro nos oitocentos a historiadora Flavia Fernandes de Souza parece exemplificar o que discute Mbembe quanto à produção de um corpo de exploração: “Muitas das mulheres que se ocupavam no serviço doméstico trabalhavam desde a infância até a terceira idade. No caso das trabalhadoras escravizadas, esse fenômeno se associava às práticas escravistas de exploração da força de trabalho de menores de idade e de idosos, mesmo porque, em conformidade às exigências da ordem econômica e social escravocrata, os cativos não poderiam ser ‘cargas inúteis’ para seus senhores.” Ver: SOUZA, Flavia Fernandes de. *Escravas do lar: as mulheres negras...*, op. cit., p. 248.

¹³¹ MBEMBE, Achille, *Crítica da razão negra*, op. cit., p. 40.

¹³² Disponível em <http://eavparquelage.rj.gov.br/a-escola/>. Acesso em dezembro de 2017.

Parque Lage, uma figura de circulação internacional, numa fala em espaço público cultural da municipalidade, em 2016, na mesa intitulada *Museu é o mundo. O mito da instituição*, da qual fui testemunha e vítima, dá sua contribuição ao evento afirmando que “democratização da Arte é um sofisma”.

E se nos voltamos para a contribuição de artistas negr_s na história das Artes Visuais Brasileiras¹³³ se faz urgente questionarmos que história essa história da Arte quer contar e que história ela pretende esconder, pois, para além do fato da presença da mulher negra se fazer pela ausência – apenas hoje a gente vê surgir alguns nomes com um reconhecimento consolidado na cena, como os da Sônia Gomes e da Rosana Paulino, para elencar as mais velhas – os artistas que tão mais próximos de um reconhecimento como os grandes ícones negros na história dessa Arte são *um aleijado* e *um louco*: Antônio Franciso Lisboa (o Aleijadinho) e Arthur Bispo do Rosário. Quer esquema mais delirante que esse?

¹³³ O que motivou a realização do evento Afroresistências: Estética Negra e Novas Narrativas na Escola de Belas Artes (EBA) da UFRJ organizado pel_s estudantes da instituição atravessad_s pelas racialidades colonizadas em 2016, sob ocasião dos 200 anos de fundação da Escola, evento esse que tive a honra de participar. Ver <http://afroresistencias.wixsite.com/afroresistencias>



Millena Lízia

19 de fevereiro às 20:04 · 🌐



Você será dissecado:

Aleijadinho foi descrito por Bretas nos seguintes termos:

"Era pardo-escuro, tinha voz forte, a fala arrebatada, e o gênio agastado: a estatura era baixa, o corpo cheio e mal configurado, o rosto e a cabeça redondos, e testa volumosa, o cabelo preto e anelado, o da barba cerrado e basto, a testa larga, o nariz regular e algum tanto pontiagudo, os beiços grossos, as orelhas grandes, e o pescoço curto".



Curtir



Comentar



Compartilhar



Cassy Jones, Jota Mombaça e outras 8 pessoas



Ana Maria Reis Quem é / foi Bretas?

Curtir · Responder · 1 d



Millena Lízia um escritor do final do século XIX que escreveu a biografia de Antônio Francisco Lisboa. Acho meio complicado ele ser conhecido como Aleijadinho...

Curtir · Responder · 1 d



3



Millena Lízia Rodrigo José Ferreira Bretas, o nome do biógrafo

Curtir · Responder · 1 d



1

↳ Ver mais respostas



Escreva uma resposta...



Fernan Do Porto Os biógrafos assim como os historiadores de arte, muitos deles lecionando na faculdade e omitindo o fato de Antonio ser o artista negro mais importante da arte brasileira. Símbolo do Barroco Brasileiro tratado como mero pedreiro de igrejas portuguesas. (Sem destratar a profissão da construção civil) Mas nas instituições deveríamos estudar a obra de Aleijadinho, Como arte Brasileira e Negra. No entanto omitem esse ponto e ele foi mais um artista negro suicidado pela sociedade de sua época.

Curtir · Responder · 1 d



5

↳ Millena Lízia respondeu · 12 Respostas



Cassy Jones Mana eu tava pensando sobre isso um dia desses lendo um desses manuais de história da arte. Não sei se consigo formular bem, mas penso que muitos celebram o nascimento da academia de belas artes, missão francesa e bla bla bla nos livros de história da arte, sendo que isso é o andamento da caravela colonial acadêmica, superando a arte colonial anterior em que Antônio Francisco Lisboa aparecia como seu ápice mas também a grande contradição.

Curtir · Responder · 1 d



2



Millena Lízia Maravilha, Cassy Jones! Boto fé nessa abordagem! Ao mesmo tempo que o caso do Antônio é emblemático no sentido de fundar a sujeição epidêmica das artes visuais brasileiras ele tá acionando a história de sujeição dos corpos diaspóricos. Sabe aquela passagem em Fanon de que o negro é um aleijado de guerra? – pois tá aí! Segundo os indícios, Antônio era filho de um português branco e uma mulher negra da colônia, nasceu escravizado, morreu aleijado e assim permanece até hoje pela história oficial. Duro demais! Faz 130 anos de abolição do sistema necroeconômico da escravidão. Como a gente responde isso hoje dentro das artes? Lancei isso pra Aline Besouro também por esses dias. Tamu aí, por enquanto. Bora fazer barulho porque vão nos calar, mais uma vez.

Curtir · Responder · 1 d



3

↳ Millena Lízia respondeu · 3 Respostas



Millena Lízia "os olhares brancos, os únicos verdadeiros, me dissecam. Estou fixado." (Fanon, 1952)

Curtir · Responder · 1 d



2



Escreva um comentário...



Partindo de onde o jogo se faz institucionalmente, e desse pano de fundo das modalidades plásticas (raciais, inclusive) e de seus destacados atores, entendo que a gente pode inserir nas nossas discussões que raça, se não for a maior, está entre as maiores produções das artes da modernidade, e até hoje. Portanto, é menos nas lutas engajadas por liberações e transformações, como se poderia supor, que se estruturam esses campos de criação e produção de sentido, pois se debruçar sobre os estudos das artes, do que se entende hegemonicamente como tal, é se debruçar, invariavelmente, sobre um mecanismo de repressão, de extrativismo, braço que compõe as estruturas da colonialidade moderna, cujas mudanças ao longo de décadas – que chegaram a passar por toda uma profusão de *ismos* – não passaram de meros reformismos. Ou não te chama atenção o fato de apenas **2,5% d_s artistas do BRASIL** hoje com representação nas galerias com circulação internacional serem negr_s?¹³⁴ Ou o fato de nenhuma artista negra ser representada em galeria do Rio?¹³⁵ Se não for o esquema epidérmico da modernidade colonizante, o que explicaria isso? Fora que a gente não tá analisando a participação negra na curadoria, na crítica, na gestão, etc, territórios ainda mais excludentes. Sim, é possível ser mais excludente que isso. E daí a gente conclui que o cubo branco se constrói, historicamente, menos sob bases minimalistas.

Nesse sentido, para além de uma pureza visual, vale deslocar mais especificamente as discussões sobre os objetos de arte pra cá, tensionando as leituras possíveis sobre que noções abarcam esses objetos da modernidade¹³⁶ colonizante e que forças de composição os atravessam.

[...] a arte moderna é fundada, exatamente, a partir da possibilidade do encontro de objetos que se pretendem pura e completamente visíveis com um campo enunciativo que, adequadamente, posiciona-se junto destes objetos, atravessando-os. É possível precisar já aí, no momento inaugural do processo moderno de fazer arte, um agenciamento particular entre imagem e linguagem, entre o visível e o enunciável. Lembrando que tanto um como o outro dos modos de produção de sentido configuram-se como entidades autônomas, dotadas de estrutura e materialidade próprios, enquanto campos de ação constituídos por estratégias e práticas diferenciadas – será a maneira particular

¹³⁴ Disponível em <https://www.select.art.br/o-cubo-e-branco/> Acesso em julho de 2017.

¹³⁵ A produção de *As Carimbeiras* partiu dessa constatação. Ver pág. 145 da sessão 1.1.1 PARÊNTESES do **Capítulo 1** Fundação.

¹³⁶ As discussões que proponho tensionam as relações de poder nos territórios ficcionais da modernidade como um todo, em suas diferentes manifestações, incluindo as das Artes Modernas e Contemporâneas, mas não só. Ainda que, eventualmente, as considerações venham se debruçar mais diretamente sobre esses campos.

de produzir tal agenciamento, o atrito e fricção surgidos do contato entre os dois campos, que tornará possível afirmar a existência de um território próprio das artes plásticas. A arte moderna se identificará, então, como um território híbrido, no qual se entrelaçam-se objetos e significados.¹³⁷

E essa operação de *agenciamento entre o visível e o enunciável* da arte moderna sobre os objetos já não se assemelharia com a *síntese do logos com o ícone* de que trata o Gilroy sobre a atividade de produção da “raça” que cai sobre corpos? O professor da Sorbonne Jean Laude, atuante nos campos da etnologia, crítica e história da arte, ao discutir as relações entre a pintura francesa e “*l’art nègre*”, que aparece entre aspas no título de sua publicação, de 1968, destaca que “não foi a arte negra que os artistas modernos descobriram no início do século; foi provavelmente a arte moderna que se descobriu ao descobrir a arte negra.”¹³⁸ Enquanto o que nos aponta Gilroy foi que a partir de *amostras fragmentadas de características físicas que se descobre as diferenças raciais* – ou podíamos adotar aqui, ao invés de descobrir, o produzir, o inventar. Em certa medida, diante das evidências, abrindo mão da prudência – pois é também o risco que me atravessa – e lembrando aqui do “por favor, não nos descubra” de Coco Fusco y Gómez-Peña em Madrid, tendo a questionar se a produção da raça não é o que funda a arte moderna. No mínimo me parece que devemos admitir uma zona de contato e de relação muito estreita entre elas.



Whitenography (2017)
Michelle Mattiuzzi
Arquivo: web

¹³⁷ BASBAUM, Ricardo. **Além da pureza visual**. 2ª Ed. Porto Alegre: Zouk, 2016, p. 31.

¹³⁸ LAUDE, Jean apud FIGEIREDO, Eurídice. **Caribe francófono e África: Interseções**. In: Revista Brasileira do Caribe, vol. XVI, nº 30. São Luís: jan-jun 2015, p. 177.

Recordo de um dia específico em uma das disciplinas da pós, cuja ementa voltava-se para o campo da imagem, em que o debate em torno da racialidade ganhou um certo corpo nas discussões através das intervenções dos estudantes. Dentre as intervenções, parece que as que ofereci causaram certo desconforto, pois uma das professoras, que havia se despedido mais cedo naquela ocasião, acabou por retornar pra me passar a seguinte recomendação: “não confunda identidade com imagem.” E depois disso tratou de ir embora, simplesmente – ela que já aconselhara uma colega negra (também atuante do campo das artes e da educação) pra *que fosse ler, pois nosso debate tava raso*, numa postagem no Facebook que discutia as brutalidades da colonialidade brasileira. Minha resposta veio em forma do artigo final da disciplina cujo título foi: *Racismo como uma questão de imagem*. Apesar de ter classificado meu cabelo como *pixaim*, num outro episódio em sala em que eu apresentava uma proposição, nunca cheguei a receber as considerações dessa professora branca sobre minha escrita, enquanto que a recomendação de seu colega foi a de publicação desse conteúdo. Entretanto, me parece que é ela que deveria se voltar pra esse campo, do qual se intitula como historiadora, pra avaliar o quanto ele tratou de embaralhar os territórios de produção de imagem e de produção identidade, em que ela mesma já desempenha com tanta desenvoltura esse agenciamento aí. Mas tô segura que seus esforços se voltam unicamente para afirmação de seu poder, ela que adora *um artista com uma maldade*, como chegou a proferir em sala de aula.

Depois dizem por aí que somos gratuitamente agressivas, que a gente gosta de falar; eventualmente, o que ouço é que sou insuportável, isso quando não me atribuem como *a mulata gostosa da academia...* Contudo, a solução encontrada agora não virá dos *laboratórios mais sérios do mundo, que enxaguaram suas provetas, ajustaram suas balanças e iniciaram pesquisas no intuito de produzir um soro pra desempretecê e nos afastar, assim, de nossa maldição corporal*¹³⁹, como sugere Fanon. A nova promessa agora, digna de se encher de esperanças civilizatórias, passa pelos esforços do poder público de nos oferecer o MEL, o Museu da Escravidão e da Liberdade que “deve surgir para adoçar nossa história desse amargor que somos obrigados a levar como se fosse um pecado original a macular toda e qualquer

¹³⁹ Ver FANON, Frantz, *Pele negra, máscaras brancas*, op. cit., p. 104-105.

tentativa de alcançar o marco civilizatório da igualdade, fraternidade e legalidade”¹⁴⁰, segundo propõe o desembargador Siro Darlan em sua matéria para o ex-finado Jornal do Brasil.

Depois disso...

Veja bem: não que eu não defenda um espaço memorial da diáspora africana no Rio de Janeiro, pois um espaço com essa abordagem me parece fundamental e tem que entrar nas nossas pautas, mas a proposta exige mais respeito do que tão se dispendo.

Mas depois disso, me parece que a única coisa minimamente digna que eu possa fazer aqui é trazer a pergunta que dá título à longa epígrafe adotada por Lélia Gonzalez em *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*:

– *Cumé que a gente fica?*¹⁴¹

E, francamente, cumé que a gente vai negociar nossas pautas com quem acha que vai salvar as instituições dando *likes*, como a onda que se deu a partir do episódio de censura do *Queermuseu* no Santander Cultural ano passado? Ou como negociar com aqueles figurões das artes visuais que equiparam como marcos o impedimento no MAM da entrada dos passistas da Mangueira, de pretos e pobres, na obra do Hélio Oiticica com o urinol do Duchamp, como se deu em evento artístico-acadêmico na cidade? Haja fonte de maldade. Portanto, se não explodirmos essas instituições, e revisarmos seriamente as narrativas, as distribuições dos papéis e seus poderes nelas operados, são essas instituições que vão nos explodir. Ou, melhor, vão continuar nos explodindo. Pois toda vez que penso na pauta da reparação, e nesse termo adotado, me pergunto se essa nomeação não se dá pela nossa condição fraturada.

Dessa forma, as dinâmicas de exploração entre *o senhor* (branco) e *o escravo* (negro), de que trata Mbembe (e que atravessam os pensamentos de demais autor_s, como a Grada Kilomba, e que estruturam em grande medida as discussões de Fanon) – quando o camaronês argumenta que o negro não existe enquanto tal, mas é produzido –, se fazem como paradigmas relacionais que se perpetuam e se atualizam em nossos

¹⁴⁰ **Museu da escravidão e da liberdade.** Matéria assinada por Siro Darlan de Oliveira, 2017. Disponível em <http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2017/09/04/museu-da-escravidao-e-da-liberdade/> Acesso em fevereiro de 2018.

¹⁴¹ GONZALEZ, Lélia. *Racismo e Sexismo...*, op. cit., p. 223.

tempos em espaços de poder hegemônicos onde os corpos atravessados pelas colonialidades raciais permanecem, invariavelmente, em estruturas subalternizantes ou sob tensão do risco de subalternização – isso quando não tomam um_ únic_ representante e _ fazem como _ únic_ pret_ do rolê pra se livrarem de possíveis acusações de exclusão racial das minorias, atitude essa que não deixa de compor a máquina negreira implicada no desgaste da vida e na produção da unanimidade homogeneizante, flexões essas da produção de morte.

Quanto aos modos de representação da experiência colonial propriamente dita, vão desde a comemoração activa ao esquecimento, passando pela nostalgia, pela ficção, pelo recalçamento, pela amnésia e pela reapropriação, até diversas formas de instrumentalização do passado nas lutas sociais em curso. [...] defendo que a memória, tal como a recordação, a nostalgia ou o esquecimento, se constrói antes de tudo por imagens psíquicas entrelaçadas. É sob esta forma que ela surge no campo da representação. [...] Em larga medida, a raça é uma moeda icónica. Aparece em torno do comércio dos olhares. É uma moeda cuja função é converter o que se vê (ou aquilo que se prefere não ver) em gêneros ou em símbolos integrados numa economia geral de signos e de imagens que trocamos, que circulam, às quais atribuímos valor, e que autorizam uma série de juízos e de atitudes práticas. Podemos dizer que a raça é simultaneamente imagem, corpo e espelho enigmático dentro de uma economia de sombras, na qual é normal fazer da própria vida uma realidade espectral¹⁴².

Imagens psíquicas e imagens dos campos da representação e de produção de sentido, portanto, se entrelaçam. E tratando diretamente dos aparatos ficcionais sobre a produção das mulheres negras – que muitas das vezes se fazem por ausência, como vimos –, como se deparar com a produção *da imagem, do corpo e desse espelho (social), dentro de uma economia de sombras*, entorno da figura da *Aunt Jemima*, por exemplo, trazida nas discussões da Angela Davis, sem lembrar da tão afetuosa personagem Tia Nastácia do Sítio do Picapau Amarelo, escrito por Monteiro Lobato (essa importante personalidade brasileira em termos de literatura e política) na primeira metade do século XX, cujas *aventuras* foram propagadas ainda através de adaptações populares pra dramaturgia televisiva e animações nas últimas décadas?

Impressiona também como o Monteiro Lobato – carrasco daquilo que se reconhece como a primeira geração de modernistas, ao rasgar com uma crítica contundente o

¹⁴² Ibidem, 179-191.

trabalho da artista Anita Malfatti – continua marcando presença ainda hoje em capa de periódico nas bancas de jornais. Talvez aí a gente se dê conta do quanto as dinâmicas diaspóricas são mais próximas do que podíamos imaginar.



Capa da revista Bravo!
de maio de 2011.
Arquivo: web.

Vide as pichações com a inscrição “KKK” no prédio do teatro da UNIRIO agora mesmo, no ano passado, por onde também passou a resposta bem dada em forma de poesia do ator e estudante João Pedro Zabeti, eu vomitaria o seguinte: “*o sempre atual Lobato...*” – dessas expressões utilizadas pra enaltecer determinadas personalidades canonizadas cujos corpos são hegemônicos, mas que na real nos demandam atenção redobrada por fazerem valer seus poderes por vias escusas, disfarçadas de militância política, de ativismo, de falsas benevolências e salvação intelectual. E, se o texto atual, nas paredes da universidade, esse espaço que se constrói como reduto do *saber humano*, se apresentava como uma gargalhada – dessas típicas das linguagens abreviadas e onomatopéicas dos *chats* –, se fez única e exclusivamente como uma ruidosa gargalhada sádica.

Assim como a Tia Nastácia, quando se trata da produção da imagem das mulheres negras nas dramaturgias nacionais, sobretudo nas telenovelas, com grande alcance popular, se faz necessário reconhecer a pujante sobrerepresentação – da qual

nenhuma urgência redundante dá conta – dessas mulheres como as trabalhadoras domésticas nas tramas – se afinando, assim, com a tese da Davis sobre a responsabilidade dos meios ficcionais na produção da mulher negra como *a empregada*, ainda que em outro território do continente americano e quando ela se volta mais especificamente sobre a produção da imagem das mulheres negras sob jugo da escravidão no território estadunidense.

E quando se debruça na investigação desse assunto por aqui, a pesquisa *A Negação do Brasil – O Negro na Telenovela Brasileira*, do Joel Zito Araújo, que se inicia como doutorado e se desdobra em livro e em filme documentário a partir da análise de 174 novelas produzidas entre 1964 e 1997, contando com o testemunho direto de atores de diferentes gerações, se configura como importante fonte de referência pra esse debate. Nela Joel Zito acaba por concluir que “quando a novela não é temática sobre escravidão, em que o negro obviamente faz papel de escravo, ele interpreta empregados, motoristas, porteiros”¹⁴³, portanto, sempre figuras ligadas ao trabalho, ao serviço. Mas o autor trata também de revelar os efeitos devastadores dessas psicotecnologias dramatúrgicas, marcantes na segunda metade do século XX, em sua experiência vivida e de seus semelhantes:

Percebi que as novelas provocaram em mim o desejo de ser branco e uma certa tendência de negar minha origem negra, e é isso o que ocorre com todos da raça negra. As novelas, que têm enorme importância em nossa cultura, podem ter tido um impacto forte (e negativo) na identidade dos negros, já que têm pacto com a ideologia do "branqueamento" e com o mito da democracia racial.¹⁴⁴

¹⁴³ Ver “**A Negação do Brasil**” discute a participação dos negros na TV. Matéria assinada pela Laura Mattos, 2000. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u7192.shtml> Acesso em setembro de 2015.

¹⁴⁴ *Ibidem*.

White Face (and Blonde Hair)
(2012)

Performance na rua Oscar Freire, SP
Renata Felinto

Segundo depoimento da artista em seu blog: “Quando criança, me recordo de uma conversa com minha irmã, nem sei se ela se recorda, lembro que eu disse que na “outra vida, ela seria loira e eu ruiva”, acreditávamos na mágica de retornarmos com o direito de sermos meninas brancas com sardas e cabelos compridos, a maneira das meninas que observávamos nas propagandas. Me lembro também de que as únicas referências de negras bonitas que tínhamos era uma modelo que havia saído em uma das excelentes propagandas da Benetton, grife italiana que desapareceu, não sei os motivos, e a capa do primeiro álbum da falecida Whitney Houston, onde ela aparecia vestida como uma pseudo-grega e com cabelos presos para trás.”¹⁴⁵



Mas tomando aí o recorte temporal da pesquisa do Joel Zito, que se encerra em 1997, a gente pode supor que com a virada do século, e com as pressões sociais cobrando diversidade nas representações e, ainda, um alargamento aí do espectro pictórico do elenco, que a subalternização e as narrativas únicas entorno d_s personagens negr_s em novelas tenham ficados pra trás, certo? Então tente adivinhar qual o papel da personagem da novela *Malhação*, voltada para um público jovem, anunciada pela TV Globo – talvez aí numa tentativa heróica de reparação social –, de sua primeira protagonista negra após 21 anos no ar? Trato de reduzir minha resposta dizendo que não foi o clássico papel da patricinha-zona-sul. Porque, né, melhor acreditar em Papai Noel do que numa preta-patricinha-zona-sul na dramaturgia brasileira, como amplamente são representadas as jovens brancas na novela, enquanto as personagens escuras são as marginalizadas.¹⁴⁶ Isso quando as estratégias racistas de invisibilização,

¹⁴⁵ FELINTO, Renata. “**Também quero ser sexy!**”. In: Renata Felinto: Sobre Arte e Coisas da Arte (blog), 2013. Disponível em <http://renatafelinto-coisasdaarte.blogspot.com.br/> Acesso em agosto de 2016.

¹⁴⁶ Ver **Primeira protagonista negra de Malhação será faxineira e Globo é criticada**, 2016. Disponível em <http://www.correio24horas.com.br/single-entretenimento/noticia/primeira-protagonista-negra-de-malhacao-sera-faxineira-e-globo-e-criticada/?cHash=62038fe98bdcd3e4412dad4eb1404785> Acesso em agosto de 2016.

de supressão e de negação da teledramaturgia brasileira não passam por aquelas de produções de ausências capazes de formular aberrações como um Antigo Egito e um sertão nordestino brancos, como as atuais novelas da Rede Record e da TV Globo. E, ainda bem que a Bahia se garante em outras frentes, pois nem mesmo ela se salvou do *whitewashing* da indústria higienista do entretenimento.

O que nos dá um certo alento é o fato dessas violências não passarem mais batidas nos tempos atuais, pois as repostas, as críticas, chegam mais rápido agora e de qualquer canto com a web 2.0 – que, dentre os feitos, fez eclodir as práticas da *escrita de si*, tão caras à emancipação discursiva das dissidências – que chegam a imprimir novas pautas e nov_s atores, tanto na trama televisa (e de outros espaços ficcionais) quanto na da vida. Se faz importante alertar (apesar de todos os problemas e esquemas escusos) pra condição privilegiada de produção ficcional, e de toda uma diversidade de realização e circulação de conteúdos na internet e seu potencial popular que vem embaralhando contundentemente as produções, as recepções, as hegemonias, os protagonismos, as trocas e, mesmo, os antagonismos. Pra muita gente, e me incluo nessa multidão, é esse o espaço de publicação, de exposição, de fruição e de visibilização como um todo.

Pois, com esse recurso, aparentemente, tornou-se mais próxima a possibilidade de qualquer um_ ser um_ produtor_, não que ele não tenha uma dinâmica própria de fazer valer os poderes hegemônicos e suas lógicas de organização, pois na trama das redes neoliberais colonizantes são as complexidades que também se acentuam. E tampouco significa que as violências delirantes, em tempos de pós-verdade e fake news, tenham deixado de serem produzidas. Às vezes o que mais surpreende é a engenharia dispensada pra que as narrativas subalternizadas, marginalizantes, continuem a se propagar, ainda que de modo distinto ou até bem peculiar, enquanto seria mais simples e eficiente apostar nas pautas por diversidade que vêm sendo demandadas. Mas aí a gente não pode esquecer o quanto o terreno ficcional sempre se fez como uma arma estruturante de manutenção e produção dos status quo da modernidade colonizante, pois “o poder opera por ficções, que não apenas textuais, mas estão materialmente engajadas na produção do mundo”¹⁴⁷, como nos alerta a

¹⁴⁷ MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. Publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo em ocasião da **32a Bienal de São Paulo-**

ensaísta, performer e bicha nordestina não binária¹⁴⁸ Jota Mombaça, figura importante das redes – e para além delas –, e como a gente vem apoiando nossa discussão com demais autor_s.

Não cheguei a acompanhar pessoalmente, mas através do compartilhamento da jovem feminista negra Stephanie Ribeiro – que vem ganhando espaço como um dos grandes nomes do feminismo atual, sobretudo através de sua atuação nas redes, mas que já lhe rende espaço de publicação em veículos tradicionais – acabei por entrar em contato com uma fabulação tão bizarramente mirabolante que eu não conseguiria reproduzir aqui, senão pelas próprias palavras da Stephanie:

Uma das novelas da Globo ta chamando alguns negros para o elenco. Fui ver a história e: A história é de uma família que ficou congelada em 1886 e volta para 2018. Detalhe a família foi congelada com os "agregados" e isso inclui ESCRAVOS. Sendo assim deram um jeito de por escravos em 2018. Não me surpreende que os negros sendo chamados para o elenco sejam os escravizados.¹⁴⁹

Mas essa predileção da representação da mulher negra como parte do corpo de *agregad_s* da trama, daquel_s que são *quase da família*, como a *doméstica*, não se restringe a esse campo mais popular da indústria cultural da informação e do entretenimento. O campo marcadamente mais exclusivista (porque excludente) e pretensiosamente mais intelectual das artes visuais tem sua desenvoltura nesse agenciamento. Assim, não foram apenas _s artistas europeus do começo do século XX que forjaram seus movimentos estéticos a partir da relação com a colonialidade racial, apesar de serem os prováveis responsáveis por inaugurar esse extrativismo. Mas por trás do olhar de toda uma geração em busca de “revelar”, de “descobrir”, uma identidade nacional – fazendo uso recorrentemente da ferramenta obliteradora da estereotipação, com todo um aparato que passava pelo exotismo, pela docilidade, pelo primitivismo e, mesmo, pela festividade do povo colonizado dessa terra – há uma relação sobre fortes bases escravocratas que costura a fundação do modernismo brasileiro.

Incerteza Viva, 2016. Disponível em https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuic__a__o_da_vi

¹⁴⁸ Como a própria Jota assina seu texto.

¹⁴⁹ Ver publicação em perfil do Facebook disponível em <https://www.facebook.com/stephanie.ribeiro.93/posts/1642100669216753> Acesso em março de 2018.

A pintura que se configura como a precursora do Movimento Antropofágico, *A Negra*, de 1923, da Tarsila do Amaral (1886-1973), realizada durante sua temporada em Paris – quando pôde estudar com Fernand Léger, um dos mais reconhecidos cubistas – já desde a nomeação do quadro o que acaba por revelar, na trama da fatura e da fratura epidérmica-pictórica, é a máquina negreira produtora de unanimidade, supressora de singularidade e de vida.

Enquanto a crítica de arte internacional toma um caminho conciliatório em relação à construção da tela (e sua síntese entre o visível, o sensível, o enunciável e o relacionável) – por onde foram capazes de produzir argumentos que apontariam para um reconhecimento da artista para a riqueza e a diversidade de seu país de origem, e, mesmo, para um posicionamento político, racial e emancipatório¹⁵⁰ – isso quando a formulação¹⁵¹ não passou por inserir a pintura nas discussões de um Atlântico Negro, partindo, surpreendentemente, da tese de trocas culturais transatlânticas entre africanos e afrodescendentes proposta pelo Paul Gilroy para analisar a obra, que hoje está exposta no MoMA em Nova Iorque, na mostra *Tarsila do Amaral: Inventing Modern Art*, da artista que, segundo seu depoimento: *desejou ser a pintora de seu país, que se disse muito grata por ter passado toda sua infância na fazenda de plantação de café da família, o que lhe rendeu preciosas memórias*¹⁵², a crítica nacional chega a lançar apontamentos para as possíveis contradições da tela, “cuja monumentalidade é tão crítica quanto afetiva, além de laudatória”¹⁵³, como alerta o Roberto Conduru no capítulo voltado para as *representações da negritude*, em seu livro *Arte Afro-Brasileira*. E o autor, ainda que brevemente, chega a sugerir por onde transitariam essas contradições entre a fatura da pintura e a fratura do desejo colonial:

Com a dissociação entre fundo abstrato decorativo e figura simbólica, e com a articulação de signos ambíguos que se referem a membros corpóreos em função da posição que ocupam, as explícitas manipulações sociais, afetivas e sexuais impingidas às mulheres negras¹⁵⁴.

¹⁵⁰ Disponível em <https://www.moma.org/audio/playlist/48/733v> Acesso em abril de 2018.

¹⁵¹ Ver: BARSON, Tanya. Introdução: Modernismo e o Atlântico Negro. In: BARTOLOMEU, Cezar e TAVORA, Maria Luisa (org). *Arte & Ensaio* n. 29. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/Escola de Belas Artes, UFRJ, junho 2015, p. 136-137.

¹⁵² Disponível em <https://www.moma.org/artists/49158> Acesso em abril de 2018.

¹⁵³ CONDURU, Roberto. *Arte Afro-Brasileira*. Belo Horizonte: C/Arte, 2007, p. 59.

¹⁵⁴ *Ibidem*.

Mas a produção nacional, ao mesmo tempo, foi capaz de articular um conteúdo sobre *A Negra* que me fez pensar seriamente se aquela literatura de crítica de arte não seria um misto de etnografia, anúncio publicitário escravocrata, folhetim nacional-positivista parnasiano, ideologia da feminilidade (cristã à brasileira) e medicina legal, isso em 1996, não foi lá no século XIX não.

Destarte, o desentrosamento figura/fundo adquire potência descritiva, trazendo à tona contrastes locais pouco habituais à pintura brasileira, os quais recebem uma figuração realista e não menos pós-cubista. É nesse contexto que precisamos compreender o processo de simplificação da figura da negra, cujo volume domina integralmente a tela e submete os demais detalhes físicos (o amendoado dos olhos, o formato ovoidal da cabeça e a intumescência genital dos beijos) à mesma tônica geométrica. [...] O jogo dos membros e das partes do corpo possui a objetualidade da figuração moderna, embora se manifeste como a beleza natural de um minério polido pelo tempo — uma espécie de talismã mágico e sexual. Ainda que a composição tenda, pelas proporções agigantadas da figura, à abstração, Tarsila acentua, em prejuízo do "fato pictural" em si, a força mítica e simbólica dela que, como no poema baudelairiano, deixa "parcourir à loisir ses magnifiques formes". A negra se alça a símbolo porque em sua magnífica nudez é só exterioridade, sem denotar sentimentos próprios e traços individualizadores. Sua tristeza associa lassidão e languidez da prostração sexual às sevícias da escravidão, imagem impressionante e ousada da disponibilidade sexual feminina segundo uma mulher avançada para seu tempo. Funciona portanto em muitos níveis de representação: A negra é uma alegoria (cristã?) da maternidade e (afro-brasileira) da terra, um totem pagão cuja poesia emana da estranheza em face do Outro primitivo e latente, mas é também alegoria nacional, cartaz publicitário, artigo de exportação, cromo patriarcal, mãe ancestral, "contraste de formas", fetiche sexual, manifesto modernista. A figura da negra é tratada como uma maternidade ou uma divindade da nacionalidade ou do povo, cuja figuração modernista tem aí função de alegoria neoclássica. Ademais, seu primitivismo não se calca no valor emocional da fatura, agredindo, como nos expressionistas, a sensibilidade moderna empobrecida; se o primitivo alude à vida brasileira, por outro lado refere-se igualmente à existência contemporânea desse primitivo, tangível tanto pelo modelado meio art déco da figura quanto pela retomada "neoclássica" da maternidade (o seio gravitacional reforça a ligação com a terra). Outra surpresa é o gosto flagrante pelo modelado da negra, de tal maneira que a ilusão de volume propõe uma relação tátil com o mundo representado — o jogo de lustro e sombra, ressaltado pela iluminação da pele, é outro fator da elegância publicitária da fatura. A figura hierática e monumental da negra remete à vida e às tradições populares, à margem da modernização, as quais, mesmo com sua aura nacionalista e patriarcal, ainda não pertenciam à órbita oficial da cultura e eram até então realidades recalcadas. O contrário da voga neoclássica que, buscando a continuidade da herança greco-latina ou da iconografia prestigiosa

do Antigo Regime no presente, intenciona inscrever a Arte moderna na tradição francesa.¹⁵⁵

– *E cumé que a gente fica?*

A *Negra* da Tarsila, segundo o próprio depoimento da artista, é fruto da experiência da artista com *suas mucamas da fazenda*¹⁵⁶, que lhe proporcionou memórias tão preciosas, não foi? Não sei mesmo, desde essa relação servil, escravocrata, como os críticos de arte conseguem enxergar ali um posicionamento emancipatório por parte da pintora. Ou, melhor, emancipação de quem, a custo do que e sobre quem? Quem poderia ter o luxo desse absurdo de se sentir grato (e grato por quem!?) por sua experiência na *plantation*? Esse testemunho da Tarsila é mais revelador da identidade de boa parcela da nação, daquela que partilha as hegemonias, do que uma possível revelação da identidade nacional, que se objetivava produzir de forma homogeneizante. Porque as operações identitárias que se evidenciam ali, na realização daquela pintura, a partir da experiência vivida da autora, é a de afirmação de seu lugar de poder (e de seus/suas semelhantes) ao mesmo tempo que de supressão daquela identidade capturada, sob jugo da máquina negreira. E é essa relação – a de exploração da vida, e da vida de uma mulher negra escravizada doméstica (as únicas informações sobre as particularidades de quem era aquela pessoa desfigurada do retrato, restringindo-a, portanto, ao seu trabalho, a de mucama, a agregada de sua família) – que anuncia o movimento de arte que tava por vir. E, infelizmente, o que se revela no nosso tempo é que ainda tem gente das artes que se beneficia desse aparato de apagamento aí: restringindo as mulheres negras ao seu trabalho, à exterioridade de seus corpos e toda sorte de uma pré-concepção autoritária em torno de suas disponibilidades. Isso quando a estratégia, novamente, não passa pela supressão, pela negação dessas vidas.

Dentro dessa perspectiva, o que há é mais semelhança com o carrasco escritor de livros infantis e defensor do genocídio, do que se podia imaginar. Pois o parentesco

¹⁵⁵ DANTAS, Vinicius. Entre “A Negra” e a mata virgem. *Novos Estudos*, n.45. São Paulo, 1996, p. 110-111.

¹⁵⁶ Disponível em

<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo2/modernismo/artistas/tarsila/obras.htm> Acesso em junho de 2016.

de *A Negra* com *Negrinha*¹⁵⁷, por exemplo, me parece incontestável – a menina órfã alvo de caridade, descrita praticamente como acessório de cozinha e que teve sua morte ali, naquele chão da casa, narrada como se fosse um animal de estimação, delirando com bonecas *todas louras, de olhos azuis* e anjos, *jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza*¹⁵⁸. Contudo, talvez seja importante nos alertarmos pra uma diferença: enquanto um se volta mais para a morte física, como efetivamente o realiza em seu conto, a outra investe na morte simbólica, na mutilação da vida, de seu desgaste, esse *pequeno segredo*, de um desejo sobre o objeto que se estrutura na produção da abjeção. E se é preciso ver o capitalismo como uma religião, seu altar é a colônia e seus sacrifícios – sem jogos metafóricos – se voltam sobre os condenados dessa terra.

Mais tarde, Fanon mostraria que a colônia devia ser entendida como uma formação de poder dotada de uma vida sensorial relativamente própria. Para o seu funcionamento, esta formação de poder apoiava-se num dispositivo alucinatório sem o qual qualquer tentativa do gesto colonial fundador teria sido votada ao fracasso. Antes dele, Aimé Césaire avançara que, no seu início, a colonização apoiava-se em duas sombras maléficas: por um lado, aquilo que ele designava por *apetite*, ou ainda, *avidez*, por outro, a força (e nomeadamente o facto de matar, pilhar e brutalizar. [...] Césaire e Fanon explicavam que este gesto arcaico (matar, pilhar e brutalizar) constituía a *parte maldita* da colônia e inspirava-se na razão sacrificial – aquela que, obstinada a *ver no outro o animal, começa a tratá-lo como animal*, transformando, afinal, o *próprio colono em animal*. Por outras palavras, as raízes profundas da colônia deveriam voltar a procurar-se na experiência sem reservas da morte ou, ainda, do desgaste da vida – experiência que sabemos ter sido um dos principais traços da história da Europa, das suas operações sociais de produção e de acumulação, da sua forma estática, das suas guerras, e até das suas produções religiosas e artísticas –, mas cujo ponto de exaltação é a raça, uma vez que nela se manifesta o desejo de sacrifício. Fanon sustentava também que a vida da colônia não era apenas feita de instintos e de tensões, de problemas psicossomáticos e mentais – uma vida nervosa, em estado de alerta –, mas que no potentado colonial se subtendiam duas lógicas contraditórias que, colocadas em conjunto, anulavam pura e simplesmente a emergência, numa situação colonial, de um sujeito autónomo. A primeira consistia, apesar das aparências, em não aceitar a diferença, e a segunda, em refutar as semelhanças. O potencial colonial era, assim, um potentado narcísico. Ao desejar que o colonizado seja seu semelhante ao mesmo tempo que o interdita de o ser, o potentado faz da colônia a própria figura da *anticomunidade*, um lugar onde, paradoxalmente, a divisão e a separação (aquilo que Fanon chama

¹⁵⁷ Conto de Monteiro Lobato de 1920. Disponível em <http://contobrasileiro.com.br/negrinha-conto-de-monteiro-lobato/>. Acesso em abril 2018.

¹⁵⁸ Ibidem.

de *princípio de exclusão recíproca*) constituíam as próprias maneiras de estar com, e onde o principal modo de comunicação entre os sujeitos coloniais e os seus senhores (a saber: a violência e os privilégios) vinha sempre reiterar a relação sacrificial e ratificar a permuta activa da morte, já evocada em breves palavras. Se há um domínio onde todos os paradoxos se dão a ver melhor, será, segundo Fanon, na relação entre medicina (*tratar*) e colonialismo (*ferir*). O corpo que está cativo, *nu, algemado, sujeito a trabalhos forçados, golpeado, deportado, condenado à morte*, é o mesmo que é *tratado, educado, vestido, alimentado, remunerado*. Na colónia, a mesma pessoa que se sujeita aos tratamentos é também vítima de desfiguração. Será enquanto dejecto humano, refugio e resíduo que ele se predispõe à cura, uma vez que, indivíduo despojado e incessantemente exposto à ferida, terá sido completamente desonrado, do mesmo modo que o foram os escravos no regime da plantação. Imagem da indignidade e da vulnerabilidade, repleto por todo lado de fragmentos de uma humanidade díspar e derisória, passa a responder apenas com a abjecção e com o próprio miserabilismo pelo qual foi humilhado.¹⁵⁹

Boa parte da minha leitura do *Crítica da Razão Negra*, do Achille Mbembe, se deu durante a exposição coletiva *Heranças*¹⁶⁰, da qual fui uma das artistas ao lado de Marina .S. Alves e Rafa Éis, no Centro Cultural Pequena África, esse espaço afetivo e tão caro pra mim, pras minhas relações e, inclusive, pra realização deste trabalho, sob a marcante liderança ancestral da Mãe Celina. A exposição ocorreu entre julho e agosto do ano passado (quando se encerrava, após um ano, a série de trabalhos mais direta – de ações diretas, talvez – do Faço Faxina) e voltava-se pra pensar na dimensão do que representa *herança* pra gente, pra três artistas atravessad_s pela colonialidade racial, e naquela localidade: entre o Morro da Conceição e da Providência, ali pertinho da Praça dos Estivadores, do Cais do Valongo, do Cemitério dos Pretos Novos, da Pedra do Sal, da Gamboa, enfim, nessa localidade atravessada por toda sorte de opressões e uma multiplicidade de resistências para os povos de origens africanas e seus descendentes na diáspora.

Mas as atividades no centro cultural costumam acontecer muito por meio dos cuidados, das entregas e dos recursos próprios. E essa mostra não foi uma exceção. Assim, nós que éramos _s artistas fomos os que fizemos os corres que tavam pra além de apresentar um trabalho de arte – claro, contando com o suporte da Mãe Celina e da

¹⁵⁹ MBEMBE, Achille, *Crítica da razão negra*, op. cit., p. 184-187.

¹⁶⁰ Ver https://www.facebook.com/events/1286938368095199/?active_tab=about Acesso em abril de 2018.

parceira Elô Nunes, da militância de mulheres da Zona Oeste¹⁶¹. Dessa forma, fomos nós que acabamos por nos debruçar na escrita de um texto curatorial, na comunicação, na produção, na montagem, etc, e, ainda, pela responsabilidade de abrir a casa, de receber as pessoas, de fechá-la, de realizar as manutenções necessárias, como as de limpeza e afins. Chegamos a criar uma escala entre nós pra mantermos a exposição aberta por quase um mês da melhor forma que pudemos. E foram nas minhas vezes dessa escala, nesses nossos revezamentos, que li boa parte do livro e me deparei com verdadeiros fantasmas – sem antes abrir todas as portas e janelas, cuidar de alguma limpeza e alguma coisa também da organização: de rearranjar uma coisa pra lá ou pra cá, bem como costume fazer em casa quando me preparo para as minhas jornadas de trabalho daqui, inclusive dessa escrita, pra garantir que as energias circulem e os fantasmas também. Daí a importância das janelas abertas, assim como todos os sentidos.

Acontece que uma das críticas mais pertinentes para o quadro *A Negra* eu acabei por encontrar no livro do Achille enquanto sentava naquela varanda no Jardim Suspenso do Valongo pegando um sol, possivelmente, numa confortável condição privada a muit_s de noss_s ancestrais que eram amontoad_s por aquele território nos primeiros ciclos da escravidão moderna, lembrando que o Cais do Valongo, o maior porto escravocrata da história moderna global, tá bem ali ao lado. Bom, pelo menos assim eu julguei: que tinha me deparado com a crítica pertinente para *A Negra*. E essa intuição se faz na anotação registrada à lápis num canto de página. Portanto, é essa crítica um tanto paradoxal, a da *razão negra*¹⁶², que desejo dividir com você, ainda que valesse outra flexão de gênero, como você verá, quando a adotamos como uma cabível crítica da pintura. E a partilha dessa crítica, que em grande medida está em confluência com o excerto anterior, se faz ainda desejando muito axé pr_s noss_s ancestrais e agradecendo as heranças que nos deixaram de luta cotidiana e de rebeldia pela vida, tão impressas em nossos corpos. O dividir desse trecho pra mim, que talvez

¹⁶¹ Ver **Mulheres e Conflitos Ambientais: nem nossos corpos, nem nossos territórios. Da invisibilidade à resistência**. Disponível em https://issuu.com/pacscomunicacao/docs/cartilha_mulhereseconflitosambienta/4 Acesso em abril de 2018

¹⁶² “Por esse termo ambíguo e polêmico, designamos várias coisas ao mesmo tempo: imagens do saber; um modelo de exploração e de depredação; um paradigma da submissão e das modalidades da sua superação, e, por fim, um complexo psíquico. Esta espécie de enorme jaula, na verdade uma complexa rede de desdobramentos, de incertezas e de equívocos, tem a raça como enquadramento.” Ver MBEMBE, Achille, *Crítica da razão negra*, op. cit., p. 25.

possa soar meio repetitivo, representa, também, um partilhar de experiência, como narrado anteriormente, e como segue adiante, voltando-se pra trás:

Em grande parte da história moderna, raça e classe foram-se originando mutuamente. O sistema de plantação e a colônia consistiram, nesse aspecto, em fábricas de excelência da raça e do racismo. Particularmente o “Pequeno Branco”, foi ao alimentar e cultivar as diferenças que o separam do Negro que se sentiu humano. O sujeito racista reconhece, em si mesmo, a humanidade não naquilo que o faz a mesma coisa que os outros, mas naquilo que o distingue deles. A lógica da raça no mundo moderno é transversal à estrutura social e econômica, interfere com movimentos da mesma ordem e passa por constantes metamorfoses. Enquanto escravo, o Negro representa portanto uma das perturbadoras figuras da nossa modernidade, da qual ele é, além disso a parte da sombra, a parte do mistério e do escândalo. Humano, cujo nome é humilhado; o poder de descendência e de geração, perturbado; o rosto, desfigurado, e o trabalho, espoliado, ele testemunha uma humanidade mutilada, profundamente marcada pelo ferro da alienação. Mas, a par da maldição a que a sua vida está destinada e da possibilidade de insurreição radical que, contudo, transporta e que nunca consegue ficar totalmente aniquilada pelos dispositivos de submissão, ele representa também o limo da terra, no ponto de confluência de uma multiplicidade de semimundo produzidos pela dupla violência da raça e do capital. O mundo que os escravos protagonizavam – lixo da história e submissos para lá da submissão – reflecte, desde então, esta sombria contradição. Operando do fundo dos porões, terão sido obreiros de nossa modernidade.¹⁶³

Acho que o único ponto que parece desviante aí pra mim, em relação à pintura, é aquele que chama a atenção para a responsabilidade do *Pequeno Branco* nas dinâmicas opressivas da colônia. Não que eu discorde da formulação do Mbembe, mas quando se fala da Tarsila estamos a tratar de uma pessoa pertencente à elite cafeeira, então classificá-la como *pequena branca* me parece fora da medida, assim como grande parte de seus/suas parceir_s de movimento.

Portanto, dadas as circunstâncias, entendi, desde o começo dessa escrita com *Aquela Negra*, que não era do meu desejo reproduzir aqui a pintura. Obviamente entendo que isso não deva criar nenhum impedimento de pesquisa aí pra você, que se faz possível através de poucos cliques, se essa for a sua vontade – seja num retorno ou numa primeira aproximação, que acredito ser improvável devida à massificação do trabalho da artista e de tod_s _s modernistas dessa primeira geração, onde, aliás, costuma se

¹⁶³ Ibidem, p. 72-73.

encerrar o ensino formal da história das artes brasileiras na educação básica e até na educação superior, como se deu na minha graduação em comunicação visual. Daí seria importante discutir também qual o projeto ideológico por trás da negligência desse ensino, e dos estudos das linguagens visuais, num mundo que em grande medida tem sua comunicação e seus poderes operados por imagens, que por ora se encerra nessa na nota mesmo.

Contudo, sob ocasião da exposição *Tarsila do Amaral – Percurso Afetivo*, em 2012, no Centro Cultural Banco do Brasil, uma fotografia surge nessa história como sendo daquela que foi retrata na pintura de 1923.

Não que o recurso fotográfico não objetifique/abjetifique e não estabeleça relações de poder, absolutamente. E pra isso vale a pena ler o artigo *Merci beaucoup, Blanco! escrito experimento fotografia performance*, da Michelle Mattiuzzi, em que ela tensiona, dentre muitas coisas, o fato da imagem (fotográfica) de seu trabalho circular por meio do olhar e da captura extrativista de corpos masculinos normativos: “Percebo nas minhas imagens a atualização do olhar de um cis-tema patriarcal normativo sobre o meu corpo de mulher negra precária”¹⁶⁴. E também – e, talvez mais especialmente, por conta desse debate em construção – o filme *Travessia* (2017), da soteropolitana Safira Moreira, que vem tendo toda uma circulação aí e um reconhecimento que me enche de orgulho de acompanhar, porque, afetivamente, me sinto contemplada com seu curso. Nele a construção narrativa parte tanto do questionamento de quem é aquela mulher negra de uma foto antiga (acho que garimpada na feira da Praça XV), em que ela aparece junto de uma criança branca, na qual a legenda no verso a identifica apenas como sendo *a babá de alguém* – e desse alguém que tem o privilégio de receber um nome –, quanto da problematização da falta do registro fotográfico caseiro das famílias negras, partindo, inclusive, de sua própria experiência, mas não só, o que acaba por interferir diretamente na construção da memória subjetiva e de quem se é. Ter visto o filme da Safira pra mim chamou minha atenção pro fato de eu ter lá o acesso a uma caixinha de fotos da parte interracial mais clara da minha família e não ter essa possibilidade afetiva com o lado

¹⁶⁴ MATTIUZZI, Michelle. *Merci beaucoup, blanco! escrito experimento performance*. **Publicação comissionada pela Fundação Bial de São Paulo em ocasião da 32ª Bial de São Paulo - Incerteza Viva**, 2016, p 9. Disponível em https://issuu.com/amilcarpacker/docs/merci_beaucoup_blanco_michelle_mat acesso em janeiro de 2018.

mais negro, o mais escuro da família. E daí a gente vai entendendo o quanto a (im)possibilidade da gente ser, e de ser porque somos, opera numa avalanche de negações: numa trama que alinhava os altos investimentos anticomunitários com a negação d_ sujeito_, da vida em sua singularidade. Eu, como mulher negra, pouco tenho a possibilidade de me reconhecer nas imagens ao longo dos anos das pessoas negras daquele lado da família mais marcado pela colonialidade racial. Isso me foi negado. *A negação do Brasil*, portanto, não se faz dentro das nossas casas apenas nas novelas.

E eu poderia trazer aqui pra análise grandes produções com uma abordagem mais crítica, como o longa *Que Horas Ela Volta?* (2015), da Anna Muylaert, ou o documentário *Doméstica* (2012), do Gabriel Mascaro, que acho que merece um pouco mais de cuidado ao analisá-lo porque em certa medida ele tá ali naquela linha do cinema etnográfico e numa perigosa pretensão da imparcialidade documental. Têm cenas das trabalhadoras domésticas em exercício de suas profissões ali, por exemplo, documentadas pel_s jovens patrõesinhos, que me causam no mínimo um desconforto.

No entanto, pra mim tem todo um lugar de construção de dignidade e de empoderamento narrativo de poder fazer essa conversa com demais mulheres negras. Dito isto, me parece importante chamar a atenção para a seguinte questão: perceba que a abordagem da Michelle tensiona a materialização da imagem em sua presença, através de sua realização pelos olhares dominantes – e essa discussão também está na abordagem da Safira com relação à fotografia garimpada na feira de antiguidades, mas ela trás também esse giro que é interessante: o problema da ausência da imagem, e desde um lugar autodefinido, autodeclarado, pois “la auto-definición es clave para el empoderamento individual y grupal”, como nos lembra a Patrícia Hill Collins¹⁶⁵. Até porque, como nos ensina Audre Lorde, “es axiomático que si nosotras mismas no nos definimos a nosotras mismas, seremos definidas por otros – para su uso y en nuestro detrimento”¹⁶⁶. Nesse sentido, me parece que essas problematizações de algum modo, entre a presença e a ausência da imagem do corpo historicamente subalternizado, também estruturam os modos garimpados para a realização do Faço Faxina.

¹⁶⁵ HILL COLLINS, Patricia, Rasgos distintivos del..., op. cit., p. 122.

¹⁶⁶ Apud ibidem, p. 123. [Minha tradução: [...]é axiomático que se nós mesmas não definirmos nós mesmas seremos definidas por outr_s – para seu uso e em nosso detrimento.]

Em algum momento me dei conta, por exemplo, ao longo de seu desenrolar, que o que eu poderia tá realizando era um trabalho de artes visuais sem imagens – mas isso se a gente pensa nessa imagem materializada, pois não tenho dúvidas de que a proposição aciona todo um arsenal imagético psiconírico, e que o faz por meio da fala e da escrita, e das muitas materialidades e ritmos de escritas por onde a proposição nos faz, nos desloca e nos articula. E essa flexão na terceira pessoa do plural se faz necessária também pra evidenciar a produção do Faço Faxina sobre mim, e que se reflete, por sua vez, em grande medida, nessa escrita, mas que também trata de costurar um nós. Pois, ao mesmo tempo, foi a matriz ancestral da oralidade que imprimiu seu ritmo. E essa escrita em primeira pessoa do singular do *Faço Faxina* também tem sua importância na medida em que quando a leitura do título parte daí quem faz a faxina é você. Além do fato do Faço Faxina ser o som do uso da vassoura de piaçava contra o chão: *chão-som, chão-som, chão-som, faço faxina, faço faxina*.

Sei bem do desejo do consumo exotificante de minha imagem nesse trabalho, eu que ousei propor um embaralhar das fronteiras daquel_s que costumam ser _s realizador_s dos discursos e daquel_s que costumam ser os objetos. E essas imagens existem. E elas foram realizadas por quem contratou os meus serviços. Só que não vai ter. Não de minha parte, pelo menos, pois elas estão tanto sob meus cuidados quanto daquel_s que se dispuseram ao Faço Faxina. Então a gente tem aí essa situação de um poder partilhado, de um risco, de uma negociação? Talvez. A não ser dos resíduos de cada casa, que estão arquivados e sob minha posse, pois cada conjunto de resíduos desses revelam aqueles momentos, como era aquela casa, quem cada um era, e inclusive me revelam. Esses resíduos são registros, são retratos, são auto-retratos, são espelhos, são enunciados, são fraturas, são relíquias, um misto de matérias do corpo com os dos territórios e de nossos distintos trajetos. E como é sempre importante lembrar: *os nossos passos vêm de longe*.¹⁶⁷

Como la práctica feminista negra, que pretende reflejar y que busca promover, el pensamiento feminista negro puede crear una identidad colectiva sobre la base de un punto de vista común a las mujeres negras. A través de un proceso de *rearticulación*, el pensamiento feminista negro puede ofrecer a las mujeres [...] una visión diferente de nosotras mismas y nuestros mundos. Al afrontar cuestiones importantes desde el punto de vista de las mujeres negras y

¹⁶⁷ WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas, 200.

llenarlas de nuevos significados, el pensamiento feminista negro puede estimular una nueva conciencia que utilice el conocimiento cotidiano, menospreciado. Más que generar conciencia el pensamiento feminista negro afirma, rearticula y proporciona un vehículo para expresar en público una conciencia que bastante a menudo ya existe. Más importante aún, esta conciencia rearticulada aspira a empoderar a las mujeres afroamericanas y a estimular la resistencia.¹⁶⁸



Um filme de Safira Moreira

Mas acabam que essas dinâmicas todas implicam também em negociar com o descontrolo (e com sua impossibilidade), com os jogos de poder, com os limites da reorganização e da rearticulação, com os nossos próprios limites nesse jogo, pois toda vez que pareço me encontrar é quando tudo desmorona, e me perco. E toda vez que pareço me perder, é quando estou a me ganhar nesse jogo perdido que faz lá seu mosaico prosaico da fatura dessa fratura – essas dinâmicas de eterno desencontros

¹⁶⁸ Ibidem, p. 117. [Minha tradução: Como a prática feminista negra, que pretende refletir e que busca promover o pensamento feminista negro ao criar uma identidade coletiva sobre uma base de um ponto de vista comum às mulheres negras. Através de um processo de *rearticulação* o pensamento feminista negro pode oferecer às mulheres [...] uma visão diferente de nós mesmas e de nossos mundos. Ao afrontar questões importantes desde o ponto de vista das mulheres negras e atribuir-lhes novos significados, o pensamento feminista negro pode estimular uma nova consciência que utiliza o conhecimento cotidiano menosprezado. Mais que gerar consciência, o pensamento feminista negro afirma, rearticula e proporciona um veículo para expressar em público uma consciência que muitas das vezes já existe. Mais importante ainda: esta consciência rearticulada aspira a empoderar as mulheres afroestadunidenses e a estimular a resistência.]

com aquilo que é desencontrado: a soma do que somos, esse fosso, em constante negociação nas tradições de nossas contradições. Em pretensão especulativa de que se fosse.

Quando a série de trabalhos do *Faço Faxina* tava prestes a concluir seu ciclo, o de um ano, Mãe Celina me convida pra participar da 6ª Lavagem do Cais do Valongo, essa cerimônia que se faz como reverência aos ancestrais nesse sítio arqueológico e espaço memorial do sofrimento da Diáspora Africana. O cais do Valongo foi fundado em 1811 e foi o principal ponto de desembarque da empresa moderna-colonial escravocrata das Américas, sofreu um primeiro aterramento no período imperial, em 1843, para receber a princesa napolitana Tereza Cristina de Bourbon, esposa de Dom Pedro II e um último aterramento, que lhe tirou a característica de cais, na primeira década do século XX. Sob ocasião das obras do Porto Maravilha, voltada para a reformulação da cidade para os Grandes Jogos, escavações na região revelaram em 2011, portanto, 200 anos depois, esse território referente ao Cais do Valongo, mas também o da Imperatriz.

As escavações, que teve a Profa. Dra. Tania Andrade Lima do Museu Nacional (UFRJ) como pesquisadora responsável e contou com a colaboração sacerdotal da Mãe Celina de Xangô/Celina Rodrigues, ainda revelaram uma profusão excepcional de peças, com cerca de 500.000 itens pertencentes a todos os povos que pisaram ali – para muit_s os primeiros passos nessa terra, do outro lado do Atlântico, pra onde foram deportados e ficaram a mercê de toda sorte de espoliação. Essas peças se encontram na Vila Olímpica da Gamboa e ainda padecem de um espaço que zele por sua/nossa memória.

A antiga Rua do Valongo, que ligava o Cais do Valongo ao Largo do Depósito, abrigava lojas que vendiam escravos e artigos relacionados à prática da escravidão. No eixo formado por este caminho, os escravos recém-chegados eram acomodados em barracões conhecidos como casas de engorda, onde literalmente ganhavam peso, de modo a valorizar seu preço no mercado. Nesta área também havia mercados onde os africanos escravizados eram expostos aos potenciais compradores. No início do século XX, por ocasião do alargamento da via, foram construídos o Jardim Suspenso do Valongo, a Casa da Guarda e o Mictório Público. Parte do plano de remodelação e embelezamento da cidade pelo Prefeito Pereira Passos, o parque foi projetado pelo arquiteto-paisagista Luis Rey e inaugurado em 1906. Escavação arqueológica encontrou vasto acervo que remete à "tralha doméstica" da

época, revelando aspectos da vida cotidiana, costumes e mentalidade dos habitantes do Morro da Conceição.¹⁶⁹

Conheci a Mãe Celina e o Centro Cultura Pequena África – localizado onde se atribui oficialmente como tendo sido a Casa da Guarda do Jardim Suspenso do Valongo – na segunda metade 2016. No começo do ano, através de trocas de emails super confusas e intermináveis num primeiro momento, acho que puxadas pelos artistas Jandir Jr e Thiago Ortiz – que tinham como mote que artistas negr_s atuantes no Rio de Janeiro se conhecessem, trocassem sobre suas produções e se articulassem – acabaram por gerar um primeiro encontro na Pedra do Sal¹⁷⁰, espaço esse fundamental, considerado o berço do samba. Estivemos presentes Ethel Oliveira, eu, Rafa Éis, um rapaz que conheci naquela ocasião e não voltei a encontrar mais, acho que Júlio era seu nome, mas que atuava no campo da educação e puxou um papo importante sobre a Lei 10.639 e a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira na educação básica, além do próprio Jandir e Thiago. Saímos muito animados com todas as trocas, apesar da falta de muita gente ali que não pôde comparecer. Acabamos marcando um segundo encontro e ele se deu no CCBB. Dessa vez estivemos presentes apenas eu, Aline Besouro e Jandir. E daí por diante nossas trocas não conseguiram se materializar em encontros mais organizados como um grupo e, conversando aqui e ali depois, tentando mapear nossas dificuldades, entendemos que, possivelmente, a razão disso ter se dado, essa interrupção precoce, tinha como reflexo todos os nossos corres de vida e, ainda, a falta de um espaço de acolhimento.

Mais pro final do ano o Rafa entra em contato comigo e diz que ali no COART (Coordenadoria de Artes e Oficinas de Criação) – UERJ - essa Universidade que tem toda sua importância nas aplicações das políticas de ações afirmativas e onde ele tinha recém entrado no quadro de colaboradores – haveria a possibilidade de acolhimento de nossos encontros, de nossas discussões. Então a gente começou a arquitetar, dentro da instituição, as formas de chamar a galera de novo, e num primeiro momento contávamos também com a parceria da Ethel. Assim, elencamos a partir de nossas redes mesmo quem poderia compor conosco uma atividade voltada para o encontro de

¹⁶⁹ Ver **Circuito Histórico E Arquelógico da Celebração da Herança Africana**. Disponível em <http://portomaravilha.com.br/africadetalhe/cod/5> Acesso em abril de 2018.

¹⁷⁰ Ver **Circuito Histórico E Arquelógico da Celebração da Herança Africana**. Disponível em <http://portomaravilha.com.br/africadetalhe/cod/4> Acesso em abril de 2018.

artistas negr_s – sobretudo os das artes visuais, mas também de suas zonas de contato – e adotamos a roda de conversa como formato da proposta. Os planejamentos apontavam que conseguiríamos inserir o encontro na programação de Novembro do COART. Desde ali a gente já tinha começado a rabiscar uma proposta por escrito, a enviar os convites por email e por outras plataformas de mensagens, a receber respostas e tudo mais. Só que a produção arquitetada de falência do Estado, da política golpista de desmantelamentos, chegou com tudo, e o Rafa, por fim, se viu obrigado a entrar em contato pra dessa vez informar que, com a greve na UERJ, a gente não conseguiria mais levar adiante o projeto. E daí a gente viu, mais uma vez, nossos esforços, nossos trabalhos, sendo sabotados pelas circunstâncias dos jogos de poder, que atingem inclusive as instituições, principalmente aquelas que se voltam para as camadas de base da população. Contudo, poucos dias depois o Rafa me liga novamente, mas agora dizendo que existia uma saída, uma forma da gente se reorganizar em um outro espaço que não conhecíamos: o Centro Cultural Pequena África, na região portuária da cidade. Quem fez a ponte das rodas de conversas com a Mãe Celina foi a Marina .S. Alves, que também é colaboradora do COART. Apesar de todo o encantamento nosso com a pessoa da Mãe Celina, com suas histórias, com aquele espaço e com a localidade incrível, a nossa primeira reunião lá na verdade caiu pra mim como um reencontro, ainda que muito emocionante. Pois entendi que talvez fosse naquela região mesmo, como já tínhamos tentado no começo do ano, que a gente devia retornar. E é preciso retornar pra aquela região pra entendermos quem somos.

As rodas de conversas se realizaram e foram acontecimentos marcantes pra gente nos dias 30 de novembro, 1º e 2 de dezembro, entre aquel_s que se dispuseram de saída a compor os encontros e _s demais que fortaleceram as reuniões. E nos marcaram porque permitiu não apenas que a gente se conhecesse melhor – porque muit_s de nós apenas tínhamos tido contatos breves – mas porque permitiu que a gente se reconhecesse um_ n_s outr_s: tanto nas abordagens de nossas produções quanto nas narrativas de vida. E a dificuldade da gente se conhecer, e de se reconhecer, se faz justamente pela dificuldade de circulação de nossos trabalhos. Tem gente que nega que a gente existe, que diz que no Rio de Janeiro não têm artistas visuais negr_s. E, ali, naqueles três dias, na guerrilha e de uma forma mais afetiva, juntamos dezenas de jovens artistas, agentes culturais, pesquisadores, produtores, etc, e ainda faltou muita

gente que gostaríamos que tivessem ativado aquelas rodas conosco. Saímos muito agradecid_s pela experiência e certos de que era preciso manter aqueles encontros pra nos fortalecermos e pra fortalecermos os espaços que dizem respeito ao que somos, diante de todo um projeto gentrificador – com os grandes aparelhos culturais, inclusive, que costumam negociar entre o extrativismo e o apagamento dos povos que sofreram colonização, enquanto que os espaços do Circuito Histórico e Arqueológico de Memória e Circulação da Herança Africana são os que mais sofrem negligência.



RODA DE CONVERSA COM ARTISTAS NEGRXS

30 NOV | 18H-20H
Giseli Vasconcelos
Marielen Romão
Marina Alves
Millena Lízia
Mulheres de Pedra
Rafa Éis
Samuel Lima

02 DEZ | 16H-18H
Aline Besouro
Celina Rodrigues (C.C.P.A.)
Cristiane Lopes. e Anani Sanouvi
Felipe Nunes
Ismael David
Ítala Ísis
Jandir Jr.
Michele Zgiet

1º DEZ | 16H-18H
Andiara Dee Dee
Cláudio Marques
Ingra da Rosa
Renata Sampaio
Senzy Garcês
Thiago Ortiz
Wagner Novais

No Centro Cultural Pequena África
Rua Camerino, n.05. Saúde/Centro. Rio de Janeiro
(Próximo à esquina com a R. Sacadura Cabral, acesso pela escada)

APOIO:
CENTRO CULTURAL PEQUENA ÁFRICA
CITY PARQUE

fotografia: Luciano Laner
produção gráfica: Rafa Éis



AMARARMA(2016)

Roupa cosida na roda de conversa do CCPA por Aline Besouro como sua proposta de ativação no encontro. Em outubro de 2017 essa peça foi exposta na mostra 9+1 no Centro Cultural da Justiça Federal ao lado de mais duas serigrafias, entre elas uma com o dizer “Libertem Rafael Braga”, realizadas também pela Aline.

A partir desses primeiros encontros demais parcerias foram realizadas, entre a gente, mas também com o espaço. Lembro de já ter saído das rodas pensando que gostaria que uma das experiências do Faço Faxina fosse lá no CCPA, mais como uma forma de agradecimento ao acolhimento que nos foi oferecido – sabendo que isso de muitas formas se configuraria como um desvio das proposições da série, que, num primeiro momento, se voltavam para o oferecimento dos meus serviços em habitações daquel_s que me contratavam, e que tinha lá todo um protocolo pra isso, como você bem deve ter percebido. Mas tinha em mim também uma perspectiva de entender aquele espaço como uma habitação, afinal, como nos conta Mãe Celina, ali fora uma casa de engorda, e é com essa energia, com essa memória do espaço e daquel_s que passaram ali, noss_s ancestrais, que a gente tem que entrar ali e habitar, pedindo licença e agradecendo a permissão de pisar naquele território.

Dessa forma acabei por combinar com a Mãe Celina que o Faço Faxina que encerrava a primeira metade da experiência, o 6/12, referente ao mês de janeiro de 2017, se daria lá. Mas não foi apenas com a Mãe Celina que combinei. Foi a primeira vez que entendi que o processo poderia ser aberto pra demais mulheres. Estivemos mais diretamente envolvidas com a proposição Aline Besouro e eu, mas também a Gabrielle Souza, que se encarregou de boa parte dos registros fotográficos e audiovisuais. Mãe Celina, com sua neta Bruninha, e Elô Nunes, com seu filho Raul,

abriram as portas do CCPA pra gente e ainda estiverem conosco a jornada toda. A experiência em questão tinha como propósito também acolher demais territórios estéticos, e pra essa edição do Faço Faxina foi realizada uma roupa específica no local a partir dos conhecimentos da Aline. Dessa vez, portanto, a vestimenta não foi o conjunto preto adotado nas outras experiências dos trabalhos sob contrato remunerado, mas conjuntos brancos cosidos por mim e Aline que nos vestiram e nos protegeram nesse contrato que se alinhava mais à esfera ancestral. E esse gesto, o da costura, se configurou como nossa primeira etapa da faxina. Enquanto costurávamos – e Aline me ensinou a modelagem ali mesmo, daquelas que visam evitar o descarte do tecido – Gabi lia o conto “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”¹⁷¹, da Conceição Evaristo. Além da faxina, como um todo aquele dia representou pra mim um dia de trocas entre mulheres e de um vínculo com as mulheres que nos antecederam. E foi muito impressionante a quantidade de insetos que brotaram ali: principalmente formigas, daquelas graúdas, e borboletas, nos mostrando também toda a exuberância de vida daquela casa.

Lembro de que meu maior receio era comer ali. E a comida pra mim, ao longo de toda série, teve um lugar de destaque. Sempre tratei de levar minha marmita pro dia e de alguma forma a relação estabelecida em torno da comida se configurava pra mim como um termômetro das relações estabelecidas naquela casa e entre os ritmos que se construía com aquel_s habitantes/contratantes. Assim ficava atenta se a refeição era partilhada, e se havia uma contribuição mútua ou se acabava comendo sozinha por algum motivo. E de alguma forma essa relação de cuidado com a comida já me fazia me inserir na experiência desde o dia anterior da faxina efetivamente, mas desde minha casa.

Assim, pra nossa experiência no CCPA, eu levei dois potes desse de conserva de uma salada de grão de bico regada com outros ingredientes, possivelmente eu devo ter levado outra coisa também que já não me lembro mais o quê. E recordo que a Mãe Celina levou fruta, suco e pão que foram partilhados conosco. Mas a princípio eu tava lá, né, toda meio ressabiada de comer naquele espaço, por toda uma memória de sofrimento d_s noss_s antepassad_s ligado a tudo, né, mas também ao alimento.

¹⁷¹ *In*: ALEXANDRE, M. A. (org) Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

Gente, mas na verdade, foi impressionante como o dia foi renovador. E renovador pra nós mesmas, me parece. Claro que foi cansativo: um final de janeiro no Rio de Janeiro, aquele dia de sol de rachar... Mas foi cheio de leveza também. E não tem como esquecer dos momentos mágicos, e um específico envolveu uma experiência partilhada entre mim e a Aline. No pavimento superior, entre o salão e o sanitário, tem um cômodo bem pequeno com uma janela grande de casario antigo, como todas as janelas do espaço. E sei que Aline ia lá e limpava a janela e sua soleira, mas depois eu ia lá pra fazer o mesmo também: tirar aquela terrinha da soleira, mas que voltava a aparecer de novo! E teve um momento que a gente parou pra conversar sobre isso: – *Cara, a gente vai ali e tira aquela terrinha e ela volta.* E a partir da conversa a gente desencanou. Achou que era pra terrinha ficar ali mesmo. Bom, e sabe lá de onde aquela terra tinha vindo... Das partes aí integrantes dos descontroles, dos imprevistos, do inimaginável que a vida nos presenteia... E nossa jornada lá no CCPA termina com o Jandir Jr indo ao nosso encontro também.



Still do vídeo realizado pela Gabrielle Souza da janela de onde eu e Aline avistamos a chegada do Jandir.

Vale destacar mais uma singularidade que aconteceu nessa experiência: ao invés de levar os resíduos pra casa, como eu os vinha coletando, a gente acordou de que ía lançá-los ao mar, ali da região portuária, na Praça Mauá. Mas eu também acabei por juntar os meus cabelos, que tinham sido recém cortados – aliás, serviço esse combinado como parte do pagamento do Faço Faxina do mês anterior – com os

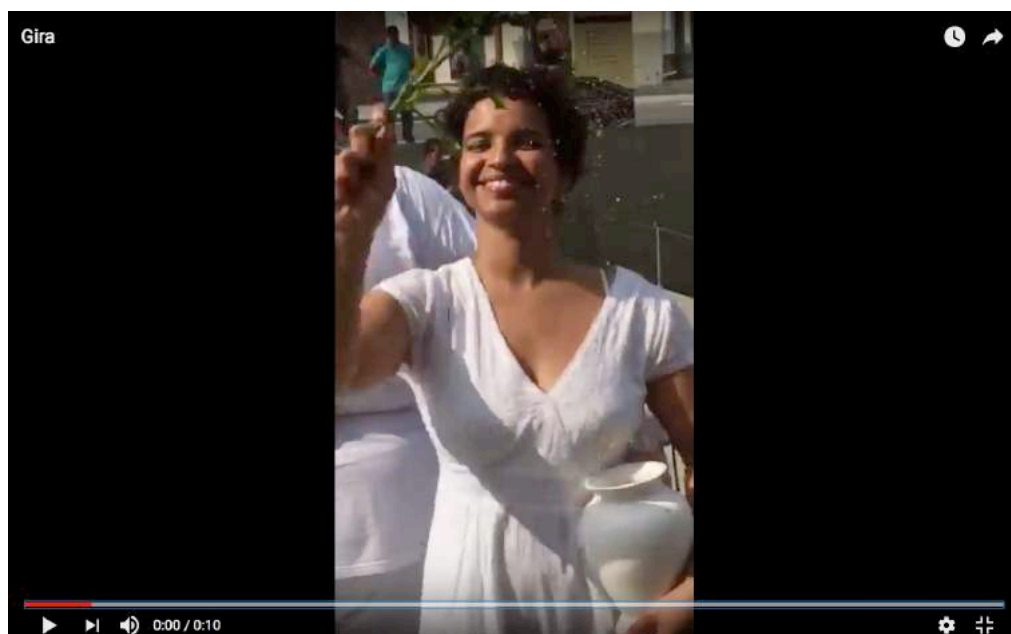
resíduos que o aspirador de pó coletou do Centro, essa outra máquina de captura de registro que não o fotográfico. Assim, eu, Jandir e Aline – e eu ainda vestindo a mesma roupa da faxina, como eu costumava voltar pra casa, sentindo também aquele registro em minha pele – acabamos por encontrar o lugar que julgamos o mais adequado pra lançar os resíduos-registros nas águas da Baía de Guanabara, e há poucos dias do dia de Iemanjá: em um lugar bastante florido. E seguimos leves os nossos caminhos, e até um tanto entorpecid_s.

Bom, mas daí teve situação de muitíssima estima, meses depois, do convite da Mãe Celina pra Lavagem do Cais do Valongo, atividade que ela é uma das responsáveis desde sua primeira realização pós escavações, ou mesmo durante esse processo, talvez. E acho que num primeiro momento eu fiquei até em dúvida se o convite era pra eu ir lá ter a honra de acompanhar esse ritual de lavagem simbólica em reverência a_s ancestrais ou se era pra eu participar de alguma forma um pouco mais envolvida na atividade. Quando entendi que eu poderia participar, desde a magnitude ancestral que o evento aciona – e a Lavagem cairia na exata data quando completaria um ano que eu lançava nas redes o anúncio do Faço Faxina – disse pra Mãe Celina que a partir daí, depois da Lavagem, eu podia entender como encerrado esse processo, essa experiência que me dispus a realizar. Mas foi algo que pedi permissão pra que fosse, tiveram conversas que me fizeram entender que era possível fechar esse ciclo ali. E recomendações também, que vieram da Mãe Celina de como eu deveria fazer, apesar de nem tudo ser dito por completo, o que é riquíssimo. Mas arrumei uma quartinha como ela recomendou pra reservar a água de cheiro e usei um vestido branco até os pés.

Still do curto registro de vídeo realizado pela Thais Rosa ao mesmo tempo que ela recebia o banho de ervas no ritual de Lavagem do Cais do Valongo.

Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=ELvQZucv0PA>

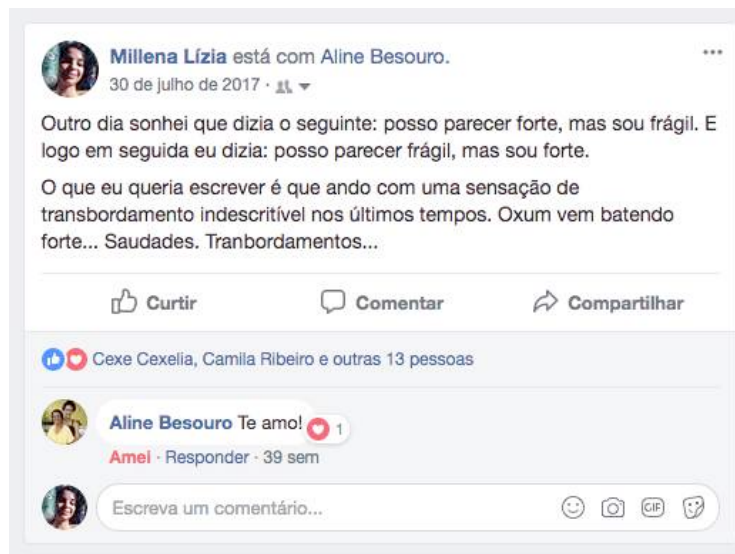


Bom, esse momento singular de bença, de conexão, de renovação, de pertencimento às forças do universo e de singeleza, mas também de pesar, e de muita dor, já foi narrado em outro ponto dessa escrita e não têm palavras que sejam capazes de agradecer meu pequeno gesto ali com tod_s e com tudo e sentindo a força daquela Yalorixá de Xangô pulsar.



Mãe Celina de Xangô no ritual de Lavagem do Cais do Valongo
foto: Christian Dinesen

Mas me parece honesto dividir que ainda hoje toda vez que me sinto desalinhada por aqui, com tantos golpes que a gente sofre, eu trato de vestir o mesmo vestido, e geralmente após um banho de ervas. E aquela quartinha usada no ritual de lavagem do cais hoje recebe espadas de Oyá, a yabá que possui tanto a leveza das borboletas quanto a força dos búfalos – essas potências nada conflitantes, porque, assim como nossas ancestrais, somos muitas – e é a planta de Oyá que guarda a entrada de minha casa. Portanto, talvez seja ilusório pensar que esse ciclo tenha terminado em algum momento, ele tá pra além disso, pois ele começa antes de mim, me atravessa e ainda tá aí tensionando muitas questões, relações, estruturas, apontando caminhos, ciladas e toda sorte de forças que estão pra além do nosso controle. Ainda tá aí.



Aline Besouro, a pessoa com quem troco sonhos, divido amores, tramo conspirações e respirações, dentre outras coisas mais.

Fato é que se faz um tanto inesperado esse curso marcadamente ancestral e espiritual que a série de trabalhos do Faço Faxina tomou, e eu carregada nessas águas. Quando o anúncio foi lançado, e ele apresenta toda uma estrutura – e a estrutura se apresenta daquela forma também como uma forma de mapear os meus possíveis riscos – me dispus efetivamente a levá-la até o fim, mas a vida acontece, os encontros se dão, desvios surgem e a gente navega. E talvez o próprio jogo pictórico dos contratos – essa ferramenta de formalização do trabalho muitas das vezes privadas a_s prestador_s de serviço, como tantas vezes fui privada na minha vida profissional ligada à comunicação – já apontassem esse caminho, eles que foram enegrecendo com o passar das experiências.

Vale ressaltar que na segunda metade das experiências do Faço Faxina ao mesmo tempo que as inscrições para a proposta foram reduzindo – e os anúncios sempre se restringiram à minha rede mesmo – o meu envolvimento, o meu letramento, numa literatura de luta – pois essas leituras estão pra além de meros apoios bibliográficos acadêmicos – foi se acentuando. Então nessa segunda metade teve tanto a situação, e em dois meses, de não ter tido nenhuma inscrição para o projeto quanto de eu ter me negado a me dispor a realizar faxinas nas casas de pessoas que se inscreveram: seja porque eu não tenha conseguido identificar uma vontade de troca, de conversa, no sintetismo das respostas – por onde operaram meus principais critérios de seleção, pois nessa reorganização proposta pelo Faço Faxina quem selecionava era eu (em serviços de faxina-estética-pesquisa) – seja porque as respostas que foram oferecidas

me soaram quase que num cumprimento de uma cartilha de *ah, como sou desconstruíd_*, de uma forma pronta, pelo menos como me aparentou. Até porque lembro de ter feito algumas seleções, e sobretudo de pessoas que desconhecia, a partir de alguma fragilidade que era revelada ali nas respostas, pois elas me faziam entender que partíamos de condições que nos colocavam em alguma zona de contato, que costuravam alguma sorte de comum.

Essa postura minha de não me sujeitar ao risco de alguma sorte de moléstia (e moléstias essas que não tão na ordem do exercício do trabalho, vale ressaltar, mas de suas relações¹⁷²) – a partir do que era preenchido nos formulários e também dos contatos que fazia na minha rede, pois me era possível mapear contatos que partilhávamos e pedir informações sobre *_s candidat_s* –, se deu provavelmente em decorrência de um conflito que começa a marcar sua presença nessa segunda metade do processo, conflito esse, aliás, que acabo por encontrar atravessando as discussões de demais mulheres de cor: que é o desgaste que são esses encontros (confrontos?) que te levam a um esforço abissal, geralmente em vão, de dividir todo um território distinto de vivência e pensamento que acabam por te expor diante de quem é socialmente destacado em relação a você, ainda que *_outr_* cumpra todo um discurso da cartilha do *ah, como sou desconstruíd_*, que chegam a bancar até alguns reformismos, mas não os enfretamentos e as mudanças estruturais que visam as partilhas dos poderes. Nesse sentido, me parece válido trazer um testemunho da bell hooks, de há quase 40 anos atrás, em *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*, em que fui capaz de reconhecer, ainda que guardando as devidas singularidades, tantos momentos vividos por mim:

Em 1981, matriculei-me em uma disciplina de pós-graduação sobre teoria feminista, onde nos foi dada uma lista de leituras que continha textos de mulheres brancas e homens brancos e de um homem negro, mas nenhum material de mulheres negras, índias, hispânicas ou asiáticas. Quando critiquei esse descuido, as mulheres brancas se dirigiram a mim com uma raiva e uma hostilidade tão intensas que eu tive dificuldade de continuar a frequentar as aulas. Quando sugeri que o propósito dessa raiva coletiva era criar uma atmosfera na qual me seria psicologicamente insuportável falar em discussões

¹⁷² Pois trabalhadoras domésticas ainda são submetidas a condições análogas à escravidão nesse território de soberania que é a propriedade privada, a casa, onde a fiscalização de abusos são dificultadas. Ver, por exemplo, **Em Copacabana, patroa mantinha doméstica trancada e sem comer**. Disponível em <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/05/copacabana-patroa-domestica-sem-comer.html/amp> Acesso em maio de 2018.

em sala de aula, ou mesmo assistir às aulas, elas me disseram que não tinham raiva, que eu era a única que estava com raiva. [...] Frequentemente, mulheres negras com formação universitária (mesmo aquelas de família pobres e de classe trabalhadora) eram desconsideradas como meras imitadoras. Nossa presença em atividades do movimento não contava, já que as mulheres brancas estavam convencidas de que a negritude “real” significava falar o dialeto dos negros pobres, não ter estudos, ser esperta e uma série de outros estereótipos. Se nos atrevêssemos a criticar o movimento ou assumir responsabilidade por reformular ideias feministas e introduzir novas ideias, nossa voz era abafada, desconsiderada, silenciada. Só poderíamos ser ouvidas se nossas afirmações fizessem eco às visões do discurso dominante.¹⁷³

Mas aí o próprio curso do projeto, como descrito, me ensinou – sim, me ensinou – que eu não precisava me dispor ao risco sozinha. Não que eu não pudesse, mas eu não precisava, pois existiam outras formas de afirmar nossas potências e produzir o enfrentamento necessário pra sacudir as estruturas, ainda que numa micropolítica. Pois a casa, desde onde falamos, não se manifesta unicamente como essa entidade soberana de abrigo e poder representativa dos três principais eixos do pensamento moderno (o econômico, o jurídico e o ético)¹⁷⁴. É isso também, mas, ainda, seu avesso, ou seu fosso, onde a coligação do econômico se faz é com o regime jurídico e policial da necropolítica e demais instâncias institucionais e relacionais. Portanto, quando trata-se da casa brasileira, e, ainda, da casa brasileira moderna¹⁷⁵, o que temos é uma estrutura que revela, que reforça, que reatualiza as relações coloniais desde sua divisão epidérmica-espacial da área social e da área de serviço, que inclusive marginaliza o serviço, e mais especificamente o serviço doméstico, a uma condição que não é nem mesmo a de um pertencimento social, sabendo que raça (e, nesse caso, gênero), além de estruturar a divisão do trabalho¹⁷⁶, igualmente estrutura a divisão

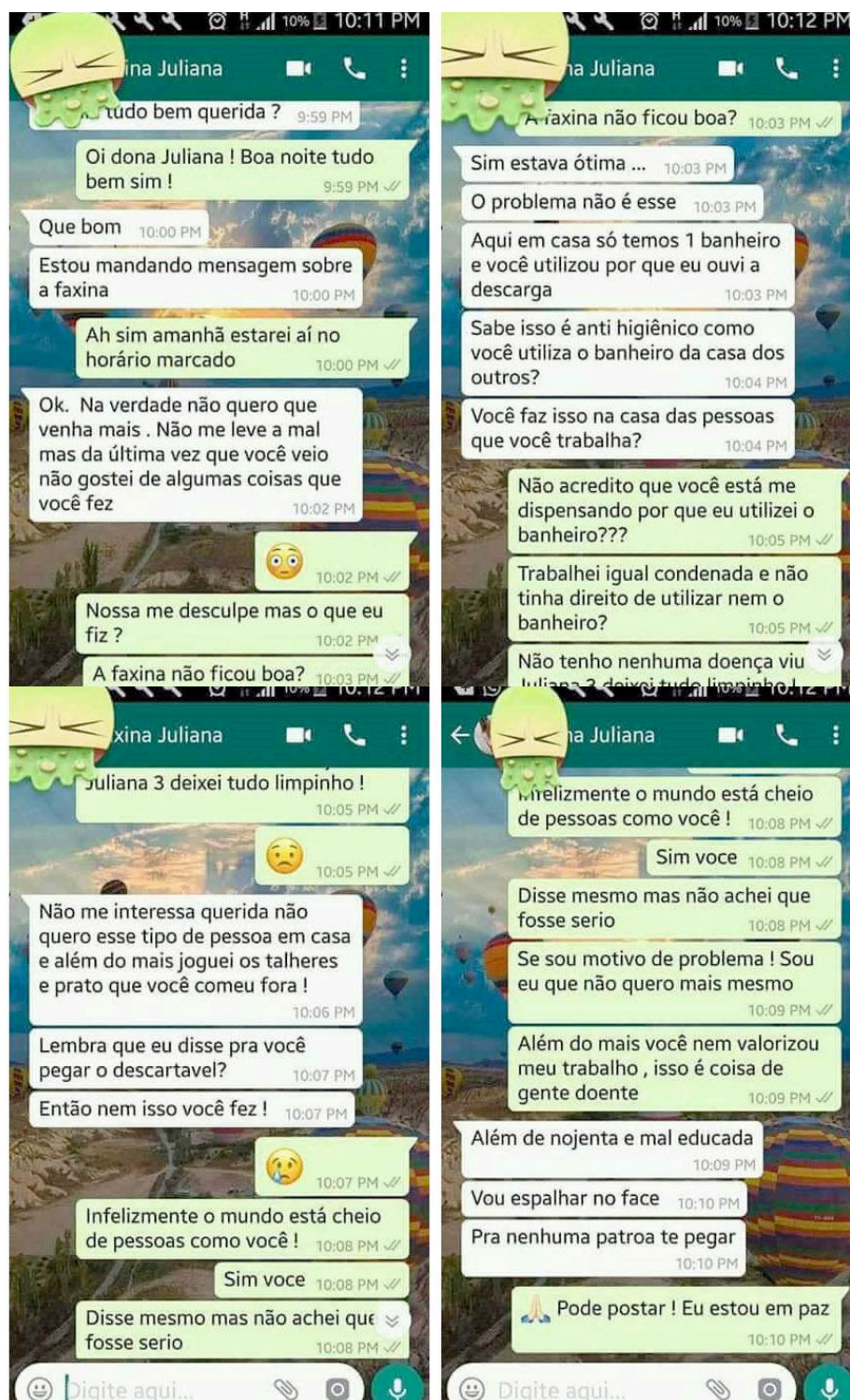
¹⁷³ hooks, bell. *Mulheres negras: moldando...*, op. cit., p. 204-205.

¹⁷⁴ Ver SILVA, Denise Ferreira da e CHAKRAVARTTY, Paula. **Accumulation, Dispossession, and Debt: The Racial Logic of Global Capitalism – An Introduction**. In: *The American Studies Association*, 2012, p. 362. Disponível em <https://muse.jhu.edu/article/486413/pdf> Acesso em maio de 2017.

¹⁷⁵ Ver LARA, Fernando Luiz. **A exclusão no espaço doméstico**. In: *Revista Fórum*. Disponível em <http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/05/a-exclusao-no-espaco-domestico/> Acesso em novembro de 2013.

¹⁷⁶ Ver INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: IPEA, 2013. Disponível em http://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=20978 Acesso em julho de 2016. Ver ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Nota 1, um trabalho decente para as trabalhadoras domésticas remuneradas do continente**. In: *Organização Internacional do Trabalho (OIT)*. Disponível em <http://www.oit.org.br/content/nota-1-um-trabalho-decente-para-trabalhadoras-domesticas-remuneradas-no-continente> Acesso em agosto de 2015.

territorial e as circulações dos corpos¹⁷⁷, seja em termos geográficos globais ou ainda nas esferas privadas. E, como nos lembra a Joyce Fernandes, a rapper Preta Rara, professora de história e ex-trabalhadora doméstica, responsável pela criação da página Eu Empregada Doméstica, “a senzala moderna é o quartinho de empregada.”¹⁷⁸



Das denúncias de abuso ligado ao trabalho doméstico compartilhada na página Eu Empregada Doméstica, fundada pela Joyce Fernandes/Preta Rara, e que acolhe testemunhos de trabalhadoras, ex-trabalhadoras, filh_s, net_s, etc, como uma comunidade que se volta às relações que se estabelecem entorno do ofício. Ver: <https://www.facebook.com/euempregadadomestica/>

¹⁷⁷ Ver QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder..., op. cit., s/n.

¹⁷⁸ Ver **Eu Empregada Doméstica Preta Rara TEDxSão Paulo**, 2017. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=d_n-z3s8Lo Acesso em junho de 2017.

E, de alguma forma, esses processos que se deram acabaram por revelar um certo conflito de minha parte com relação ao próprio projeto que lançara, à sua estrutura, daquilo que é enunciado por mim, e se ele afirma ou não as potências, porque é preciso contar essa história a partir de suas potências e de suas vozes de resistências, ainda que o entendimento das construções marginalizadas arquitetadas sobre a gente seja fundamental no sentido de fazer emergir novas consciências de quem se é/somos, que foi algo discutido no penúltimo capítulo 1 a partir das elaborações da Grada Kilomba sobre *descolonização do conhecimento*¹⁷⁹. Contudo, esse não é lá um conflito resolvido. Ainda que talvez ele surja como um reflexo desde a perspectiva do pensamento feminista negro, para o qual é preciso lançar olhares múltiplos pra qualquer questão, inclusive no sentido de escavar suas fragilidades e seus vetores de forças. Mas se eu me atento mais cuidadosamente à trajetória do próprio Faço Faxina posso intuir que esse conflito que narro tem sua presença marcada pelo menos desde o lançamento da proposta, em 1º de julho de 2016. Pois, afinal, já no próprio anúncio do projeto nas redes sociais eu começo com esse enunciado que é o “Faço Faxina”, ao longo do corpo do anúncio descrevo que “não sou faxineira profissional”, ainda que o “não sou artista profissional” apareça antes, pra que no fim eu assine o texto como “faxineira-artista-pesquisadora”. De alguma forma os meus conflitos já tão impressos ali e em toda uma memória de experiência de vida que me faz oscilar se sou ou não sou e o que sou? Ou, melhor, talvez resta me perguntar se o conflito já não se faz na oscilação de que “o negro não é” em Fanon e do questionamento do “não sou?” da Sojourner Truth, como especulávamos anteriormente sobre a natureza instável, residual e, ao mesmo tempo, rebelde do nosso (*não*) *ser* (?) nesse mundo.

Portanto, longe de desejar concluir alguma coisa, mas apenas partilhando, é nessa rede, nessa malha densa tensionável que estou e, apesar dos conflitos, se nossas percepções mudam ou se alargam, a roda gira e talvez não pare de girar e tendo a entender que nossas apostas descoloniais/anti-coloniais se fazem nesse girar da roda, ainda que pra outras direções. Pois de mim não vai partir um discurso de que *na arte tudo é possível* e tampouco uma busca por unanimidades, pois essas se fazem, desde minhas perspectivas, parte das ferramentas de dominação. Tenho pra mim que

¹⁷⁹ Ver KILOMBA, Grada. WHO CAN SPEAK? Speaking at the centre, decolonizing knowledge. In: KILOMBA, Grada. **Plantation Memories. Episode of Everyday Racism**. Münster: Unrast, 2016, p. 23-36.

tampouco me é possível, desde um posicionamento ético, criar algum tipo de polêmica e cair fora. Pois não botar os problemas pra debaixo do tapete se faz como uma das bases do Faço Faxina, se disponibilizar a enfrentá-los, inclusive aqueles que podem partir de mim, e essa responsabilidade atravessa essa escrita e está pra além desse território. Pois é desde as bases filosóficas do sankofa e do ubuntu que procuro me inscrever no mundo, entendendo que os tempos nos atravessam, mas também nossas existências atravessam os tempos.

Mesmo diante da afrodiáspora, as sociedades falantes de idiomas do tronco linguístico bantu compartilham a noção de que a comunidade possui três dimensões: os ancestrais, os que estão vivos e os que ainda não nasceram. A ética deve levar em consideração as três dimensões. Se a realização de uma pessoa está sempre na interação com todas as outras pessoas. É indispensável levar em conta os ancestrais e os que estão por vir. No idioma swahili existe um princípio chamado *kuumba*, a palavra significa, literalmente, criatividade. O que, em termos de princípio, remete a capacidade de criar, inventar e usar toda nossa capacidade para deixar tudo que herdamos de nossos ancestrais – a comunidade, os bens, o meio ambiente e toda a cultura – mais belas, belos, confortáveis e funcionando adequadamente para os que virão.¹⁸⁰

Bom, e têm aquel_s que acreditam que a profusão do uso do gerúndio no Brasil se dá por uma influência da língua inglesa, mas se a gente se depara com palavras bantas adotadas em nossas falas – como marimbondo, tanga, quitanda, bunda, ginga, xinga, capanga, samba, umbanda, denço, e tantas outras – a gente pode é tomar uma via de aposta de intuir que é de uma perspectiva ao sul por onde se manifestam nossos caminhando(s) e por onde se produz nossos inventos, ainda que a gente nem se dê conta, pois nem todo segredo nos é revelado, apesar de *tá tendo*. A transmissão de sabedoria, portanto, ao longo do trajeto que não é reto, pode até ter se diluído de sua sonora oralidade, mas que não deixa de nos tocar como brisas ou mesmo vendavais. “Como um moinho que roda/Traçando a linha sem fim/E desbravando o futuro/Girando em volta de mim.”¹⁸¹

Nesse sentido, vale a pena ressaltar uma geração de jovens artistas visuais no Rio de Janeiro – ainda que de origens diversas, mas sobretudo relacionadas com as bordas da

¹⁸⁰ NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 3, n. 6, 2012, p. 148-149.

¹⁸¹ METÁ METÁ. Cobra Rasteira. In: *MetaL MetaL*. Álbum de 2012.

cidade – cujas produções estabelecem zonas de contatos com os territórios dos serviços de base, e sendo tod_s negr_s, atravessad_s pelas racialidades colonizadas. Além de mim, trato mais especificamente de nomes aqui já citados e com quem venho estabelecendo diferentes parcerias: com a Aline Besouro que tem toda uma produção que se volta pra costura, pra impressão, pra troca, pro comércio, pro rolo, pra muamba, das peças que produz; com o Jandir Jr., que ao lado de Antonio Gonzaga Amador, vêm produzindo uma série de ações que partem das relações entre conservação e fruição das obras em espaços institucionais das artes por meio da figura e do ofício do segurança, sob o título *Amador e Jr. Segurança Patrimonial Ltda*; com Lyz Parayzo, que ora se apresenta como a *putinha terrorista* e ora como a *manicura*, adotando este serviço sobre as unhas como um trabalho de pintura, além de sua produção ligada à ourivesaria e com Rafa Éis, que têm uma série de trabalhos que se relaciona com o ofício do pedreiro e gestos que vão ao encontro do tema da casa e sua construção.

Me parece importante chamar a atenção de como a entrada desses corpos no campo elitista das artes visuais se deram principalmente pela via do ensino universitário, junto de uma leva de toda uma população nas últimas décadas que fomos _s primeir_s de nossas famílias a adentrar nesse ambiente que se fez por séculos um reduto quase que exclusivo aos corpos dominantes, mesmo que nossa circulação e a distribuição dos saberes se façam ainda tão desiguais. Mas não são apenas as nossas vidas (e de nossas famílias) que mudam, que mudaram, com nossas entradas no ensino superior. O que articula em entrevista a socióloga Marcilene Garcia da UNESP é que esses espaços também vêm se beneficiando com nossa entrada ali nos últimos anos, ainda que continuemos sendo não bem-vind_s por muita gente.

Ou seja, aquele lugar ganhou com a presença do negro, as universidades ganharam com a presença do negro. O que incomoda, parece até uma frase de senso comum, é pensar que o filho da empregada está estudando com o filho do patrão branco. Isso mexe com a nossa história. É a manutenção do *status quo* da população branca nesses espaços. Como é que eu posso falar em meritocracia num país em que a disputa é quem tá à lancha e quem tá à nado? [...] Reitero, os alunos negros são os mais pobres que estão entrando, tão tirando as melhores notas – isso é um incômodo na Universidade –, evadem menos, têm nota na média ou acima, ou tá muito próximo. Não evadem... isso é um ganho pra Universidade... “Ah, não gostei do curso...” Não, ele não pode não gostar do curso, ele vai dizer: “essa é a única oportunidade”. [...] E esse discurso de que baixa o nível da qualidade do ensino já foi superado. O que

tem é um outro perfil de Universidade, que vai tencionando, que esses jovens negros tencionam a melhoria da qualidade: “Eu tô cursando Direito e ninguém fala de Direito Racial aqui? E aí, não vai ter uma disciplina? E na Pedagogia, não vai ter nada sobre os quilombolas?” E as Universidades estão pensando. Nós vamos ter que falar de temáticas que nunca pensaram, que quem tá tencionando é essa entrada.¹⁸²

Outro dia mesmo pensava, a partir dessas relações apontadas pela professora Marcilene, no que toca às oportunidades do ensino, o quanto os estudos, desde muito cedo, se configuram pra mim como uma relação de trabalho e imagino que, provavelmente, essa percepção se faça valer pra muitos corpos cujas origens se fazem nas camadas populares, pois há uma certa promessa de uma colocação social mais digna com a educação formal que pouco nos permite vacilar diante dela, e sabendo que ser median_ pra gente é pouco, diante das batalhas desiguais da vida. Assim, eu tive uma vida regrada nos estudos, dentro da escola e dentro de casa. Apesar de meu pai vir hoje pra mim com um papo de que “o ótimo é inimigo do bom”, acho que criticando um certo perfeccionismo da minha parte – e, sim, *a perfeição é uma merda* – tenho recordações dele fazendo gráficos dos nossos rendimentos escolares, os meus e os do meu irmão, a partir das notas das avaliações. “A educação é o que posso deixar pra vocês”, algo assim dizia minha mãe. E tô segura que esses esforços dos meus pais, que se refletiram em muitas cobranças, e que se transformaram em nossas cobranças pessoais, se deram no sentido que tivéssemos uma vida menos dura.

Então me parece que é preciso olhar pra esse fato comum entre nossos trabalhos – dessa geração de artistas-pesquisadores negr_s no Rio de Janeiro que estabelece esses contatos com os serviços de base (com suas dinâmicas, com seus gestos, com seus ofícios) – como sendo uma tomada de um lugar de reconhecimento de nossas origens e, mesmo, como uma tomada de disputa epistemológica frente aos espaços hegemônicos, tanto acadêmicos quanto os das artes visuais, nos quais nos é uma batalha, ao mesmo tempo que um suplício, nos reconhecermos em potência, como articulador_s, como referências afirmativas de saber e criação dentro do que é posto em pauta. Pois a experiência vivida nos é uma chave de luta e de saber, apesar das forças catequizantes daquilo que é tomado como o cânone – e sem querer negar esses

¹⁸² Programa TVE Debate Cotas Raciais de novembro de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BT1tfpcIPDo> Acesso em março de 2018. [Minhas transcrições]

conhecimentos –, mas acredito que a gente venha num caminho de reconhecer as sabedorias que brotam de todos os cantos, inclusive de dentro de nossas casas, daquelas que nos fizeram crescer e daquelas experiências que nos educaram fora das formalidades, pois o saber é isso que circula em todos os territórios, vale frisar, que emana de todas as formas de vida, ainda que os territórios hegemônicos priorizem estrategicamente alguns conhecimentos e abordagens em detrimento de outros. De alguma forma quero ler esse quadro também – e não faço referência apenas a esse pequeno grupo, mas entendo um movimento – de uma tomada de posição que se faz num rumo anti-anropológico, anti-etnográfico e que se vincula mais com os territórios dissidentes afetivos, com o que emerge de potência e dor aí, onde podemos nos reconhecer.

Além do mais, é preciso se perguntar também quem são _s que estão em posições de poder dentro da universidade – assim como conversávamos da escassez da representatividade de corpos dissidentes em posições de poder no campo das artes visuais que não aquelas unicamente d_ artista, d_ realizador_, que com alguma negociação, cavando ali nas frestas a gente circula, atravancadamente cambaleantes e tropeçantes. Então é preciso tencionarmos nossa entrada na academia em outr_s postos que não apenas a posição do corpo discente, a d_ alun_, *daquel_ que carece de saber*. – Não é essa a lógica?

A bell hooks, escrevendo sobre os desafios e as potências da luta das mulheres negras, nos oferece uma percepção que me parece válida trazer aqui. Segundo ela é essencial reconhecer “o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá”, e que se faça, “uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante”, com os propósitos de, “vislumbrar e criar uma contra-hegemonia.”¹⁸³

É óbvio que nos é motivo de orgulho entrar ali, quando miramos nossa trajetória – pois nossas urgências se fazem também em podermos estar em todos os espaços – mas nossa luta não se encerra no fato de termos entrado ali, pois a partir do ingresso são outras camadas que entram que nos podem fazer pensar o quanto não estão é nos convidando pra sair: camadas essas que implicam as manutenções da vida; das saúdes; dos regimes de saberes partilhados e as violências que acontecem aí; as

¹⁸³ hooks, bell. Mulheres negras: moldando..., op. cit., p. 208.

próprias relações hierárquicas e seus jogos de poder; as possibilidades e impossibilidades de circulação e de continuação do que se começou – e não só pra nós mesm_s, porque quando somos um_ nos tornamos um alvo fácil e esse é um terreno de disputa. Discutindo o mito da neutralidade do espaço acadêmico são as seguintes observações que a Grada Kilomba nos oferece em *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism* – ou você acha que as relações coloniais não se perpetuam na academia?

[...] Black scholars are persistently invited to return to ‘their place’, ‘outside’ academia, at the margins, where their bodies are seen as ‘proper’ and ‘at home’. Such aggressive comments are fruitful performance of power, control and intimidation that certainly succeed in silencing oppressed voices. Fruitful indeed, for I remember I stopped writing for more than a month. I became temporarily voiceless. I had a *white-out*, and was waiting for a *Black-in*. [...] I, as a Black woman, write with words that describe my reality, not with words that describe the reality of a *white scholar*, for we write from different places. I write from the periphery, not from the centre. This also the place from where I am theorizing, as I place my discourse within my own reality. The speech of Black scholars then often arises as a lyrical and theoretical discourse that transgresses the language of classic scholarship. A discourse that is as political as it is personal and poetic, like Frantz Fanon’s writings or bell hooks. This should be the primary concern on scholarship’s decolonization “to bring out a chance for alternative emancipatory knowledge production”, as Irmingard Staeuble argues, to transform, “the configurations of knowledge and power for the sake of opening up new spaces for theorizing and practice”. As Black writers and scholars, we are transforming configurations of both knowledge and power as we are moving between oppressive boundaries, between the margin and the centre. This transformation is mirrored in our discourses. When we produce knowledge, argues bell hooks, our discourses embody not only words of struggle, but also of pain – the pain of oppression. And when hearing our discourses, one can also hear the pain and emotion contained within its brokenness, she argues, of *still* being excluded from places at which we have just ‘arrived’, but can hardly ‘stay’.¹⁸⁴

¹⁸⁴ KILOMBA, Grada. *Plantation Memories...*, op. cit., p. 29-31. [Minha tradução: Estudantes Negr_s são persistentemente convidad_s para voltarem para ‘seus lugares’, ‘fora da academia’, nas margens, onde seus corpos são vistos como ‘adequad_s’ e ‘em casa’. Tais comentários agressivos são demonstrações frutíferas de poder, de controle e intimidação que certamente são bem sucedidas em silenciar vozes oprimidas. São bem sucedidas, aliás, ao ponto de eu me lembrar que eu parei de escrever por mais de um mês. Eu me tornei temporariamente sem voz. Eu tive um *white-out*, e eu aguardava por um *Black-in*. [...] Eu, como uma mulher Negra, escrevo com as palavras que descrevem minha realidade, não com as palavras que descrevem a realidade de um_ estudante blanc_, pra gente escrever parte de lugares diferentes. Eu escrevo da periferia, não do centro. E esse é também o lugar de onde eu teorizo, enquanto situo o meu discurso dentro de minha própria realidade. Assim, os discursos d_s pesquisadores Negr_s costumam emergir de forma poética e teórica que transgridem a clássica linguagem da academia. Um discurso que é tanto político quanto pessoal e poético, como os escritos de Frantz Fanon ou os da bell hooks. Essa deveria ser a preocupação primária da educação decolonial “oferecer a oportunidade para a produção alternativa de conhecimento emancipatório, como Irmingard

Sim, como disse a socióloga Marcilene Garcia, nossas entradas nesses espaços mexem, rearticulam suas histórias, mas ainda assim nossas vulnerabilidades se fazem presentes. Uma das problematizações levantadas por Grada envolvia o fato do quão era violento pra ela ser a única aluna negra do departamento, da turma, mas isso numa universidade na Alemanha. Agora, pense que isso faz parte da minha experiência educacional nos programas de artes no Brasil: quando eu não era uma das poucas alunas negras da turma eu era a única. Então é a voz da professora-artista no Parque Lage, essa escola que se denomina como *usina cultural*, que ricocheteia triturrante em mim: “Arte nunca foi e nunca será para todos.” E essa não foi a fala da ex-diretora não, foi um dos ensinamentos passados em aula por uma educadora em meus primeiros contatos com o território das artes visuais contemporâneas no começo dessa década. Quer mais *apartheid* que esse? E entendo que essas relações não dizem respeito unicamente a esse campo, pois é preciso reconhecer que o Brasil se faz avesso às diversidades e tem lá seus meios, seus *jeitinhos*, bem ardilosos e sofisticados pra escamotear essa realidade, ao ponto de se fazer passar, de ter produzido a imagem e a identidade de uma *democracia racial*, enquanto nem nunca uma democracia foi, como lembra Lélia Gonzalez¹⁸⁵.

A vida tentava pulsar, a gente tentava lá reorganizar nossos cacos e eu, pretensiosamente, imaginava que essa parte da escrita já estava encaminhada e me aventurava no prosseguimento desse texto em outras questões quando a notícia de mais uma brutalidade nos chega: primeiro com desaparecimento d_ artista e estudante do Instituto de Artes da UERJ Matheusa Passareli/Matheus Passareli e nas movimentações pra encontrá-l_ e, depois, com a notícia da crueldade que sua vida foi submetida. Não. Não se pode circular em todos os espaços. E quando esse recado não nos chega fisicamente, ceifando brutalmente nossas circulações, como o feito contra

Staeuble sustenta, para transformar, “as configurações de conhecimento e de poder com o intuito de abrir novos campos de teorização e prática”. Como escritor_s Negr_s e acadêmic_s, nós estamos transformando as configurações tanto do conhecimento quanto dos poderes enquanto nos movemos entre os limites opressivos, entre a margem e o centro. Essas transformações se refletem em nossos discursos. Quando produzimos conhecimento, argumenta bell hooks, nossos discursos incorporam não apenas as palavras de luta, mas ainda as de dor – a da dor da opressão. E quando escutam nossos discursos, pode-se ouvir ainda a dor e a emoção contida nessas fraturas/nesses rompimentos, ela argumenta, de ainda sermos _s excluíd_s dos espaços em que acabamos de “chegar”, e nos quais mal podemos “permanecer”.]

¹⁸⁵ Ver Discurso de Lélia Gonzalez em ato do Movimento Negro Unificado nas ruas do Rio em 20 de Novembro de 1988. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BFnvKcsLqJI&feature=youtu.be>

Matheusa, ele chega atuando simbólica e subjetivamente fazendo emergir uma série de gatilhos emocionais que ceifam nossa vida em vida, quase já não isso. Não. Lutando pra ser isso. Mas ontem a cerimônia em homenagem à vida d_ Theusa foi todo o ensinamento político que vou carregar em minha memória, em minhas entranhas. Como disse bravamente Gabe Passareli/Gabriel Passareli, irmã_ da Matheusa, que abriu a cerimônia lendo a escrita produzida pel_ irmã_ que fora executad_ e realizando intervenções sobre o texto – que passavam por chamar a nossa atenção para o que Matheusa estava falando e que precisávamos escutar – “não temos tempo pra cair.” E se isso partiu d_ irmã_ d_ Matheusa, vítima de tanta crueldade, como eu vou cair, como a gente vai cair? Se não nos tombarem, os ensinamentos que ficam em mim é o de lutar por cada traço de nossa vitalidade: por respirar, por andar, por se comunicar, por comer, por se cuidar em inúmeras formas (fazendo isso pela gente, pel_s demais e que a gente possa receber essa atenção também), por se instruir e querer mais da vida, por prazer, por dignidade, por ser em cada traço de nossa existência... É duro, mas a gente precisa lutar por isso, porque às vezes a gente sucumbe, mas é preciso se reorganizar e se atentar que estamos viv_s e que, por mais que nos mostrem que nossa vida não vale nada, temos é que tomá-la como dádiva, e como uma dádiva ancestral, e que merece muito respeito. Nós mesm_s precisamos nos alertar pra isso. Precisamos respeitar essa dádiva que é estar viv_, honrar isso que já nos é herança e qualquer sopro de vitalidade que nos constitua.

A cerimônia foi por Matheusa, mas foi por tod_s nós. Diante do que vem acontecendo é preciso parar, suspender as circulações, se reavaliar, retornar, se reorganizar, imaginar novos rumos, novos caminhos, nem que seja se voltar para os velhos caminhos que, muitas das vezes, nem acesso a eles tivemos. O que tá em pauta é um projeto de futuro. Hoje. Não é mais um projeto de futuro dos modernos do começo do século XX que apostavam num progresso da humanidade pelas máquinas, pela tecnologia. É um projeto de futuro hoje, desde a colônia, daquel_s que recebem os feixes de sombra e de todo um horror da modernidade e que gritam pela vida, porque o projeto de ordem e progresso nos trouxe muito sangue.

Mas a cerimônia foi pela vida d_ Matheusa, mas foi por tod_s nós.

Diante das discussões que távamos levando, sobre nossas circulações nos espaços que são considerados centrais – que tornam nossos acessos e manutenções ali um

sacrifício, uma luta – veja essa produção generosa d_ Matheusa Passareli, desde sua experiência vivida e que nos foi oferecida na cerimônia em sua homenagem.

Partilho esses saberes com você desde a mesa que escrevo, na qual abri um espacinho pra multiplicar esses saberes por meio do registro fotográfico desse material, desde essa mesa que construí com minha mãe, que me ajudou a improvisar um lar confortável – que me é digno e confortável – desde nossas mãos, nessa cidade que a lógica do desconforto, quando não a da violência, parece o comando de operação social.

O RIO DE JANEIRO
CONTINUA LINDO
E OPRESSOR

relatos da disciplina de gravura
uerj

matheus passareli simões vieira

matheusa

corpo estranho dessa cidade
relatos que comprovam meu
corpo estranho na universidade

após diversas tentativas de adentrar o sistema
matheus passareli simões vieira
habitante passivo da cidade do interior
do Rio de Janeiro, Rio Bonito.
desloca-se de seu habitat natural para adentrar
uma pesquisa de corpo.
corpo na cidade.

cidade grande exclusiva
elitista separatista racista fóbica

mas o Rio de Janeiro continua lindo, não é
mesmo?

não, não está nada lindo.

NÃO ESTÁ NORMAL.

após todo esforço de adentrar a universidade
preciso me esforçar para me manter dentro dela.

me prometeram auxílio
apoio
suporte

como suportar tanto peso que é se manter nessa
cidade?

preciso de mais
suportes!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

me alimentar.

trabalhar para poder estudar.

trabalhar para me alimentar.

ir alimentado para o trabalho.

carregar marmita.

marmita que carrega.

minha marmita leva as comidas que aprendi a fazer
através da minha mãe.

minha marmita vai comigo para a faculdade, para o
trabalho, para o curso.

minha mãe vai comigo para a faculdade, para o
trabalho, para o curso.

rastros de um processo de dedicação e trabalho
conjunto para dar estrutura e suporte para os seu
filhos.

rastros de um grande processo de exclusão de corpos
negros na sociedade/universidade/cidade.

decidi ocupar o máximo de espaços possíveis, me
colocar na cidade para que eu possa me prender

nela, agarrar o máximo possível nas estruturas.

como virus me espalhar pela cidade para me
alimentar.

comer o máximo possível, encher a barriga.

se conseguir,

a marmita.

se manter fixo na estrutura que te oprime.

me manter fixo na estrutura que me oprime.

corpo estranho

como se manter no sistema sem enlouquecer?
encontros e contato entre corpos,
criação de redes de afeto e proteção,
rede de resistência.
resistências afetivas.

gravura
laboratório I
história da arte IV
A B A N D O N A D A
música
pintura e intermeios
estética e teoria da arte III
história da arte brasil I

resistência 1
resistência 2
resistência 3
EXPELIDA
resistência 4
resistência 5
resistência 6
resistência 7

ir para a aula de gravura me proporcionou
encontro com diferentes corpos
toda segunda feira
(que consegui chegar na aula)
me encontrei com os oito corpos produzidos por
mim e que estão expostos no olha geral.
produzi este trabalho partindo do conceito de
negativo.
fui orientado a pensar negação.
nem todos os alunos estão conseguindo acessar
a universidade, não temos bandeirão, não temos
bolsas em dia.

quantos não.

meus corpos se negam ser
o que parecem ser.
exposição de corpos.
corpos sensíveis.

tenho me perguntado se as pessoas realmente
olham geral ou se olham só um pouquinho.
será que todas pessoas conseguem olhar os
trabalhos expostos no coarte?

minha mãe não.

percebi que estou gravando o tempo todo.
**Clima fica tenso entre manifestantes que se
reuniam na Uerj em ato contra violência**
Grupos com ideias opostas trocam agressões
verbais. Estudantes de artes visuais pintam corpos
com sangue cenográfico.-----**globo.com**
**Ato contra violência na Uerj tem clima tenso
entre manifestantes**

Alunos de Artes Visuais fizeram uma performance
com os corpos sujos de sangue cenográfico e as
bocas vendadas.-----**extra.globo.com**
**Uerj tem geração de alunos que não sabe o que é
estudar em instituição sem crise**
Falta de pagamento de bolsas, serviços precários
e bandeirão fechado atrapalham estudantes.
Dívida da instituição chega a mais de R\$ 300
milhões.-----**g1.globo.com**

Minha tia achava que eu vindo para universidade de
artes eu iria trabalhar na Globo.

Orientação 1 - aula:

reaproveitar uma matriz que foi utilizada em outro ano, por outro corpo.
encontrei uma matriz com contornos da zona sul da cidade do rio de janeiro.
nessa imagem produzida não se vê o entorno da cidade

rio de janeiro cidade maravilhosa
desde que cheguei aqui nada é maravilhoso!!!!
não quero ajudar a construir essa imagem de cidade espetáculo.

mentirasas.

na serigrafia reproduzi essa mesma imagem várias vezes.

não satisfeito decidi que iria produzir uma nova matriz.
planejava imprimir a frase sobre as imagens já reproduzidas através da primeira aula

O RIO DE JANEIRO
CONTINUA LINDO
E OPRESSOR

orientação 2

me impressionei muito pelo tamanho do rolo de alumínio, aprendi a lixar a placa.
esqueci de falar, me impressionei por todos os rolos, as prensas me encantaram, mesas, pias, placas de vidro e de borracha, placas de madeiras, placas cheias de histórias de alunos que nunca vi, mas que passaram por ali.

é bonito ver as duas prensas lado a lado.
a verdinha mais antiga, corrente pendurada, rolo enferrujado
não brilha tanto quanto a novinha, prateada.
tem até o nome escrito: G-600.
procurei o nome da verdinha, mas não tem nada gravado.
a professora falou que foi feita a mão, um senhor italiano. vestígios de identidade.
verdinha já tem carinho até no nome.

o prelo!!!

pesado barulhento espaçoso
também verdinho

precisa ficar na varanda

não me relacionei com ele, todo requisitado

demandá muito do corpo

é bonito observar as relações que os corpos tem com ele

contato entre corpos de carne e corpos de ferro

me contentei várias vezes em somente observar os outros trabalhando

as aulas são construídas e orientadas para funcionar com um ateliê lotado, todos os artistas trabalhando, seja em suas próprias pesquisas e descobertas ou auxiliando e aprendendo com o outro trocas

obrigado a todos que me ensinaram um pouquinho

Inês ensina tanto
ensina a gostar do que faz
ensina a cuidar do que é nosso
ensina a pensar no outro e trabalhar com ele
ensina a resistir sendo mulher e professora em um
estado que não a valoriza

e eu aprendo
aprendo que pra seguir me mantendo dentro
dessa universidade seguirei gritando a minha
história
talvez por uma vontade de nunca esquecer as
coisas lindas que eu aprendi e que não estão aqui.

eu não saí de rio bonito atoa.
eu resisto.
uerj resiste.

AGRADECIMENTOS

minha mãe
SALACIONE PASSARELI PIMENTEL

meu irmão
GABRIEL PASSARELI SIMÕES VIEIRA

matheusinho
CONATIVO

Isso foi um ensinamento. Que a gente se reorganize, se rearticule, se revire, porque é isso que os ensinamentos pedem. Me dói absurdamente não ter tido a oportunidade de ter contato com essa produção enquanto Matheusa pulsava em vida. Que a gente encontre formas de trocar nossas pulsões em vida, pois as nossas circulações nesses espaços, e nem em lugar nenhum, estão garantidas. Que a gente faça isso por nós mesm_s e que a gente consiga ser essa rede de suportes múltiplos um_ para _s demais. Eu só tenho que agradecer por essa reflexão que el_ nos oferece, pois elas são riquíssimas para essa construção, pra essa escrita caminho e redemoinho, em que a luta por ser é um ter-se tornado, um vento que não cessa. Às vezes pode se ter a impressão que se findou, que se desmaterializou por aí e que o contato foi perdido, mas aí vem aquela brisa ou vendaval e nos toca, nos remexe, nos re-ori-enta.

Encontrar ar por aqui com o corpo torcido ainda me é difícil, mas esse é um investimento importante pra mim agora: ser esse ser capaz de troc-ar com o mundo, abrir, com respeito, espaço para que o ar entre e saia, ganhe seu rumo e quem sabe retorne novamente. Afinal, não temos tempo pra cair e precisamos cuidar da dádiva da vida. E se a gente for se abaixar, como disse sabiamente Gabe Passareli, que seja pra meditar.

Quando a Mãe Stella de Oxossi escreve que pra mudar o mundo é preciso procurar ser dign_ pra não perder a capacidade de se indignar com as mazelas humanas ela também revela um profundo sentimento de humilhação, de impotência, diante desse investimento grandioso. Mas que pra ela o caminho pra lidar com essa humilhação foi justamente o de reunir coragem pra descer ao fundo do poço.

Até que um dia, me senti humilhada diante dessa impotência. O sentimento de humilhação me conduziu a uma reflexão profunda: quem sou eu para dizer que o mundo precisa ser mudado? Logo eu, que na maioria das vezes nem consigo identificar o que é preciso modificar em mim. Extremamente humilhada, parecia que o chão se abria para que eu entrasse em um poço profundo. Sabia que corria um grande risco de ter uma depressão física, emocional e espiritual. Foi a consciência de que muitas pessoas tinham em mim um braço forte para levantá-las que me deu a coragem necessária para descer ao fundo do poço e de lá retirar a riqueza que minha essência divina tanto ansiava. O fundo do poço, com sua terra úmida, fez com que minha essência divina lembrasse que ela estava vinculada ao planeta Terra, que ela estava vinculada a um corpo limitado feito de matéria densa, feito de lama, feito de terra úmida. Depois de se chegar ao fundo do poço, só resta uma alternativa: retornar, transformando humilhação em humildade. Humilhação,

humildade, humano, humanidade. Desci de meu pedestal de senhora capaz de mudar o mundo, para ser apenas um ser humano que cumpre a cada dia, ou melhor, a cada instante aquilo que o mundo lhe manda fazer. Dou, então, a seguinte resposta para a pergunta 'o que você faria para mudar o mundo?': viveria, e busco viver, minha vida como um rio que flui, esforçando-me bastante para não ser obstáculo no fluir da vida do outro. [...] pegaria uma borracha, apagaria o que está aí e pediria às crianças, não de idade, e sim de sentimentos, que fizessem um novo desenho. Eu tenho certeza que elas desenhariam uma família, com todos os membros de mãos dadas. União, unidade, humanidade.¹⁸⁶

Que chegam ao fundo do poço, me parece óbvio. Mas será que teremos sabedoria pra colher a fertilidade dessa lama? Me parece óbvio, mas não sei se é uma percepção partilhada, pois ainda têm aquel_s que constroem seus pedestais sobre essa base enlameada e tratam de despejar ainda mais detritos, seus próprios detritos, nesse abismo. E não sei mesmo se é possível sair desse poço se não o fizermos junt_s, e isso é válido pra quem se acha no pedestal também, pois essa plataforma é apenas uma ilusão de que no poço não se está, sabendo que se distanciar dessa base pode é acabar proporcionando uma queda violenta, imperdoável em relação a tod_s. Diante dessa condição, como produzir vida?

Sei que minha construção aqui é perdida desde o começo, pois venho me dando conta dos tantos abismos que habito, mas tenho que acreditar que é preciso buscar viver. E, nos lançar nessa aventura da busca, já me parece valer a penas na maior parte das vezes, pois há sim aquele sopro que nos toca ou toda uma ventania desconcertante pela vontade de pulsar no mundo. E, de alguma forma, um novo entendimento se abre nesse momento de tantos golpes sucessivos: se colocar como adversári_ da raiva tá num lugar doloroso, mas possível, agora se colocar como adversári_ da tristeza me parece uma competição um tanto desleal. É possível recolher forças, reorganizar as fraturas da tristeza? Teria um grau de desorganização irreorganizável? Se existir, me parece que seu lugar está no poço da tristeza. Lembrando que, apesar de terem se encontrado e se afastado muitas vezes, foi o **EU** o primeiro a se apagar e o **NÓS** é o que vem se apagando em seguida nessa navalha banal. **VC** e **ELXS** ainda tão bem

¹⁸⁶ Ver Mãe Stella de Oxossi. “**Nunca perder a capacidade de me indignar com as mazelas humanas**”. Artigo concedido à UOL Notícias. 2018. Disponível em <https://www.uol/noticias/especiais/como-mudamos-o-mundo--candomble.htm#nunca-perder-a-capacidade-de-me-indignar-com-as-mazelas-humanas> Acesso em janeiro de 2018

nítidos, mas a lâmina é imperdoável. Não sei mesmo se essa escrita faz sentido, mas eu a sinto. E é mais uma vez a Audre Lorde que su ssurra aqueles versos que repetirei pela terceira vez, pois têm coisas que a gente vai repetir, repetir, repetir, gritar, gritar, gritar, e sem grandes garantias de eco, mas a gente vai continuar:

[...] **eu** não posso me dar ao luxo de lutar apenas contra uma forma de opressão. **Eu** não posso acreditar que a liberdade da intolerância é direito de um grupo em particular. E **eu** não posso me permitir escolher entre quais os fronts **eu** devo batalhar contra as forças de discriminação, onde quer que elas apareçam para **me** destruir. E quando elas aparecerem pra **me** destruir, não demorarão muito para que depois elas apareçam para destruir **você**.¹⁸⁷



¹⁸⁷ Ver LORDE, Audre. There is no hierarchy of opression. *In*: BYRD, Rudolph P.; COLE, Johnnetta Betsch, GUY-SHEFTALL, Beverly (org.). **I Am Your Sister: Collected and Unpublished Writing of Audre Lorde**. Oxford University Press, 2009, p. 219-220. [Meus grifos e tradução.]

Como nenhuma construção aqui é unilateral e linear, e daí reside também a dificuldade dessa escrita, o que é capaz de refletir na dificuldade de sua leitura, tentando retomar o fôlego, tentando, me parece necessário olhar pra tomada de um lugar de reconhecimento de nossas ori-gens¹⁸⁸ e de reverência às nossas histórias, às vidas dos nossos familiares, às suas lutas, ainda como um tensionamento das narrativas únicas¹⁸⁹ que caem sobre nós – que caíram sobre _s que nos antecederam e que continuam caindo sobre a gente, esse perpetuar do funcionamento da máquina negreira que o Glissant aponta como tendo início no próprio navio negreiro em sua travessia atlântica. Um reconhecimento que se faz atrelado ao trabalho, como o corpo negro é construído na modernidade colonizante, e àqueles postos que _s branc_s se recusam a desempenhar, sendo a estrutura racista, como já articulado com a própria Grada Kilomba, também essa projeção, esse depósito do que _s branc_s, em seus delírios de superioridade, se recusaram historicamente a realizar e continuam se recusando.

Lembro que quando ouvi a elaboração da Joyce Fernandes/Preta Rara em sua palestra de que o ofício da empregada doméstica é isso que é hereditário, e que passa da avó, pra mãe e pra filha – portanto, dentro da linhagem feminina da família – me dei conta de que possivelmente essa herança não chegou até a mim porque foi o fato de minha avó (que fora trabalhadora doméstica) ter gerado um filho homem, o meu pai (dentro desses padrões cisheteronormativo de família, ainda que atravessada pela racialidade colonizada), que interrompeu esse ciclo, esse projeto determinista hereditário em relação ao trabalho, mas que também atravessa demais esferas existenciais para os corpos negros. Além do que, há muito de uma iniciação nesse serviço que se dá ora pra substituir a mãe que por algum motivo não pôde comparecer no trabalho na *casa de família*, ora pra fazer um trocado numa breve temporada pra fortalecer a renda familiar e, quando se vê, por conta de todo um canal de acesso pré-estabelecido, tido como tão natural, esse ofício já passou pra geração seguinte. Fora que há toda uma iniciação dentro da própria casa, porque são as meninas, enquanto as mães estão

¹⁸⁸ *Ori* em iorubá significa literalmente *cabeça*. Nas religiões de matriz africana, ainda, dizem respeito a nossas conexões espirituais ligadas aos orixás que nos regem.

¹⁸⁹ Ver a fala da escritora nigeriana **Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história**. In: TEDGlobal 2009. Disponível em https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br Acesso em abril de 2016.

ausentes por conta da vida profissional, que cuidam dos afazeres domésticos, das demais crianças, idosos e pessoas com deficiência¹⁹⁰.

Bom, a herança do ofício não chegou até a mim, o que não impediu, contudo, que a narrativa não chegasse, que eu fosse atribuída como tal sem exercer profissionalmente o trabalho doméstico, narrativa essa, de existência nesse território, que cai sobre mim e sobre demais mulheres negras brasileiras, independente de suas biografias, pois as imagens estereotipadas, essas narrativas únicas em torno de nossos corpos, essas sínteses entre o ícone e o logos, organizam as distribuições dos papéis sociais, as possibilidades de circulação e os discursos enclausuradores de poder ser. O problema é quando as “mujeres interiorizan las imágenes mayoritarias y llegan a creerse los estereotipos sobre sí mismas”¹⁹¹. Daí o *pequeno segredo* da modernidade colonizante, que investe na dominação pela via do desgaste da vida, na sua limitação, logra seu êxito.

Esse problema da estereotipação é tão fundamental que boa parte dessa produção chave da Lélia Gonzalez, o artigo *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, se volta justamente pra pensar nas imagens estereotipadas projetadas sobre todas as mulheres negras em suas experiências de vida, agora não mais voltando-se para as tipologias ficcionais subalternas – como as levantadas pela Giovana Xavier a partir da literatura oitocentista, mas, talvez, aí colhendo seus (amargos) frutos. Portanto, a produção da imagem da mulher negra no terreno cotidiano da racialidade à brasileira – com toda a construção do mito da democracia racial consolidado (embora sofra também enfrentamentos daquele_s corpos dissidentes que partem de outras epistemes, vide a própria obra da Lélia) – não se restringe à produção de um único estereótipo para essas mulheres, como se era de esperar na construção desse *Brasil mestiço que vai pra frente*. Assim, Lélia vai discutir a “dupla imagem da mulher negra de hoje”¹⁹², e o artigo é de 1984: o da *mulata* e o da *doméstica*. Em algum momento Lélia chega a apresentar a noção da *mãe preta*, mas sobretudo ela se foca nesses dois primeiros

¹⁹⁰ Ver **Número de mulheres de 14 a 29 anos que não estudam por causa de afazeres domésticos é 30 vezes maior que o de homens**. In: GELEDÉS Instituto da Mulher Negra, 2017. Disponível em <https://www.geledes.org.br/numero-de-mulheres-de-14-29-anos-que-nao-estudam-por-causa-de-afazeres-domesticos-e-30-vezes-maior-que-o-de-homens/> Acesso em janeiro de 2018.

¹⁹¹ BROWN COLLINS, Alice e SUSSEWELL, Deborah apud HILL COLLINS, Patricia, Rasgos distintivos del..., op. cit., p. 109. [Minha tradução: [...]mulheres interiorizam as imagens dominantes e chegam a acreditar nos estereótipos sobre si mesmas.]

¹⁹² GONZALEZ, Lélia, Racismo e Sexismo..., op. cit., p. 228.

tipos, que ora ela apresenta como *noções*, como *imagens*, como *atribuição* ou como *engendramento*, pelo menos foram essas formulações da autora que consegui mapear ao longo de seu artigo, no que toca a produção da *mulata* e da *doméstica* como sendo aquelas imagens estereotipadas projetadas cotidianamente sobre as mulheres negras brasileiras.

Formulações essas, embora antecedam, que parecem fazer coro com a proposta do Paul Gilroy da *síntese do logos com o ícone* na produção da *raça* na modernidade – se afastando, assim, de um viés biologizante, cientificista – e que acaba por se aproximar do *agenciamento entre o visível e o enunciável* do processo moderno de produção dos objetos de arte, como articulado com o teórico e artista multimídias Ricardo Basbaum em seu livro *Além da pureza visual* – essa zona de contato já sugerida anteriormente: do quanto a produção da racialidade e dos objetos de arte na modernidade partem de operações bem próximas, que é algo pra nos atentarmos aí em relação às dinâmicas de poder e de produção estética, ou das dinâmicas que atravessam estética e política, pois, tentando costurar os campos, “a política e a arte, tanto quanto os saberes, constroem ‘ficções’, isto é, rearranjos *materiais* dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o [que] se faz e o que se pode fazer”¹⁹³, como elabora o filósofo Jacques Rancière em *A partilha do sensível: estética e política* (2000).

Mas aí me parece também que devemos nos voltar novamente pra essa literatura clássica dos feminismos negros, pras formulações da Angela Davis em *Mulheres, Raça e Classe* quando ela argumenta que o mito da mulher negra como a trabalhadora doméstica não condizia com as práticas desempenhadas por essas mulheres, que, em sua grande maioria, assim como os homens negros, eram as mãos de obra forçadas das lavouras, da empresa agrícola – lembrando que aí Angela está a confrontar os imaginários populares em torno das mulheres negras sob jugo da escravidão nos Estados Unidos¹⁹⁴. Para Davis, como vimos, a produção da imagem da mulher negra

¹⁹³ RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Trad.: Mônica Costa Netto. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 59.

¹⁹⁴ Tomando como análise o território caribenho, predominantemente composto por colônias francesas, o camaronês Achille Mbembe vai chamar a atenção, diferente do que Davis narra sobre as *plantations* estadunidenses, toda uma dinâmica diversificada de atuação daqueles sob jugo colonial já na lavoura. Segundo o autor “O negro da plantação é aliás uma figura múltipla. É caçador de clandestinos e de fugitivos, capataz e ajudante de capataz, escravo artesão, intendente, doméstico, cozinheiro, liberto mantendo-se submisso, e, ocasionalmente, guerreiro. Este estatutos estão longe de ser estáveis. De

escravizada no imaginário popular como a trabalhadora doméstica era um reflexo, justamente, dos terrenos ficcionais das artes e das comunicações.

Mas quando a gente se volta para o cenário doméstico, para o cenário brasileiro e, mais especificamente, para o cenário do Rio de Janeiro capital, e do Rio de Janeiro capital do país, ou, melhor, para os tempos de cariocas da corte – esse delírio imperial da colônia – constata-se que nesse território, “que já chegou a ser a principal cidade escravista das Américas [...], os escravos domésticos formavam o maior contingente da população cativa”¹⁹⁵. A historiadora Flavia Fernandes de Souza ainda vai alertar que, devido “à aversão ao trabalho manual¹⁹⁶ – típica das sociedades escravistas – e às exigências feitas pela própria economia colonial”¹⁹⁷, a presença d_s trabalhador_s domésticos, e sobretudo das trabalhadoras, nos lares se faziam para além das demandas desses serviços, pois o número de escravizad_s numa casa implicava ainda num importante índice de *status social*, dinâmicas essas, aliás, que não se restringiam às residências mais abastadas.

No período imperial, a escravidão doméstica permaneceu como prática aceita e utilizada nas diferentes camadas sociais, e como fenômeno disseminado nos espaços urbanos. E a importância dos criados escravizados nos espaços domiciliares não se restringia ao trabalho. Como a escravidão estruturava a economia e a sociedade desde a Colônia, a presença de escravos nas casas oitocentistas era, também, um indicador de *status social*. Na verdade, o número de escravos domésticos tendeu a ser um dos elementos identificadores do grau de riqueza, de poder e de prestígio de determinado grupo familiar.

acordo com as circunstâncias, uma determinada posição pode subitamente sofrer uma ‘reviravolta’. A vítima de hoje poderá, amanhã, transformar-se em carrasco ao serviço do senhor. Não é de estranhar que o liberto de hoje se torne um proprietário e caçador de escravos amanhã.” Ver MBEMBE, Achille, *Crítica da razão negra*, op.cit., p. 40.

¹⁹⁵ SOUZA, Flavia Fernandes de, *Escravas do lar: as mulheres negras...*, op. cit., p. 246.

¹⁹⁶ Quanto ao aspecto da *aversão ao trabalho manual* o Manuel Araújo Porto Alegre, discípulo do viajante Jean Baptiste Debret, em *Missão Artística Francesa*, vai chamar atenção do quanto essa postura chegou a influenciar o campo das artes naquele período: “a mocidade tinha nascido no meio da atmosfera traficante; (...) olhava para o exercício das belas-artes como uma profissão digna de escravos.” (apud NAVES, Rodrigo. **A forma difícil**. Companhia das Letras, 2011, p. 68). Vale lembrar que a atmosfera traficante referida pelo Manuel Araújo era aquela que envolvia o sequestro e deportação atlânticas de pessoas vindas de África para uma vida forçada na colônia. Valeria um estudo, portanto, dessa virada de um repúdio para um interesse da elite brasileira em relação ao exercício das artes visuais e de como ser artista ganhou ao longo do anos um lugar de status social. Talvez essa virada se dê a partir da primeira geração de modernistas, nos primeiros anos do pós-abolição e com um projeto de país que se voltava um pouco mais para a industrialização. Como já cheguei a ouvir no período que trabalhei em galeria de arte, muitas pessoas de classe abastada, principalmente mulheres brancas e ricas, se inserem no mundo das artes, passam a se colocar como artista e a realizar uma produção nessa área por conta do status social que isso agrega e como uma forma de evitar o discurso de que elas são desocupadas.

¹⁹⁷ SOUZA, Flavia Fernandes de, *Escravas do lar: as mulheres negras...*, op. cit., p. 244-245.

Além disso, sendo a propriedade escrava socialmente acessível, tanto as famílias ricas como as remediadas poderiam ter cativos para a execução dos serviços em seus domicílios nas cidades.¹⁹⁸

Vale a pena nos atentarmos também para o fato de que o serviço doméstico nesse período não se restringia unicamente à limpeza e aos cuidados do lar, mas abrangia toda uma diversidade de tarefas e ofícios atrelados a uma produção econômica, um entendimento da casa como um espaço de geração de renda, que passava por “setores como alimentação, vestuário, fabricação de equipamentos e utensílios para o trabalho.”¹⁹⁹ Nesse sentido as dinâmicas domésticas se desenvolviam próximas à origem etimológica da palavra economia, que se fundamenta na idéia da gestão do lar. E o quanto as recentes práticas em torno do *home office*, que passa pela proposta de realizar os trabalhos sem sair de casa (e muitas vezes sendo até mesmo funcionári_ regularizad_ de uma empresa) não seria um retorno à etimologia de economia?

Mas é importante alertar que _s escravizad_s domésticos urbanos nesse período nem ao menos se restringiam unicamente aos trabalhos da casa propriamente ditos, pois muit_s del_s eram post_s *ao ganho*, o que significa que tinham que se lançar a toda uma sorte de serviços por conta própria, aos biscates, para que, ao final do dia, pudessem repassar um valor acordado para _s senhor_s, quantia essa que era chamada de *jornal*. Destaca-se a atuação das mulheres quitadeiras que, dos seus tabuleiros, vendiam os mais variados produtos alimentícios, uma tradição vinda de África, principalmente dos povos iorubás. O comércio ambulante dessas mulheres chegavam a representar a principal fonte de renda de algumas famílias e, depois de quitado o valor do *jornal*, podiam guardar o excedente para compra de sua alforria e as de demais escravizad_s. As dinâmicas do *ganho* “representou para todas elas, além da prestação de serviços aos seus senhores, uma possibilidade de libertação e proporcionou uma maior sociabilização entre os escravos urbanos.”²⁰⁰

¹⁹⁸ Ibidem, p. 245.

¹⁹⁹ Ibidem.

²⁰⁰ BONOMO, Juliana Resende. **O tabuleiro afro-brasileiro: o abastecimento alimentar e a resistência das quitadeiras negras no Brasil do século XVIII**. In: XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, 2014, Santos. Anais do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH -SP. Santos: ANPUH - SP, 2014. v. 1. p. 4.

“Em 20 de Fevereiro de 1696 no Brasil, uma carta régia proíbe que as feirantes escravizadas usem vestidos ou saias de tecidos nobres - como seda, cambraia e renda - ou qualquer objeto de luxo! A sociedade brasileira nunca aceitou a condição de Rainhas das mulheres africanas! Notem a exuberância desta mulher! Quanta fartura e riqueza impressa em sua vestimenta! Algumas dessas feirantes já na condição de libertas tornaram-se verdadeiras Sinhás, chegando a possuir mais bens do que os ricos brancos da época. A moda era um meio de distinção na hierarquizada sociedade colonial brasileira, como ainda hoje o é. Por isso chegou ao ponto do governo tentar impor regras rígidas de vestuário, ditando a visibilidade do afrodescendente.



Como uma forma de impossibilitar a ascensão de certas camadas, era proibido, a negros, escravos ou libertos usarem tecidos finos como sedas, lãs e linhos, além das joias. Era uma tentativa de limitar o luxo apenas aos brancos, segregando visualmente uma sociedade na qual os signos de poder ficariam restritos à classe dominante.”²⁰¹

Fonte: Movimento Elgbá Òjá

Imagem: Acervo IMS

E essas mulheres chegam a ser temidas, pois seus jogos com a autonomia e a mobilidade proporcionaram grandes articulações e transgressões políticas, econômicas e culturais, mas não sem repressão e tentativas de controle dessas atividades, o que espacialmente acaba por se materializar nas instituições de mercados e feiras. As atuações dessas mulheres chegam a ser associadas às atividades marginais como vagabundagem e mesmo à prostituição, mas não só. Nas regiões de mineração em Minas Gerais, por exemplo, eram associadas ao desvio de metais preciosos. Na Bahia a revolta popular dos malês passaram pelos tabuleiros da Luísa Mahim e de demais quitandeiras que foram tidas como corresponsáveis da revolta. E se não fosse por uma quitandeira no Rio de Janeiro, mas isso já no começo do século XX, portanto nos primeiros anos pós-abolição, talvez não tivesse samba, pois foi no quintal da Tia Ciata, aberta para música, para dança, para capoeira, para o axé, sob o acolhimento sempre de boa comida, que foi composto *Pelo Telefone*, o primeiro samba gravado no país. A

²⁰¹ MOVIMENTO ELEGBÁ ÒJÁ, 2017. Disponível em <https://www.facebook.com/movimentoelegbaoja/photos/a.789946327781167.1073741828.765225540253246/1205394959569633/?type=3&theater> Acesso em junho de 2017.

essa altura, antes de uma inserção na indústria fonográfica, as mulheres tinham grandes atuações nas realizações do ritmo e demais músicas populares²⁰².

Enfim, “em todo o Brasil”, como escreve a pesquisadora em Memória Social da Unirio e professora de Cozinha Brasileira da Estácio de Sá Juliana Resende Bonomo, “muitas foram as histórias de luta e transgressão das quitandeiras contra a opressão das autoridades locais. Espalhadas por locais estratégicos das vilas e cidades, elas não só vendiam seus produtos como também propalavam ideias.”²⁰³ E a autora ainda chama atenção em seu artigo para o quanto essa atividade da venda de produtos de tabuleiro – *um jogo não?* – era também representativa de uma experiência memorial de África, pois de “um continente ao outro, as mulheres negras movimentaram e deslocaram um mundo. Vinham e voltavam pelos seus sentimentos e saberes, transformavam memórias em rimas e maneiras de ser.”²⁰⁴

Embora algumas dessas mulheres fossem forras, livres (o que não lhes garantiam deixar de partilhar precárias condições de vida), não podemos esquecer, em nenhuma hipótese, que muitas delas eram escravizadas urbanas-domésticas, que seus ofícios, muitas das vezes, transitavam entre a rua (e suas possíveis repressões, oficiais, inclusive) e a casa, esse território privado que lhes deixavam à mercê de todos os tipos de abusos de s__s don_s.

A proximidade dada no convívio com o senhor/patrão e a sua família envolvia trabalhos excessivos, maus-tratos, suspeita e acusações, vigilância constante, punições injustas e toda sorte de violências físicas, sexuais e morais. Em geral, o caráter privativo e pessoal do trabalho doméstico fazia que as criadas se encontrassem, assim como agregados e dependentes subordinadas ao poder exercido pelo amos nos domínios da unidade familiar e aos jogos de conflitos e de negociações que lhes eram inerentes. Na ausência de leis que regulamentassem as relações de trabalho e em razão da própria deficiência na garantia de direitos civis – que no século XIX ainda estavam baseados nas antigas Ordenações Filipinas –, as relações de trabalho tenderam a ser orientadas por valores e práticas de cunho paternalistas e escravistas. Em meio

²⁰² Ver OLIVEIRA, Kelly Adriano de. **DESLOCAMENTOS ENTRE O SAMBA E A FÉ: Um olhar para gênero, raça, cor, corpo e religiosidade na produção de diferenças**. Tese de Doutorado. Unicamp/SP, 2009.

²⁰³ BONOMO, Juliana Resende. **O tabuleiro afro-brasileiro: o abastecimento alimentar e a resistência das quitandeiras negras no Brasil do século XVIII**. In: XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, 2014, Santos. Anais do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH -SP. Santos: ANPUH - SP, 2014. v. 1. p. 5-6.

²⁰⁴ SHUMAHHER, S. & VITAL BRAZIL apud Ibidem, p. 7.

a tais relações, as mulheres domésticas poderiam ser submetidas a difíceis circunstâncias de trabalho e de vida no âmbito privado do “lar”.²⁰⁵

Assim, apesar da construção da Angela Davis de que o maior contingente de mulheres negras escravizadas se centrar nas zonas rurais demonstrar ser válida também pra analisarmos as dinâmicas de trabalho dessa população no Brasil, nesse país fundado no agroextrativismo, me parece, ainda, entretanto, que precisamos nos voltar pra essa particularidade brasileira, com um número expressivo de trabalhador_s escravizad_s urban_s doméstic_s²⁰⁶, pra procurarmos entender as origens do engendramento do estereótipo das mulheres negras como *a empregada* e a *mulata* em tempos mais recentes. E sem deixar de fora a importância dos recursos ficcionais, incluindo os de comunicação, na produção desse imaginário – entendendo também a vocação dos centros urbanos no que diz respeito a profusão de todo um conteúdo de cultura de massa, que acaba por gerar impactos nos imaginários de demais territórios. A historiadora Flavia Fernandes de Souza, por exemplo, vai descrever que a demanda por serviços domésticos era tão expressiva na segunda metade dos oitocentos que os anúncios relativos a essa movimentação chegavam a ocupar “70% do total de anúncios ligados ao mundo do trabalho”²⁰⁷ nos jornais, por aquilo que era conhecido como *diários*. E aí já tem produção literária, não podemos negar, e, por consequência, a formação de todo um imaginário. Anúncios como “Compra-se uma boa ama de leite parda, do primeiro ou segundo parto, mucama recolhida, que saiba coser e engomar perfeitamente, sem vícios, nem manhas e nem moléstias; na Rua do Carmo n. 42”²⁰⁸ era o que se podia encontrar em jornais de grandes circulação.

A historiadora Lorena Feres da Silva Telles vai recorrer, por sua vez, a documentos policiais em sua dissertação²⁰⁹ – que voltou-se à investigação da transição das trabalhadoras domésticas sob o regime escravocrata para as dinâmicas libertas do pós-abolição – pois em São Paulo, em 1886, mas também em outras cidades não

²⁰⁵ SOUZA, Flavia Fernandes de, *Escravas do lar: as mulheres negras...*, op. cit., p. 256.

²⁰⁶ Em seu artigo a historiadora Flavia Fernandes de Souza ainda nos oferece informações sobre o número da população escravizada no município do Rio de Janeiro a partir dos dados do Recenseamento do Império. De um total de 22.843 trabalhador_s escravizad_s na cidade, 20.835 centravam-se nos serviços domésticos urbanos em 1872. (Ibidem, p. 246)

²⁰⁷ Ibidem, p. 248.

²⁰⁸ JORNAL DO COMMERCIO, 14 abr. 1835, apud Ibidem.

²⁰⁹ Ver TELLES, Lorena Féres da Silva. **Libertas entre sobrados: Contratos de trabalho doméstico em São Paulo na derrocada da escravidão**. Dissertação de Mestrado. USP/SP, 2011.

contempladas pela pesquisa, uma legislação passou a obrigar quem prestasse esses serviços a se registrar na polícia.

Os salários dessas trabalhadoras, das recém libertas, eram tão baixos que as obrigavam a morar em cômodos subdivididos em cortiços ou a negociarem um quartinho na casa d_s patroas/ões – negociações essas que acabavam, muitas das vezes, se tornando moeda de troca por seus serviços, nada muito diferente em relação às dinâmicas escravocratas. Suas mobilidades entre as casas e a rua, além de suas vulnerabilidades e misérias, fizeram com que essas mulheres tivessem seus registros de trabalho na polícia invariavelmente atravessados, novamente, pela prostituição, a vadiagem e outras formas criminalizadas.

Sobre esse aspecto, o artigo de Lélia Gonzalez vai nos mostrar, por exemplo, que dentre as prestações de serviços que as mulheres negras eram forçadas a exercer na sociedade escravocrata estavam a do serviço sexual – o que nos ajuda a entender como, ao lado da *doméstica*, se engendra a imagem da *mulata* para as mulheres negras, essa figura de exaltação sexual, que chega a desempenhar um papel de símbolo nacional e que, igualmente, pode ser entendida como profissão, assim como a da *doméstica*, como argumenta a pensadora feminista. “Quando se diz que o português inventou a mulata, isso nos remete exatamente ao fato de ele ter instituído a raça negra como objeto a,” em diálogo com as formulações lacanianas, “e mulata é crioula, ou seja, negra nascida no Brasil, não importando as construções baseadas nos diferentes tons de pele.”²¹⁰ E seria a partir da figura da *mucama*, essa trabalhadora escravizada, que se produziria “o engendramento da mulata e da doméstica”²¹¹ para todas as negras brasileiras. Portanto é a figura da *mucama*, desde a Casa escravocrata, esse núcleo institucional, que origina essa dupla atribuição de *mulata e de doméstica* aos nossos corpos, como constatado por Lélia.

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade

²¹⁰ GONZALEZ, Lélia, Racismo e Sexismo..., op. cit., p. 225. Disponível em <http://artigo157.com.br/wp-content/uploads/2015/12/RACISMO- E-SEXISMO-NA-CULTURA-BRASILEIRA.pdf> Acesso em maio de 2016.

²¹¹ Ibidem, p. 230.

engendradora pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas. [...] E, pelo visto, não é por acaso que, no *Aurélio*, a outras funções da mucama está entre parênteses²¹². Deve ser ocultada, recalcada, tirada de cena. Mas isso não significa que não esteja aí, com sua malemolência perturbadora. E o momento privilegiado em que sua presença se torna manifesta é justamente o da exaltação mítica da mulata nesse entre parênteses que é o carnaval. Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras de classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem vestidas” (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria “branca”, unicamente atribuível a “brancas” ou “clarinhas”). Os porteiros dos edifícios obrigam-nos a entrar pela porta de serviço, obedecendo instruções dos síndicos brancos (os mesmos que as “comem com os olhos” no carnaval ou nos oba-oba [...] só pode ser doméstica, logo, entrada de serviço. E, pensando bem, entrada de serviço é algo meio maroto, ambíguo, pois sem querer remete a gente pra outras entradas (não é “seu” síndico?). É por aí que a gente saca que não dá pra fingir que a outra função da mucama tenha sido esquecida. Está aí. Mas é justamente aquela negra anônima, habitante de periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra da familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição sistemática (esquadrões da morte, “mãos brancas estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária.”²¹³

Não sei se você tá atent_, mas, para além dos aspectos da divisão do trabalho em si, que se estrutura a partir dos grandes sistemas de produção da diferença da modernidade colonizante forjados sobre as ficções de poder e no poder das ficções materializadas sobre as vidas, me impressiona, sobretudo a partir das intervenções afiadas de Lélia Gonzalez, o quanto acionar a história das mulheres negras e, mais especialmente, a das trabalhadoras domésticas, implica em acionar direta ou indiretamente uma multiplicidade de questões estruturais, como: identidade nacional;

²¹² É a seguinte definição para *mucama*, a partir do significado do dicionário, que o artigo apresenta: “Mucama. (Do quimbundo mu’kama ‘amásia escrava’) S. f. Brás. A escrava negra moça e de estimação que era escolhida para auxiliar nos serviços caseiros ou acompanhar pessoas da família e que, por vezes era ama-de-leite.” (Grifos do artigo) (Ibidem, p. 229).

²¹³ Ibidem, p. 228-231.

festas populares e suas espetacularizações de massa; apropriação cultural e subjetiva; a concepção de raça como isso que não se finda, mas que se produz continuamente (vide a articulação de Lélia com o objeto a lacaniano); sobredeterminação bestializada dos corpos atravessados pela colonialidade racial e as heranças perversas do atravessamento da economia no que toca às construções eróticas, sexuais, reprodutivas e de gênero desses corpos (não me parece gratuita a insistente adoção de Lélia dos termos *mulata* e *doméstica*); êxodo rural; arquitetura e urbanismo; direito à moradia nas cidades; gestão doméstica e suas possíveis relações de exploração e dependência predatória; ascensão social de negr_s e as dificuldades de nossas circulações em espaços de poder (branco) nos tratos cotidianos; afetividades; masculinidades negras; genocídio dessa população e seu encarceramento em massa; a produção residual de nossas vidas, nossas matabilidades físicas e simbólicas; mas, ainda, as articulações, as redes econômicas, políticas, religiosas, ancestrais e de toda uma multiplicidade de manifestações culturais, potentes e resistentes, que passam pelo comércio, pela gastronomia, pela música, pela dança, pela luta, pelas vestimentas, pela arte dos encontros e de abrir a porta da casa, justamente, mas talvez em outros modelos de relações, de acolhimentos, de partilhas, de espacialidades e de produções, inclusive.

Apesar dessa multiplicidade toda descrita aqui, tô segura que devo ter deixado passar outros pontos referentes ao que a história dos serviços domésticos, e de suas trabalhadoras suscitam. Me parece que é preciso constatar que esse debate aciona a história de construção desse país – em diferentes tempos, territórios, camadas, dinâmicas e vertentes, tudo numa só confusa múltipla trama social trançada entre o público e o privado; entre o que é exposto e enunciado e o velado; entre o coletivo, o subjetivo e o intersubjetivo; entre corpo, espaço, seus pertencimentos e despertencimentos; autonomias, explorações e gingas. Pelo menos eu sou muito grata por esse trabalho ter me permitido tal entendimento, no que se refere ao legado de resistência e de produção de vida das trabalhadoras domésticas, em seus distintos modos de atuação ao longo da história desse país.

A própria Angela Davis (que, aliás, veio ao Brasil pela primeira vez no final do anos 1990 através da intermediação de Lélia Gonzalez), quando discursa na Bahia ano passado, sobre o quanto são as feministas negras estadunidenses que precisam aprender com a longa história de luta das mulheres negras brasileiras, o faz evocando a

potência feminista dentro das tradições do Candomblé, por exemplo, mas também para a luta das trabalhadoras domésticas desse país. Antes de discursar sobre o complexo industrial carcerário, ela chama atenção para o fato de não ser uma coincidência que uma das fundadoras do #VidasNegrasImportam/#BlackLivesMatter, a Alicia Garza, seja envolvida com as organizações das trabalhadoras domésticas nos Estados Unidos, mas que, ainda assim, apesar de todo o histórico de luta dessa categoria por lá, que el_s ainda não conseguiram estruturar um sindicato.

E o que a luta dessas mulheres nos mostram é que ela também se faz para estarmos em todos os lugares, como nos alerta Creuza Maria dos Santos, Presidenta da Federação das Trabalhadoras Domésticas no encontro da Presidenta Dilma com lideranças femininas em abril de 2016, às vésperas do golpe, quando começa seu discurso dizendo que hoje elas tinham o orgulho de ver suas filhas e filhos numa faculdade, coisa que elas mesmo não tiveram oportunidade, e que elas estavam ali participando do evento pela defesa daquele governo porque aquele governo era delas, eleito pelo povo e pelas mulheres.

E o quanto não somos nós tod_s que devemos aprender com a luta dessas mulheres, não? E, muitas das vezes, basta nos voltarmos para aquelas que estão em nossas casas, para as histórias daquelas mulheres de nossas famílias.

Confesso que quando comecei essa pesquisa eu me posicionava, desde um pretenso lugar combativo feminista, contrária àquel_s que adotavam o serviço de trabalhadoras domésticas em seus lares, pois entendia o quanto esse tipo de relação remexia numa complexa trama histórica de permanências coloniais em que, de alguma forma, eu também me via espelhada nos postos de exploração. Mas ao longo dessa trajetória, que implicou em muitos encontros, conversas, ponderações, experiências e pesquisas de muitas ordens (e, dependendo do ponto de vista, até um tanto incomuns, pra dizer o mínimo – mas que justamente partia por essa busca desses comuns, um tanto utópicos, talvez), me pareceu, por fim, que era preciso me deslocar e rever meus próprios posicionamentos. O problema do trabalho doméstico não é o trabalho em si, como já cheguei a escrever, mas suas relações e o fato de muitas das vezes nem ao menos ele ser considerado trabalho. Talvez as relações de exploração hoje partam daí já. Mas, apesar das dificuldades de seu entendimento como tal por muit_s contratantes do serviço e, por isso também, as dificuldades dos devidos cumprimentos trabalhistas

legais do ofício, é preciso trazer como problema, ainda, o quanto o trabalho doméstico continua se apresentando como uma das poucas opções de renda de muitas mulheres e das gerações que as sucedem, sobretudo se a gente confronta com os dados que vêm apontando para o crescimento da pobreza extrema e da miséria do país. “O Brasil é o país com o maior número de trabalhadoras domésticas, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT). São cerca de 7 milhões de pessoas no setor.”²¹⁴

Em sua pesquisa em Desenvolvimento Econômico a doutoranda Juliane Furno parte do seguinte quadro: “Temos uma hipótese que em momento de crise econômica, os trabalhadores perdem emprego e as mulheres procuram se inserir da última forma que tem praticamente oferta ilimitada, que é o trabalho doméstico”. Ela nos aponta, ainda, que no setor atualmente, diante das circunstâncias, “há um exército de reserva, um número de pessoas que se submetem a fazer esse trabalho por um valor menor”²¹⁵ – a velha fórmula da queda das remunerações diante do aumento da oferta do serviço, para um campo de atuação em que as garantias dos direitos trabalhistas se fazem praticamente inexistentes. Tais informações nos deslocam para além dos mitos hegemônicos, pois, afinal, nosso enfrentamento contra as narrativas únicas devem se fazer sobretudo no terreno da vida.

Assim, foi com um capítulo voltado para as tarefas domésticas, a partir de uma perspectiva trabalhista, que Angela Davis tratou de encerrar seu livro *Mulheres, Raça e Classe*. Dentre as palavras adotadas pela teórica feminista para descrever essas tarefas estão: “repetitivas, exaustivas, improdutivas e nada criativas”²¹⁶ – um posicionamento aí que não sei se concordo por completo porque, se miramos pra história desses trabalhos, constatamos que pode ter, sim, criatividade e produtividade nesses serviços, mas não é essa a minha questão. Davis vai continuar sua problematização citando Barbara Ehrenreich e Deirdre English, duas feministas brancas, que se manifestam da seguinte maneira sobre as atividades domésticas: “Ninguém as percebe, exceto quando não são feitas – notamos a cama desfeita, não o chão esfregado e lustrado.”²¹⁷ Mas daí Angela lança uma frase ao longo de suas

²¹⁴ Ver DOLCE, Júlia. **PEC das Domésticas completa 5 anos; direitos não são fiscalizados**. In: Brasil de Fato, 2018. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/03/pec-das-domesticas-completa-5-anos-direitos-nao-sao-fiscalizados/> Acesso abril de 2018.

²¹⁵ Ibidem.

²¹⁶ DAVIS, Angela, *Mulheres, raça e classe*, op. cit., p. 225.

²¹⁷ apud ibidem.

problematizações que acho central: “As tarefas domésticas são, afinal de contas, praticamente invisíveis.”²¹⁸ Me parece, então, que os esforços devem se voltar não apenas pra tirar da invisibilidade o **trabalho** doméstico, mas é preciso se voltar pra que essas vidas não sejam invisíveis porque essas vidas importam e atravessam nossas histórias, e de dentro de nossas casas, independente de quem você seja. E se a atribuição das mulheres negras como a *doméstica* é produtora de nossas invisibilizações como um todo, pois, tratam de apagar, de ignorar nossas subjetividades e singularidades no mundo, ela ainda o é mais implacável para as mulheres das *baixadas da vida*, como sugere Lélia, para aquelas das periferias e que, efetivamente, exercem o trabalho doméstico como profissão porque, diante das opções oferecidas, suas margens de escolhas ainda são mais estreitas.

²¹⁸ Ibidem.

Ainda há pouco tava friozinho por aqui. O que me fez levantar entre escritas pra fechar a janela e as cortinas. Tal gesto me fez ser surpreendida pela agitação de uma libélula que antes tava quietinha ali, repousando no tecido – no tecido, aliás, da cortina que costurei com minha mãe, e que possui as alças largas do varão e sua barra compostas por desenhos de folhagens e flores vermelhas num fundo branco. O restante da cortina, que é meio transparente, possui uma tonalidade de um algodão mais cru. Achei de uma poesia magnífica recordar que *libélula* e *lavadeira* são atribuições de um mesmo ser. Acho que a primeira vez que a apresentaram pra mim o fizeram a nominando como *lavadeira* e, por algum motivo desconhecido ao longo dos anos, passei a chamá-la de *libélula*. Tenho pra mim que essa outra dupla atribuição também diz respeito a essa história aqui. Pelo menos pareceu que sim. Um sopro que me fez levantar pra fechar a janela e me proporcionou todo um encontro memorial com quem se agitou, mas que queria tá ali quietinha, repousando. Talvez se faça a hora de encaminhar o repouso dessa agitação por aqui.

Desde onde essa pesquisa também parte, entretanto, nesse redemoinho em vertigem do devir, é preciso chamar a atenção ainda, por um outro lado, para o quanto o enfrentamento dos estereótipos – essas produções esterilizantes sobre _sujeit_ e sobre toda uma população, produções essas que nos matam, ficções essas projetadas sobre a gente, engajadas nas produções limitadas de nossas vidas, ferramentas essas psiconíricas de invisibilização e de controle de aspiração de mundo, de nossas subjetivações e de nossas circulações – acaba por despertar grande parcela das movimentações estéticas das mulheres negras envolvidas com o campo da performance. Dessa forma o crítico cultural, historiador e pesquisador do campo da performance Tavia Nyong’o, em sua contribuição para o catálogo da exposição *Radical Presence: Black Performance in Contemporary Art*, vai lançar, por exemplo, uma série de questões sobre o que representaria a (re)tomada do corpo dentro das artes para aquel_s que descendem d_s que foram reduzid_s aos seus corpos:

If black people have historically been reduced to our bodies – bought, sold, displayed, and used as chattel – what does it mean for an art form to take that former commodity as its medium? Is it an act of reclaiming? Healing? Theft? Such questions circulate around all black performance art, to be sure.²¹⁹

Certamente tais questões circundaram as produções das artistas na mostra *EstereotipAÇÃO: Mulheres Negras Performam*, sob curadoria de Renata Sampaio, realizada dentro das atividades do educativo da exposição *Todo Poder ao Povo – Emory Douglas e os Panteras Negras (2017)* no SESC Pinheiros/SP e, posteriormente, em edição carioca no Centro Cultural Pequena África. Com vídeos de Ana Musidora, Juliana dos Santos, Monica Santana, *Mulheres de Pedra*, Nanda Canuta, Priscilla Rezende, Renata Felinto, Senzy Garcês, Val Souza, além daqueles produzidos por mim e pela própria Renata Sampaio, a mostra transitou entre o questionamento dos padrões estéticos de beleza às imposições pré-determinadas de nossos corpos na sociedade.

²¹⁹ NYONG’O, Tavia. **Between the Body and the Flesh: Sex and Gender In Black Performance Art.** In: OLIVER, Valerie Cassel (Org.). *Radical Presence: Black Performance in Contemporary Art.* Houston: Contemporary Arts Museum Houston, 2013, p. 26. [Minha tradução: Se o povo negro foi historicamente reduzido aos seus corpos – sendo comprado, vendido, exibido e usado como um bem – o que significaria para uma forma de arte tomar a antiga mercadoria como meio? Seria um ato de reivindicação? De cura? De roubo? Tais questões circundam em torno de todas as performances negras, certamente.]

majoritariamente, tanto pra escrita quanto pras proposições em torno do corpo, mesmo que suas manifestações se dêem em plataformas eletrônicas como as audiovisuais ou dos textos nas redes sociais e blogs. Essa observação ainda se faz digna de nota aqui, aliás, porque dentre minhas proposições, o Faço Faxina parece ser aquela que articula mais intensamente essa interseção entre palavra (seja em sua forma oral ou nas muitas formas escritas) e corpo (entre seus jogos de presença e ausência, que se fazem, inclusive, através da imagem ou, melhor, em grande parte em sua supressão).

Na sessão intitulada *Resistance of the Object: Aunt Hester's Scream*²²¹, o poeta e teórico Fred Moten vai recorrer ao Frederick Douglass, importante abolicionista estadunidense, que sofreu ele próprio a experiência da servidão, pra colocar a violência num lugar de centralidade na formação do corpo escravizado, a violência como sendo essa instância inaugural do escravo. Mas, interessa mais ao Moten, como ele próprio escreve, se voltar para as cenas de violência e de terror onde elas mal podem ser discernidas: no trato mundano e cotidiano: “What concerns me here is the diffusion of terror and the violence perpetrated under the rubic of pleasure, paternalism and property”.²²²

Partindo de arranjos trazidos por Moten, como o da *terrível bela música* do espancamento/*beating* recitado por Douglass de sua tia, a Aunt Hester, mas também das táticas de comunicação dos escravizad_s caribenhos proibidos de falar, mas que os faziam, segundo Édouard Glissant, através de palavras camufladas em seus gritos propositais e provocativamente intensos – que eram tomados como sendo nada, mas apenas a manifestação de suas selvagerias, transformando, assim, o ruído em discurso e o barulho como sendo essencial na produção discursiva (e secreta) desses corpos – quero verdadeiramente entender nossa produção literária, nossas escritas (sejam elas em poesia, em verbo, em prosa, em música, em canto, em conto, em qualquer toque sonoro, desde o batuque até o ruído) como sendo uma reivindicação do corpo, desse corpo diaspórico atravessado pela síntese do ícone com o logos, do hibridismo entre o

²²¹ MOTEN, Fred. **In the break: the aesthetics of the Black radical tradition**. University of Minnesota Press, 2003, p. 01-24. [Minha tradução: O que me interessa aqui é a difusão do terror e da violência perpetuados sob a rubrica do prazer, do paternalismo e da propriedade.]

²²² Ibidem, p. 03-04.

visível e o enunciável sobre a carne, dessa escrita que sua, que sangra, que grita, que sussurra e redemoinho.

Gostaria que a gente se atentasse ao seguinte depoimento que a Conceição Evaristo nos oferece quando trava um diálogo com a Grada Kilomba sobre a imagem da escrava brasileira Anastácia, forçada a utilizar um instrumento de tortura em sua boca que sobretudo, segundo Kilomba, era uma máscara de impedimento da realização da fala:

[...] aquela imagem da escrava Anastácia, eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é um símbolo nosso, porque nossa fala força a máscara.²²³

Essa formulação da Conceição, de que falamos pelos orifícios da máscara (além de me levar para as proposições da Jota²²⁴, por um lado), me faz pensar o quanto não seria cabível constatar a epidermização de nossa produção discursiva, do quanto não seria através de cada poro de nossa pele que nossa fala se realizaria, que dizem ser o maior órgão do corpo, e que foi tomada como elemento organizador de nossa existência no mundo – talvez seja por isso mesmo que a pele seja tida como o maior órgão. E, certamente, esse pensamento que divido está atravessado por Fanon, porque, ao mesmo tempo que nossa pele é meio de profusão de uma multiplicidade de manifestações, ela também é nossa máscara, esse instrumento de tortura, nosso cárcere. Caberia, então, encontrarmos nós mesm s os caminhos de potência para estilhaçar a máscara, ou esgarçá-la, para nos lançarmos nesse mundo como universos em expansão, tecendo outros tecidos/ter sido e nos aventurando – como outro dia me escreveu Ethel Oliveira, essa inspiradora amiga – nos caminhos de nossa reontologização, que se fazem urgentes. E esses passos já vêm sendo feitos, e não são de hoje mesmo, mas desde a instância inaugural da violência que nos compõe e das táticas de desvios criativos realizadas como respostas para não sucumbirmos diante dessa instituição colonial-moderna sobre as vidas, sobre nossas peles.

²²³ EVARISTO, Conceição apud RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**/Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017, p. 76.

²²⁴ Ver MOMBAÇA, Jota. **Pode um cu mestiço falar?**, 2015. Disponível em <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee> Acesso julho de 2016.

Nesse sentido, vale a pena voltarmos para a mostra EstereotipAÇÃO, e mais especialmente para o filme Elekô²²⁵ (2015), uma realização do grupo Mulheres de Pedra, coletivo esse “colaborativo, horizontal, independente e autogestionado realizado por uma rede aberta de mulheres”²²⁶ que se une numa residência (de resistências) em Pedra de Guartiba, Zona Oeste do Rio de Janeiro, inicialmente em torno de projetos de economia solidária e poesia, mas daí já partindo para outros territórios.

Dentro de nossas discussões, sobre uma destacada desenvoltura das mulheres negras tanto no campo da performance quanto no da literatura, me parece que Elekô²²⁷ (que se apresenta como um curta-metragem realizado unicamente por mulheres, premiado em diversas categorias e já tendo atravessado muitas fronteiras) nos é uma referência fundamental para pensarmos aquilo que discutíamos sobre por onde nossas falas são produzidas, nesse filme que transita entre performances, poesias, danças, música, ancestralidade, contemporaneidade, travessias e muito axé das pretas. Elekô se apresenta, portanto, como

Um fio de poesia vermelha conduzindo a experiência audiovisual de fazer-se e afirmar-se na loucura das condições de ser negra. Olhando a história a partir do porto, reconhecer e afirmar as potencias e a beleza. Parir do próprio sofrimento um horizonte de liberdade, apoio e colaboração. Encontrar na presença de outras mulheres a força do feminino e o sagrado sentido de ser, até poder celebrar a vida, em fêmea comunhão e sociedade.²²⁸

²²⁵ Assinam o filme Adriana Bassi, Amanda Palma, Ana Magalhães, Ana Rovati, Dai Ramos, Dani Gomes, Erika Candido, Fernanda Torres Lima, Gaya Rachel, Leila Netto, Livia Vidal, Monique Rocco, Roberta Costa, Simone Ricco.

²²⁶ Ver MULHERES DE PEDRA, disponível em <https://www.facebook.com/MulheresDePedra/> Acesso em maio de 2018.

²²⁷ Para se aprofundar nas questões levantadas pela produção recomendo a leitura da dissertação da Daiane dos Santos Ramos, uma das integrantes do coletivo. Ver RAMOS, Daiane dos Santos. **Elekô: etnografia de processos e afetos**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) – Universidade Federal Fluminense. Departamento de Arte, 2016.

²²⁸ Sinopse de Elekô na página do Youtube, onde se pode assistir ao curta. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=EdcguHwyY_Y em maio de 2018.



Still de *Elekô*, que tem como cena inaugural a performance coletiva *Nau*, por Simone Ricco, Dai Ramos, Livia Vidal, Dani Gomes e Angela Peres durante um amanhecer no Cais do Valongo.

Eu tive a honra de ter sido uma das mulheres convidadas pra participar do filme, sem mesmo conhecer nenhuma das Mulheres de Pedra, mas por intermédio de amig_s em comum, a Amanda Palma e o Vinícius Guerra, que nos colocaram em contato a partir dos desejos e das pesquisas que partilhávamos. Na verdade, eu não sabia o que esperar. Nos conhecemos todas, efetiva e presencialmente, no dia já da gravação, que tinha como um dos estímulos a realização do filme em 72H pra um festival audiovisual que lança esse desafio – que se faz como uma verdadeira gincana, mas que acaba por levantar movimentações bem interessantes pra região que acolhe o evento e ainda pra aquel_s que estão se lançando nas aventuras de fazer cinema. Embora não tenha acontecido um encontro presencial *pré set*, tivemos muitas trocas através de um grupo no Facebook em que se dividia conteúdos, intuições, sugestões de caminhos e tudo mais, pois a proposta do coletivo era realizar um filme de performances, e ali naquela região portuária do Rio, seguindo um dos protocolos do próprio festival.

De alguma forma é essa ocasião, com a cidade transformada em canteiro de obras, em ruínas pré-jogos olímpicos, em 2015, que sou apresentada de forma mais intensa àquela região, que despontou como sendo tão fundamental pra mim e pra esse projeto. Antes minhas experiências por aquele território, o da Pequena África (assim batizado por um sambista e pintor, o Heitor dos Prazeres (1898-1966)), tinham sido feitas

muito de passagem, ou por meio de experiências isoladas em alguma atividade específica. Mas foi por meio de Elekô, *em fêmea comunhão*, essa *confluência das forças do feminino e do sagrado sentido de ser através do encontro com demais mulheres*, que comecei a viver mais intensamente aquele solo que pisava. Isso também graças à natureza da proposição que me dispus a realizar como minha contribuição ao filme, que ora nomeio como Coleta de Sopros e ora nomeio como Colheita de Sopros, mas que se constrói como uma performance andarilha, que teve início às 10h da manhã e que se encerrou por volta das 18h.

Assim, foi num primeiro de maio de uma sexta-feira, entre ruas, becos e vielas da região (passando pela Camerino, Sacadura Cabral, Escadaria do Valongo, Morro da Conceição, Gamboa, Largo São Francisco da Prainha, os arredores do Píer da Mauá, Pedra do Sal, entre outros, mas terminando na Praça dos Estivadores, ali de frente pra casa amarela do Jardim do Valongo, a casa que abriga o Centro Cultural Pequena África, espaço que vim tomar conhecimento apenas no ano seguinte) que me dispus a perguntar para *_s meus/minhas concidadã_s* (tod_s *anônim_s* como eu, que também vestiam branco, que trabalhavam no dia do trabalhador nas obras do Porto Maravilha ou implicad_s em alguma atividade cultural, que eram morador_s da região, incluindo as muitas crianças, que se divertiram comigo, com a minha criança) se podiam me ajudar, pois estava catando material reciclável. Para tal bastaria encher um dos sacos de feira, que destacaria do rolo pendurado no meu pescoço, como um balão, pois o material reciclável que eu coletava era o sopro, e toda vez que a gente respira a gente estabelece trocas com o ar do mundo. Eu prometia cuidar daquele material reciclável, praticamente invisível, mas produto de cada um de nós, com muita atenção, como já fazia com as demais unidades que carregava no grande saco apoiado em minhas costas e que se prolongava até o chão.

Still de Coleta/Colheita de Sopros no filme Elekô.



As respostas que recebi foram as mais variadas. *“Ah, que lindo!!! O que é isso???”*, me pergunta a senhorinha encantada com a construção meio mágica que os raios do sol produziam sobre a superfície reluzente dos materiais, mas quando lanço a proposição ela me responde decepcionada e nem me dá tanta bola assim mais: *“Ah, é plástico...”*; *“Mas isso aí é o que, é política?”*, me perguntou um senhor aposentado no Morro da Conceição para o qual não pude negar que tratava-se, sim, de política; *“Ah, te vi passando em outra rua... e cheguei a comentar: se não for maluca é artista.”*, comenta um dos rapazes que estava se movimentando para o almoço; *“Mas você não vai fazer teste pra THC aqui não, vai?”*, me perguntou um jovem que parecia tá despertando já no finalzinho da manhã; *“Não tô com saco!”*, uma das respostas mais pertinentes que ouvi de diversas pessoas; *“Vamu lá que vou te apresentar aos meu amigos!”*, me convidou um menino que me levou pra um grupo de dezenas de crianças que brincavam e ficaram excitadas com essa outra brincadeira, a de encher os sacos como balões... acho até que chegaram a me acompanhar por alguns metros; *“Se encontrar um desses sacos por aí, vou saber que foi você...”*, chamou minha atenção o trabalhador que varria a rua, que se negou amigavelmente a participar daquela coleta/colheita, embora não tenha deixado de dar o seu recado. Mas isso não deixa de ser participação também.

Still de Coleta/Colheita de Sopros no filme Elekô.



Nenhum desses depoimentos entraram em Elekô, pois na Coleta/Colheita de Sopros eu me dispus praticamente 90% do tempo nessa relação 1:1 com aquel_s desconhecid_s d_s quais me aproximava pra conversar e lançar, assim, a proposta – aproximações essas que se faziam sem câmeras ou outros equipamentos de registros, a não ser aqueles dentro dos próprios sacos e das nossas memórias. Era apenas eventualmente que eu encontrava a equipe, e ao acaso, porque eu tava por ali na região circulando e elas também, realizando as gravações das performances do filme. Mas não tardava muito pra eu retornar ao trabalho andarilho de coletas corpóreas-mundanas. Hoje entendo que muito das bases do Faço Faxina se constroem nessa proposição já – como a questão da coleta dos resíduos (e o entendimento desse gesto como registro); as disponibilizações para conversas 1:1 e para uma jornada inteira de trabalho; esse habitar de território que não aquele da galeria e com seu público ou uma platéia, etc. Talvez tenha sido por esse conjunto mesmo que tenhamos sido levados a retornar pra essa área, embora, num primeiro contato, a sugestão que partiu das proponentes das Mulheres de Pedra pra mim fosse a da realização de uma performance que fizera em duas outras ocasiões, mas que não era mais do meu desejo dar prosseguimento: o *empregada para um cubo branco* (2014), a ação que antecede o Faço Faxina na série que intitulo *áreasdeserviço*. Para mim, na ocasião, se fazia urgente me reposicionar estratégica e criativamente diante das violências no trato estético da vida, desde todas as relações de poder despertadas nas ativações da série,

atravessadas, ainda, por demais tramas cotidianas. Mas vale a pena nos atentarmos às circunstâncias, pois é sempre a partir das circunstâncias que partem minhas negociações estéticas, esses jogos teimosos do possível dentro das circunstâncias de interdições.

Pra muita gente 2013 foi o ano das grandes marchas que mobilizaram multidões nas ruas das grandes cidades do país. Mas, em paralelo a essas grandiosas movimentações públicas marcantes – que até hoje não sabemos ao certo seus efeitos –, toda uma articulação histórica partia dentro das casas brasileiras e se lançava em negociações inéditas com as mais altas esferas da macropolítica, pra incômodo de muit_s, pra dizer o mínimo.



Capa da revista Veja em abril de 2013.

Em abril de 2013 foi sancionada a Emenda Constitucional 72, ou a PEC das Domésticas, como ficou conhecida, que prometia uma reparação trabalhista histórica ao estender a essa categoria os direitos garantidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de 1943, que lhes foram privados, portanto, por exatos 70 anos. Apesar desse acontecimento representar uma conquista significativa inegável das

trabalhadoras desse setor, ele anunciava diretamente, ainda, a possibilidade de reorganização das redes de privilégio sobre a exploração desse serviço por parte dos empregador_s doméstic_s, que pertencem, sobretudo, à classe trabalhadora – o que deflagra as redes de explorações dentro do próprio segmento operário, pois essas redes de opressões, de dependências abusivas, não se tecem mesmo apenas com as figuras dos grandes capitalistas, dos oligarcas, dos conglomerados empresariais e demais representantes dos poderes hegemônicos. A trama é mais complexa que isso. A estrutura moderna colonizante capitalista põe trabalhador_ contra trabalhador_. E, como resultado, vão ter aquel_s que vão fazer de tudo pra se destacar, pra marcar suas diferenças, biopolíticas inclusive, objetivando se distanciar do lado mais massacrado, mesmo que implique nas explorações de demais trabalhador_s – tramas essas, as da colonialidade do poder, instituídas pela modernidade tanto local como globalmente, como vistas através das proposições do Aníbal Quijano, por exemplo.

Em termos pessoais, o ano de 2013 anunciava, ainda, transformações que me pareciam marcantes em termos de qualidade de vida. Depois de três anos oficialmente habitando as bordas da capital, mas vivendo de fato na cidade do Rio, onde eu trabalhava e estudava (o que demandava jornadas de deslocamento que chegavam a completar 5 horas diárias no transporte público), acabei por conseguir negociar com uma ex-colega de trabalho, no apartamento em que ela alugava na região central, uma partilha de moradia na cidade dos Grandes Jogos.

Fui muito bem recebida e com o discurso de que não se tratava de um aluguel de vaga, mas de uma partilha horizontal da residência, essa espécie de boas-vindas que partiu de uma pessoa que dispunha de um verbo político engajado, que era acadêmica, que colaborava com frequência em produções do cinema, que se demonstrava ativista dos movimentos sociais – dos movimentos de esquerda, da Aldeia Maracanã, inclusive das próprias grandes marchas, etc – enfim, toda uma desenvoltura cidadã que inspirava respeito.

O dormitório disponível no apartamento era o cômodo atribuído como o *quarto de empregada*, essa unidade de descanso nas áreas de serviço das casas modernas brasileiras. Este cômodo em particular possuía uma cama de solteiro, um armário de parede sobre o móvel, um basculante na parede oposta e uma limitada área de circulação num espaço total de 1,5 x 3,0m. Apesar das condições modestas, a

estrutura me atendia – bom, levando aí em consideração meu orçamento diante dos valores imobiliários olímpicos e ainda minha rotina de atividades que se construíam sobretudo na cidade. Tratei de ir chegando devagarinho, com uma mala ou duas, e logo me dei conta de que não poderia usar o armário: repleto de coisas aleatórias da moradora com contrato, que me alertou que não teria onde colocar seus pertences. A caixinha de seu gato ficava de frente pra porta do cômodo. Imaginei que logo ela tiraria dali. Bom, hoje me pergunto se foi apenas a caixinha de merda e de urina que permaneceu, ou se também a lógica de depósito da área dos fundos, a de serviço. A janela, ou melhor, o basculante, estava emperrado e assim ficou, mas como cheguei num período já mais fresco do ano não chegou a me causar grandes desconfortos inicialmente. Com um certo custo (e constrangimento) consegui negociar, um par de meses depois, achando que por ventura tinha passado batida, a saída da caixinha dali, mas foi com resistências que minhas solicitação foi acolhida, pra minha surpresa.

Lembro dela comentar em alguns momentos do quanto minha vivência no apartamento era breve, pois, efetivamente, voltava pra casa mais pra dormir, tomar banho e realizar refeições mais ligeiras. Vendo essa configuração de saída hoje, já um tanto distanciada, me parece que só daí o que se anunciava era uma relação complicada. Mas pra mim era confuso identificar isso, pois ela se dispunha ao diálogo, à conversa, como ela mesmo falava, e essa disponibilização à escuta me iludia, porque tinha uma aparência política coerente, ou mesmo me soava amigável sua postura. Foi só com o tempo que entendi que a escuta se fazia, mas não as partilhas do conforto. E, na ocasião, só o fato de eu ter um jornada de sono de sete ou oito horas me parecia um ganho de qualidade de vida, pois antes era também nos cochilos fragmentados no transporte público que entendia que minha rotina de sono também se fazia, num período em que meu descanso na cama não costumava passar de cinco horas. Sei que tem muita gente que vive uma vida assim, enquanto essa foi minha condição por três anos. Quando comentava meu cansaço dessa rotina com familiares das cidades que morei na região metropolitana do estado, em São Gonçalo e em Niterói, me alertavam que essa condição não era só minha e que eu me habituaría, como todo mundo fazia, já que há um percentual grande de pessoas que moram nas cidades vizinhas do Rio, ou mesmo nos bairros mais afastados da cidade, com jornadas similares.

Fato é, apesar dos aspectos desfavoráveis, que essa nova condição me fazia sentir até mais cidadã, pois ela me permitia participar mais regularmente das vidas políticas e culturais da cidade e com um importante detalhe: a nova condição me proporcionava menos riscos na hora de voltar pra casa, pois, depois de um determinado horário, era sempre um perrengue ter que fazer as travessias de retorno.

A essa altura eu trabalhava numa galeria de artes na zona sul do Rio. Em um dos dias tinha deixado combinado com a colega de apartamento, que trabalhava em casa na ocasião, que recebesse um profissional pra montar um pequeno armário que acabei adquirindo pra improvisar no cômodo um espaço pra organizar meus objetos, visto que não me era possível utilizar o armário ali já existente. Durante meu horário de trabalho recebo uma mensagem de texto no meu celular vindo da colega, imaginando, a princípio, que se trataria de alguma questão relativa ao armário. No entanto, fui surpreendida por uma cobrança do porquê de um livro seu estar no meu quarto. Ela escrevia no texto que ela não se importaria de emprestar seu livro se pedisse, mas que era fundamental essa comunicação. Fiquei atordoada com o tom da mensagem, pois me soava como uma acusação de roubo. Muitas coisas quis lhe dizer, antes mesmo de chegar em casa, mas reduzi minha resposta com um breve texto que tinha como objetivo ativar sua memória: “Eu pedi.” Pouco tempo depois recebo um texto gigante de sua parte me pedindo desculpas e que a gente conversasse com mais calma sobre o ocorrido quando estivéssemos em casa. Mais tarde pela noite, de volta ao apartamento, ela realmente continuou se desculpando sobre o ocorrido, mas não sem dizer que ela achava que aquela situação também era um reflexo do nosso pouco convívio em casa, pois eu me fazia muito ausente: durante a semana por conta do trabalho e no final de semana porque eu sempre viajava pra casa da minha mãe em outra cidade. Acabei por ceder e por acolher suas desculpas porque, apesar de seu ar zen e meio hippie, era confusa que ela também aparentava.

Combinamos de tentar estabelecer convívios mais regulares, jantarmos juntas, essas coisas... Mas quanto mais eu ficava em casa, mais sua relação de descuidados com o ambiente, com as áreas comuns, chamavam minha atenção e me geravam incômodos. Seu quarto, que tinha um tamanho bem confortável era bem caótico, mas não chegava a me incomodar porque não me dizia respeito. Mas, aos poucos sua desorganização e negligência começaram a se estender para outros territórios do apartamento de forma

mais contudente. Pra não ter que me desgastar tanto, muitas das vezes eu me via me sobrecarregando com as manutenções da casa, mas, sobretudo, quem era a responsável por aquela condição era ela, que negligenciava, inclusive, os cuidados da casa referentes ao seu bicho de estimação. O gato, que tinha um nome francês, era um bicho que soltava muito pelo, não sei se por conta de alguma doença, mas que fazia com que uma quantidade significativa de pelos se acumulassem no apartamento. O sofá e uma cadeira da sala, por exemplo, começaram a ficar impraticáveis de se sentar, pois, quando levantava desses móveis, a sensação que eu tinha é que minha roupa tinha passado por alguma aplicação de pelúcia. Tivemos que conversar sobre essa situação, o que pra mim sempre era tenso, mas minhas condições ali tavam ficando impraticáveis, e a colega sugeriu que contratássemos a cada 15 dias uma diarista.

Experimentamos essa solução e, realmente, os serviços de limpeza da trabalhadora, que também estudava enfermagem, aliviava o viver naquele espaço, mas a casa demanda manutenções em intervalos menores do que aquele de duas semanas – aliás, as casas demandam cuidados diários, assim como nossos corpos. Em algum momento eu coloco esse ponto da manutenção como sendo necessária pra compor o serviço contratado e acabo tendo como resposta que o que tava exigindo uma frequência maior na limpeza era o fato de agora terem duas pessoas habitando ali, porque antes a casa não ficava tão suja. O que me faz recordar de um dos seus hábitos: quando o cesto do banheiro estava cheio era o chão que acomodava os papéis que passavam por sua bunda. E, obviamente, comecei a tratar de trocar o saco do cesto antes que isso acontecesse.

Inconscientemente eu comecei a utilizar com menos frequência os espaços sociais da casa e me via, cada vez mais, me recolhendo no meu quarto, principalmente a partir do momento que decidi me dedicar aos estudos pra seleção de mestrado. Depois de ser demitida da galeria por colocar o valor do meu serviço naquilo que se configurava como um acúmulo de funções e de ter tido uma experiência anterior que acabei sendo levada a pedir demissão de uma produtora audiovisual, que tomava um contrato de experiência como eterno (tendo sido aconselhada a não *criar caso* porque o meio era pequeno e que podiam me queimar – eu que na ocasião era uma jovem de 25 anos recém chegada do interior do estado e com pouca rede na capital), me parecia, diante

das relações profissionais (?) predatórias, que eu precisava me reestruturar. E esse se reestruturar pra mim passava por me recolocar naquilo que eu costumava ter bons desempenhos e reconhecimentos: os estudos. Embora guardasse na bagagem experiências como a de ter sido questionada no laboratório de química, pela professora legal, próxima dos alun_s, se o trabalho que entregava tinha sido realizado por mim mesma. A caneta vermelha, portanto, não apenas me oferecia a nota máxima, mas também a nota de suas dúvidas sobre minha capacidade e honestidade marcadas na capa do meu trabalho. E pra cada conquista pelo menos uma nota de questionamento dessas, não é assim? Das notas que mais acumulo, me parece, pois o mérito da meritocracia não é para tod_s.

Estava com uma pesquisa estética de três anos em artes visuais e meu campo de interesse vinha se caminhando pra essa área desde a graduação em comunicação visual, quando comecei a me aproximar dos estudos de artistas do começo do século XX que faziam um trânsito entre belas artes e cinema, e que passaram a entender esse último meio como uma nova possibilidade de plataforma de suas experimentações.

A porta do quarto quase sempre ficava aberta, como um paliativo do basculante emperrado. Um dia quando a colega estava ali ao lado lavando suas roupas (o que demandava que eu limpasse a máquina antes de lavar as minhas, tamanha era a quantidade de pelos que ficava no eletrodoméstico) ela comenta que notara o desaparecimento de algumas peças de seu armário, me diz suspeitar da diarista e me pergunta se eu senti falta de alguma peça minha também. Fico meio desorientada com seu comentário e acabo sugerindo que ela arrumasse suas coisas, que as peças que ela atribuía como desaparecidas podiam estar dentro de seu próprio armário ou nas pilhas de roupas acumuladas pelos cantos de seu quarto. Ao invés de lançar comentários sobre minha ausência no apartamento, o que começava a ouvir agora era “Ai, mas você só fica em casa...”. Sim, é o que os estudos costumam demandar.

Acho que foi ainda nesse período, nas tramas dessa rede privada, que começo a me integrar mais às ferramentas das redes sociais. Não eram tanto os recursos de mensagens instantâneas que chamavam minha atenção, mas as circulações de informações; as divulgações de eventos; as convocações e articulações políticas; uma proeminente atmosfera de zine eletrônico em que as autorias poderiam vir de qualquer um_ (ou mesmo se diluir); uma infinidade de grupos que se dispunham a se debruçar

sobre os mais variados assuntos e incentivavam as práticas do *faça você mesm_*; as produções de grupos de comunicação independente (audiovisuais inclusive, e, às vezes, em transmissões simultâneas, transformando o cotidiano num grande plano-sequencia) e todo esse universo aí que já estamos mais inserid_s e que compõe hoje nossas visualidades, nossas relações, nossas articulações e os nossos sensíveis.

As informações referentes aos atos públicos certamente me atraíam, mas, em paralelo, começo a acompanhar mais de perto as discussões sobre um feminismo negro, que antes eu não tinha acesso. Começo, então, a colecionar uma série de PDFs sobre o tema e de demais produções literárias de mulheres negras. Um dos PDFs que chegou até a mim foi o do Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960), de Carolina Maria de Jesus. No entanto, me parecia que os escritos de Carolina me pediam papel e acabei, por fim, conseguindo encontrar o livro, já fora de circulação nas livrarias, em sebo virtual.

Foi de um quarto de empregada, portanto, que li o Quarto de Despejo – que não diz diretamente daquele espaço que habitava. Pois esse pensamento de Carolina desde a Casa (e, mais especificamente, desde o cômodo amontoado dos fundos, acomodado em qualquer espacinho restante da arquitetura doméstica) se constrói em sua proposição para pensar seu corpo na cidade: nas suas circulações, acessos, nas distribuições territorializadas dos papéis sociais. Mas que falava daquele espaço que eu habitava também, como fui passando a entender e me entender naquela construção que habitava.

Mas as circulações de conteúdo na internet não eram apenas as que faziam coro contra as narrativas hegemônicas – nós que talvez tenhamos nos sentido tão democráticos em algum momento e num caminho de partilhas dos poderes. No meio de toda uma pauta que se questionava os modelos de representação e que cobrava a ampliação da participação política começou a emergir dos porões d_s cidad_s de bem, ou melhor, de suas salas de estar, discursos de ódios conservadores, retrógrados, coronelistas, excludentes, intolerantes, racistas, LGBTQIfóbicos, genocidas e todo um ranço que vociferava contra medidas básicas que tiravam toda uma população de condições miseráveis, lhes garantiam segurança alimentar, faziam cair as taxas de mortalidade infantil, que fazia com que filh_s de merendeira e de trabalhadora doméstica tivessem acesso ao ensino superior, que adolescentes da periferia se

sentissem pertencentes aos ambientes dos shoppings e, mesmo, das manifestações das ruas. Não que o governo do PT, com suas alianças escusas, não mereçam críticas contundentes, inclusive quanto à segurança das camadas mais vulneráveis da população. Mas a gente acompanhou aí um período de investimento político em setores que o abandono e o despejo eram regras – e tais investimentos começaram a se refletir na compra da casa própria, do carro, na mobília da casa, no aparelho de telefone, nos passeios de fim de semana, etc. E foram esses tipos de acessos, por uma camada pobre da população, que despertaram os ódios classistas, racistas e escravocratas das camadas mais privilegiadas.

Os exemplos pra isso são muitos, mas lembro que foi ainda do quarto de despejo, digo, do quarto de empregada que acompanhei as repercussões dos discursos de ódio das camadas privilegiadas da população em relação à chegada dos médic_s cuban_s para o Mais Médicos, o programa do governo federal de ampliação de assistência médica pelo SUS. Um deles, em especial, chegou a ganhar destaque na imprensa tradicional. Me parece que no desespero de não saber mais por onde criticar a vinda desses médic_s para compor os serviços que _s medic_s brasileir_s não tavam dispostos a realizar, vale lembrar, uma senhora de bem, uma jornalista branca resolve publicar em seu perfil pessoal o seguinte comentário benevolente, um exemplar típico da colonialidade cordial brasileira:

Me perdoem se for preconceito, mas essas médicas cubanas têm uma cara de empregada doméstica. Será que são médicas mesmo? [...] Médico, geralmente, tem postura, tem cara de médico, se impõe a partir da aparência... Coitada da nossa população. Será que eles entendem de dengue? E febre amarela? Deus proteja o nosso povo!²²⁹

²²⁹ Ver **Jornalista diz que médicas cubanas têm ‘cara de empregada doméstica**, 2013. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1332962-jornalista-diz-que-medic-as-cubanas-tem-cara-de-empregada-domestica.shtml> Acesso em agosto de 2013.



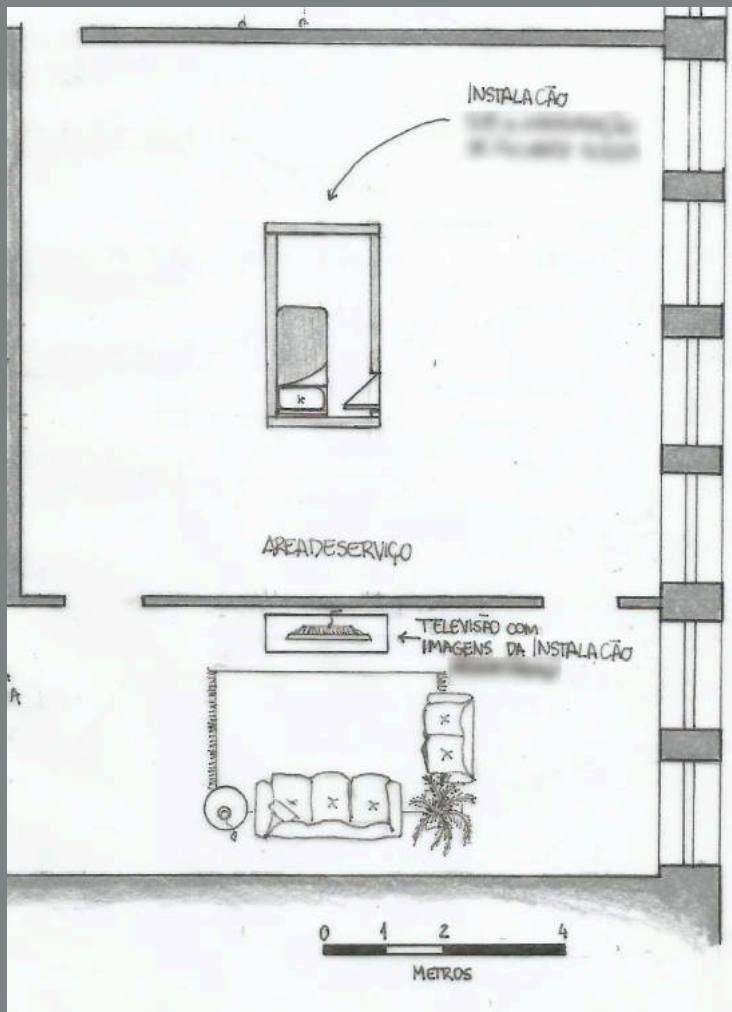
Foto da chegada d_s médic_s cubanos em agosto de 2013.
Arquivo: web

E daí comecei a me perguntar o que era ter *cara de empregada doméstica* – a partir daquele quarto que habitava e das relações que vivia – e se a característica pictórica de minha pele era esse fator que me condenaria ao enclausuramento de poder ser apenas naquilo que me era pré-determinado. E foi desde esse panorama que comecei a rever se uma série de impedimentos, interdições, desrespeitos, descasos, descon siderações não teriam como origem esses esquemas *paranoikos* despejados sobre quem somos. É a partir dessas condições que surgem as proposições da série *áreadeserviço*, sem espaços entre as palavras, pois espaço é o que não temos.

No entanto, me parece importante destacar que as narrativas hegemônicas sobre nossos corpos não dizem respeito unicamente às nomações estereotipantes propriamente ditas, mas efetivamente somos levadas a reencenar esses papéis. A dificuldade de entendimento e de leitura dessas relações abusivas – que nem sempre se circunscrevem ao espaço da casa, pois se desdobram em relações em outros espaços, que muitas das vezes nem nos damos conta ou que nos demandam algum tempo pra decodificar – é que elas se constroem junto de um pacote de cordialidades, paternalismos, benevolências, caridades... Uma das provas que me fizeram acreditar efetivamente que eu reencenava nesse apartamento o papel da empregada doméstica foi quando eu comecei a repetir boa parte dos gestos da colega branca, porque daí houve cobranças, foi chamada a minha atenção do quanto eu vinha numa postura

descuidada em relação à casa, enquanto antes o meu *comportamento era exemplar*. E o exemplar aí é ser a preta que cuida da casa, né, é se submeter aos esquemas *neosenhoriais* de uma galera maneira, legal, desconstruída, engajada, feminista, ativista, revolucionária – mas exploradora, escravocrata, racista, sexista, classista.

A essa altura nosso convívio tava bem tenso e a gente já tinha acordado minha saída do apartamento, mas como ela não aguentou minha sujeira – que era um espelho do seu comportamento – ela, que era moradora com contrato, ameaçou me despejar, e durante a seleção do mestrado da UFF em 2013, no qual apresentei como anteprojeto uma pesquisa intitulada *quarto de empregada*.



quarto de empregada (2013 -)

Projeto (não realizado) de corpo-escrita-desenho com a ponta do lápis contra toda superfície do cômodo para ser transmitido através de ferramentas audiovisuais continuamente durante sua realização.

quarto de empregada, que se configura como o primeiro trabalho da área de serviço, já ganhou duas versões:

- 1) no quarto de empregada de uma residência;
- 2) construindo em galeria o cômodo para ação e habitação durante sua realização.

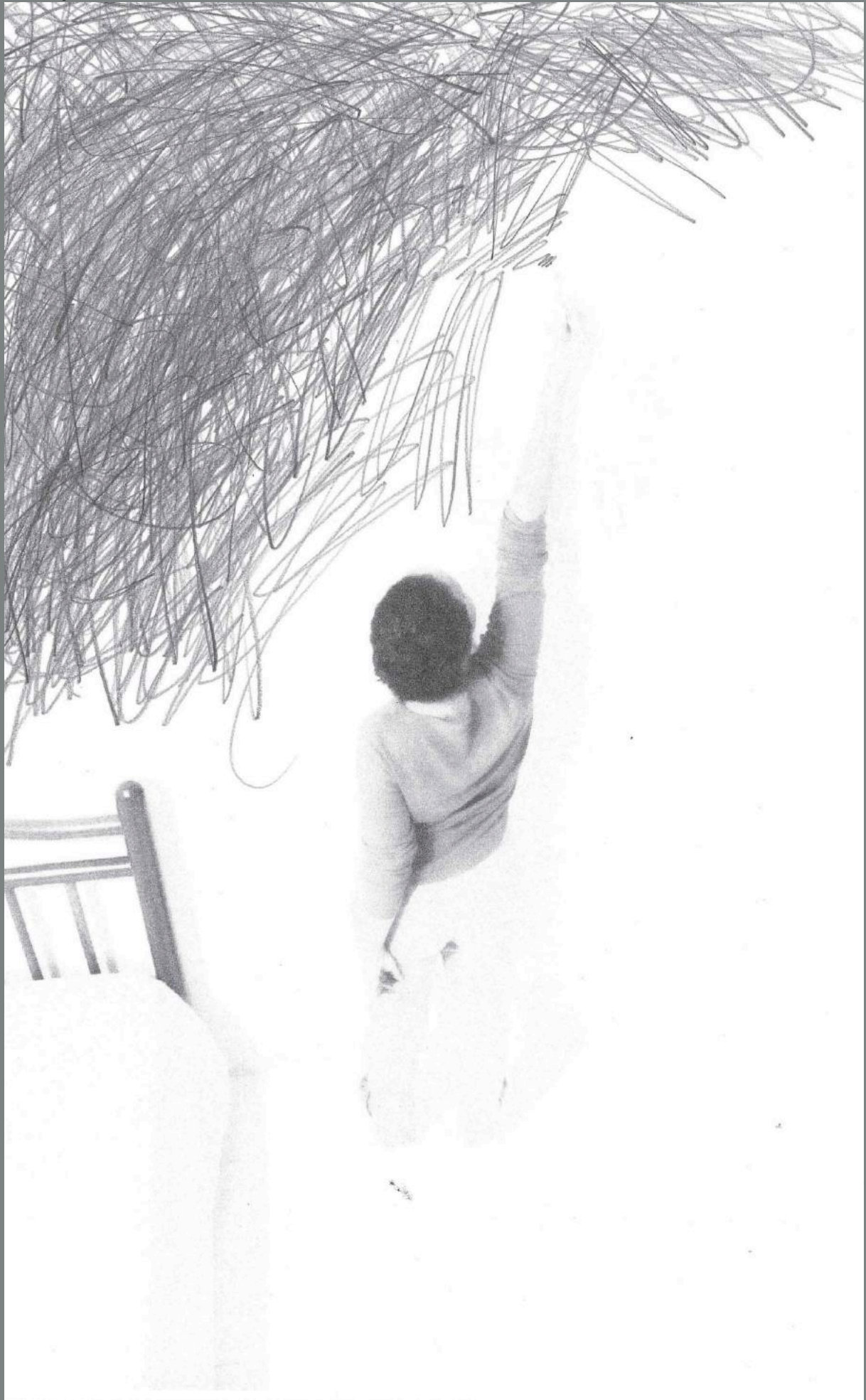
O projeto, que já foi submetido às seleções de mestrado da UFF em 2013 e da UERJ em 2014, eventualmente é colocado pra concorrer em editais de fomento.

(A planta-baixa do projeto foi realizada por Cássia Maria Monteiro, com quem venho desenvolvendo parcerias ao longo desses anos.)

(simulação)



(simulação)



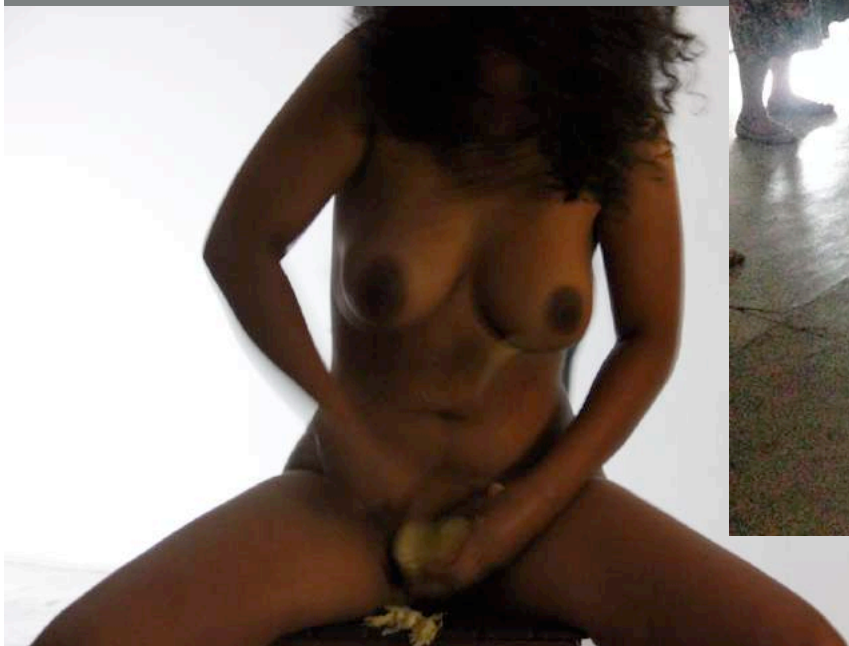


quitute (2014)

quitute é uma palavra originada do termo *kitutu*, expressão quimbunda, do tronco linguístico banto. Enquanto o nosso *quitute* é atribuído a alguma iguaria apetitosa, a palavra que a originou significa *indigestão*. Portanto, a performance quitute está entre algo saboroso e indigesto. A ação é realizada com objetos comumente encontrados na cozinha: um banco de madeira, uma colher de chá, tábua de carne, uma faca cega, uma maçã e o corpo de uma mulher negra. A performance consistiu em reproduzir o gesto de extrair a polpa da fruta com a colher (desses gestos realizados pelas mães, ou pelas babás, para alimentar os bebês) com alguns desvios: não havia crianças para alimentar, mas, sim, um público de galeria e foi diante de minha genital que o gesto foi realizado. Fora meu corpo, os objetos permaneceram na galeria durante a mostra coletiva, alguns apodrecendo. Bom, pensando melhor, alguns vestígios corpóreos devem ter ficado por lá apodrecendo também.

quitute foi o primeiro trabalho realizado da série áreasdeserviço. Assim como o projeto anterior, sua concepção se fez durante o período que habitei um quarto de empregada. Foi meu primeiro trabalho em galeria, e em galeria comercial da cidade do Rio. Antes tinha chegado a participar de festivais, mas daqueles com uma conformação estudantil. quitute é ainda o primeiro trabalho que entendo como sendo uma performance.

À Primeira Vista | Exposição coletiva
Brígida Baltar, Efrain Almeida e Marcelo Campos | curadores
Galeria Artur Fidalgo (RJ)



(fotos de Léo Paris)



empregada para um cubo branco (2014)

A performance consistiu na limpeza do chão da galeria de quatro com um tecido para costura de roupas totalmente branco, a princípio, e com altura idêntica ao meu corpo. Os estímulos do trabalho passam pela reencenação do mito da mulata e pela percepção de que *_empregad_* para a galeria é *_própri_ artista*. Aos poucos, com a sujeira coletada do ambiente, aquele tecido se transforma em pano de chão e no meu duplo. É também na água imunda do balde e no meu próprio corpo que se coleciona aquele produto – as matérias residuais, mesmo as mais ínfimas, de um espaço que valida ou desvalida o que colecionar.

A ação foi realizada em duas ocasiões: na exposição [capturas] de encerramento do programa de residência artística Clarabóia no Despina (RJ) e no III Festival de Artes do Corpo (UFJF-MG).

Diferente do quitute, eu solicitei nas duas ocasiões que a performance não fosse anunciada. Enquanto que no Rio de Janeiro eu fui completamente ignorada como

a artista pelos visitantes da galeria durante os 40 min. que esfreguei o chão (tendo sido interpelada apenas para indicar onde ficava o banheiro ou pra me deslocar do caminho porque atrapalhava a passagem), em Juiz de Fora, num festival com colegas artistas e pesquisadores, os meus limites na proposição foram testados: se posicionaram diante de mim para que limpasse seus calçados, jogaram biscoitos, pães, sucos, e café no chão (e aquele era um momento do café do evento) e chegaram a me oferecer moedas, que compuseram os resíduos coletados da performance. Como me alertou a colega Maria Eugênia (a única pessoa a se aproximar de mim se mostrando solidária, perguntando se eu queria algo e se desejava me juntar aos outr_s no café) a minha presença efetivamente só acontece ali quando eu levanto e tiro a roupa pra pendurá-la. Porque, antes, enquanto esfregava de quatro o chão, a única presença ali era a do cheiro de desinfetante. Na verdade o cheiro era de essência de citronela, que era pra tentar espantar os bichos peçonhentos. Tenho pra mim que minha presença no Rio apenas se fez quando levanto e tiro a roupa também.





(fotos de Ramsés Albertoni, Rebeca Campagnoli e Rodrigo Munhoz)



Quando o *empregada para um cubo branco* foi realizado eu já não estava mais naquele esquema abusivo de partilha de apartamento com a ex-colega de trabalho, minha condição era mais entre-casas, entre-cidades, sem endereço fixo, sem casa: a vida na mochila e em caixotes. Embora a saúde tenha ficado um pouco abalada por uma condição sem rotina, foi um momento que comecei a circular um pouco mais com meus trabalhos de artes... E eles se constroem levantando problemas, né, eu tentando reorganizar as estratégias diante das experiências vividas. Sim, a minha abordagem em relação à série *áreas de serviço* aqui podia ser aquela de analisar formalmente as questões pictóricas, os arquivos, os registros, o colecionismo, os gestos performativos, porque tudo isso tá aí, mas uma das coisas que os caminhos do Faço Faxina me ensinou foi que discutir o *objeto de arte, o que é arte?, como fazer arte?*, não é mesmo uma questão, não é mesmo, mas aquilo que foi escrito numa página inteira, insistentemente, sim: *como produzir vida?*

Mas as proposições são geradas sobre problemas, tentam colocá-los em debate e muitas das vezes as respostas recebidas, no entanto, foram as de mais violências. As agressões despejadas sobre o *empregada para um cubo branco* foram já narradas, mas não cheguei a dizer que no *quitute* os responsáveis pela galeria me deixaram esperando dentro da reserva técnica por mais de duas horas. Acordei com *_s colaborador_s* da galeria que não queria ficar circulando no espaço expositivo, que o meu desejo era me apresentar no ambiente quando já fosse realizar a ação. Me encaminharam pra reserva técnica, entulhada com objetos de venda da galeria. Não tinha um espaço confortável pra ficar, mas achei que tudo bem, a princípio, que não tardaria pra realizar a ação e, na verdade, eu estava pronta pra realizar a ação desde o momento que fui despejada na reserva. Eu já tava nua naquele ambiente aguardando um ok e de em 15 em 15 minutos entravam pra me dizer que ainda não era o momento. Eu entrei, na verdade, próximo do encerramento da exposição, fui aplaudida (?) no corredor que tava lotado pelo público da galeria simplesmente porque tava pelada. Depois soube *pel_s* colegas de coletiva que os responsáveis pela galeria ficavam anunciando para *_s* visitantes/público/clientes que entraria uma menina nua pra fazer uma performance com a maçã e os demais objetos que já estava em exposição: eles ficaram publicizando meu trabalho, meu corpo, e em benefício próprio, pra se promoverem. E foi pra mim um tanto dolorosa essa situação. Eu não tenho um estudo de corpo propriamente, não tenho uma formação de teatro, dança ou

alguma arte afim. Tomo meu corpo como instrumento porque tenho um corpo e muitas das vezes me parecia a única coisa minha nesse mundo, mas às vezes nem isso é, né? As nossas histórias nesse solo contam isso. Por isso uma das questões fundamentais da ação seguinte, o *empregada para um cubo branco*, foi pedir que não anunciassem, mas mesmo assim, como relatado, não impediu a produção de mais gestos violentos. A ação seguinte, portanto, representa pra mim uma grande virada, que foi a Coleta de Sopros/Colheita de Sopros – apesar de não saber ao certo se ela se insere ou não na série *áreadeserviço*, pois tá mais relacionada com uma fase mais andarilha e menos desde a casa. Embora a história das nossas ancestrais nos mostre toda uma desenvoltura do trabalho doméstico que se fazia em rede com a vida urbana, como vimos. Mas a Coleta/Colheita de Sopros tinha isso pra mim que foi fundamental no Faço Faxina: erguer, circular, se posicionar, se dispor a conversar, debater, ponderar, suspender se necessário. Talvez as minhas primeiras referências de performances tenham sido aquelas produzidas por feministas brancas das artes visuais que tinham essa pegada mesmo: de se posicionarem como objeto, mas o corpo que tenho é só atravessado por essa condição de objeto e o que eu quero é autonomia, é vida – e só é possível alcançar isso implicando as estruturas que produzem nossas mortes, que dizem e que nos mostram que não podemos ser. Hoje, inclusive, olho com atenção as experiências de ter sido eliminada das seleções da UFF em 2013 e da UERJ em 2014 – quando inscrevi o projeto *quarto de empregada* (que articulava uma escrita expandida, desenho, arquitetura e tecnologia) – e me pergunto se em 2015, na seleção da UFF novamente, me selecionaram porque eu dominava melhor os códigos do processo seletivo ou porque eu me propus a cumprir o papel que esperam que ocupemos. Porque a proposição era simples assim: vou fazer faxina, e é faxina mesmo, como meu trabalho de artes. E não tem nada simples nisso. E essa complexidade me fez mirar não apenas essa história, a história desse ofício, mas toda minha vida: as relações que tenho hoje e o que eu não quero mais, o que não tolero, o que não vou deixar passar, o que não permito. Só que aí esses não são sendo produzidos por aquele corpo que se espera que diga sim, né – *sim, senhor..., sim, senhora...* E os não produzidos por quem deveria apenas dizer sim incomodam e acabam gerando mais violências, não posso negar, violências que investem pesado no desgaste da vida, nos jogam em esquemas delirantes, questionam nossas potências, mas não tem volta. Negritude é revolta. Não floresço, mas crio raízes.

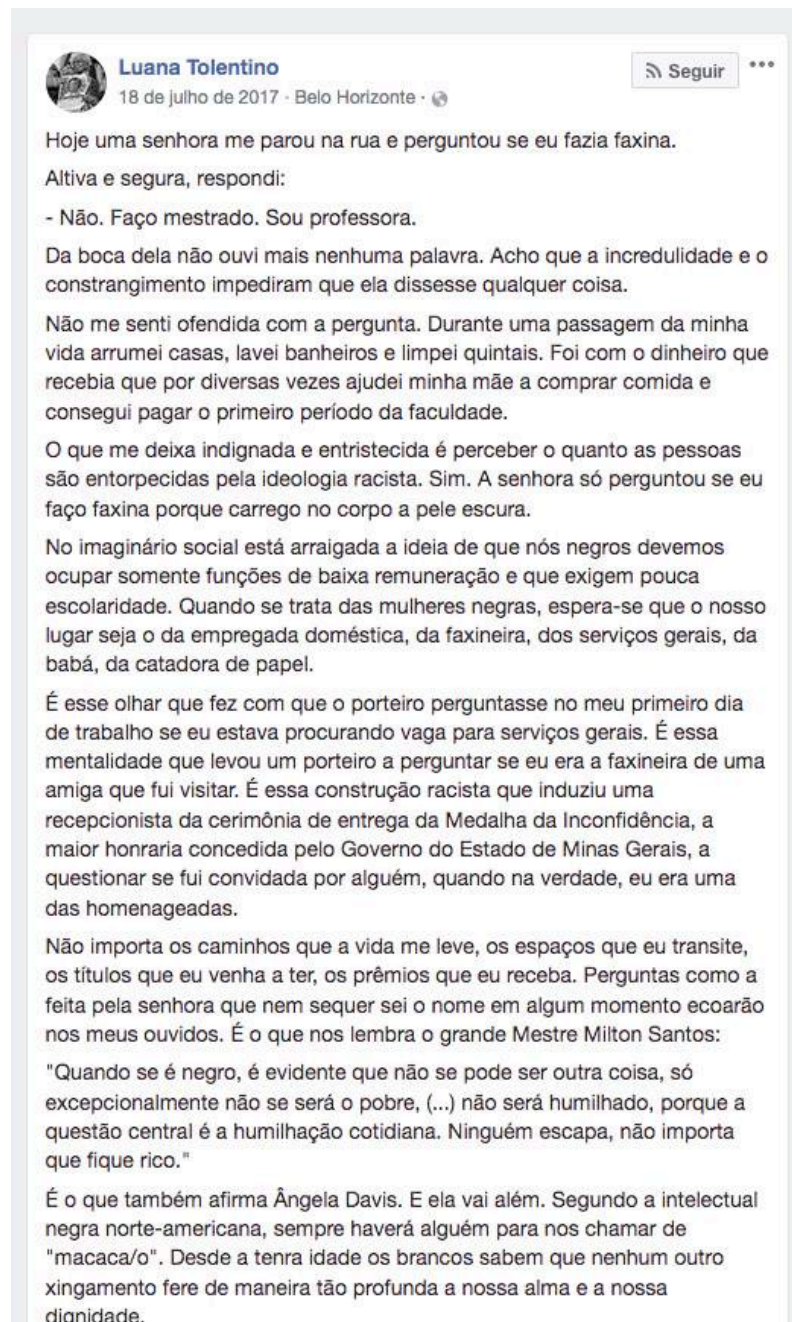
Logo depois de realizar o *empregada para um cubo branco* eu entro em contato com as discussões do *programa performativo* da performer e teórica em performance Eleonora Fabião²³⁰, que chega a essas discussões por meio de uma biografia que passa pelo teatro. Acho até que a própria Coleta/Colheita de Sopros se produz em contato com as elaborações da Eleonora, tendo-as como referências de pensar e de fazer proposições estéticas com o corpo nas artes visuais. Mas a colonialidade é mais em baixo. Pelo menos pra mim, depois de ter tido acesso a leituras como *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, de Lélia Gonzalez, e *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon, não me foi mais possível entender que não eram as profundezas da superfície epidérmica o elemento organizador mais radical de minha experiência vivida.




Assim, pra mim, Faço Faxina não trata-se de performance, aliás, nenhuma das performances que realizei tratam-se de performances, pois são experiências epidérmicas que produzem meu corpo no mundo, experiências essas pictóricas produtoras de porosidade, de negociação, de mediação, de contato, de fricção, de ferida, de contágio, de cicatrização, de absorção, de secreção, de repelência, de resistência, de proteção, de elasticidade, de sensível, de tecido, de tecido social, de plasticidade, de enunciação, de guerra, de sutura, de textura, de testemunho, de toque, de beat, de ritmo: nosso maior órgão, uma infinidade, todo o espaço – sem unidades, unanimidades ou universalidades, mas universos em expansões, em fuga das clausuras.

Pra mim era esse conjunto de fricções, que comecei a mapear (e que ainda o faço), que deveriam emergir, vir pra superfície nesse trabalho. O Faço Faxina ainda representa pra mim, como enunciado anteriormente, uma tentativa de maior controle sobre minha própria vida, sobre meu corpo e sobre minha imagem. Mas esses controles se fazem sempre em jogo com o descontrole. De alguma forma eu encontro minhas questões nisso que o Stuart Hall elaborou em conferência sobre a produção do Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas*:

²³⁰ Ver FABIÃO, Eleonora. **Programa performativo: o corpo-em-experiência**. In: ILINX-Revista do Lume, v.1, n.4, 2013. Ver FABIÃO, Eleonora. **Ações Cariocas: 7 Ações para o Rio de Janeiro**. In: Cavalo Louco-Revista de Teatro Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz, v.8, p. 14-18, 2010. Ver FABIÃO, Eleonora. **Ações: Eleonora Fabião**. Rio de Janeiro: Tamanduá Arte, 2015.

Fanon entendeu que por debaixo do que ele chamou de esquemas corpóreos está outro esquema. Um esquema composto de histórias e anedotas e metáforas e imagens que é o que na realidade constrói a relação entre o corpo e seu espaço social e cultural. São essas histórias e não o fato em si. O fato em si é precisamente a cilada da superfície, que nos permite descansar no que é óbvio, no que está presente de forma manifesta, o que nos é oferecido como sintoma da aparência. Aquilo que assume o lugar do que de fato é, um dos sistemas culturais mais profundos e complexos que nos permitem distinguir entre dentro e fora, entre nós e eles, entre quem pertence e quem não pertence.²³¹



Luana Tolentino 18 de julho de 2017 · Belo Horizonte ·   Seguir 

Hoje uma senhora me parou na rua e perguntou se eu fazia faxina.

Altiva e segura, respondi:

- Não. Faço mestrado. Sou professora.

Da boca dela não ouvi mais nenhuma palavra. Acho que a incredulidade e o constrangimento impediram que ela dissesse qualquer coisa.

Não me senti ofendida com a pergunta. Durante uma passagem da minha vida arrumei casas, lavei banheiros e limpei quintais. Foi com o dinheiro que recebia que por diversas vezes ajudei minha mãe a comprar comida e consegui pagar o primeiro período da faculdade.

O que me deixa indignada e entristecida é perceber o quanto as pessoas são entorpecidas pela ideologia racista. Sim. A senhora só perguntou se eu faço faxina porque carrego no corpo a pele escura.

No imaginário social está arraigada a ideia de que nós negros devemos ocupar somente funções de baixa remuneração e que exigem pouca escolaridade. Quando se trata das mulheres negras, espera-se que o nosso lugar seja o da empregada doméstica, da faxineira, dos serviços gerais, da babá, da catadora de papel.

É esse olhar que fez com que o porteiro perguntasse no meu primeiro dia de trabalho se eu estava procurando vaga para serviços gerais. É essa mentalidade que levou um porteiro a perguntar se eu era a faxineira de uma amiga que fui visitar. É essa construção racista que induziu uma recepcionista da cerimônia de entrega da Medalha da Inconfidência, a maior honraria concedida pelo Governo do Estado de Minas Gerais, a questionar se fui convidada por alguém, quando na verdade, eu era uma das homenageadas.

Não importa os caminhos que a vida me leve, os espaços que eu transite, os títulos que eu venha a ter, os prêmios que eu receba. Perguntas como a feita pela senhora que nem sequer sei o nome em algum momento ecoarão nos meus ouvidos. É o que nos lembra o grande Mestre Milton Santos:

"Quando se é negro, é evidente que não se pode ser outra coisa, só excepcionalmente não se será o pobre, (...) não será humilhado, porque a questão central é a humilhação cotidiana. Ninguém escapa, não importa que fique rico."

É o que também afirma Ângela Davis. E ela vai além. Segundo a intelectual negra norte-americana, sempre haverá alguém para nos chamar de "macaca/o". Desde a tenra idade os brancos sabem que nenhum outro xingamento fere de maneira tão profunda a nossa alma e a nossa dignidade.

²³¹ HALL, Stuart. **Raça, o significante flutuante**. In: Z Cultural, 2013. Ano IX. ISSN 1980-9921. Disponível em <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raça-o-significante-flutuante%EF%80%AA/> Acesso em fevereiro de 2014

O racismo é uma chaga da humanidade. Dificilmente as manifestações racistas serão extirpadas por completo. Em função disso, Ângela Davis nos encoraja a concentrar todos os nossos esforços no combate ao racismo institucional.

É o racismo institucional que cria mecanismos para a construção de imagens que nos depreciam e inferiorizam.

É ele que empurra a população negra para a pobreza e para a miséria. No Brasil, "a pobreza tem cor. A pobreza é negra."

É o racismo institucional que impede que os crimes de racismo sejam punidos.

É ele também que impõe à população negra os maiores índices de analfabetismo e evasão escolar.

É o racismo institucional que "autoriza" a polícia a executar jovens negros com tiros de fuzil na cabeça, na nuca e nas costas.

É o racismo institucional que faz com que as mulheres negras sejam as maiores vítimas da mortalidade materna.


É o racismo institucional que alija os negros dos espaços de poder.

O racismo institucional é o nosso maior inimigo. É contra ele que devemos lutar.

A recente aprovação da política de cotas na UNICAMP e na USP evidencia que estamos no caminho certo.

 Curtir

 Compartilhar

   Stephanie Ribeiro, Tatiana Henrique e outras 6,7 mil pessoas

Post da Luana Tolentino que teve grande repercussão ano passado, inclusive nos veículos de comunicação mais tradicional.

É essa relação de poder com nossas aparências, com nossas imagens, que fazem com que todo um juízo seja estabelecido sobre quem somos sem ao menos nos conhecerem. As nossas chances geralmente se reduzem à primeira vista, pois o que parece que mais tem por aí são herdeir_s de explorador_s, de descobridor_s, de colonizadores, que tudo sabem, que tudo pensam saber. E essas relações chegam a atravessar nossas experiências inclusive com aquel_s que a gente tem um convívio já mais regular, mas a cilada da superfície impede que efetivamente sejamos vist_s e que tenhamos nossas singularidades respeitadas.

Sob ocasião do encontro *Perpectivas Descoloniais*²³², em dezembro do ano passado, que aglutinou diversas atividades em torno de iniciativas feministas e antirracistas, uma das trocas em especial chamou minha atenção. Numa roda de conversa sobre feminismos negros na sede da CRIOLA, que teve como ativadoras as brasileiras Claudia Miranda, Lúcia Xavier, Rosália Lemos e a dominicana Yuderkys Espinosa,

²³² Mais informações sobre o evento na página <https://www.facebook.com/events/246956622501875/>

Claudia, professora da UNIRIO na área de educação, lançou pra roda, com um tom indignado, o porquê de muitas das vezes ser atribuído a ela a função de fazer o café pel_s colegas. Esse foi um dos raros momentos que a dominicana não compôs a discussão, parecia que aquela provocação da Claudia dizia respeito mais às discussões das mulheres negras brasileiras. A ativista e professora do IFRJ Rosalia Lemos diz que quando estava nos seus momentos de folga quando realizava trabalhos domésticos fazia questão de usar o elevador social e que, por isso, seu patrão era chamado atenção pela administração do condomínio – queixa essa que acabava chegando até a ela. Rosalia diz que entendia aquele ato como uma micropolítica, o que a incentivava argumentar que não tava em seus horários de serviço para usar aquele elevador. Por sua vez, a coordenadora da ONG CRIOLA, Lúcia Xavier, já convocada nessa escrita anteriormente, comenta que quando atuava no serviço público ela percebia uma tendência de seus colegas a deixar em sua mesa copos usados, embalagens de produtos e outros conteúdos que deveriam ser descartados. E era ela mesma que acabava fazendo essa tarefa: recolhia aqueles materiais usados pel_s _s outr_s em sua mesa e os encaminhava para lixeira. Lúcia, ainda (que no dia anterior perguntara pra platéia majoritariamente negra na UNIRIO, na conferência de lançamento do livro da nigeriana Oyèrónkẹ Oyèwùmí com a Yuderkys, quem ali era filh_ ou net_ de empregada doméstica – fazendo com que quase a totalidade daquele auditório levantasse os braços), comenta que enquanto muit_s repudiam, é o modelo da *empregada* que ela deseja seguir. Pois ela via ali naquele ofício potência, e a potência era a do cuidado, enquanto que a cena narrada com seus colegas se organizava na negligência, no descaso, na falta de zelo.

Tais depoimentos das cenas da vida costumam se tornar pra mim referências criativas e teóricas mais importantes do que aquelas que compõem as estratégias estéticas do campo das artes visuais, nas quais nem sempre consigo me ver. Não que eu tenha que me reconhecer o tempo todo – e a conformação desse território tá bem distante disso – , mas são depoimentos assim que fazem eu entender o porquê de ter passado por experiências nas minhas relações de trabalho como a de ser chamada atenção quando saía pontualmente no horário do término do expediente (porque a lógica é que eu me mate de trabalhar e faça hora extra sem remuneração); ou de receber comentários da chefe da quantidade de vezes que eu ia ao banheiro (chegando a atribuir isso a quantidade de água que eu bebia) ou, ainda, por exemplo, de ter sido incentivada a

sair com artista ou com colecionador de arte porque isso melhoraria as vendas da galeria (em tom de brincadeira, lógico, das colonialidades cordiais brasileiras) – apenas pra listar algumas poucas situações aqui que dizem respeito como nossos corpos são lidos e inseridos nas tramas cotidianas e que invariavelmente acabam por atravessar nossas reelaborações do que somos e do que enfrentamos, sejam elas na escrita, na conversa, na música, na dança, no cinema, nas proposições de artes visuais, etc, nas nossas imaginações como um todo, nesses quilombos que se assentam também em nossas cabeças.

Assim, de alguma forma, entendi que se suprimisse minhas imagens no Faço Faxina talvez eu tivesse um controle maior das capturas que meu corpo é submetido. Mas talvez você tenha notado que faço uma concessão ao protocolo, que acabo pondo em circulação as imagens do projeto quando ele sai da esfera privada e se aventura nos espaços públicos, porque essas já se configuraram nas experiências desviantes do projeto.

Um pouco mais de uma semana depois da 6^a Lavagem do Cais do Valongo retornamos àquele espaço em festa, para comemorarmos seu reconhecimento pela Unesco como Patrimônio da Humanidade. Foi muito emocionante voltar ali, encontrar querid_s, ouvir as falas das lideranças locais e representativas do movimento negro, de pessoas que admiro. Enfim, foi um dia de reconhecimento também do que somos e de como persistimos nessa luta por ser.

A vida corria quando me vi marcada por uma amiga, a Liliana, no comentário de uma publicação da página da prefeitura do Rio de Janeiro: “[Millena Lízia](#), é você?” E quando parei pra analisar o que se passava me dei conta de que a comunicação da municipalidade do Crivella, o prefeito que comandou quando jovem rituais de exorcismo em África²³³, tinha se apropriado de uma imagem minha na Lavagem do Cais, ainda que de costas, pra compor uma peça que anunciava o reconhecimento patrimonial. A peça faz uso de uma fotografia em que meu braço está estendido lançando para o cais a água de cheiro, mas na montagem esse gesto se estende em direção à marca da prefeitura que ainda apresenta o texto

²³³ Ver **Em livro Crivella ataca religiões e homossexualidade: ‘terrível mal’**, 2016. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/em-livro-crivella-ataca-religioes-homossexualidade-terrivel-mal-20296731> Acesso em maio de 2018.

“CULTURA+DIVERSIDADE”. Compõe ainda a fotografia um coração de rosas vermelhas e brancas, sendo que as rosas brancas escrevem a palavra “PAZ” dentro desse coração.

– *E cumé que a gente fica?*

Paz? Que paz? Quem tem paz? Às vésperas dos 130 anos da abolição uma das notícias que recebemos foi a de que o Cais do Valongo pode é perder o título de patrimônio porque a prefeitura não vem cumprindo com as obrigações de preservação acordadas, entre elas a do espaço memorial pra acolher as *tralhas domésticas* do sítio arqueológico. E entre a *tralha*, além dos objetos ancestrais de diversos povos, vale lembrar, o que há são ossadas. PAZ? CULTURA+DIVERSIDADE? É isso mesmo?

Seriam nossas autonomias possíveis onde o descaso e o deboche reinam como estratégias estruturantes?

Seria possível ser onde é impossível ser?

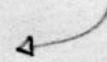
Difícil. Nossas capturas acontecem, e de muitas formas, sem que a gente tenha aí alguma contrapartida. E quando não é a captura que visa ao despejo, ao desaparecimento, ao extermínio, à obliteração física, é a captura do desejo, mas do desejo extrativista, do apoderamento, da posse, da apropriação, da obliteração simbólica e subjetiva, mecanismos esses que as artes modernas, em diferentes fases, nos mostram grande familiaridade. Como disse um amigo do Fanon, “Quando os brancos se sentem mecanizados demais, voltam-se para os homens de cor e lhes pedem um pouco de nutriente humanos.”²³⁴

E o que dá vontade de dizer, novamente, mas agora para essa circunstância é: “Por favor, não nos descubram”, vão descobrir as merdas que vocês vêm fazendo há mais 500 anos nessas terras!

²³⁴ FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad.: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 118.

ANTI-MONUMENTO
AO COLOMBO
"NÃO NOS DESCUBRA"
Um (anti) monu-
mento para ape-
dusar na galeria
(projeto de instalação)

Caixas de ovo



OVOS





Millena LÍzia

20 de novembro de 2017 · Rio de Janeiro ·



Faço Faxina, um número de dança

Quando eu e o [Pedro Meyer](#) nos encontramos durante a semana na Casa França Brasil pra nos conhecermos pessoalmente e conversarmos sobre que proposta poderia colaborar ali em seu projeto – em que artistas são convidadxs a performar diante de outrxs artistas do desenho – uma intuição surgida nos primeiros meses de realização do Faço Faxina, há mais de um ano atrás, voltou a marcar sua presença: realizar um número de dança a partir de um gesto específico da faxina – aquele em que a gente se põe a passar pano no ambiente com os pés sobre o tecido, deslizando no piso por meio dele, sendo o pano de chão o veículo do percurso. O convite do Pedro se dava para uma intervenção numa feira de moda que estava pra ocorrer naquele espaço. Tinha pra mim que esse pretenso gesto de dança, desde os seus primeiros momentos de concepção, deveria ser realizado justamente com uma peça de vestir – com a minha própria blusa que estivesse a usar – e que aquilo que tocava a minha pele fosse também aquilo que em algum momento tocaria e esfregaria o chão que pisava, que pisávamos, que pisaram, que pisarão. De alguma forma, lá, um ano atrás, a idealização da proposta se construía para um piso de galeria que se espera homogêneo, neutro, normativo – poderia dizer. Só que o tal do comichão pra realizar aquela ação ali me lançava para um chão composto por diversos revestimentos que marcam sua história e que o torna irregular, retalhado, fraturado, repleto de fissuras. Trata-se do edifício encomendado por Dom João VI para ser o primeiro com a arquitetura neoclássica no Rio de Janeiro, "tendência que viria então a popularizar-se, dando à cidade marcada por suas casas coloniais um tom mais cosmopolita, à moda européia", como podemos ler na página na Casa França-Brasil. Foi num dia 13 de Maio, de 1820, que o espaço foi inaugurado como "a primeira Praça do Comércio do Rio de Janeiro, cidade sede do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves". Alguns anos depois, com o contexto da independência do país, o menino do João transformou o prédio no espaço da Alfândega. Enquanto eu e o Pedro Meyer conversávamos sobre as possibilidades (e impossibilidades) de intervenção nesse espaço tombado, aquela Nau fiasco do FHC, realizada em comemoração aos 500 anos do Descobrimento do Brasil em tempos neoliberais, me provocava. Sugerí para o Pedro: A ação se encerrará com o pano de chão (antes camiseta) surrado e detonado pendurado de frente pra esse monumento; um pano de chão a flamular diante das bandeiras e das velas fantasmas da embarcação.

A reformulação da região portuária do Rio ressuscitou alguns fantasmas, como essa nau e o monumento ao Pereira Passos na Praça Mauá, quase como uma atualização dos símbolos de outrora com os figurões atuais, como bem chamou atenção uma vez a amiga [Cássia Maria Monteiro](#). Num primeiro momento, naquela conversa ali, pensava em montar um varal, mas acabei concordando com o Pedro que pendurar esse objeto num cavalete tava valendo também, já que entendia aquele material como um instrumento de desenho. Enfim, das decisões estéticas-instalativas que precisamos tomar, mas que sempre deixam dúvidas se não deveriam ser feitas de outro jeito.

Durante a semana cheguei a uma conclusão: a água que usaria para esfregar o pano do chão seria aquela ali na frente da instituição – a água podre que está sob a nau, a água do porto, do centro do Rio de Janeiro, da Baía de Guanabara, do Atlântico. (Enquanto escrevo isso minha pele coça. Muito possivelmente como um reflexo das memórias da ação).

Nossa intervenção no espaço se daria no domingo, 12 de novembro. No dia anterior, quando já acontecia a feira, fui lá pra circular novamente naquele lugar já acionado pela circulação comercial, cultural, afetiva, hipsterista, etílica, gastronômica. Mas precisava solucionar de onde pegaria a água da baía com o meu balde. Essa região está sob responsabilidade da Marinha do Brasil e às 18h, se não me engano, todos os dias, pode-se cantar o hino nacional ali no momento da retirada das bandeiras. Era um pouco mais cedo do que isso. Têm umas escadinhas que dão acesso à água. possivelmente pra atracar as embarcações. Perauntei para um oficial

pouco mais cedo do que isso. Têm umas escadinhas que dão acesso à água, possivelmente pra atracar as embarcações. Perguntei para um oficial (não entendo muito disso de patentes) se eu teria algum problema no dia seguinte em descer aquelas escadas e pegar um pouco daquela água. Ele me responde que era capaz de querer me prender por isso. Digo que mais adiante, já na Praça Mauá, o território já não estaria mais sob as vigilância das forças armadas e que eu poderia, ao lado do Museu do Amanhã, recolher o que desejava. Eu teria apenas que andar mais, e carregar aquele peso.

Fiquei pensando que ao me prender qual seria o meu enquadramento legal, o de portar uma arma química? (Ai, coceira!!!)

Enfim, essa foi minha primeira missão para o dia seguinte, o domingo, ali naquela região. Me aproximo do oficial do dia e pergunto o mesmo – mas já com balde no braço dessa vez –, se eu podia descer as escadas para pegar aquela água. Nesse momento o jovem no posto me responde com uma pergunta: – Essa água??? – Em seguida me oferece um comando positivo que me soou como um voto de boa sorte: – Vai lá!!!

A experiência da ação, do que chamo de "Faço Faxina, um número de dança", foi marcante, cansativa. Realizei a ação até o término da água da baía do balde. Foram duas horas esfregando aquele piso acidentado de forma ininterrupta, mas dançando, em transe. Acho que a seleção de música do evento ajudou a manter o meu ritmo. Em algum momento, ali durante a coisa, lembrei de um registro fílmico muito antigo de uns sambistas com o Pixinguinha se revezando para dançar no palco. Era de um sambar miudinho, com os pés se arrastando para frente e para trás.

Fiquei pensando se não era isso que estava fazendo também... Se bem que é capaz de ter sido apenas uma daquelas barganhas que fazemos com a gente mesmo para prosseguir com algo.

Esse texto tá em escrita. Assim como minha percepção dessa proposta.

Quando terminou a água do balde tratei de pendurar o pano de chão (antes blusa) de frente pra nau do FHC. Um outro gesto foi lançar um preço pro objeto. Seu valor é de R\$ 517,00, em homenagem ao monumento flutuante. Aceito as propostas de compra inbox! 😊

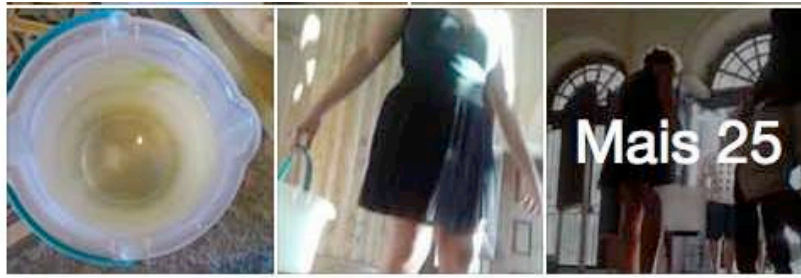
Recebi ofertas lindas de registros em desenho, dentro da proposta do Pedro Meyer, a partir do meu estímulo performativo, mas que, sobretudo, pra mim eram também desenho. Enquanto eles desenhavam com materiais que garantem alguma permanência, eu desenhei com o pano molhado da imunda Baía no chão, que tinha a rebeldia de evaporar, de escorrer pelas frestas, de fugir.

Deixo meu agradecimento aos registros preciosos de Pedro Meyer, Bel Petri, Rafael Alonso e demais aventureirxs do traço. Agradeço também aos cliques da Paula Sancier. Valeu Patrícia Franciscool!, também por sua aventura performativa.

Agradeço xs nossxs ancestrais, por suas persistências e rebeldias. Pra mim, nossa maior herança.

Por aqui, humildemente, venho tentando lavar minha alma... Exercício constante... persistente, rebelde, cuidadoso.





Curtir

Comentar

Compartilhar

Paolla Moura, Rafael Alonso e outras 42 pessoas



Isabel Petri 1

Amel · Responder · 27 sem



Berenice Xavier força, sentido, amor 1

Amel · Responder · 27 sem



Juliana Sodré Que lindo!! Parabéns!! Pena ter perdido essa:(1

Amel · Responder · 27 sem



Rafael Alonso s2 1

Amel · Responder · 27 sem



Pedro Meyer Obrigado Millena! Muito bom ter seu texto-registro!

Curtir · Responder · 27 sem 1



Pedro Meyer Achei especial quando sua performance se misturou com a vida, o "gesto invisível" de quem limpa, seu gesto dançante, cotidiano, ia e vinha do palco (o piso central, foco dos desenhistas), se perdia e voltava, afirmando uma fronteira tênue, vigorosa e sensível.

Amel · Responder · 27 sem · Editado 4

Millena Lízia respondeu · 1 resposta



Damiana Bregalda Jaenisch Maravilhosa!!! 1

Amel · Responder · 27 sem



Ana Matheus Abbade amo 1

Amel · Responder · 27 sem



Ludmilla Lis Hei amore, chama! Adoraria te ver! 1

Amel · Responder · 27 sem



Bianca Bernardo Muito bom! Fico feliz com essa conexão. Beijos 2

Curtir · Responder · 27 sem

Pedro Meyer respondeu · 1 resposta



Camila Ribeiro Nutyelly Cena

Curtir · Responder · 27 sem



Camila Ribeiro adoraria ver 1

Amel · Responder · 27 sem



Naves Naves muito forte, muito potente e muito desconcertante.

Curtir · Responder · 27 sem

Me foi um desafio considerável encontrar a entrada de escrita dessa dissertação, já que a própria proposição estética que a alimenta, ou melhor, sua experiência epidérmica, transita por distintas texturas, e que evocam pra si distintas formas de encontros, de relacionamentos. Em algum momento me pareceu que era para o ritmo da escrita de diário que eu devia me voltar pra buscar uma inserção desse traço caminho risco, feitos com palavras que imprimem negruras em páginas brancas. E confesso que essa foi uma busca que não se lançou pra frente, mas se construiu como uma volta. Foram nos escritos do diário de Lima Barreto, em seu *Diário do Hospício*, mas, principalmente, nos diários da Carolina Maria de Jesus que tive que passar pra entender que caminho era esse que ousava fazer. Mas, dessa vez, não foi tanto para o *diário de uma favelada*, o *Quarto de Despejo*, que me voltei, mas, antes, para o *diário de uma ex-favelada*, em Carolina de *Casa de Alvenaria*, a publicação posterior ao seu maior sucesso literário. Em *Casa de Alvenaria* acompanhamos a escritora narrando a experiência de reconhecimento de seu trabalho, que a coloca em circulações e que, por conta disso, possibilita que ela deixe de ser favelada, que saia de uma condição de miséria, que vá encontrar um espaço seu na casa de alvenaria, nesse mundo alvo. O título do prefácio dado por Audálio Dantas, o jornalista responsável por *descobrir* e editar os diários de Carolina, é “Casa de Alvenaria – história de uma ascensão social”.

Apesar de não estar mais numa condição miserável com seus filhos, me aflige acompanhar a autora cortando um dobrado pra lutar por sua dignidade, por sua autonomia, narrando o estranhamento que sua presença causa nos espaços que passa a circular, da quantidade de homens, incluindo o Audálio, dizendo pra ela o que ela devia fazer de sua vida, das explorações desses caras em cima dela, lhe oferecendo, por exemplo, cachês menores do que aqueles combinados, de tirarem sarro dela nas ruas por ela ser escritora, pois o que lhe foi dito foi que “Favela não dá escritor. Dá ladrão, tarado e vadio. Homem que mora em favela é porque não presta”²³⁵. Apesar de escrever “Agora eu falo e sou ouvida. Não sou mais a negra suja da favela”²³⁶, a vida de Carolina na *Casa de Alvenaria* permanece um sufoco. Uma das experiências narradas por Carolina se deu num restaurante em Copacabana:

²³⁵ JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada**. Editora Paulo de Azevedo LTDA, 1961, p. 25

²³⁶ *Ibidem*, p. 17.

Alguns iam à minha mesa. As mulheres que estavam na minha mesa falavam em reforma social. [...] Eu pensava: elas são filantrópicas nas palavras. São falastronas. Papagaios noturnos. Quando avistam-me é que recordam que há favelas no Brasil.²³⁷

Tanto Lima Barreto quanto Carolina Maria de Jesus, desde suas experiências vividas, denunciam *o espetáculo* daqueles ambientes marginalizados em que escreveram seus diários. E essa palavra – *espetáculo* – é efetivamente adotada pelos dois, Lima desde o hospício, Carolina desde sua condição favelada. Embora tenha ascendido socialmente Carolina não era uma mulher, era uma mulher (negra) favelada.

Em algum momento da leitura retorno ao prefácio do Audálio e me dou conta de que o jornalista força uma barra pra dizer que Carolina era agora a vizinha deles na *sala de visita*, uma expressão que ele insiste em usar, quase como que querendo forçar que a publicação do novo diário tivesse *Sala de Visita* como título, numa oposição ao Quarto de Despejo, o diário que a lançou pro mundo. Mas o diário seguinte da Carolina (que já não foi um sucesso, ela que não era mais a preta miserável) é **Casa de Alvenaria** e a sabedoria de Carolina que o jornalista não alcança é o fato de que, apesar de circular em outros cômodos, em outros territórios, Carolina sabe que o Quarto de Despejo continua ali mesmo, na Casa de Alvenaria, nesse *mundo branco*.

Esse pensamento proporcionado por Carolina Maria de Jesus perpassa toda a escrita dessa dissertação, em seus distintos ritmos, que me fez perguntar, inclusive, por onde passam nossas escritas de diário hoje em dia. Me parece que essa escrita não se encerra no papel, e nem mesmo em nossa privacidade, mas atravessa outras materialidades, suportes e subjetividades. Dos diários que agora se escrevem e se inscrevem desde os nós. Engasgos. Em rasgos. *En rasgos*. Essa redemoinho.

²³⁷ Ibidem, p. 8.



Millena Lázia está com Ingrid Silva e outras 2 pessoas em Rio de Janeiro.

7 de dezembro de 2017 ·

Ei, preta... Faz tempo que não nos falamos, né, depois daquele período estranho, de perdas, e também de violências em cima da dor, do luto...

Tô aqui me estruturando como possível, na fase final da pesquisa, tentando começar um final – desses finais provisórios que somos demandadxs a inventar.

Me pareceu que eu devia ter como epígrafe Vozes-mulheres da Conceição, algo que já intuía desde a experiência de qualificação. Buscando a poesia dessa vez fui levada, ao mesmo tempo – acredito –, para o Babá Alapalá do Gil (Aganju, Xangô/ Alapalá, Alapalá, Alapalá/ Xangô, Aganju/ O filho perguntou pro pai:/ "Onde é que tá o meu avô/ O meu avô, onde é que tá?"/ O pai perguntou pro avô:/ "Onde é que tá meu bisavô/ Meu bisavô, onde é que tá?"/ Avô perguntou bisavô:/ "Onde é que tá tataravô/ Tataravô, onde é que tá?"/ Tataravô, bisavô, avô/ Pai Xangô, Aganju/ Viva egum, babá Alapalá) e para um post seu que vira e mexe recordo, certamente por identificação, apesar das nossas localizações geográficas distintas. (Deixo seu post como uma das imagens aqui.)

Sobre nossas origens africanas o que mais experimentamos são as dúvidas, talvez, e como elas se manifestam como traço marcante de nossa experiência na sociedade, de como nos construímos e, sobretudo, arrisco dizer, de como nos constroem. Divido que creio que uma das facetas mais cruéis e exitosas da colonialidade – e que cai sobre xs sujeitxs – seja essa de carregarmos esse corpo diaspórico, racializado, e, no entanto, apenas termos como possibilidade apontarmos com mais segurança e precisão os traços europeus de nossa genealogia. E onde é que tá o/a bisavô/vó? Onde é que tá tataravô/vó? Onde é que tá?

Já há algum tempinho venho observando uma plantinha aqui em casa, dessas que se vende baratinho no mercado. Tínhamos muito dela na loja de flores da família, como uma opção mais popular, que não aquelas mais nobres, como as rosas.

Recentemente transferi essa plantinha de origem africana, que se chama kalanchoe, para um vaso maior. Bom, e eu a adquiri logo quando tive uma recomendação espiritual de sempre ter flores amarelas em casa. Faz tempo que ela não floresce – e talvez por isso eu a tenha colocado num vaso grande, com mais caprichos e mimos. Sua casa agora tá maior... rs

Mas venho acompanhando suas folhas no solo, as que estavam mais danificadas e por isso acabei decidindo as arrancar, embora eu as tenha deixado na terra. Essas folhinhas, apesar de extirpadas, antes de apodrecerem e enriquecerem o solo com suas essências, tratam de criar raízes! E dessas raízes, surgidas nas folhas!, crescem novos brotos! Me pareceu um pensamento de trincheira formidável aí: quando se for extirpadx, antes de apodrecer, trate de inventar raízes, virar broto, se tornar tronco, folhas, flores, frutos, seiva, pólen...

Talvez para gente não seja possível construir nossa ascendência negra, como você bem afirma, e a tal da nossa árvore genealógica – que se tornam aí capitais simbólicos pra cada um/a "saber o seu lugar" na sociedade. Sabemos o quanto essa expressão é usada para validar ou invalidar onde circulamos e com que potência.

Pois, sim, como herdeirxs daqueles que foram extirpadxs de sua terra, raramente teremos a possibilidade de mapear nossa ascendência. Mas, em troca, respondemos construindo nossa ancestralidade.

Nossa saída – e para nossas muitas dúvidas, me parece, mirando a plantinha daqui de casa – é menos aquela de completar nossa árvore genealógica, mas justamente a de nos tornarmos árvore: ascendermos continuamente ao orun e nos conectarmos com a terra. E quem sabe daí inventarmos constantemente – e de toda e qualquer parte de nosso corpo e de nossa experiência – essa terra que pisamos, fincamos, tropeçamos, trememos, brotamos, fertilizamos, revolvemos, refazemos...

Refazendo tudo.

Refazenda.

Possivelmente essa história que nos foi roubada, essa parte de nós que não podemos contar e que, no entanto, se faz presente tão severamente como experienciamos a vida, seja o fator que nos lance a nos inventar o tempo todo. Assim, transformamos essa herança que quiseram nos extirpar em nosso segredo e esse segredo se manifesta em mistérios em nossa existência. Contar é existir e contamos de muitas formas. E seguimos existindo nos inventando no impossível. no absurdo. no inimaginável... até

em nosso segredo e esse segredo se manifesta em mistérios em nossa existência. Contar é existir e contamos de muitas formas. E seguimos existindo nos inventando no impossível, no absurdo, no inimaginável... até que chegue o momento que alguém possa contar que a roda girou, que o jogo virou.

Outro nome para essa planta baratinha do mercado, o kalanchoe, de origem africana, é fortuna!

Tenho pra mim que ultimamente eu não venho florindo muito. Por um outro lado, entendo que tô tratando de inventar as minhas raízes, e justamente daquilo que foi extirpado.

Ah, foi mal pelo textão. Mas me parece que estou elaborando o começo desse fim. Provisório... apenas provisório...

Deixo o link para o som do Gil aqui, do Refavela... rs:

https://www.youtube.com/watch?v=8U3q1NSh_zw



Renata Sampaio
16 de novembro às 22:48 · 🌐


Aqui no Sul é muuuuuuito comum aquelas conversas sobre origens familiares, árvore genealógica e tal... Característico de lugares com forte presença européia (embora não nos enganemos, aqui tem muito sangue negro e indígena também!)
E é bem foda isso, porque nós negros descendemos de um povo que foi sequestrado e que não se tem muita documentação de onde exatamente veio (afinal a África é um continente). Eu simplesmente NÃO POSSO concluir minha árvore genealógica (a não ser que pague bem caro por uma pesquisa de genoma humano que me dará uma ideia geográfica).
Só queria chamar atenção do quão violento é esse tipo de conversa quando

 Curtir  Comentar  Compartilhar

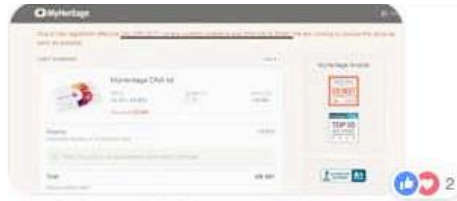
 Samantha Gonçalves, Ju Borzino e outras 11 pessoas

1 compartilhamento

10 comentários

 **Renata Sampaio** Preta, que lindo esse post/carta, fico feliz de ser a endereçada a ele e de fazer parte das suas fabulações vida-dissertação. Tenho seguido na tentativa de escrever sobre o estereotipAÇÃO e me vem muito uma fala tua de que a arte pra não é algo coletivo, não só porque arte e vida não se separam numa concepção africana, mas porque todos os nossos estão conosco. Uma amiga escreveu um texto lindo falando sobre como não podemos desistir frente as barreiras que nos são impostas, visto tudo que nossos ancestrais produziram resistindo, e em determinado momento ela cita Nascimento: Nosso corpo é um verdadeiro quilombo! Tenho seguido na tentativa de descobrir quem compõe o meu. Desse post surgiu uma oportunidade mais viável de descobri-lo, um teste de DNA mais barato que o da National Geographic (porque 200 reais é melhor que 500) que decidi me dar de presente de natal. Bem simbólico até descobrir minhas origens no aniversário de Jesus, que segue sendo celebrado enquanto europeu quando sabemos que era africano... Mas não rolou, descobri uma lei de 25 de julho desse ano que me impede de concluir a compra. Olha que louco: a história nos rouba nossa identidade e o Estado nos impede de descobri-la! Enfim, to tentando descobrir mais dessa lei que ainda por cima data do dia da mulher negra latina e caribenha, no Brasil dia nacional de Teresa de Benguela...





Amel · Responder · 24 sem · Editado



Renata Sampaio Aliás, hoje aqui em POA tem show do Gil cantando Refavela. E Favela é uma planta e deu nome ao que hoje conhecemos como tal... Muitas conexões! Gostei muito desse insight da folha que cria raízes antes de apodrecer! E penso que os nossos escritos são raízes importantes nesse solo duro em que vivemos, quebrando pedra, furando bloqueio, difícil pra caramba, mas importante para seguirmos crescendo fortes até novamente podermos florir frágil e belamente (porque a fragilidade e a beleza não nos é percebida como às mulheres brancas). Mas sigamos aprendendo com as plantas, preta, que isso é herança deixada pelos nossos e é bonito pra caramba! Agradecida sempre pelas trocas! ❤️

Amel · Responder · 24 sem



Renata Sampaio E o lindo texto da Tais Teles que citei:
<http://blogueirasnegras.org/.../ei-preta-aqui-quem-fala.../>



BLOGUEIRASNEGRAS.ORG

Ei Preta! Aqui quem fala é mais uma sobrevivente - Blogueiras Negras

Amel · Responder · Remover prévia · 24 sem



Renata Sampaio PS: minha mãe ama fortuna! ❤️

Amel · Responder · 24 sem



Millena Lízia O que me parece que nos dá aquela força pra seguir são estas conexões, juntamente. Longe de nos construirmos como indivíduos autônomos no mundo, somos xs herdeirxs de sobreviventes, de heroínas e heróis de suas vidas e dxs seus/suas. Isso me soa como u... Ver mais

Curtir · Responder · 24 sem

↳ Millena Lízia respondeu · 2 Respostas



Simone Ricco Só amor somando, pretas! Este diálogo me acrescentou!!!

Amel · Responder · 24 sem

↳ Millena Lízia respondeu · 1 resposta



Max William Morais Vamos conversar pra falar sobre esse percurso de sutura, de refazenda.

Curtir · Responder · 24 sem

↳ Millena Lízia respondeu · 1 resposta



Max William Morais Linda carta a sua Millena! ❤️

Amel · Responder · 24 sem



Ingrid Silva Amo você.

Curtir · Responder · 24 sem

↳ Millena Lízia respondeu · 1 resposta



Millena Lízia OLÁ , querida Renata Sampaio! veja isso: "A palavra "dignidade" no referido idioma é "olá", palavra que, quando muda a acentuação --"olà"--, é traduzida como fortuna, riqueza. A sabedoria africana nos ensina, portanto, que só deveriam ser possuidores de riqueza aqueles qu..." - Veja mais em <https://noticias.uol.com.br/.../o-que-voce-faria-para...>



NOTICIAS.UOL.COM.BR

O que eu posso fazer para mudar o mundo? "Nunca perder a...

Curtir · Responder · Remover prévia · 21 sem

No último 13 de abril, dia do aniversário de meu pai, quando fui pra sua casa, encontrei minha avó Júlia muito bonitinha sentada no canto do sofá, acho que ela vestia um vestido florido com tons lilases e tinha tranças pendentes no comprimento do pescoço. Perguntei como ela tava e ela me respondeu como geralmente o faz: “melhor agora que você chegou”. Disse que ela tava muito bonita e lamentei não conseguir trançar muito bem os meus cabelos ainda, porque eles tão curtos, mas que eu tava deixando-os crescer. Em algum momento da nossa conversa ela, que às vezes se demonstra bem fraquinha, lança uma observação um tanto enigmática: que sua saúde tinha ficado ali, bem debaixo daquele piso. E eu olhei pra aquele piso frio de porcelanato branco, recém instalado aliás, daquele que revela qualquer sujeirinha, qualquer residuozinho, sobre sua superfície, daquele que faz a gente desejar encurtar os cabelos, do inferno que é ver os fios dos cabelos caídos pelo chão, não importa quantas vezes a gente varra, como gremlins que se multiplicam, pensando no que é que ela tava dizendo pra mim que eu não tava sacando.

Me parece curioso me atentar que vem sendo apenas nos últimos anos – talvez nessa última década – que venho construindo uma relação com minha avó Júlia mais próxima daquilo que se entende por uma relação entre avó e neta. Antes, quando a gente ia visitá-la em sua casa, mesmo num final de semana comum, sem nenhuma data comemorativa, era toda uma festividade, com casa cheia e porta aberta. Possivelmente, apesar de entender que lhe era prazeroso receber as pessoas, era capaz dela ficar sobrecarregada nas tarefas de ser a anfitriã. Hoje ela já passou o bastão, ou, melhor, a colher de pau daquela responsável por comandar os rumos da festa, o que lhe torna mais disponível pra papear. Acho até que comecei a entender apenas nos últimos anos que não me é possível olhá-la unicamente como a Vó Júlia, porque a trama social aí é mais complexa. Pensar no papel que minha avó desempenha em seu núcleo familiar-afetivo demanda que eu a veja menos como minha avó e mais como a Tia Júlia, responsável por acolher uma galera aí. E, no simples ato de juntar todo mundo, já se fazia uma festa.

Em outro encontro recente, possivelmente em outro aniversário, eu a observava agradecendo a presença das pessoas quando iam cumprimentá-la, e ela o fazia felicitando-as e lhes dizendo que até que enfim tavam ali pra visitá-la, e em seu

barraco. Mas essa frase ela tava construindo dentro de um apartamento no Ingá, em Niterói.

Bom, ainda reflito aqui sobre o que ela tava dizendo ali, sobre aquele piso, que eu não tava sacando, e daquilo debaixo do piso, onde sua saúde ficara.

Mas acho que alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho...

Logo no começo da pesquisa, um dos possíveis rumos desse trabalho era que ele tivesse uma materialização audiovisual: num primeiro momento numa conversa com minha avó Júlia, que foi trabalhadora doméstica acho que desde juvenzinha, e a possibilidade dessa conversa partiu até da sugestão do meu pai, em conjunto com uma vontade minha que se formava. Mas aí num dia desses quando disse pra ela que tava fazendo faxinas ela me questionou “*Pra quê??*”, e de forma invocada. E acho que nunca consegui responder essa questão com firmeza, nem pra mim. Esse território é titubeante, cheio de armadilhas, de feridas e não me senti à vontade de ser a pessoa a incitar essa conversa com minha avó; se ela quisesse dividir comigo suas experiências eu estaria lá pra ouvir, mas entendi que eu não tinha o direito de tomar essa iniciativa. Num segundo momento eu imaginei que eu pudesse tocar uma conversa com amigas que são filhas e/ou netas de mulheres que foram trabalhadoras domésticas e eu cheguei a lançar isso como uma proposição. Obtive uma única resposta, e de quem era filha: “*Não me sinto à vontade de fazer essa conversa não.*” Diante disso ninguém respondeu mais nada e nem eu me articulei mais nesse sentido, embora as conversas ocorram aqui e ali sobre esse tema de um jeito que não aquele com um objeto de captura diante das pessoas.

E tampouco era do meu interesse me colocar num lugar de fazer etnografia ou pesquisa antropológica com mulheres negras que não fossem do meu círculo afetivo. Se fosse pra estabelecer alguma pesquisa mais direta com essas mulheres que atuam efetivamente como trabalhadoras domésticas, desde meu campo (um tanto escorregadio) de atuação, eu entendo que deveria articular algum instrumento, alguma proposta estética pra isso, mas daí já se trataria de um outro trabalho. E me pareceu mais interessante tensionar, pelo menos nesse momento, as narrativas estereotipantes ligadas ao trabalho que caem sobre todos os corpos negros femininos, sobre meu próprio corpo, e com aqueles que potencialmente contratam o serviço das trabalhadoras domésticas – que tantas vezes, nesse país escravocrata, nem como trabalhadoras são reconhecidas, pois chovem nomenclaturas como “a pessoa que me ajuda”, “a menina da limpeza”, “doméstica”, “secretária”, “Maria” e afins, isso tomando aí as nomenclaturas inadequadas que não partem para uma ofensa explícita – e por isso faço questão de escrever com todas as letras que elas são trabalhadoras, que prestam serviço e que minhas discussões partem do campo do trabalho.

Mas daí surgiu a fotografia *Daquela Negra*, do começo do século XX...

E eu fico até agora sem saber se há dignidade ou não em imprimir essa foto aqui, apesar dessa imagem está impressa por completo em mim.

Na fotografia, diferente da pintura, ela não tava despida, mas vestida de branco (como imagino a partir do registro p&b), e com um vestido folgado, que em nada marca seu corpo: que se estende ali, da gola próxima ao pescoço até os pés, e que, ainda, possui mangas que cobrem os braços até a altura dos cotovelos. Não é no chão que ela se senta, como a representação pictórica sugere, mas nos degraus de uma escada que não se sabe pra onde vai. Possivelmente as geometrizações mais abstratas no fundo da tela da modernista partam do ritmo visual dessa escada. Seu olhar é marcante e vejo nele altivez e desconfiança, aquele olhar semicerrado, bem de canto de olho, que tampouco saberemos que leitura estavam fazendo do que se passava no seu entorno ou que fuga estava a planejar, pois um dos seus braços – o que é escamoteado na pintura – se apóia em um dos degraus, e o que esse apoio pode nos anunciar é que a qualquer momento ela poderia se levantar, e talvez ela tenha se levantado, como a rainha que ela se mostra pra mim e daí a gente entende bem porque todo o investimento em sua desfiguração, na sua mutilação: talvez sua beleza fosse insuportável e, talvez, até lhe tenha rendido um verdadeiro inferno. Na fotografia ela não tava careca como na pintura, mas com um penteado com tranças. Dizem até que nos desenhos das tranças nagôs podiam-se ler eram rotas de fuga, indecifráveis aos olhos d_s senhor_s e seus herdeir_s. E, por fim, o que leio da imagem daquela negra é: **ela não estava disponível.**

Tem gente que não sabe, e que nunca vai ficar sabendo, mas nos fazemos escrita e fuga em cada canto de nosso corpo e de nossa expressão no mundo.

Bom, talvez, eu possa considerar essa fotografia, essa imagem, já aqui impressa por completo, mas desde o seu negativo, de seu avesso. E lá, aqui, nela, em mim e em você.

Capítulo 1

Não há Capítulo 2.